



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM  
LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM JORNALISMO**

**JÉSSICA BALBINO**

**PELAS MARGENS:  
VOZES FEMININAS NA LITERATURA PERIFÉRICA**

**CAMPINAS  
2016**



**JÉSSICA BALBINO**

**PELAS MARGENS:  
VOZES FEMININAS NA LITERATURA PERIFÉRICA**

**Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem e Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Divulgação Científica e Cultural, na área de Divulgação Científica e Cultural.**

**Orientador (a): Prof(a). Dr(a). Monica Graciela Zoppi Fontana**

**Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação defendida pela aluna Jéssica Balbino e orientada pela Profa. Dra. Monica Graciela Zoppi Fontana**

**CAMPINAS  
2016**

**Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s):** Não se aplica.

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem  
Crislrene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

B185p Balbino, Jéssica, 1985-  
Pelos margens : vozes femininas na literatura periférica / Jéssica Balbino. –  
Campinas, SP : [s.n.], 2016.

Orientador: Monica Graciela Zoppi Fontana.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de  
Estudos da Linguagem.

1. Literatura marginal - Escritoras. 2. Mulheres e literatura - Brasil. 3.  
Mulheres e jornalismo - Brasil. 4. Mulheres - Identidade. 5. Periferias urbanas -  
Brasil. I. Zoppi-Fontana, Mônica, 1961-. II. Universidade Estadual de Campinas.  
Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** By margins : female voices in the peripheral literature

**Palavras-chave em inglês:**

Marginal literature - Women authors

Women and literature - Brazil

Women and journalism - Brazil

Women - Identity

Inner cities - Brazil

**Área de concentração:** Divulgação Científica e Cultural

**Titulação:** Mestra em Divulgação Científica e Cultural

**Banca examinadora:**

Monica Graciela Zoppi Fontana [Orientador]

Carolina Cantarino Rodrigues

Silmara Cristina Dela da Silva

Regina Dalcastagnè

**Data de defesa:** 11-08-2016

**Programa de Pós-Graduação:** Divulgação Científica e Cultural

BANCA EXAMINADORA:

Monica Graciela Zoppi Fontana

Carolina Cantarino Rodrigues

Silmara Cristina Dela da Silva

Susana Oliveira Dias

Regina Dalcastagnè

IEL/UNICAMP  
2016

**Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no processo de vida acadêmica do aluno.**

## **DEDICATÓRIA**

Mãe e Pai (meu revisor), esta pesquisa é um agradecimento por tudo. Amo vocês.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus e a minha família pelo apoio de sempre, valeu pai, valeu mãe! Já disse, mas essa pesquisa é pra vocês. Aos meus familiares pela vida, gratidão por serem parte da minha história. A minha orientadora Monica Graciela Zoppi Fontana, obrigada por ter escolhido minha pesquisa e me apoiado nas escolhas durante esse período. Às mulheres que contribuíram com seus livros, poesias e entrevistas, especialmente Elizandra Souza (pela nossa amizade esses anos todos), Janaina Motinho, Grazi, Ryane Leão (pelo carinho em momentos cruciais e por ter empurrado o carro pra chegar na Cooperifa), Débora Garcia (pelo carinho e confiança profissional), Juliana Bernardo, Michele Santos, Raquel Almeida (pelas conversas sempre no sentido de dialogar e melhorar), Jenyffer Nascimento (pelas contas de porcentagem, também), Aline Binns, Mel Duarte (pela amizade e projetos, sempre), Carolina Peixoto, Ana Roxo, Letícia Brito, Le Tícia Conde, Flá Perez, Luz Ribeiro (carinho e roupas plus size), Rose Dórea (desde sempre, nós), Lu Sousa (pelo pouso quando estou em SP), Sinhá, Anna Zêpa, Viviane de Paula (amizade de anos), Tatiana Nascimento, Marina Mara, Luiza Romão, Roberta Estrela D'Alva, Dinha, Cidinha da Silva, Queila Rodrigues, Débora Arruda, Débora Antoniazzi Del Guerra, Sheyla Smanioto, Jarid Arraes (e as lembranças do Onda Cidadã sempre). Sem vocês, a pesquisa não existiria. Vamos juntas, sempre. Eliane Brum, obrigada pelo carinho, indicações de leitura e por ter somado no Margens. Marina Mara, pelo carinho e energia positiva. Sarah Ohmer, pelas indicações de leitura e pelo carinho com a minha pesquisa. Laeticia Eble, pelos livros que me presenteou.

As amigas que fiz em sala de aula – e fora dela também, na Unicamp, especialmente Carol Gama, Marta Nascimento, Claudinha, Monique Oliveira e Amanda Cotrim. Obrigada pelas conversas, trocas e momentos em que me socorreram. Um beijo especial à Alessandra Carnauskas pelo carinho e paciência em sanar minhas dúvidas da vida acadêmica.

As professoras Regina Dalcastagnè, Carolina Cantarino e Silmara Dela Silva, por toparem ser parte da banca e contribuírem sempre com mais conhecimento. A

Jéssica Rodrigues, que me ajudou a escrever o pré-projeto e iniciar essa pesquisa. A Érica Peçanha, por sempre trocar, orientar e contribuir, pacientemente.

Agradeço aos meus companheiros de profissão e vida da graduação (já se foram 10 anos) e estamos aqui. Começou lá atrás e cá estamos, aprendemos a nos gostar, apesar do que somos. Vocês foram e ainda são fundamentais. Uma lembrança especial a Anita Motta (em memória), que me ajudou a começar essa pesquisa, também há mais de uma década.

Aos amigos da 'panelinha' do antigo trabalho, onde estive por quatro anos e que me fizeram suportar o dia a dia, as idas e vindas para assistir aula no mestrado e me deram força pra chegar até aqui: João Daniel Alves e Wanderson Araújo, sinto falta das nossas risadas todos os dias. Jéssica Souza, Thalles Bruno e Marcelo Rodrigues, tenho saudade e obrigada pelo carinho de sempre. Douglas Quintas, pelos vídeos, hip-hops e conversas sobre o 'mundo do crime'. Plácido Berci, que mesmo em África conseguiu acompanhar a pesquisa, palpitar e me ouvir chorar. Aline Bertoli, por me indicar para o trabalho, ajudar a comprar peruca e ser amiga pra tudo. As minhas eternas estagiárias Ana Gabriela, Maria Gabriela e Fernanda Rodrigues. Amor e sucesso na caminhada e profissão.

Ao meu ex-chefe Duílio Fabbri Jr., pela chance de trabalhar e aprender contigo, por ser líder e companheiro, por ajuda e cuidar, sempre. Aos queridos Antônio Eleilton Leite (pela pesquisa, dicas e convites), Claudiney Ferreira.

Aos amigos do Jornal Mantiqueira, onde eu aprendi a ser mais do que jornalista, virei gente e é onde me sinto em casa. Sou grata eternamente, Ruy Alves, Angela Petra, Lucienne Cunha, Delma Maiochi, Adriana Rodrigues, Wagner Alves, Paulo Victor, Luciano Santos, Marcos Corrêa (pelas fotos, empadinhas e garapas) e Bárbara Silveira (que conheci lá, né). Vocês são amor e família. Aos amigos do hip-hop e da literatura marginal/periférica, que me ajudaram a trilhar vários caminhos e ser quem sou, em especial Alessandro Buzo, Sérgio Vaz, Ferréz, Sacolinha, Écio Salles (e as lembranças de comprar pãozinho às 3h da manhã no Ceará sempre), Julio Ludemir, Heloísa Buarque de Hollanda (valeu por acreditar, ainda lá atrás), Camilla Savoia (a melhor editora, sempre), Dj Mancha, Nando Gonçalves, Mário Damião, Altamiza Melo, Cocão, King Nino Brown, Cortecertu, Daniel Viana, Jéssica Oliveira, Dudu Morro Agudo, Janaína Oliveira (Re.Fem), Rociclei Silva, Cris Rangel, Tiely Queen, Emerson Alcalde, Cintia Rizoli (pela troca de ideias diária, pelo rolê antropológico marginal), Daniela Vieira (obrigada pela paginação e pelas ideias), Ju

Martins (pra vida), Tadeu Rodrigues (pelo socorro jurídico e amizade), Thaís Helena, Michelle Veloso e Crys Marques (Pirapora na edição, me salvando), os amigos e amigas que trombo sempre nos eventos, rolês e saraus. Os amigos da imprensa do hip-hop, que sempre mantiveram as portas abertas as minhas publicações, textos e releases. Alexandre de Maio (entrevistar Caetano, sempre). As amigas da Frente Nacional de Mulheres do Hip-Hop (FNMH<sup>2</sup>): Lunna Rabetti, Rubia Palazon, Livia Cruz, Gabi Bruce, Mariáh Médici, Nerie Bento e Cris Moscou. Vocês são incríveis e fundamentais.

A toda equipe do Flipoços, especialmente a Gisele Corrêa e Maíra Carvalho, pelo carinho, amizade e por me aguentar os 9 dias na sala de imprensa. Carlos Amoedo, pelas risadas e ajudas profissionais.

A equipe dos Sescs Campinas e Poços de Caldas, por acreditarem no meu trabalho sempre, em especial Valquíria Pinheiro, Hideiki Yoshimoto e Pedro Cezar Carvalho de Moraes. Valeu por receberem o Margens com tanto carinho.

Aos diretores, repórteres cinematográficos e videomakers que contribuíram com imagens para esta reportagem, Eddie Silva (Grito 33), Thaís Helena e Sérgio Silva, seus olhares foram preciosos. Luciana Faria, pelas fotos e por somar sempre. Evandro Siol e Paulo Tothy, por todas as artes, criação de marca, identidade e por toda paciência com meus prazos malucos e insistências. Marília Rossi, pelos saraus, viagens e tudo. Evelyn Negahamburger, pelas ilustrações e soma desde que nos trombamos. Aos professores que sempre acreditaram, muito obrigada. Aos que desacreditaram: muito obrigada. A resposta é o trabalho. Aos meus amigos e amigas do cotidiano, dos perrengues do dia a dia, por muitos anos e de agora também, que aguentam meus acessos de choro, raiva e fúria. Obrigada, vocês sabem quem são e sem vocês, eu não estaria aqui também.

Por último e fundamental, a todas as 425 mulheres que dedicaram seu tempo e trabalho a se automapear nesta pesquisa, permitindo que ela existisse. A todas as mulheres que um dia tiveram a coragem de pegar o papel e a caneta e escreverem. Que encaram os microfones dos saraus, slams e da vida, permitindo que nossa voz reverbere e ecoe pelo mundo. Um salve, obrigada e sigamos...#pelasmargens.

## RESUMO

Este trabalho apresenta algumas reflexões que pretendem discutir como se dá a literatura marginal/periférica feita por mulheres e busca responder, na prática, quem são estas mulheres, o que elas fazem, como vivem, como começaram a escrever, que espaços e espaços frequentam e sobre o que escrevem.

É importante observar que o movimento da literatura marginal/periférica, tal qual abordamos neste trabalho só existe da maneira como aqui é apresentado no Brasil, e constitui-se um fenômeno, especialmente das periferias, onde criam-se sinergias capazes de projetar a voz destas mulheres para diferentes espaços.

Por meio de um mapeamento, que foi disponibilizado online, traçamos um breve perfil destas mulheres e através do cruzamento de dados, identificamos etnias, número de publicações, índices de escolaridades, entre outras vertentes possíveis e inerentes à literatura feita pelas mulheres no país.

A pesquisa abrange ainda uma reportagem 360° que tem como objetivo formar uma ponte entre a academia e o público, atuando diretamente com a divulgação científica e cultural.

**Palavras chave:** literatura, literatura marginal/periférica, mulheres, linguagem, jornalismo, divulgação cultural.

## **ABSTRACT**

This work presents some thoughts that intend to discuss how is the marginal / peripheral literature made by women and seeks to answer in practice who are these women, what they do, how they live, how they started writing, what soirees and spaces they attend, and about what they have written.

It is important to note that the movement of the marginal / peripheral literature, as we approach in this work exists only in the way it is presented here in Brazil, and is a phenomenon, especially seen in the suburbs, which are created synergies able to project the voice of these women for different spaces.

Through a mapping, which was made available online, we draw a brief profile of these women and through the data crossing, identified ethnic groups, number of publications, educational level indices, among other possible aspects inherent to literature by women in the country.

The survey covers a 360-degree report, which aims to form a bridge between academia and the public, working directly with the scientific and cultural dissemination.

**Keywords:** literature, marginal / peripheral literature, women, language, journalism, cultural dissemination.



*Cada repórter, antes de sair de casa, da redação ou do seu umbigo para as ruas do mundo, precisa primeiro atravessar a rua de si mesmo. (Eliane Brum)*



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Sarau Margens no Sesc Campinas dia 19/08/2015 .....	14
Figura 2 - Mapa construído com os dados colhidos no automapeamento pelo site <i>Margens</i> .....	21
Figura 3 - Capa do livro 'Cronista de um tempo ruim' de Ferréz .....	29
Figura 4 - figura2_ coleção Literatura Marginal atos I, II e III da Caros Amigos organizada por Ferréz.....	30
Figura 5 - Imagem das <i>Block Parties</i> que aconteciam no Bronx, quando o hip-hop surgiu na periferia.....	38
Figura 6 - Carolina Maria de Jesus e Audálio Dantas na Favela do Canindé. São Paulo, 1961 .....	43
Figura 7 - Sérgio Vaz, criador da Cooperifa .....	57
Figura 8 - Rose Dórea é a musa da Cooperifa e voltou a estudar após começar a frequentar o sarau.....	61
Figura 9- Lu Sousa durante abertura da Mostra Cultural da Cooperifa em 2013 .....	66
Figura 10 - Dona Edite, deficiente visual, frequenta o sarau há anos .....	69
Figura 11 - Ajoelhaço na Cooperifa.....	73
Figura 12 - Elizandra Souza, uma das mais importantes vozes femininas.....	84
Figura 13- Livro <i>Águas da Cabaça</i> escrito por Elizandra Souza.....	86
Figura 14- Coleção <i>Tramas Urbanas</i> organizada por Heloísa Buarque de Hollanda ...	92
Figura 15- A primeira antologia 100% feminina lançada a partir dos saraus .....	121
Figura 16- Livro 'Hip-Hop Mulher - Conquistando Espaços' .....	123
Figura 17 - Coletânea de Literaturas Femininas Negras Louva Deusas.....	124
Figura 18 - Coletânea 'Perifeminas' que conta a história do hip-hop pela ótica das mulheres .....	125
Figura 19 - Capa do livro <i>Perifeminas - Sem Fronteiras</i> .....	127
Figura 20 - Capa da antologia 'Pretextos de Mulheres Negras' .....	128
Figura 21 - Capa da antologia 'Herdeiras de Aqualtune' .....	133
Figura 22 - Mulheres postaram fotos nas redes sociais com a #nãopoetizeomachismo	136
Figura 23- Roberta Estrela D'Alva durante slam .....	150
Figura 24 - Poeta e slammer Mel Duarte em ação .....	153
Figura 25 - Luz Ribeiro, poeta e <i>slammer</i> , fez texto em memória a Luana Barbosa dos Reis .....	168
Figura 26 - Retrato de Cláudia feito por Amanda Salamanda .....	180
Figura 27 - Luiza Romão usa vídeos na internet para o projeto ' <i>Revide</i> ' .....	191
Figura 28 - Ryane Leão faz poesias e cola como lambes em São Paulo .....	208
Figura 29 - Negahamburger criou livro com depoimentos reais e desenhos.....	241

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
A 'era' pré-pesquisa.....	20
<b>Capítulo 1</b> .....	24
1.1 A literatura e a crônica do cotidiano .....	24
1.2 Contexto histórico: a literatura marginal/periférica brasileira.....	26
1.3 Literatura marginal, periférica, divergente ou hip-hop? .....	34
1.4 Entre uma guerra civil e social surge o hip-hop .....	37
1.5 Carolina Maria de Jesus, a primeira favelada a publicar um livro .....	43
<b>Capítulo 2</b> .....	49
<i>2.1 - Periferia e saraus: pode mais de um subalterno falar?</i> .....	49
2.1.1 Os saraus.....	55
2.2 – Cooperifa: o sarau mais popular há 15 anos.....	57
2.3 – As mulheres dentro da Cooperifa.....	61
2.3.1 - Ajoelhaço .....	71
2.4 – Equidade: podem as mulheres de periferia falar?.....	76
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	79
3.1 – Vozes e silêncios se misturam em locais e agentes de enunciação e escrevivência .....	79
3.2 – Trajetórias e vozes: de Carolina Maria de Jesus a Elizandra Souza.....	83
<b>Capítulo 4</b> .....	91
4.1 - <i>Antologias: um mapeamento da participação das mulheres nas publicações da literatura marginal</i> .....	91
4.2 – Antologias 100% femininas .....	120
4.3 – Mulheres em palavras e movimentos de revide .....	135
<b>Capítulo 5</b> .....	144
Quem são as mulheres da literatura marginal/periférica?! .....	144
5.1 – o que e como dizem as mulheres?.....	144
5.2 – Dos griots aos slams: a importância da oralidade.....	149
5.2.2 - Autorrepresentação.....	157
<b>Capítulo 6</b> .....	163
<i>6.1 - as vozes femininas e plurais da literatura marginal/periférica</i> .....	163
6.1.2 – O corpo e a escrita .....	214
6.2 – A escrita, a rua e os lambes .....	235
6.3 – A cultura hip-hop como interlocutora da literatura marginal/periférica.....	240
<b>Considerações finais</b> .....	250
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	257
Anexos .....	271

## INTRODUÇÃO

“Boa noite a todos e todas. Licença pra chegar, essa poesia aqui é (...)”, diz uma poeta brasileira contemporânea. Pode ser eu, pode ser Elizandra Souza, pode ser Luiza Romão, pode ser Mel Duarte, pode ser Roberta Estrela D’Alva, pode ser ... pode ser o silêncio que se faz na plateia de centenas de pessoas reunidas ali para ouvi-la falar e declamar seus escritos. Pode ser o lugar de fala. Pode ser a arte do encontro. Pode ser a troca de energia. Pode ser a transformação. Pode ser uma vida totalmente mudada a partir de um encontro que celebra palavras. Pode ser só um sarau. Pode ser só um *slam*<sup>1</sup>. Pode ser a energia que me fez concluir esta pesquisa. Pode ser só uma cena. Pode ser a cena que muda tantas outras. Vidas...

A descrição acima, protagonizada atualmente por inúmeras mulheres



Figura 1 - Sarau Margens no Sesc Campinas dia 19/08/2015

escritoras do Brasil – automapeadas nesta pesquisa – é recorrente em centenas de saraus e *slams* espalhados por todo o país. São as mulheres contando e escrevendo as próprias histórias.

Horas antes de começar, um grupo chega ao espaço. Entre caixas com poesias impressas, microfone, megafone, brindes poéticos e aparelhagem de som, os organizadores se alternam para transformar o ambiente em uma celebração da palavra oral. A ilustração, na parede, já anuncia: é fora dos padrões. Ao lado do estandarte, o cartaz já anuncia: é um espaço para as mulheres. Da plateia, homens, outras mulheres e crianças ouvem atentos as palavras, entoadas como mantra – mas são poesias – da boca de tantas mulheres. São estas poesias, que ora chegam como gritos, ora vem *pelas margens*, que nos trouxeram até aqui.

A escolha deste tema é algo pessoal, sempre quis escrever sobre o

<sup>1</sup> Do inglês o termo slam refere-se a um grande barulho, como uma batida de porta, porém, é bastante usado no esporte, quando há competição. Desde quando surgiu, nos EUA, passando por outros países, o termo slam poetry ou apenas slam, no meio da poesia, é usado para nomear os campeonatos de poesia.

que me move, neste caso, a literatura marginal/periférica <sup>2</sup>e os saraus e suas múltiplas vozes, especialmente as femininas, onde encontro identificação pessoal. Esta pesquisa busca, por meio de levantamentos, mapeamentos e trabalho de campo, responder, na prática, **quem são as mulheres da literatura marginal/periférica na cena contemporânea brasileira?**

Adota-se nesta pesquisa, o termo literatura marginal/periférica para designar também o que chamam de literatura divergente, alternativa, por alguns pesquisadores de literatura hip-hop, literatura feita por mulheres da periferia e até mesmo contemporânea. O conceito de “margem”, quando o assunto é literatura torna-se polissêmico. É importante pontuar que esse conceito de marginal aproxima, nesta, os escritores surgidos entre o final dos anos 1990 e o começo dos anos 2000 e tematiza a literatura.

O elemento comum entre os escritores é um conjunto de experiências compartilhadas na vida prática, e sobretudo, no imaginário coletivo, moldado pelo fato de serem 'moradores da periferia'." (PEÇANHA, 2009, p.151)

Embora esta pesquisa acadêmica tenha começado em 2014, meu trabalho teve início, empiricamente, há pelo menos 15 anos, quando passei a acompanhar fielmente a crescente dos saraus e literatura marginal/periférica no país. Por isso, nesta pesquisa, utilizo o método pessoal de vivência, de troca, e de imersão, colocando as sensações de intuição, meu corpo, minha dor e minhas experiências diante do projeto e do texto escrito.

É a partir das vozes de outras mulheres que articulo meu texto e minha teoria, sem impor precedentes antes de começar a ler, como explica Haraway:

Essas teorias sobre o posicionamento social das mulheres formam a base e organizam a teoria feminista "genérica" na qual conceitos como "a casa da diferença", "consciência oposicional", "mulherismo", "lançada do centro para a margem", "Feminismo do Terceiro Mundo", "el mundo zurdo", "la mestiza", "capitalismo patriarcal racialmente estruturado" e "outras inapropriadas" estruturam o campo do discurso feminista à medida que ele decodifica o que significa "mulher" no interior e fora do "feminismo". Figuras complexamente

---

<sup>2</sup> Nesta pesquisa adotamos o termo literatura marginal/periférica por ser o mais usado entre os representantes da literatura feita às margens do cânone, editoriais, frequentadores de saraus e moradores de periferia. Por isso, neste trabalho usaremos as expressões literatura marginal/periférica a fim de compreender o movimento e a cultura de escritores e narradores do cotidiano a partir da periferia que se deu em 2001 com o lançamento das edições Literatura Marginal (atos I, II e III) em uma parceria entre o escritor Ferréz e a revista Caros Amigos.

relacionadas com essas também emergiram nos escritos feministas de mulheres "brancas": "classes sexopolíticas"; "ciborgue"; "o sujeito fêmea do feminismo". (HARAWAY, 2004, p.237-239)

Com este sistema de trabalho e pesquisa, aplico o que Conceição Evaristo chamou de 'escrevivência'<sup>3</sup>, por entender a importância da voz, da oralidade, das palavras e do texto no papel. Segundo a autora, escrever é usar de experiências e vozes autorais e afetivas para narrar algo. Para ela, trata-se da "(...) escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil" (EVARISTO, 2007, p. 20).

Para a realização da pesquisa, lancei-me em um árduo e extenso trabalho de campo, a fim de conviver, acompanhar e trocar – ideias, sentimentos, conversas, confidências – com as mulheres envolvidas na literatura marginal/periférica, o que nos possibilita uma compreensão realista do tema a ser tratado.

Conforme pontua Conceição Evaristo, a troca de experiências entre escritas feitas por mulheres constitui a escrevivência. "(...) Tento responder. Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. (...) (EVARISTO, 2007, p. 20).

Sendo assim, aplico meu desejo de pesquisar e entender a participação e quem são as mulheres que registram nosso tempo por meio da oralidade e da 'escrevivência' por meio da intuição e das experiências compartilhadas, como, mais uma vez, nos lembra Conceição Evaristo:

Do tempo/espço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de móveis, de coisas e muitas vezes de alimento e agasalhos, era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos amigos contavam. Eu, menina repetia, intentava. Cresci possuída pela oralidade, pela palavra. As bonecas de pano e de capim que minha mãe criava para as filhas nasciam com nome história. Tudo era narrado, tudo era

---

<sup>3</sup> O termo aparece pela primeira vez no livro *Becos da Memória* (2006), de Conceição Evaristo, e designa escrever com a vivência: corpo, condição e experiência.

motivo de prosa-poesia. (EVARISTO, 2005, p. 201)

Como a autora, acredito que a escrita e o viver completam-se. “Escrevo. Deponho. Um depoimento em que as imagens se confundem, um eu-agora a puxar um eu-menina pelas ruas de Belo Horizonte. E como a escrita e o viver se con(fundem), sigo eu nessa escrevivência a lembrar de algo que escrevi recentemente: ‘O olho do sol batia sobre as roupas estendidas no varal e mamãe sorria feliz. Gotículas de água aspergindo a minha vida-menina balançavam ao vento. Pequenas lágrimas dos lençóis. Pedrinhas azuis, pedaços de anil, fiapos de nuvens solitárias caídas do céu eram encontradas ao redor das bacias e tinas das lavagens de roupa. Tudo me causava uma comoção maior. A poesia me visitava e eu nem sabia.’, disse durante um depoimento no I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG. (ARAÚJO, Rosangela de Oliveira Silva p. 26)

Conceição Evaristo acredita também que “a palavra poética é um modo de narração do mundo” (2004). Daí, a importância de focar o trabalho e a produção feminina especialmente na poesia produzida e publicada – nos mais diferentes suportes – nos últimos 15 anos no país.

Nestes anos, para além da literatura marginal/periférica, possuo grande envolvimento com a cultura hip-hop – o primeiro local onde encontro a autorrepresentação- e noto que a prática da ‘escrevivência’ ajuda a aliviar o sofrimento das mulheres – me incluindo nesta classificação - e a voz torna-se o principal instrumento de luta destas mulheres, criando estratégias poéticas – orais e escritas – para que possamos lidar com obstáculos e opressões.



## **VOZES MULHERES**

A voz da minha bisavó ecoou  
criança nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
de uma infância perdida.

A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela.

A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e fome.

A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.  
A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.

*(Conceição Evaristo em Cadernos Negros, vol. 13, São Paulo, 1990.)*

Nesta pesquisa utiliza-se, além do trabalho de campo e da vivência pessoal, o conceito da voz das mulheres contrapondo o termo da 'voz dos subalternos', cunhado pela indiana Gayatri Chakravorty Spivak a fim de embasar-se em tal teoria não somente para compreender o que querem dizer as mulheres da literatura marginal/periférica do país, mas também para reconhecer qual é o sentido do que é dito, ou seja, qual a sua importância no contexto da periferia e do mundo na atualidade.

Deste modo, sujeito, história e linguagem são contextualizados com embasamento em Gayatri Chakravorty Spivak (2010), e a produção literária e periférica da perspectiva antropológica, com Érica Peçanha (2006, 2011 e 2015), em diferentes obras, dentre outros autores, como Alejandro Reyes (2013), Lucia Tenina (2014, 2015) e outros que surgem a complementar o que foi captado em campo e vivência.

Inicialmente, contextualizamos a importância da comunicação e da narrativa do cotidiano na periferia, passando pelo contexto histórico da literatura marginal/periférica tal qual pretendemos trabalhar nesta pesquisa: a partir dos anos 2000, quando foi pensada e realizada, de dentro para fora, ou seja, da periferia para o Centro.

O recorte temporal da pesquisa são os anos de 2001 a 2016, período em que abrange as primeiras publicações da literatura marginal/periférica com a participação das mulheres até a expansão da mesma e os eventos culturais e de destaque no período compreendido. O recorte espacial, embora o mapeamento tenha sido nacional, envolve principalmente as cidades de São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ), onde concentra-se a maior parte dos eventos ligados à literatura marginal/periférica, mas, sempre tentando ouvir as vozes que vem também de outras periferias e outros estados.

O material investigado inclui cerca de 500 livros – autorais e antologias – de mulheres publicados no período, bem como a análise de materiais disponíveis na internet (blogs, Facebook, Youtube e por vezes, diferentes plataformas) envolvendo as mulheres aqui citadas e os eventos que destacam a pesquisa.

A pesquisa buscou, de um lado, selecionar autoras importantes para o contexto destes primeiros 15 anos da literatura marginal/periférica no Brasil, seja pela consistência de suas obras e publicações, seja por suas participações ativas em eventos ligados ao tema em foco, contudo, sem desprezar as autoras que se reconhecem como escritoras e se automapearam na chamada para construção deste panorama.

Já para a construção da reportagem foram chamadas as autoras cujas obras, estágios de produção e falas se completam, seja pela consistência do material produzido, seja pela relevância também como produtoras culturais e público, seja pelo destaque e importância do trabalho nos bastidores obtido ao longo dos anos, mesmo sem vasta produção literária. O objetivo foi mostrar a pluralidade e a diversidade de escritoras existentes na nossa literatura marginal/periférica. A ideia foi garantir-lhes a audição da voz e o local de fala, sem interferências para além da repórter-entrevistada, a fim de que elas mesmas contassem a própria história, que neste caso, não precisa ser validada por especialistas e/ou outros pesquisadores, mas está autorrepresentada pela fala das autoras escolhidas para a reportagem em vídeo.

## A ‘era’ pré-pesquisa

Enquanto pesquisadora, é importante salientar que a afinidade com o tema, como já foi citado, surgiu há mais de uma década, quando tive acesso às publicações da literatura marginal e aos saraus. O contato com este universo – que segue em expansão – se deu a partir da cultura hip-hop, quando pude acessar letras de rap – ritmo e poesia – na tradução e vislumbrar o universo de outra maneira.

Desde então, passei a pesquisar, empiricamente sobre o tema, adquirindo livros, acompanhando publicações e circulando por saraus, eventos e festivais literários que tem como ênfase a literatura periférica.

O primeiro contato com a literatura marginal deu-se ainda no ano de 2001, quando, por meio do hip-hop, tive acesso às revistas brasileiras sobre a cultura e pude saber que existiam pessoas interessadas em escrever, com gírias, as próprias histórias, vindas, como eu, da periferia<sup>4</sup>.

Neste período, acumulei um acervo de cerca de 500 obras referentes à literatura marginal/periférica e priorizei a coleção cuja participação das mulheres é maior. Contudo, ao esbarrar em uma criação muito grande, senti a necessidade de criar, digitalmente, uma plataforma onde as mulheres pudessem se automapear, exercendo assim o próprio protagonismo como escritoras, e também contribuindo para organização dos dados recebidos.

---

<sup>4</sup> Mais informações sobre a era pré-pesquisa podem ser encontradas no livro “Traficando Conhecimento”, editado pela Aeroplano em 2010.



**Figura 2 - Mapa construído com os dados colhidos no automapeamento pelo site *Margens***

etc.

É importante destacar que a ideia de criar um site para fazer o mapeamento é também uma tentativa de atuar diretamente na divulgação científica e cultural, levando o conhecimento acadêmico a outra parcela da população, que muitas vezes não têm acesso ao que é produzido e discutido academia adentro. O site abriga, ao longo do período de pesquisa, uma reportagem 360°<sup>6</sup>, que é uma iniciativa inédita neste contexto, já que não há outro site que reporte a literatura marginal/periférica feminina, bem como não há uma pesquisa acadêmica, com mapeamento deste segmento, disponível online.

<sup>5</sup> Para isto, foi criado pela autora site Margens, [www.margens.com.br](http://www.margens.com.br) onde foi disponibilizado, durante seis meses, um formulário online, para que qualquer mulher que se considere uma poeta/escritora marginal possa fazer o automapeamento, respondendo questões como nome, idade, profissão/ocupação/, etnia, número de publicações, uso de internet, entre outros. As respostas colhidas até o momento estão disponíveis em um mapa digital no sítio virtual supracitado.

<sup>6</sup> Trata-se de uma reportagem multimídia – e neste caso independente – publicada na internet, como alternativa para assegurar credibilidade às informações, bem como uma nova forma de informar sob todos diferentes ângulos, com áudio, texto, vídeo, fotos e diferentes abordagens de um mesmo tema. O termo “reportagem 360°”, na forma como é utilizado no trabalho foi empregado pela primeira vez em 2009 pelo jornalista colombiano Felipe Lloreda, ao produzir uma reportagem sobre Cali para o El País da Colômbia.

Para iniciar tal pesquisa foi criado um mapeamento online<sup>5</sup> por meio do site Margens, afim de criar uma etnografia acerca do recorte, para responder, na prática, com dados quantitativos e qualitativos, quem são as mulheres da literatura marginal/periférica, onde vivem, qual a etnia, sobre o que escrevem, onde encontrar tais publicações,

Outro ponto da proposta de criação do site é estabelecer uma ponte entre as ruas, a periferia e a academia, fazendo com que ambos transitem entre si sem maiores conflitos. No site estão disponibilizados vídeos, entrevistas, poesias e fotografia de mulheres diretamente ligadas ao tema pesquisado.

Tal iniciativa contribui diretamente e na prática, para a divulgação científica e cultural, que são os pilares deste curso de mestrado. Para Caldas (2003), o jornalista que atua na interface entre a ciência e a sociedade exerce uma responsabilidade ímpar uma vez que “quase tudo o que acontece na sociedade é influenciado pela ciência.” (Dubos, 1972: 72; apud CALDAS, 2003: 221).

O formulário para automapeamento ficou online e disponível ao acesso durante seis meses, período em que mais de 400 mulheres responderam às questões após chamamentos e indicações no universo digital e concordaram em participar da pesquisa e, por conseguinte, da etnografia do tema.

Neste trabalho, adota-se também como linguagem o jornalismo literário, já que, a pesquisadora o exerce como profissão e este, por vezes, caminha lado a lado com a literatura marginal/periférica, especialmente no que é dito a partir das periferias brasileiras.

Conforme pontua Regina Dalcastagné no livro “Literatura Brasileira Contemporânea – Um território contestado”, é sabido que os estudos literários, em geral, são avessos aos métodos quantitativos, que parecem inconciliáveis com o caráter único de cada obra.

---

Tal singularidade, porém, não é privilégio da literatura: é algo comum aos diversos fenômenos sociais. Ainda assim, o tratamento estatístico permite iluminar regularidades e proporciona dados mais rigorosos, evitando o impressionismo que, facilmente contestável por um impressionismo em direção contrária, impede que se estabeleçam bases sólidas para a discussão. Assim, se alguém diz que os negros estão ausentes no romance brasileiro contemporâneo, outra pessoa pode enumerar dezenas de exemplos que contradizem a afirmação. Mas, verificar que 80% das personagens são brancas mostra um viés que, no mínimo, merece investigação (DALCASTAGNÉ, 2010, p. 46)

Ainda para a pesquisa foi feito trabalho de campo em saraus, eventos literários, rodas de conversa e entrevistas com algumas das autoras que apresentam maior relevância para o cenário da literatura marginal/periférica. Neste ponto, toma-se como maior relevância as que possuem publicações e/ou que participam ativamente da cena dos últimos três anos, frequentando eventos ligados à gênero e literatura marginal.

Esperamos com esta pesquisa, apresentar o primeiro mapa e o primeiro panorama – ainda que de forma tímida - de quem são as mulheres que produzem literatura marginal/periférica no Brasil na última década, em que contexto sócio histórico e cultural elas estão inseridas e qual a proposta da arte que por elas é produzida.

## Capítulo 1

### 1.1 A literatura e a crônica do cotidiano

A narrativa do cotidiano existe desde o surgimento do mundo, quando comunicar-se, gravar e repassar adiante fatos e acontecimentos tornou-se uma necessidade, assim como comer e dormir. Na sociedade moderna, o que antes era restrito à comunicação oral ou aos registros feitos nos livros tornou-se diferente a partir da criação da imprensa, como afirmou Thompson, “os meios de comunicação são rodas de fibras no mundo moderno e ao usar estes meios, os seres humanos fabricam teias de significação para si mesmos” (THOMPSON, 1998, p.20).

No entanto, este conceito foi ressignificando a partir da apropriação dos meios de comunicação de massa e do surgimento do conceito de indústria cultural, que aponta que toda essa cultura de massas é idêntica a partir do financiamento dos detentores de capital e poder, o que faz com que o compromisso com a produção artística seja perdido e legítima a produção cultural como um negócio no qual a arte vale mais pelo efeito mercadológico do que pelo valor estético ou poético.

Para Adorno e Horkheimer, o público passou a utilizar os produtores da “indústria cultural” como uma forma de fugir do cotidiano em busca de diversão. De acordo com eles, essa prática tornou-se um instrumento de alienação.

A diversão é o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio. Ela é procurada pelos que querem se subtrair aos processos de trabalho mecanizado, para que estejam de novo em condições de enfrentá-lo. (ADORNO e HORKHEIMER, 2002, p. 30)

Com essa prática, conforme observa Umberto Eco, foi difundida uma cultura linear que “destrói as características culturais próprias de cada grupo étnico” (ECO, 1998, p. 40). Mais adiante, observa-se que houve mudanças neste comportamento cultural, especialmente em relação à mídia que passou a fortalecer, mesmo que timidamente, o olhar e a narrativa a partir do próprio indivíduo. Antônio Candido (1993) observa que, aos poucos, o folhetim foi “encurtando”, ganhando certa gratuidade, “certo ar de quem está escrevendo à toa”. Assim nasceu a crônica brasileira, fruto da mistura entre jornalismo e literatura, herdando traços do folhetim, dos panfletos políticos, da reportagem. Essa peculiaridade levou Candido (1992) a afirmar que, sob vários aspectos, a crônica é um gênero brasileiro, sobretudo, em função da originalidade com que se desenvolveu por aqui. (CANDIDO, 1992, p. 15).

Entende-se, aqui, que a descoberta do sujeito como narrador da própria história implica na audição de outras vozes, na leitura diferente dos mesmos fatos, na mudança na forma de escrita e relatos, portanto, neste primeiro momento, parece romântico afirmar que a inserção da crônica no jornalismo mudou a forma de contar histórias, porém, veremos mais adiante, que tal formato, aplicado à literatura e à poesia podem ter um efeito bastante subversivo quanto da mídia tradicional e bastante eficaz na construção de uma nova forma de narrativa.

Desta forma, o jornalismo praticado a partir de uma leitura crítica e criativa trouxeram ao cronista habilidades e estratégias literárias, com textos que dialogam com diferentes espaços, assuntos e temas, como pontua Cândido: (...) Nalguns casos, o cronista se aproxima da exposição poética ou de certo tipo de biografia lírica (CANDIDO, 1992, p. 21).

Este trabalho não coloca, sob o mesmo véu, jornalismo e literatura marginal/periférica, no entanto, evidencia como o autor oriundo da periferia, muitas vezes, constrói narrativas que vão além do que o jornalismo tradicional está habituado, possibilitando novas formas de se contar um mesmo fato, utilizando a poesia, a oralidade, os saraus e as publicações, conquistando também um lugar de fala na disputa de narrativas.

O que podemos observar é que há uma relação distinta e ao mesmo tempo próxima entre a narrativa da imprensa e a literatura marginal/periférica, esta última designada como expressão de cronistas, poetas e contistas da periferia, de acordo com Peçanha:

“a expressão “literatura marginal” serviu para classificar as obras literárias produzidas e veiculadas à margem do corredor editorial; que não pertencem ou que se opõem aos cânones estabelecidos; que são de autoria de escritores originários de grupos sociais marginalizados; ou ainda, que tematizam o que é peculiar aos sujeitos e espaços tidos como marginais.” (PEÇANHA, 2009, p. 22)

Tal combinação se dá, especialmente, no que tange a confecção das “notícias” a partir da periferia. Há um deslocamento do local de enunciação e da disputa pela narrativa quando o repórter da grande mídia deixa de ser o porta-voz do “povo”, já que dentre as camadas marginalizadas da população emergem representantes que “falam e agem” e ao mesmo tempo “agem e lutam”, de modo a marcar e assegurar seu lugar de fala (SPIVAK, 2010).

## **1.2 Contexto histórico: a literatura marginal/periférica brasileira**

É neste ponto que surge uma nova narrativa vinda da periferia, que é quando, de acordo com Bulhões “o narrador-repórter registra a linguagem do excluído social: considera-a parte integrante do todo, o que se torna, aliás, na presença do discurso direto” (2007, p. 186).

É claro que o simples fato de ouvir o que um morador da periferia está a falar não necessariamente assegura-lhe o dizer, mas nesta pesquisa observamos que o conjunto de características que tange a literatura marginal/periférica garante que as vozes sejam ouvidas e amplificadas, modificando, na prática, a inserção destes sujeitos na história, haja vista que os próprios autores relatam o que veem, o que vivem, o que querem, distoando das práticas da grande mídia, que mesmo empregando o microfone aos agentes periféricos, edita-lhes as falas, como observa a jornalista e escritora Eliane Brum em entrevista à Unibrasil<sup>7</sup>:

"Durante a maior parte do tempo a grande imprensa deixou de fora a maioria dos homens e mulheres que constroem o país e não ser contado na história tem um efeito brutal sobre a vida de todo mundo, porque tu constrói a história, mas não é contado nela. É como se tua não importasse e a tua morte também não.

Então eu fiz uma opção política de contar a história da maioria. De mostrar que não existem vidas comuns, o que existem são os nossos olhos domesticados e é esse olhar é que eu procuro me desafiar todos os dias. Eu faço esse exercício de desacomodar meu olhar para conseguir enxergar além do óbvio naquilo que é cotidiano, porque senão acabamos vendo o cotidiano como algo banal, desimportante e a nossa vida se dá no cotidiano (...)" (BRUM, Eliane, sem paginação)

---

<sup>7</sup> O vídeo da entrevista está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ev4sNY1Ad2o>

Tal façanha só é possível com envolvimento e engajamento, tanto do local em que se reporta, como do local de fala. Deste modo, entendemos aqui que a literatura marginal/periférica, por meio de seus agentes, é também documentação histórica de um momento social e cultural do país, conforme já sinalizou, anteriormente, Audálio Dantas, jornalista que foi amigo de Carolina Maria de Jesus, no *making of* da reportagem “O drama da favela escrito por uma favelada<sup>8</sup>”:

“Críticos de prestígio consideraram-no um documento importantíssimo de uma realidade social, outros apontavam qualidades literárias na autora (DANTAS, 2012, p. 19)

Tal citação vai ao encontro do discurso de Ferréz<sup>9</sup>, um dos principais nomes da nova literatura marginal/periférica surgida no início do século XXI, ao definir a narrativa da literatura marginal. Em fala durante o evento 450 anos de Paulicéia Desvairada no dia 20/07/2004, é a literatura do contexto social.

---

<sup>8</sup> Tal reportagem conta a história de como o jornalista Audálio Dantas conheceu a escritora Carolina Maria de Jesus na Favela do Canindé, em São Paulo.

<sup>9</sup> Ferréz” é a alcunha de Reginaldo Ferreira da Silva, jovem escritor que estreou no campo literário com uma edição independente em 1997 e se projetou com a obra *Capão Pecado* (lançado pela editora Labortexto): um romance baseado nas suas experiências sociais como morador de um dos bairros do distrito do Capão Redondo, localizado na Zona Sul de São Paulo (Nascimento, 2009, p. 43)

Quando eu lancei o [livro] Capão Pecado me perguntavam de qual movimento eu era, se eu era do modernismo, de vanguarda...e eu não era nada, só era do hip-hop. Nessa época eu fui conhecendo reportagens sobre João Antônio e o Plínio Marcos e conheci o termo marginal. Eu pensei que era adequado ao que eu fazia porque eu era da literatura que fica à margem do rio e sempre me chamaram de marginal. Os outros autores, pra mim, eram boyzinhos e eu passei a falar que era 'literatura marginal'. (NASCIMENTO, 2006, p. 23)

Desta forma, o jornalismo, acostumado a narrar superficialmente o que acontece nas periferias, vê-se confrontado com a narrativa inversa, ou seja, de dentro para fora, feita a partir dos moradores e protagonistas das periferias. Tais relatos são feitos em sua literatura, em seus saraus, em seus encontros e debates. "Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto" (FERRÉZ, 2005).



Figura 3 - Capa do livro 'Cronista de um tempo ruim' de Ferréz

Para compreendermos como isso acontece, precisamos voltar um pouco no tempo. No final dos anos 1990 e começo dos anos 2000, a literatura marginal/periférica se destaca como coletivo organizado. E o fenômeno de periféricos escrevendo livros e se tornando cronistas de seu tempo é cada vez maior, como é intitulada, inclusive, uma das obras de Ferréz. "*CRONISTA de um TEMPO RUIM*" lançado em 2009 pelo SELO POVO, criado pelo próprio autor para editar livros de escritores marginais em formato de bolso e vende-los a preço acessível, a fim de garantir a disseminação da literatura feita na periferia, como ele mesmo anuncia na contracapa: "Um selo em um livro de

bolso, para ser posto na cesta básica, para ser lido na rua, no horário do almoço, nas prisões, nos acampamentos, nas zonas, nos bares, barracos e barrancos desse imenso país periferia". (FERRÉZ, 2009)

O que tomamos como gesto inaugural da literatura marginal/periférica tratada neste trabalho é a publicação das revistas Literatura Marginal por meio de uma parceria entre o escritor Ferréz, à época já autor de *Fortaleza da Desilusão* (1997) e *Capão Pecado* (2000). As publicações ocorreram entre os anos de 2001 e 2004 e trouxeram 56 autores, no entanto, apenas 9 mulheres, o que já denotava a falta de equidade de gênero na cena, mas trazia autores que despontariam como grandes nomes da literatura marginal/periférica brasileira.

As três edições especiais *Caros Amigos/ Literatura Marginal* somam quarenta e oito participações - alguns autores aparecem mais de uma vez nos três volumes - já outros são falecidos como Plínio Marcos, Solano Trindade, João Antonio e Preto Ghóez além de Subcomandante Marcos que foi líder do Exército Zapatista de Libertação Nacional e tem o paradeiro é sigiloso.



Figura 4 - figura2\_ coleção Literatura Marginal atos I, II e III da Caros Amigos

Entre as mulheres, que aparecem a partir do Ato II, estão Maria da Conceição Paganele, Dona Laura, Cláudia Canto, Káli-Arunoé, Maria Inziné, Lutigarde Oliveira, Cátia Cernov e Elizandra Souza, contudo, apenas três delas tiveram publicações posteriores e de relevância no cenário da literatura marginal/periférica, que é Cátia Cernov, Cláudia Canto e Elizandra Souza.

As três edições da revista *Literatura Marginal – Caros Amigos*, que tiveram uma reimpressão em um só volume em 2016, mostram que a vida e a produção cultural sempre existiram na periferia, contudo, não eram expostas. Mostra ainda, escritores dispostos a criar poesias, contos e crônicas sobre o cotidiano ali existente, inaugurando um gênero literário e um movimento que resiste e está em permanente transformação.

No Manifesto de Abertura do Ato I, Ferréz já mostra a que veio.

O significado do que colocamos em suas mãos hoje é nada mais do que a realização de um sonho que infelizmente não foi vivido por centenas de escritores marginalizados deste país. Ao contrário do bandeirante que avançou com as mãos sujas de sangue sobre nosso território e arrancou a fé verdadeira, doutrinando os nossos antepassados índios, e ao contrário dos senhores das casas grandes que escravizaram os nossos irmãos africanos e tentaram dominar e apagar toda a cultura de um povo massacrado mas não derrotado. Uma coisa é certa, queimaram nossos documentos, mentiram sobre nossa história, mataram nossos antepassados. Outra coisa também é certa: mentirão no futuro, esconderão e queimarão tudo o que prove que a periferia fez arte (...) (FERRÉZ, 2001)

Também na zona Sul de São Paulo e com encontros que acontecem em praças e espaços culturais – depois de ter o bar fechado pela Prefeitura de São Paulo (SP) – a instituição Sarau do Binho é, a rigor, o primeiro sarau<sup>10</sup> periférico surgido na capital paulista, derivado da Noite da Vela, evento promovido pelo agitador cultural Robinson Padial, o Binho, desde 1996.

---

<sup>10</sup> Diferente das reuniões que aconteciam no século XIX, os saraus que surgiram ao final do século XX e início do século XXI, são comuns na periferia, em bares e áreas comuns como bibliotecas, centros comunitários ou praças e reúnem não a alta da sociedade, mas a população mais pobre e carente.

Paralelo a isso e antes da expressão literatura marginal/periférica ser usada pela primeira vez por Ferréz, os encontros que celebravam a música ao som de discos de vinil e poesias nos intervalos ainda não eram chamados de sarau e a literatura feita por feita do Campo Limpo ainda não recebia a alcunha de marginal/periférica. Neste mesmo período, Binho, ao lado de amigos também ligados à cultura, engajava-se na Postesia, intervenção que retirava os cartazes de políticos dos postes, escrevia poesias sobre eles, e os devolvia à comunidade. Neste cenário e servindo, como ele mesmo dizia, “o pior pastel de São Paulo” nas noites de segunda-feira. O batismo do local em sarau se deu já nos anos 2000, após uma visita de Sérgio Vaz ao espaço. “Isso aqui é um sarau”, teria dito o poeta, que é um dos principais expoentes da literatura e também criador da Cooperativa Cultural da Periferia (Cooperifa).

Mas foi em 2012 quando um fiscal da Prefeitura fechou o bar, localizado em frente a uma universidade, e o multou de forma pesada que o sarau migrou para duas datas diferentes, uma no Espaço Clariô de Teatro e outra em uma praça, também na região Sul da cidade. Para o criador do sarau: “Foi perseguição política. Com microfone aberto, a gente ficava visado”, disse em entrevista para o livro “5 saraus – cada qual com sua poesia, cada qual com sua fúria”. Um ano depois, a primeira antologia do sarau foi lançada, em 2013, com 183 textos de 179 autores, entre eles 53 textos de mulheres.

Ainda neste contexto da literatura marginal/periférica brasileira, surgida depois, mas não menos importante, a Cooperifa, que começou em 2001, com encontros entre amigos em um bar às quintas-feiras, posteriormente batizadas de Quinta Maldita, para declamar poesias, seguidas por um encontro multicultural e plural realizado por Sérgio Vaz e Marcos Pezão e, em seguida, em um bar chamado Garajão, antes de migrar, em definitivo, para o Bar do Zé Batidão, onde o próprio Sérgio Vaz passou a infância, contrariado, quando o pai era proprietário do estabelecimento. Ali, firmou-se o sarau da Cooperifa, um dos mais importantes nesse contexto e que será abordado com mais especificidade mais adiante nessa pesquisa. Religiosamente, o sarau é realizado toda semana, por uma equipe chamada nos bastidores de “Família Cooperifa”, nos últimos 15 anos. Por lá, só existe uma regra: o silêncio é uma prece. E é obedecida com rigor toda vez que alguém vai ao microfone e a cada edição, a dezena sobe, chegando a mais de 70 poetas em uma única noite. O boteco, transformado em centro cultural da periferia é responsável por ações conhecidas como Ajoelhaço, Cinema na Laje, Poesia no Ar e é ainda responsável pela Mostra Cultural da Cooperifa, que ocorre anualmente por uma semana em diferentes espaços da periferia paulistana. O mesmo sarau já foi destaque em outros estados e até mesmo na Alemanha. A única coletânea lançada é “O rastilho da pólvora”, em 2004 com 46 participações, entre elas, 6 mulheres.

Neste trabalho, trazemos então o contexto histórico em que a literatura marginal/periférica é feita e, mais adiante, como ela é feita pelas mulheres periféricas, que enfrentam em seu dia a dia problemas como feminicídio, genocídio dos jovens negros, machismo, racismo, capitalismo e tudo que é inerente a estas questões.

### **1.3 Literatura marginal, periférica, divergente ou hip-hop?**

Neste trabalho, optamos por usar a expressão 'literatura marginal/periférica' a nos referir ao estudo aqui feito. Denominamos desta maneira já que tratamos de um conceito do que é marginal, ou seja, à margem da sociedade (nas favelas, guetos, periferias e comunidade) e também do conceito de literatura periférica.

Vamos lembrar aqui que escolhemos este termo, contudo, é algo recente, que está em processo de construção, ramificação. Está acontecendo e é impossível precisar o que é ou o que vai ocorrer, mas, tentar contextualizar o momento é necessário, embora, exista seja inegável a instabilidade conceitual.

Respeitamos também o que muitas autoras, ao responderem o automapeamento, disseram sobre sua literatura e obras. A denominação de literatura marginal/periférica se dá também pela observação das tendências e estéticas predominantes nos livros e produções analisados para a pesquisa.

É importante contextualizar, historicamente, o surgimento dos termos, evidenciando que esta pesquisa não possui ligação com a chamada Poesia Marginal, surgida nos anos 1960, com a chamada Geração Mimeógrafo – cujas comparações já foram largamente esgotadas academicamente - mas, está efetivamente ligada ao movimento emergido das periferias no início dos anos 2000, com a publicação da coleção de revistas Literatura Marginal, por meio de uma parceria entre o escritor Ferréz e a revista Caros Amigos. Neste trabalho, tomamos como marginal o trabalho das autoras – e também autores – que estão além do centro, que possuem publicações independentes, por pequenas editoras e também que respondem sobre a vida e temas das periferias brasileiras.

Utilizamos também literatura periférica, que, historicamente, corresponde ao surgimento dos saraus nas periferias brasileiras. Tal segmento, conforme observa Antônio Eleilson Leite, ganhou força a partir do ano de 2005 tendo os saraus da Cooperifa e do Binho como principais redutos dessa prática literária.

(...) além de terem suas produções fomentadas por editais públicos, alguns voltados especificamente ao segmento da cultura periférica. São autores que prezam pela performance oral, além da forma escrita. Não por acaso, todos os livros relacionados neste segmento são de poesia (...). Aparecem aqui elementos de coletividade, festividades, culto às ancestralidades (negras, principalmente), orgulho de ser da periferia, muitos poemas de amor e sexo, superando o denunciamento e o ceticismo sombrio que caracteriza a Literatura Hip-Hop. (LEITE, 2014, p. 15)

Vale destacar que alguns pesquisadores também tratam a literatura marginal surgida no início do século como Literatura Hip-Hop, no entanto, abolimos este termo na pesquisa, já que os próprios autores pouco se utilizam desta nomenclatura para se referir ao tipo de literatura que produzem. Há ainda, outras tensões entre o que é ou não periférico, e nas formas de se tratar esta literatura. Alguns pesquisadores e professores optam por chama-la de Literatura Divergente, outros de Literatura feita por periféricos, literatura feita na periferia, literatura feita por mulheres, literatura feita por mulheres negras, etc.

Durante o tempo de pesquisa, notamos ainda que o fato de muitos escritores validarem suas credenciais literárias como 'literatura marginal ou literatura periférica' garantem aos mesmos um vetor de carreira, já que desta forma, muitos conseguem circular entre os saraus, slams, debates e ambientes criados exclusivamente para a promoção deste tipo de literatura. Podemos também destacar que tais nomenclaturas garantem aos autores um 'nicho de mercado', uma vez que é possível comercializar os próprios livros e produtos dentro deste circuito, cada vez mais crescente, garantindo assim uma economia a partir da literatura marginal/periférica, dos saraus, da produção cultural na periferia.

Queremos destacar que preferimos, neste trabalho, respeitarmos o lugar de fala e queremos ouvir e amplificar a voz das mulheres que produzem literatura marginal/periférica, por isso, a escolha deste termo para nos referirmos às produções.

Deste modo, enfim, apresentamos um novo viés: a literatura marginal/periférica produzida por mulheres, tímida no início do que chamamos de movimento literário da periferia nos anos 2000, mas que vem em uma crescente na última década e que, mais recentemente, revela-se não apenas como agente de transformação social de seu entorno, mas de mudanças práticas na vida dos sujeitos que a ela estão atrelados.

Tomamos como base, além do trabalho de campo, as publicações em antologias a partir dos saraus, a organização de antologias 100% femininas, a criação de saraus, slams e coletivos exclusivamente femininos, tanto virtuais como reais, bem como eventos como feiras, festivais e rodas de discussão voltados exclusivamente à temática, além de movimentos engajados acerca de temas que são inerentes às mulheres.

Neste ponto, pode-se destacar a capacidade de organização dos escritores identificados com a periferia, que além das próprias obras, criam selos, organizam-se em saraus, eventos e coletivos com intuito de fortalecer e legitimar a literatura, a voz e o discurso da periferia, conforme ressalta Ferréz (2009, p.15) “a vida aqui é outra. Se você não a vive, não sabe do que se trata”.

A fala do autor, acima, reflete bem o posicionamento da literatura marginal diante das narrativas do cotidiano aplicadas até então. Para eles, o protagonismo e o lugar de enunciação da fala e do que é dito são determinantes, já que, quem não vive e não está inserido naquele universo não possui propriedade, ou neste caso, também vivência, para falar e/ou reportar, registrar historicamente, como tal.

Nas três edições da revista Literatura Marginal foram publicados contos, crônicas e poemas, sempre pautados com uso de rimas e versos referentes à vida dos moradores das favelas, à chacinas cometidas em bairros da periferia e ao sofrimento dos negros, além do cotidiano de

trabalhadores com pouca ou nenhuma especialização e o destino de jovens pobres no Brasil.

É importante também destacar, neste momento, que embora os autores da literatura marginal usem diferentes termos para referir-se a uma mesma proposta, falam de um mesmo tipo de narrativa e de movimento. Portanto, toma-se como ponto inicial a periferia urbana, que objetiva o elemento de convergência em suas obras literárias e ações sociais, de modo que estas iniciativas articulem uma cultura que não está restrita apenas à literatura, mas que dialoga amplamente com a cultura hip-hop<sup>11</sup>. Esta é outra importante conexão mobilizada, que contribuiu para a construção da imagem dos escritores como porta-vozes dos sujeitos que vivenciam situações de marginalidade (principalmente, moradores da periferia) foi o hip hop, movimento surgido nos Estados Unidos e que agrega diferentes expressões artísticas (break, graffiti e rap). (NASCIMENTO, 2009, p. 92/93)

Para compreender como se dão os laços entre a literatura marginal e o hip-hop, é preciso compreender o cenário em que o hip-hop surgiu, foi batizado como cultura de rua e disseminou-se pelo mundo.

#### **1.4 Entre uma guerra civil e social surge o hip-hop**

Negros nova-iorquinos misturam-se entre os porto-riquenhos, cubanos e jamaicanos, fugindo das brigas entre gangues e tentam sobreviver no gueto dos Estados Unidos. Este local é o Bronx, bairro assolado pela violência, o tráfico de drogas e a falta dos principais direitos humanos: saúde, educação e alimentação. A diversidade cultural de diferentes países soma-se a todas

---

<sup>11</sup> Muitos escritores e agitadores da cena da literatura marginal/periférica fizeram ou ainda fazem parte da cultura hip-hop em suas diferentes manifestações, ou seja, como MCs (rappers), Djs, dançarinos, grafiteiros, ou entusiastas. Os dois movimentos caminham paralelamente e em alguns casos, diz-se que a literatura marginal e os saraus oxigenaram o rap brasileiro, oferecendo palco para a oralidade da poesia presente nas letras.

estas faltas e faz ferver o caldeirão da miséria urbana e social do final dos anos 1960 na América do Norte.

A formação das gangues defendia ideia, espaços e, principalmente, a sobrevivência. Contudo, a história começa a mudar quando em dezembro de 1971, *Cornell Benjamin*, conhecido como *Black Banjy*, tentando evitar um briga entre diferentes gangues e a *Ghetto Brothers*, da qual ele fazia parte, pediu “paz” ao invés da guerra e recebeu como resposta “paz uma ova” e foi morto com um golpe dado por integrantes de outra gangue.

Diante do fato e da pressão da imprensa estimulando uma guerra ainda maior entre as gangues, Benjamin Melendez, o *Yellow Benjy*, age de forma extremamente contrária ao que esperam: “vamos fazer um tratado de paz”. E assim é feito. Agindo como um pacifista, cinco dias depois, representantes de

42 gangues unem-se para assinar o tratado de paz.

(...) obviamente que não acabam as guerras de gangue, mas elas diminuem drasticamente e por causa desse tratado de paz, desse acordo de paz, é que foi possível o surgimento da cultura hip-hop



Figura 5 - Imagem das *Block Parties* que aconteciam no Bronx, quando o hip-hop surgiu na periferia

(DALVA, Roberta Estrela, 2013)

Somente depois do tratado de paz entre as gangues é que iniciam-se a realização das festas nas ruas e que integrantes de gangues até então rivais podem cruzar territórios, visitar pessoas de áreas que antes eram conflituosas e interagir entre si culturalmente. É neste contexto então que surge o hip-hop, como uma opção de arte e cultura, uma vez que após o acordo de paz os moradores do Bronx passaram a conviver bem em um mesmo espaço público e assim, quem antes não podia atravessar de uma calçada para a outra, começou a reunir-se em festas que ocupavam todo o quarteirão, dando origem ao que ficou conhecido como *block party* ou festa de quarteirão.

Fonte: <http://invention.si.edu/invention-hot-spot-birth-hip-hop-bronx-new-york-1970s> (acessado em 09/07/2016)

moradores do Bronx passaram a conviver bem em um mesmo espaço público e assim, quem

Todo esse contexto faz com que o que o hip-hop possa ser analisado em suas raízes como um efeito colateral, uma

explosão, a resposta de um corpo social doente que reage com uma febre que se recusa a passar, e, como uma incontrolável peste às avessas, se alastra pelo mundo corrompendo a linguagem, distorcendo corpos e rasgando a paisagem. (...) Frente à negligência e a toda tentativa de domínio, de apagamento, de aniquilamento das diferenças e de controle corporal e oral pelos dispositivos do poder estabelecido, o hip-hop se apresenta como uma cultura gerada em ventre inquieto, que nasce furiosa em dia de festa, e traz nos seus genes a dança vigorosa, herdada de diversas matrizes, das danças sociais dos anos 1970, passando por *James Brown*, aos codificados estilos *b.boying*, *locking*, *popping* e suas diversas vertentes, a fala-canto indócil, rápida, metrificada, repleta de gírias e neologismos, de poética crua, agressiva, e ao mesmo tempo inocente, bem humorada, celebrativa, sofisticada, irônica e diversa. Sua certidão de nascimento é assinada com spray nos muros, nos trens, a céu aberto, com o nome de seus pais bem visíveis, para que a cidade inteira não tenha dúvida de quem essa cultura-rebenta é filha. Os tambores voltam a tocar através dos toca-discos anunciando as boas novas, como num antigo rito ancestral (NASCIMENTO, Roberta, 2012, p. 15)

A primeira *block party* que se tem relatos sobre ocorreu em 1973, quando o imigrante jamaicano *Clive Campbell*, mundialmente conhecido como Dj Kool Herc, leva suas caixas de som e toca-discos a um playground do Bronx e realiza ali a primeira festa de quarteirão, numa celebração de volta às aulas.

Esta foi a festa que ficou conhecida em todo o mundo como o surgimento do hip-hop, já que *Kool Herc* levou às ruas antes ocupadas pelas gangues o seu *sound system* – sistema de som de toca-discos móveis, comum na Jamaica - e durante a discotecagem, usava o microfone para se comunicar com o público, denotando as características performáticas de um MC, ou seja, mestre de cerimônias.

Contudo, apesar da primeira *block party* ser um marco, o dia do hip-

hop é celebrado, oficialmente, a partir de 12 de novembro de 1974, quando outra importante figura do Bronx e antes membro da gangue Black Spades, *Kevin Donovan*, que posteriormente ficou conhecido como Afrika Bambaataa, reúne os elementos da cultura de rua como Dj, MC, break e graffiti os batiza de cultura hip-hop.

Muitas análises sobre o hip-hop são feitas a partir do prisma de que ele é a voz da periferia, ou a crônica social dos excluídos, o que não deixam de ser realmente características marcantes e definidoras da cultura, principalmente na sua chegada às periferias do Brasil e América Latina. Mas a tendência à generalização muitas vezes traz consigo um matiz de contundência carrancuda, que pinta o quadro apenas com tintas vociferantes e raivosas, muitas vezes deixando esquecidas as nuances e um dos fatos mais relevantes sobre sua origem: o hip-hop nasce em uma festa. Mais precisamente, em uma festa de rua, a chamada block party, que inevitavelmente traz consigo as forças presentes na festa popular realizada num espaço público: autorrepresentação, celebração e diversidade. Uma festa que surge como possibilidade de vida frente à morte planejada a toda uma comunidade de excluídos, um momento único de comunhão. (NASCIMENTO, p.8)

Com o surgimento da cultura hip-hop a partir das festas nas ruas e o encontro da diferença entre seus participantes, onde pessoas idosas, crianças, negros, brancos, latinos, judeus e muçulmanos passam a conviver em um espaço comum e, desta vez, celebrativo.

A juventude e os integrantes das gangues passaram a compreender o que acontecia no mundo e que o gueto seria um lugar feito para que eles morressem, então o jeito deles viverem ali foi transformar a energia da inconformidade, do ódio e da raiva contra o sistema em arte, transformando uma situação ruim e a falta de possibilidade na própria possibilidade, conforme nos diz Roberta Estrela D'Alva.

Então, quando se diz que a cultura hip-hop é revolucionária, a

revolução está nisso. Que não só onde tudo estava feito para eles morrerem, eles viveram, como criaram uma cultura e criaram uma linguagem estética não existente. Criaram mesmo, porque o ballet existia, mas o popping e o *locking* não, o b.boy não. O músico que toca a partir de dois toca discos já existia na Jamaica, mas daquele jeito, a música que foi criada a partir dali, tudo que foi criado a partir dali era uma nova linguagem, foi um meio criado que possibilitou pessoas no mundo inteiro, na mesma situação, se utilizarem daquilo, que não tinham como se expressar e “ah, encontrei”. (D’ALVA, 2013)

Deste modo, há mais de 40 anos a cultura hip-hop está espalhada por todo o mundo e no contexto que abordamos, especificamente no Brasil, ela conseguiu, por meio da literatura, de alguma forma, oxigenar o rap, já que os MCs, muitas vezes sem local para se apresentarem, encontraram nos saraus o microfone aberto e à disposição para exprimir seu *rhythm and poetry* (RAP) – ritmo e poesia.

É comum observarmos ainda camisetas com os dizeres “o *hip-hop salva*” ou “o *hip-hop salvou minha vida*” e embora pareça exagero tratar desta maneira, é importante salientar que estas pessoas foram salvas não pelo hip-hop, mas pela possibilidade de se expressarem e de se tornarem alguma coisa a partir da identificação obtida com a cultura oriunda das ruas e dos guetos.

O rap se tornou a expressão artística mais importante para a propagação do movimento, não somente por ter sido o elemento mais difundido pela indústria cultural, mas porque são as letras deste gênero musical, em que predominam versos engajados sobre temas relacionados às periferias brasileiras, que convencem, motivam e mobilizam seus ouvintes (PEÇANHA, 2001, p. 93)

O hip-hop foi um dos primeiros movimentos culturais a propor identificação com a periferia, daí, estabeleceu-se também a literatura por

apoio e reconhecimento mútuo.

Dessa maneira, originados e atuantes do mesmo espaço social, e utilizando-se de uma manifestação artística para expressar as mazelas sociais relacionadas a uma ideia comum de periferia, os escritores abordados compartilham com os hip hoppers/ rappers, no campo cultural, a “legitimidade” de se posicionarem como porta-vozes/ representantes dos marginalizados sociais, especialmente dos situados em bairros da periferia. Por vezes, ações conjuntas entre representantes das duas manifestações, como intervenções de escritores em shows de rap, a publicação de textos de letristas de rap ou eventos que intercalam ambos os assuntos ou artistas (rappers e escritores), aproximam ainda mais a literatura marginal dos escritores da periferia do movimento hip-hop. (PEÇANHA, 2009, p. 96)

Atribui-se ao hip-hop e ao que esta cultura representa também uma forma de voz a quem vive nas periferias e quando fala-se em voz, identifica-se, naturalmente a expansão literária dos habitantes das áreas mais carentes das metrópoles brasileiras. A relação entre hip-hop e literatura marginal no país é intrínseca, já que logo nas primeiras publicações a presença de rappers e pessoas ligadas às manifestações do hip-hop é marcante. Posteriormente, como veremos ao longo desta pesquisa, muitos protagonistas desta cena, já ligados ao hip-hop, lançaram seus próprios livros, criaram saraus ou integraram antologias, além de usar os espaços dos saraus e recitais para divulgar os próprios trabalhos.

É importante entender também que por muito tempo a população da periferia foi representada apenas pelas rádios comunitárias, sendo que muitos agentes do hip-hop e por conseguinte da literatura marginal tiveram ligação estreita com tais rádios, tendo programas, fazendo participações, atuando como Djs, MCs e radialistas, sendo não apenas representadas pelas letras e poesias, mas também se autorrepresentando e daí a importância da autorrepresentação, já que não apenas as rádios, mas o hip-hop – e os seus elementos, especialmente o MC – e a literatura marginal/periférica,

juntamente com os saraus e recitais são correntes capazes de promover e incitar que os próprios agentes se representem.

### 1.5 Carolina Maria de Jesus, a primeira favelada a publicar um livro

Quando a catadora de papéis e recicláveis Carolina Maria de Jesus brigou com jovens que insistiam em usar o parque para crianças na Favela do Canindé, em São Paulo, no ano de 1958, ameaçando colocá-los em seu livro, a mineira de Sacramento (MG), residente na capital paulista e mãe de três filhos não imaginaria que se tornaria um grande ícone literário mundial, tampouco que inspiraria gerações com seus escritos, lembrados com bastante força durante seu centenário, comemorado em 2014.

Foi neste mesmo dia que ela conheceu o então jornalista Audálio Dantas, que subiu o morro com o objetivo de contar, por meio das páginas do jornal em que trabalhava, como viviam as pessoas naquela favela, especificamente. Ao



ouví-la repreender os jovens e mencionar que estava escrevendo um livro, ele se tocou que ali estava a reportagem, pronta. E, sem alterar uma linha, publicou trechos dos cadernos de Carolina, antes de auxiliá-la na publicação do primeiro livro, o *Quarto de Despejo – Diário de Uma Favelada*, traduzido para 13

idiomas e que vendeu em mais de 40 países.

Eu não havia escrito uma linha sequer, mas a reportagem estava, de fato, naqueles cadernos, especialmente um que continha um diário iniciado três anos antes, em 15 de julho de 1955, pela favelada Carolina Maria de Jesus, moradora do

Canindé. Hideo lia o diário e comentava alguns trechos, entusiasmado: - Isso dá um livro! Além do diário havia contos, poesias, até um começo de romance”. (DANTAS, 2012)

Foi assim que surgiu a reportagem *O drama da favela escrito por uma favelada*”, publicada no jornal Folha de São Paulo da Noite dias depois e que deu início ao processo de publicação do primeiro livro escrito por uma mulher favelada no Brasil e para entendermos o que ocorre atualmente com a literatura feminina produzida a partir das bordas no país, é preciso compreender o surgimento de Carolina Maria de Jesus.

A obra tornou-se um best-seller em 1960 e vendeu mais de 90 mil exemplares em meio ano. Em seguida, Carolina Maria de Jesus publicou as “*Casa de Alvenaria*” (1961) e “*Provérbios e Pedacos de Fome*” (1963).

A poesia é presente na obra de Carolina Maria de Jesus, a partir de seu primeiro livro, o “*Quarto de Despejo*”, que é também um retrato da fome e das condições da favela. O livro é, para além de um diário, como apontam alguns pesquisadores, uma reportagem e o registro de um tempo a partir do arquétipo de uma mulher negra e periférica.

Apesar de Carolina Maria de Jesus ter sido a primeira favelada a publicar um livro no Brasil, ela estava só naquele momento. Diferente da capacidade de organização que observa-se atualmente entre as mulheres da periferia e da literatura marginal/periférica, a escritora estava isolada em seu ofício e no compartilhamento da própria arte. Como ela mesma conta, no diário, a postura que tinha incomodava outras mulheres que também viviam na favela.

Aqui, todas imprecam comigo. Dizem que falo muito bem. Que sei atrair os homens. (...) Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo. (1996, p. 22)

Para Ferréz, que foi quem cunhou a expressão literatura marginal a partir da publicação das revistas com a Caros Amigos, volta à escrita de Carolina Maria de Jesus e sua vida como favelada para explicar o uso do conceito.

A rainha da literatura marginal é a Carolina Maria de Jesus. Achei a rainha, mano! Quando eu li o *Quarto de Despejo*, mano... Eu senti na pele o que eu senti aqui, tá ligado? Literatura marginal não é você falar de periferia. Literatura marginal é a forma como você usa a linguagem e as pessoas que estão escrevendo o texto.

A gente se separa por isso, não por outra coisa. Você acha justo que depois um cara fale: “não, ele sempre foi um autor contemporâneo, que tem tudo a ver com os autores que existem por aí no mercado”. Que nada, cara! É errado. Você é diferente, você teve uma vivência diferente, você teve um estilo de vida diferente. Você merece ser enquadrado numa coisa que tenha a ver com você, que tenha pessoas lá atrás, que nem a Carolina, o Plínio [Marcos], que são pessoas que tem tudo a ver com você. (...) O pessoal associa a uma literatura menor porque o próprio nome fala literatura marginal. Ou literatura periférica, ou literatura dos excluídos. Que nome ela tem? Não interessa. Além do mais, é uma literatura de alto gabarito. (...) Quem vai dizer que João Antônio não é bom? João Antônio, pô, ele reportava 100% dos excluídos, mano. Então, por isso que eu levanto esse tema. Todo mundo trata a gente como “ah, é depoimento, é piririri, é parará...” E não é, mano. Depoimentos são feitos por alguns, mas a maioria faz literatura. (MEDEIROS, 2015).

Já na experiência vivida por Audálio Dantas com os cadernos de Carolina Maria de Jesus e a edição do livro *Quarto de Despejo*, a experiência de diálogo entre jornalismo, periferia e literatura marginal transformou-se no surgimento de um novo estilo de se fazer reportagem: o de dentro para fora, ou seja, do personagem para o narrador.

“Nos três dias de visita a favela eu tinha recolhido informações suficientes para contar como o povo de lá vivia, mas, por mais que tivesse me enfiado pelo labirinto de barracos, pisado o chão lamacento, sentido o fedor das valas de esgoto, ouvido os lamentos, xingamentos, blasfêmias e até

palavras de conformismo, estava convencido de que não conseguiria retratar aquele mundo miserável com a mesma força e a mesma verdade contida naqueles cadernos”. (DANTAS, 2012, p. 16)

E para o jornalista, esta foi a principal reportagem de uma carreira marcada por uma história de grandes relatos jornalísticos, como ele mesmo reconhece: “Considero até hoje que aquela foi a mais importante reportagem que fiz em toda minha carreira” (DANTAS, 2012, p. 18).

Apesar de Carolina Maria de Jesus ter sido a primeira favelada a publicar um livro no Brasil, a reconstrução efetiva desse tipo de literatura – feita por marginais, periféricos, favelados a partir do lugar de fava - só viria 40 anos depois. Mesmo assim, a autora já escrevia sobre o que era ser poeta e o que a afligia enquanto escritora negra de periferia.

(...) quando percebi que eu sou poetisa fiquei triste porque o excesso de imaginação era demasiado. Que examinei o cérebro no Hospital das Clínicas. Que o exame deu que sou calma. Que eu iduquei imensamente o meu cérebro. Que não dêixei as idéias dominar-me. Que fiquei triste do desprêso do povo pelo poeta. Mas agora estou na maturidade e não impreciono com as filancias de quem quer que sêja... (JESUS, 1996, p. 84).

Contudo, vale destacar que Carolina descobriu-se poeta antes da intervenção de Audálio Dantas, que foi quem fez a ponte entre a autora e a editora, ajudando a viabilizar a publicação dos cadernos que ela empilhava em um canto do barraco em que vivia na Favela do Canindé.

“Riso de poeta. Poeta, por que choras? Que triste melancolia. É que minh’alma ignora O esplendor da alegria. Este sorriso que em mim emana, A minha própria alma engana. (JESUS, 1996, p.108)

Com a linguagem própria, de quem cursou apenas o primário na escola, Carolina Maria de Jesus produziu um fenômeno literário para seu tempo. Para o próprio Audálio Dantas, o que ela fez está além do que qualquer estudioso – antropólogo, jornalista, etc – poderia fazer, já que ela vivia aquilo direto do cerne da questão. Carolina, por sua vez, era grata ao tempo em que passou lendo, já que para ela, o fato de conhecer as letras e poder escrever sobre o que vivia a diferenciava na favela.

"O livro me fascina. Eu fui criada no mundo. Sem orientação materna. Mas os livros guiou os meus pensamentos. Evitando os abismos que encontramos na vida. Bendita as horas que passei lendo. Cheguei a conclusão que é o pobre quem deve ler. Porque o livro, é a bussola que ha de orientar o homem no porvir." ( JESUS, 1996, p. 167)

Entre uma vida marcada por dificuldades financeiras, sem ter o que comer muitas vezes, Carolina Maria de Jesus, fez questão de apegar-se à literatura, ao que pode construir pelo que viveu e escreveu sobre, conforme mostra o vídeo Heróis de Todo Mundo<sup>12</sup> – Carolina Maria de Jesus por Ruth de Souza. *"Houve um tempo em que lugar de negro era na senzala, hoje trancam a gente na favela (...) nem todo papel eu vendia, guardava um pouco para ter onde escrever (...) foi assim que uma favelada brasileira como eu se tornou uma escritora brasileira traduzida em 13 línguas. Assim como as palavras, as pessoas que as escrevem não podem ser apagadas. Sou Carolina Maria de Jesus, sou uma cidadã negra brasileira. O Brasil devia ser dirigido por uma pessoa que já passou fome".*

---

<sup>12</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=mLkJy86VU84>

Fica evidenciado aqui, então, que a primeira escritora marginal/periférica brasileira, do ponto de vista de quem fala de dentro para fora, foi uma mulher, contudo, atualmente, mesmo com a efervescência da literatura periférica, o número de mulheres que escrevem e relatam o cotidiano da periferia ainda é inferior ao de homens, como veremos ao longo desta pesquisa, muito embora, algumas delas, como a já falecida Maria Tereza tenha homenageado Carolina Maria de Jesus em uma poesia do livro “Negrices em Flor”, a mesma reproduzida no livro “Águas da Cabaça”, desta vez de Elizandra Souza. Carolina Maria de Jesus ganhou também, próximo ao seu centenário, documentários, filmes, livros, pesquisas e espetáculos.



### **CAROLINA MARIA DE JESUS**

Comprei um sapato lindo número

trinta e nove sendo que calço quarenta e dois.

Andei muito a pé, adoentei-me.

Para acalmar os pés e não repetir

esse ato insano fiz uma salmoura

de água quente e ensinei as crianças

e adolescentes que não se vende o próprio sonho.



*(Maria Tereza. Livro: Negrices em Flor. Edições Toró, 2007)*

## Capítulo 2

### 2.1 - *Periferia e saraus: pode mais de um subalterno falar?*

Ser um escritor marginal/periférico sinaliza que o autor é oriundo da periferia e embora nem todas as periferias apresentem as mesmas condições, o fato de estar fora do centro é o que une os autores em um movimento cada vez mais sólido e encorpado por seu espaço geográfico. Deste modo, estar à margem torna-se ponto fundamental para a construção de identidade do coletivo de escritores marginais, obrigando-os a posicionarem-se politicamente em relação à região em que vivem e às demandas da população das periferias.

(...) espaço da carência, que reúne a população marginalizada social e culturalmente, e faz emergir produtos culturais como a música rap e a literatura marginal-periférica; que organiza a produção literária e a atuação dos escritores, e valida a construção de suas imagens associadas ao adjetivo marginal." (PEÇANHA, 2009, p. 153 e 154).

É importante compreender que tal voz, vinda dos subalternos – neste caso, os escritores das periferias – deve-se a um sistema de amplificação com microfone aberto: os saraus.

No intuito de contextualizar a relevância atual dos saraus, faz-se importante anunciar que estes chegaram ao Brasil no século XIX e tinham como objetivo ser a celebração mais importante e elegante da sociedade no período. Regados a *champagne*, com direito a piano de cauda e pessoas ricas, bem vestidas e culturalmente bem instruídas, os saraus do século retrasado tiveram como porta de entrada o Rio de Janeiro, mas rapidamente se espalharam pelas fazendas do interior do país, sendo realizados como eventos sociais, porém na última década, com o surgimento e a proliferação dos saraus em bares das grandes cidades, sobretudo da capital paulista e sua Região Metropolitana, houve uma ressignificação deste tipo de evento.

A partir dos anos de 1940, a dinâmica dessa “elite culta”

mudou e os ricos saraus foram escasseando. A organização desse tipo de evento mudou de mãos e coube aos intelectuais universitários realizá-los – em bares, porões, praças (...) (COOPERIFA, 2008 p. 89)

Assim, por meio dos saraus, bem como pelo conteúdo das poesias e textos que permeiam os encontros, enxerga-se a necessidade e a vontade de rompimento com o que chamamos de monopólio da informação, bem como da literatura, criando, à sua maneira, canais alternativos para difusão de ideias próprias que não condizem com as ideologias dominantes, garantindo assim, aos periféricos, a real voz e amplificação da mesma, garantindo que esta seja ouvida.

Desta maneira, entende-se o estudo de escritores marginais e de obras produzidas recentemente, a partir dos anos 2000 e em um contexto diverso, já que é um grupo minoritário que assume o lugar de subalterno, porém como sujeito e voz.

Visto que “a pessoa que fala e age (...) é sempre uma multiplicidade”, nenhum “intelectual teórico (...) [ou] partido ou (...) sindicato” pode representar “aqueles que agem e lutam” (FD, p. 206). São mudos aqueles que agem e lutam, em oposição àqueles que agem e falam? (SPIVAK, 2010, p.32).

Este lugar de fala torna-se necessário também quando observamos a formação de saraus em diferentes regiões das capitais e mais recentemente em regiões interioranas e mesmo os que não estão localizados, fisicamente, nas periferias, transportam-na para onde vão, como o Suburbano Convicto, que nasceu na zona Leste de São Paulo e há três anos acontece na região central, mas fortalece e identifica-se com a periferia. E mais, a partir do surgimento dos saraus, os autores da periferia puderam, através da escrita, encontrar mais um meio de expressar suas vivências cotidianas e obtiveram, a partir daí, destaque e um ganho de voz, visto que pode apropriar-se do microfone durante os encontros e declamar poesias, crônicas e injúrias, além de ter conquistado espaço também nas mídias impressas e digitais.

As organizações e mídias ligadas ao movimento hip hop, tais como as posses, os jornais, revistas e *sites* especializados no tema, também colaboram para aproximar as duas manifestações artísticas e culturais.(...) Essas mídias agregaram também alguns dos escritores como colunistas (PEÇANHA, 2009, p. 93)

É a partir daí que o cidadão periférico reforça seu papel de protagonista e deixa de ser apenas espectador da própria história. Deixa de ser ouvinte e passa a ser narrador. Deixa de ser personagem e passa a ser o escritor. Isso pode ser observado no contexto das edições de *Caros Amigos – Literatura Marginal*<sup>13</sup>, que não apenas garantiu espaço aos escritores/repórteres marginais, como também os aproximou.

Outro papel desempenhado pela *Caros Amigos* apreendido pela pesquisa foi a possibilidade de estreitamento de contato entre autores que estavam produzindo o mesmo tipo de literatura em diferentes bairros da região paulistana e, em menor escala, em outros estados brasileiros. Talvez este seja o principal dado para que a ideia de uma literatura marginal que se refere à produção literária de sujeitos marginais-periféricos, construída inicialmente por Ferréz, pudesse ser absorvida e defendida também por outros escritores. (PEÇANHA, 2009, p. 92)

É importante pontuar ainda que as publicações destas revistas ocorreram em um contexto em que a periferia brasileira tinha pouco ou nenhum acesso à internet, daí a amplitude de divulgação e o esgotamento das revistas nas bancas de todo o país.

E aí o principal: mesmo depois de frisar a noção de que literatura marginal "é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas", e de que ela é feita "às margens dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional", o texto conclui que "hoje não somos uma literatura menor, nem nos deixemos tratar assim, somos uma literatura maior, feita por majorias, numa linguagem maior, pois temos as raízes e as mantemos." (ZIBORDI, 2004)

---

<sup>13</sup> A publicação viabilizou três edições especiais com autores da Literatura Marginal entre os anos de 2001 e 2004. A revista é tradicionalmente conhecida por seu alinhamento 'de esquerda' no país.

O reconhecimento da própria história como algo interessante, que pode ser repassado de forma oral nos saraus – ao melhor estilo de como eram passados os conhecimentos entre escravos – ou de maneira escrita e impressa, capaz de reportar uma realidade única, é observado pelo pesquisador mexicano Alejandro Reyes:

É nestes espaços [os saraus] que desde a virada do século, vem se desenvolvendo um insólito movimento literário, combativo, rebelde, criativo e que vem sendo chamado de literatura marginal por alguns dos seus membros. Na última década, uma profusão inusitada de obras de autores oriundos das periferias urbanas, favelas e prisões se fez presente na produção literária brasileira. Trata-se quase sempre de uma literatura de autorrepresentação, com uma dimensão política e social importante – a enunciação de realidades invisibilizadas, feita por setores sociais que historicamente têm tido um acesso mínimo à palavra escrita, em um contexto no qual a língua, sobretudo escrita, tem servido como mecanismo de dominação desde os tempos coloniais. (REYES, 2013, pág. 15)

Desta maneira, entende-se o estudo de escritores marginais e de obras produzidas recentemente, a partir dos anos 2000 e em um contexto diverso, já que é um grupo minoritário que ocupa o lugar de subalterno, porém age como sujeito e voz então neste aspecto entende-se necessário o estudo da produção, publicação e participação feminina, afinando o contexto de atuação, uma vez que este número ainda é inferior ao dos homens e as mulheres precisam se desdobrar para ocuparem os mesmos espaços, tais como: fatia do mercado editorial – neste caso, falando sobre a literatura marginal/periférica – convites para saraus, festivais, slams e lugar em antologias.

Neste contexto, desdobra-se a pesquisa a partir da participação das mulheres na primeira coleção de literatura marginal (as revistas da *Caros Amigos*) nos saraus, nas antologias lançadas a partir dos mesmos, nas

antologias mistas e nos termos e debates acerca da literatura marginal nesta uma década e meia.

Com a expansão da literatura marginal/periférica no Brasil, considerada, por estudiosos, como um dos mais legítimos movimentos de cultura popular do país nos últimos anos, a ‘regra’ elitista de que “os subalternos não podem falar” foi invertida e eles passaram não apenas a reconhecer, ouvir e tomar a própria voz, mas também a utilizá-la para falar – em saraus – escrever poesias, publicar os próprios livros e criar, inclusive, os próprios selos literários, conforme observa Antônio Eleilson Leite.

“A literatura periférica não pode ser abordada apenas pela obra que se encontra publicada. Até mesmo as coletâneas de saraus onde estão lá muitos poemas que surgiram antes na boca dos poetas, diante do microfone e da plateia sedenta não podem ser analisadas apenas na frieza do papel” (LEITE, sem paginação).

Após o primeiro momento, em que as publicações – especialmente as da revista *Caros Amigos* – foram viabilizadas, a força da literatura marginal/periférica no Brasil se deu nos saraus. Em 2010, um mapeamento feito pelo projeto Pontos de Poesia<sup>14</sup>, mapeou 60 saraus na capital paulista e em alguns pontos do interior. Em 2015, o *Sarau do Escritório*<sup>15</sup>, no Rio de Janeiro, mapeou 133 saraus em toda região.

Esta efervescência dos saraus e da periferia garante, então, audição de voz aos narradores do cotidiano da periferia e garantindo a amplificação da voz a todos os moradores, sejam eles homens ou mulheres, conforme pontua Leite: “O movimento da literatura, até então restrito às publicações coletivas do Ferréz se completa com a força da oralidade e performances dos saraus”.

---

<sup>14</sup> Criado pela Poiesis, com apoio do Governo do Estado de São Paulo:

[www.pontosdepoesia.blogspot.com](http://www.pontosdepoesia.blogspot.com)

<sup>15</sup> Criado pelo Sarau do Escritório, publicado em: <http://mufaproducoes.com/mapeamento-de-saraus-rj/>

Ainda no que tange a subalternidade, Conceição Evaristo, contou, em entrevista ao Itaú Cultural durante a Flip 2016<sup>16</sup>, que foi isso que a motivou escrever.

Eu acho que o que me leva a escrever é muito (...) uma série de indagações que eu fazia diante da vida, e essas indagações elas vão se aprofundando ao longo do tempo, mas uma das indagações que hoje eu fico vendo que me marcava muito na minha infância era a posição de subalternidade que minha família tinha diante das famílias brancas e ricas. Uma situação que chegava a ser angustia para mim, quando eu era menina, era que eu não entendia por quê?! (EVARISTO, 2016)

Com isso, entendemos que as condições de vida tidas como 'subalternas' são o que motivam muitos escritores a romperem com os padrões e buscarem na literatura, na prática da escrita e da partilha destes textos um alento para as situações vividas, bem como um modo de lidar, por meio da arte, com o que ocorre. É nítido que nem toda mulher periférica brasileira se tornará uma escritora, mas, é por meio da escrita que muitas delas conseguem se autorrepresentar, como veremos adiante, e por conseguinte, representar todo um grupo.

---

<sup>16</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=O-biUmvRzW4>

### 2.1.1 Os saraus

Realizados em bares ou centros culturais da periferia, os saraus foram resignificados, deixando para trás o conceito de reuniões artísticas feitas pela elite no início do século XIX e a produção literária advinda destes eventos ressignificou também a forma de se noticiar e se organizar nas periferias. As influências vão desde os problemas cotidianos, à ancestralidade – que também é bastante presente e exaltada pelo hip-hop – e à música popular, o que ampliou as produções e por conseguinte, o público ‘consumidor’, até esbarrar, mais recentemente, nas questões de gênero e equidade.

É nesta perspectiva que entende-se a contribuição da literatura marginal/periférica para a participação feminina, conforme observa Leite.

Os saraus inclusive têm contribuído para um melhor equilíbrio de gênero, dada a razoável presença de mulheres nesses encontros. A predominância ainda é masculina, mas a participação feminina é muito maior do que nas publicações da Literatura Marginal. Neste aspecto cabe destacar o Sarau da Brasa que, conforme quadro abaixo, apresenta uma importante participação feminina, quase paritária a dos homens. (LEITE, 2013, sem paginação)

Nota-se que a consolidação dos saraus é marcada também pelo lançamento de antologias. É importante destacar que as obras são produtos de autopublicação, custeadas com recursos próprios ou beneficiadas por meio de editais municipais, estaduais ou por meio de parcerias com a iniciativa privada, contudo, em sua maioria, são tiragens modestas – mas que criaram, ao longo dos anos, um mercado editorial paralelo e um vetor de carreira - e com distribuição feita diretamente pelos autores (as), de mão em mão, de sarau em sarau, com pouco ou nenhum destaque na mídia especializada ou em grandes livrarias.

Porém, muitas mulheres enfrentam, ainda, a dificuldade de estarem presentes em todas as edições dos saraus mais próximos de si – ou que escolheram frequentar – por diferentes motivos, sejam eles financeiros para custear as passagens, sejam familiares, já que muitas são responsáveis pelas famílias – de acordo com o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgado em outubro de 2015, 38% dos lares brasileiros são chefiados por mulheres - por causa do trabalho, por causa dos ciúmes nos relacionamentos e não raramente, por causa do machismo.

De partida, essas autoras enfrentam a dificuldade de se fazerem presentes nos saraus e circularem para a divulgação de seus livros. Têm de contornar o ciúme dos maridos e até desrespeito manifestado por parte de outros frequentadores desses ambientes (que insistem nas cantadas, por exemplo) (EBLE, 2014)

A partir de 2004, quando a primeira antologia de um sarau foi lançada – a Cooperifa, com apoio do Itaú Cultural, lançou o livro “**O Rastilho da Pólvora**”, com 46 autores, entre eles, apenas seis mulheres – outras se apropriaram do modelo e fizeram seus próprios livros, o que deu início ao ciclo de produção literária independente da periferia brasileira. Para Reyes, o movimento ganha força, inclusive, nos pontos em que se perde:

“Apesar de tratar-se de um fenômeno literário produzido por populações silenciadas e invisibilizadas, existem fissuras, rachaduras, intercâmbios, fronteiras movediças e zonas de indefinição que, em vez de serem problemáticas, resultam, de fato, produtivas. (REYES, 2013, pág. 44)

Com base nestas colocações feitas por estudiosos e integrantes do movimento, podemos conceber a ideia de que o movimento dos sarau seja um dos mais fortes e organizados vividos, especialmente pela juventude no país na última década, se avaliarmos termos como ineditismo e capacidade de organização da periferia, já que os próprios moradores conseguem criar, organizar e manter espaços culturais em bares, bibliotecas, galpões e equipamentos públicos, bem como criar selos e pequenas editoras e confeccionar, editar e fazer circular os próprios livros, e, por conseguinte, a própria voz.

Para tanto, questiona-se se há reconhecimento do discurso dos escritores marginais? Em que sentido? Há reconhecimento de voz destes autores para a comunidade? Como se dá essa relação e esta troca? E, com os capítulos seguintes, por meio de exemplos práticos, tentamos responder.

## 2.2 – Cooperifa: o sarau mais popular há 15 anos



Figura 7 - Sérgio Vaz, criador da Cooperifa

*“Povo lindo, povo inteligente. É tudo nosso. Uh! Cooperifa. Uh! Cooperifa”*. É com esse grito de guerra que Sérgio Vaz, o principal mestre de cerimônias do encontro vai ao microfone há 15 anos e abre, toda semana, religiosamente, o Sarau da Cooperifa, no Bar do Zé Batidão, no bairro Chácara Santana, no extremo da zona Sul, em São Paulo (SP). O palco, que não é palco, mas o chão, voltado à comunidade, já recebeu inúmeros artistas e escritores nacionais e mundiais, como o moçambicano Mia Couto, o rapper Mano Brown, do grupo Racionais MCs, entre outros.

O sarau já foi tema de música, de filme, de inúmeros Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs), de dissertações e teses acadêmicas, e segue, da mesma maneira que começou, definida pelo principal criador, Sérgio Vaz, à frente do microfone, como “O Sarau da

Cooperifa é quando a poesia desce do pedestal e beija os pés da comunidade”.

Pontualmente às 20h, toda terça-feira <sup>17</sup>Sérgio Vaz dirige-se ao microfone e avisa: *“sejam todos bem-vindos ao Sarau da Cooperifa (...) todos são bem vindos. Nós temos um ritual que aqui, o silêncio é uma prece. E é uma prece mesmo. A gente está aprendendo a ouvir e a falar também. Outra coisa que é muito boa de falar também é que são 2 horas de poesia e é muito chato. É muito chato mesmo. São pessoas falando e pessoas escutando, então eu não aconselho a ficar aqui quem não gosta de poesia. Em compensação, quem ficar, vai ter uma noite mágica. Uma noite nunca vista antes (...) Para entender o que está acontecendo aqui hoje, na periferia, estamos numa noite de frio e isso aqui está lotado para a gente falar de literatura, de poesia e isso é combater o sistema. O Márcio [Batista] já me ligou e falou que talvez a Rede Globo já ligou e talvez nem passe a novela hoje, por conta da falta de audiência, porque a audiência está aqui”*. E há quem diga que os gritos subsequentes de ‘Uh! Cooperifa’ são o primeiro acontecimento mágico da noite prometida minutos antes por Sérgio Vaz.

E assim, a Cooperifa segue, beijando os pés da comunidade e promovendo arte e cultura em uma região conhecida, nos anos 1990 como uma das mais violentas da capital paulista.

Embora não seja o primeiro sarau <sup>18</sup>realizado em bar na periferia paulistana, a Cooperifa possui grande destaque e inspirou a criação e realização de outras dezenas de saraus por todo o país. Coordenada por Sérgio Vaz, a Cooperifa tem como data de fundação o ano de 2001 e nestes 15 anos de existência possui atividades em um calendário anual, tais como o *Ajoelhaço* (em comemoração ao Dia Mundial da Mulher), *Poesia no Ar*, *Chuva de Livros*, *Cinema na Laje* e *Mostra Cultural da Cooperifa* (já chamada de Semana de Arte Moderna da Periferia) desempenha, para a população próxima, no Jardim Guarujá um papel tão importante quanto o do Estado, ao

---

<sup>17</sup> Até 2014, o Sarau da Cooperifa aconteceu semanalmente às quartas-feiras, a partir do final do ano de 2014, passou a ocorrer às terças-feiras. O motivo seria um pedido da comunidade localizada ao entorno do bar, que estaria incomodada com a quantidade de gente vinda de outras regiões e do barulho após o horário determinado pela ‘lei do silêncio’.

<sup>18</sup> O primeiro sarau a ser realizado em um bar na capital paulista foi o Sarau do Binho, que recebeu este nome em 2004, mas antes acontecia como Noite da Vela no bar de Robinson Padial, o Binho, no bairro Campo Limpo, na zona Sul de São Paulo.

suprir demandas de moradores que afirmaram, em prantos, nunca terem ido ao teatro e que temiam morrer sem saber o que era aquilo.

Pela primeira vez, há uma geração de escritores identificados pela origem periférica no Brasil – e que se definem como “periféricos”. Parte deles começou a escrever na Cooperifa, lançou seu primeiro livro no boteco do Zé Batidão. A Cooperifa escreveu – escreve – vários capítulos dessa história. Inspirou dezenas de saraus de poesia Brasil afora, sua pipa no céu virou farol. Mas a Cooperifa é isso – e mais. É um espaço para todos, sem hierarquias, e nem julgamentos. Pega o microfone quem tem algo a dizer em forma de poesia. Cada um será ouvido em silêncio e aplaudido no final. Porque foi lá na frente e se expressou, do seu jeito, da forma que lhe foi possível. E o que tinha a dizer só podia ser dito por ele. E o que deixou de dizer será uma falta no mundo. (BRUM, 2010, p. 46)

De acordo com a pesquisadora argentina Lucia Tenina, autora da dissertação “Cuidado com os poetas! Uma etnografia sobre o mundo da literatura marginal na cidade de São Paulo”.

Os ‘saraus das periferias’ não devem ser considerados como um fato excepcional e isolado, vinculado unicamente à declamação, mas devem ser compreendidos como um espaço multidimensional onde se articulam laços afetivos, sociais e políticos sob a base de uma ideia de ‘ser marginal’ entendida culturalmente e não negativamente” (HAPKE, 2015).

A exemplo do que aconteceu com Carolina Maria de Jesus, que na década de 1960 questionou as estruturas da sociedade a partir da própria vivência dentro de uma favela, e produziu, com voz própria, um livro-diário de poesias, crônicas e memórias, os movimentos sociais passaram a questionar, a partir do mesmo período, as estruturas de poder, a burocracia e a organização política trazendo a diferença nos discursos a partir da identidade e da cultura da qual estavam inseridos.

SPIVAK (2010) questiona se o subalterno, os grupos e organizações periféricos tem direito à tomada do discurso e se este mesmo se efetiva, já

que, segundo ela, quem estaria disposto a ouvir o subalterno? Nesta pesquisa, refletimos sobre tal afirmação e constatamos que há, sim, há 15 anos na periferia brasileira, grupos dispostos a se ouvirem.

Para a pesquisadora, atriz, MC, poeta e slammer Roberta Estrela D'alva, a primeira vez na Cooperifa foi mágica. Ela acredita que os saraus são um espaço atual de resistência e de ouvidos dispostos. Em fala durante o evento Biqueira Literária<sup>19</sup>, no Sesc Campinas em junho de 2016, D'alva destacou alguns pontos acerca deste tema.

A primeira vez que eu fui num sarau foi o da Cooperifa, para lançar o “Zumbi Somos Nós” que é um filme da Frente 3 de Fevereiro e é um choque, né? Ir num sarau desse... porque se você pensar que num dos bairros mais violentos da cidade de São Paulo, numa quarta-feira a noite, você ter essa delicadeza de parar para ouvir o outro é bem bonito, bem tocante, fora as próprias poesias e a diversidade das pessoas que tem ali falando, o próprio ato de parar o tempo que a gente fala (...) tem um livrinho lá no Núcleo Bartolomeu que se chama TAZ (Zona Autônoma Temporária), de Hakin Bey, que ele fala disso, né? Que é você rasgar o tempo espaço e criar zonas utópicas, acho que é meio isso que a gente está fazendo aqui, criar zonas onde não se espera que vai ter gente numa quarta-feira, 19h30, que vem ouvir outra pessoa falar, pra quê, né? Num mundo onde tudo que vale é o dinheiro, *time is money*, a gente fala que como os Maias, *time is art*, tempo é arte, tempo é troca. Tem coisa que tem preço, tem coisa que tem valor, né? Então a gente recupera o valor e é a utopia, né, isso aqui mó lindo, é o fogo, né ... Eu sempre costumo falar que os saraus, os slams, são essa necessidade da tribo, se reunir em volta do seu fogo como os primitivos, nossos ancestrais faziam para contar suas histórias, os guerreiros, onde se passa conhecimento. Quando uma tribo

---

<sup>19</sup> Evento organizado pelo agitador cultural e escritor Rodrigo Ciríaco em comemoração aos 15 anos da literatura marginal no Brasil. Vídeo disponível em <https://www.facebook.com/biqueiraliteraria/videos/vb.1566414666976700/1765614463723385/?type=2&theater>

quer se extinguir, por exemplo, tem tribos que fazem isso, elas param de contar suas histórias. (D’Alva, 2016)

Deste modo, compreender o uso do discurso dos escritores marginais/periférico como uma forma de voz é fundamental nesta pesquisa. No que tange à figura mulher neste contexto, algumas ações podem ser observadas, por exemplo no sarau da Cooperifa como forma de chamamento às mulheres.

### 2.3 – As mulheres dentro da Cooperifa

A Cooperifa possui, notadamente, interesse em obter uma maior participação das mulheres no sarau. Nesta pesquisa, destacamos três delas que fazem parte do que é chamado, nos bastidores, de ‘Família Cooperifa’. Rose Dórea, a *‘musa’ da Cooperifa*, Lu Sousa, educadora e poeta que atua diretamente na produção do evento e Edite Marques, a dona Edite.



Figura 8 - Rose Dórea é a musa da Cooperifa e voltou a estudar após começar a frequentar o sarau

Rosilene da Costa Doera é conhecida como Rose Dórea. Aos 43 anos, ela afirma, em entrevista para esta pesquisa: “Os momentos mais difíceis e os momentos melhores da minha vida eu passei na Cooperifa”. Foi lá que ela sentiu a necessidade de voltar a estudar e se tornou musa.

Como Rose mesmo afirma, ser musa que vai contra o padrão estabelecido pela sociedade do que seja uma musa. Na entrevista à autora para esta pesquisa, ela, que após 15 anos à frente da Cooperifa, não se assume poeta, destaca a importância do título.

E1<sup>20</sup>: [Eu] ajudava a apresentar, ficava lá na frente, mas não falava poesia e o Wagnão, da banda Preto Soul me cobrou: você tem um voizerão e não fala poesia. Eu falei: “ah, não tô preparada, tenho uma certa dificuldade, não entendo muito o que o pessoal fala. Fico meio tímida em fazer. E quer saber? Vou voltar a estudar”. (...) É muito louco, porque a gente vive em um padrão, né. Um padrão de beleza, de comportamento, de mulher e que ser musa da Cooperifa para mim é muito importante, eu mudei e melhorei muito como pessoa e como ser humano e a Cooperifa me deu muito suporte para isso, principalmente o Sérgio Vaz por ter me dado o título de musa da Cooperifa, então assim, é muito bom, mas é muita responsabilidade também. Eu me sinto muito responsável, quanto atitude, enquanto mulher, enquanto negra, enquanto gorda. Porque eu sou fora do padrão. Se você parar para pensar, eu sou totalmente fora do padrão. Eu sou uma negra, de temperamento forte, gorda, sem papas na língua, então isso choca.

Também em entrevista para o site *Periferia em Movimento*<sup>21</sup> durante a abertura da *Mostra Cultural da Cooperifa* no CEU Casa Blanca em 19 de outubro de 2013, Rose vai além, ao destacar as mudanças sociais e culturais provocadas na individualidade por causa do sarau.

“Voltei a estudar por conta da Cooperifa, me tornei uma pessoa mais flexível e, em um país cujo padrão de beleza é a mulher magra e branca, me tornei a “Musa da Cooperifa” sendo negra e gorda. Então, tudo muda por completa (risos)” (DÓREA, 2013).

---

<sup>20</sup> Entrevista com Rose Dórea realizada no Centro Cultural de São Paulo (CCSP) para esta pesquisa no dia 18 de fevereiro de 2016.

<sup>21</sup> Disponível em <http://periferiaemmovimento.com.br/cooperifa-celebra-12-anos-de-resistencia-poetica-nas-periferia-paulistana/>

Embora esteja à frente do sarau e seja anunciada como tal de forma religiosa todas as semanas no Bar do Zé Batidão, onde acontece o encontro, Rose Dórea ainda não tem nenhum livro publicado. Com algumas participações em antologias – a mais recente apenas com mulheres – não reconhece planos para publicar um livro autoral.

E2<sup>22</sup>: Eu escrevo algumas coisas, mas não me reconheço poeta. Para eu publicar algum livro, eu teria que estudar muito, ler muito. Isso não está nos meus planos. Eu vivo a Cooperifa, mas não preciso ser necessariamente uma escritora com livro publicado. (DÓREA, 2016)

A ideia de musa é questionada por alguns estudiosos e até mesmo por outras poetas e ativistas da literatura marginal periférica. A pesquisadora argentina Lucia Tenina, que estuda o movimento dos saraus no Brasil e é responsável pela primeira antologia de poetas da literatura marginal/periférica brasileira na Argentina observa e problematiza.

Cabe também dizer que esta ideia de musa associada a uma mulher negra da periferia é também um ato de questionamento dos esquemas femininos tradicionais, que associam a ideia de ‘musa’ a um esquema de beleza eurocêntrico. Além disso, também no marco dos saraus, as mulheres são tomadas como problemática nos debates que se organizam nestes espaços” (TENINA, 2015, p. 52) .

A escritora e produtora cultural Jenyffer Nascimento, que teve o início na poesia por meio do sarau da Cooperifa, também questiona o lugar de fala da mulher dentro do sarau e o lugar da musa. Em entrevista à autora, ela falou sobre o tema.

E3<sup>23</sup>: Eu vou te dizer que hoje eu sinto mais, tenho uma percepção maior disso, de como o machismo atua dentro dos

---

<sup>22</sup> Entrevista com Rose Dórea realizada no Centro Cultural de São Paulo (CCSP) para esta pesquisa no dia 18 de fevereiro de 2016.

<sup>23</sup> Entrevista com Jenyffer Nascimento realizada no Centro Cultural de São Paulo (CCSP) para esta pesquisa no dia 17 de fevereiro de 2016.

saraus, por exemplo, você vai lá, fala uma poesia erótica, você sai do microfone e o cara já está achando que você vai fazer exatamente o que você falou na poesia, né.

Esse lugar da musa também, a mulher não pode ser brilhante, incrível, ela tem que ser colocada como a musa inspiradora, que é outro lugar que não te coloca na mesma condição dos homens, é um lugar especial para você, como um presentinho, mas não te coloca em pé de igualdade também. (NASCIMENTO, Jenyffer, 2016).

Sobre a participação feminina nos saraus, Sérgio Vaz, que é o apresentador dos encontros e também líder e figura central da Cooperifa, costuma brincar com os espectadores do sarau, lembrando que há outras opções de lazer para além do sarau, como as novelas. Notamos aqui que a presença das mulheres no sarau é tida como prejudicial para a audiência das telenovelas, mas não é exaltada como um aumento no número de poetas na casa.

*Tá passando a novela, depois tem o jogo Brasil e Portugal, quem quiser pode ir para casa agora...* A alusão aos programas televisivos é constante. Por vezes, o grande número de pessoas no bar, em noite de sarau, é citado como sinônimo de mudança nas práticas culturais dos moradores da periferia, que ali se materializa na apropriação do gosto pela produção e consumo de literatura. Em outras ocasiões, Sérgio costuma brincar com o fato de que a ampla presença de mulheres no sarau acarretará a redução no número de telespectadoras das novelas veiculadas no horário noturno. Ele também costuma relacionar a participação dos homens à queda de audiência nos jogos de futebol exibidos pelos canais de televisão, tendo em vista que os saraus acontecem no mesmo dia e horário de algumas partidas profissionais". (PEÇANHA, 2009, p. 23e 24)

Contudo, é também importante destacar que por parte da Cooperifa há esforços em emancipar as mulheres frente a cena literária da periferia. Desde que foi instituída, em 2008, a *Mostra Cultural da Cooperifa* promove mesas e debates com participações 100% femininas.

Na mostra da Cooperifa de 2011, por exemplo, uma mesa foi dedicada exclusivamente à temática da mulher periférica, chamada 'A escrita e a militância das mulheres', com a presença de Lu Sousa (poeta e educadora), Silvana Martins (Sarau da Ademar) e Jéssica Balbino (jornalista e escritora), com coordenação de Érica Peçanha do Nascimento” (TENINA, 2015, p. 62)

Já em 2012, a mesa “Onde a poesia guarda o feminino” ocorreu durante a Mostra Cultural da Cooperifa, com Maria Vilani (filósofa e poeta), Elisa Lucinda (atriz e poeta), Jô Maloupas (rapper e organizadora da antologia *Perifeminas*<sup>24</sup>) e Jéssica Balbino (jornalista e escritora).

“A LMP escrita por mulheres, por sua vez, evidencia uma preocupação ainda maior em afirmar uma identidade do “eu” revelando uma pluralidade e complexidade do mesmo. Por um lado, a escrita marginal feminina estabelece um agenciamento com os grupos culturais das periferias, independente do sexo. Elizandra Souza afirma, neste sentido ‘Eu brindo que eu posso encaixar em várias denominações: Literatura Negra, Marginal, Periférica’ (em entrevista com a autora). Por outro lado, as escritoras mulheres de periferia se ocupam, cada vez mais, da comprovação da diferença: o sujeito feminino escolhe reposicionar-se para levar a cabo sua autorrepresentação” (TENINA, 2015, p. 63 e p. 64)

---

<sup>24</sup> Esta foi a primeira antologia organizada pela Frente Nacional de Mulheres do Hip-Hop (FNMH<sup>2</sup>) no país, com a participação de 52 autoras, de diferentes estados do país, envolvidas de alguma forma com a cultura hip-hop.



**Figura 9- Lu Sousa durante abertura da Mostra Cultural da Cooperifa em 2013**

Tais participações e mesas, mesmo que de forma ‘cotizada’, destinando um espaço único às mulheres, fortalece a presença feminina no universo dos saraus, bem como a representatividade a chance de se verem refletidas em outras referências femininas.

A educadora e poeta Lu Sousa frequenta o sarau há 13 anos por dar aula em uma região próxima e ter sido atraída ao mesmo por causa do ofício, mas revela que demorou a começar a declamar. Professora, ela conta que começou a escrever muito cedo, mais como uma fuga, como uma forma de encarar a solidão e refugiar-se no universo dos livros e desabafar. Em entrevista à pesquisadora Ingrid Hapke, ela falou sobre tal processo:

A princípio eu era supertímida para falar. Eu fiquei quase três meses sem falar [no sarau], eu achava que minha poesia era rala, muito pobre. Eu achava [os outros] poetas muito bons e eu ficava “ah, não vou falar”. Até que um dia os amigos [falaram] assim: “você tem que falar, senão vou ler sua poesia”. [Aí] eu falei: “não, eu tenho que ler pela primeira vez a minha poesia; depois que eu ler a minha poesia, aí eu dou para o mundo, mas a primeira vez tem que ser eu”, e foi. Então, acho que as mulheres aqui da periferia são muito atarefadas, com filhos, com casa, com o trabalho. Para conciliar isso tudo e ter essa liberdade que você possa fazer aquilo que você gosta, é muito difícil. Você tem que conquistar espaço e conquistar a sua autonomia, porque para uma mulher vir a um bar [é difícil], ainda existem vários preconceitos. E então, é complicado você chegar e ganhar esse espaço, e conseguir participar, e conseguir fazer as coisas. Você tem que ter uma autonomia mesmo.

Eu sempre observo isso: eu acho que a mulher, quando escreve, se despe muito, ela é muito autêntica, sim, no sentimento. (HAPKE, 2015)

Dentro da fala de Lu Sousa podemos observar as dificuldades inerentes ao estilo de vida das mulheres, o que também é comentado, em entrevista em vídeo à TVT <sup>25</sup>pela escritora Esmeralda Ribeiro, parte do coletivo Quilombhoje, que publica os Cadernos Negros, quando questionada sobre o processo de escrita.

[Meu processo de escrita] não é o burguês, não é o ideal. Não temos um escritório para gente, temos os espaços que conseguimos, a maioria das vezes a família negra é grande, as pessoas em volta da gente não entendem que precisamos de silêncio, então você tem que criar... às vezes vai no seu quarto se tranca, às vezes vai ao banheiro e se tranca para poder criar (RIBEIRO, Esmeralda, 2013)

Tal fala de Esmeralda Ribeiro vai ao encontro do que acredita Lu Sousa, que à frente da Cooperifa por mais de uma década, tenta lidar com o machismo, em primeiro lugar, dentro de casa. Questionada pela autora da pesquisa sobre como é ser mulher no ambiente dos saraus, ela discorreu sobre como enxerga a questão.

E4<sup>26</sup>: Eu acho muito masculino, um universo masculino, eu frequento outros saraus hoje, outros espaços, o clube de compositores, eu vejo isso muito presente, não só na Cooperifa, mas outras espaços, o Samba da Vela e outros espaços muito masculinos. Eu acho que a mulher está muito ligada ainda à questão doméstica. A questão do trabalho, ela hoje que é a chefe de família e eu me vejo sempre com muita cobrança para que as mulheres conheçam outros espaços. Eu sempre falo que o homem passa no bar, toma uma cerveja, joga bilhar, joga conversa fora e chega em casa desestressado e a mulher está nesse ritmo de trabalho e

---

<sup>25</sup> Programa especial dedicado às mulheres periféricas na literatura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y0zvuwN516o>

<sup>26</sup> Entrevista com Lu Sousa realizada no Centro Cultural de São Paulo (CCSP) para esta pesquisa no dia 18 de fevereiro de 2016.

nessa continuidade quando chega em casa, ela dá continuidade, ela tem que cuidar dos filhos, dos afazeres, da janta, de tudo e ainda sobra muito para ela.

E nesse universo eu educo meus alunos, meus filhos, meus netos agora, com um olhar mais para a igualdade, mais a divisão de tarefas, que sobre tempo para ler, para apreciar outras artes, que sobre tempo para um bate-papo e que a gente dividir essas tarefas fica mais gostoso e até mais prazeroso, se você está numa casa, fazer as coisas juntos, cozinhar juntos, arrumar junto, faz parte daquele cotidiano e é prazeroso, é gostoso né. Você estar num lugar limpo...

E eu cobro muito das mulheres que aparecem na Cooperifa: ah, você não vai falar? Você não tem nada para falar? Você pode ler alguma coisa. Você pode...você tem um recado sempre para dar. Eu acho que a mulher precisa assumir esse papel de se projetar um pouco, de se despir um pouco e ter coragem de falar o que pensa, porque às vezes não é só a fala, mas o que você gostaria de falar. Não é só a fala: aquela poeta falou alguma coisa, aquele escritor...

A escritora Conceição Evaristo, durante a Flip 2016, também afirmou algo semelhante em entrevista ao Itaú Cultural<sup>27</sup>. De acordo com ela, o processo de escrita está muito mais ligado ao cotidiano e as atribuições enquanto mulher chefe de família, do que a um processo disciplinar de criação.

Meu ambiente de escrita é a minha casa e assim, no meio do cotidiano, é...por indisciplina eu não sou aquela pessoa que reservo determinados momentos para escrever e a maioria das escritoras brasileiras são escritoras que estão envolvidas na própria luta do cotidiano, então você vai escrever quando dá tempo, então muitas coisas da minha casa no dia a dia, eu que vou no supermercado, entende? Eu tenho uma filha

---

<sup>27</sup> A autora participou de debates no espaço Itaú Cultural durante a Flip 2016, onde falou sobre a ausência de mulheres negras na programação e concedeu essa entrevista, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=O-biUmvRzW4>

especial, eu que cuido dessa minha filha especial e levo para casa. Alguns escritores vão para a cozinha porque é um hobby, a gente não, a gente cozinha, cuida da casa, a gente escreve, lava o terreiro...agora, eu gosto muito de escrever na madrugada, gosto de deitar cedo pra poder levantar bem cedo, o silêncio da madrugada é um bom momento para se escrever, mas nem sempre faço isso, nem sempre. (EVARISTO, 2016)

Diante destas afirmações vinda de escritoras brasileiras que estão à frente do que chamamos de literatura marginal/periférica, ou aproximam-se do que é falar de um lugar antes de subalternidade, podemos entender que a mulher, para conseguir frequentar saraus, espaços literários, entre outros ambientes que promovem a literatura, precisa, antes de tudo, lidar com o machismo, seja através das obrigações domésticas que lhes são imputadas apenas pelo fato de serem mulheres, seja pelas obrigações familiares, seja pela dificuldade de encontrar silêncio e um local adequado para produzir, seja pela rotina atribulada, que não lhes deixa ter uma dedicação total ao ofício da escrita.



**Figura 10 - Dona Edite, deficiente visual, frequenta o sarau há anos**

Para driblar essas dificuldades, a maioria destas mulheres se desdobra nas inúmeras funções, a fim de garantir a amplificação da própria voz por meio da poesia, dos contos, romances e através dos livros, saraus e slams.

Ainda sobre as mulheres da Cooperifa, neste subcapítulo, destacamos também a importância da metalúrgica aposentada Edite Marques da Silva, de 72 anos, a dona Edite. Da cidade de Pirapora (MG), ela vive em São Paulo (SP) desde a década de 1960, sendo que em 1981, mudou-se para Santo Amaro, na zona Sul da cidade, onde reside até hoje. Há oito anos, semanalmente e acompanhada da irmã, ela vai ao sarau. Se não vai, é motivo para tristeza – dela e do público presente.

Figura importante e querida na Cooperifa, a senhora que inspira cuidados por ser deficiente visual – há 18 anos ela deixou de enxergar por problemas ligados ao diabetes - deixa com que o público esqueça suas limitações físicas quando vai ao microfone e declama ‘Navio Negroiro’, do poeta Castro Alves, ou as poesias de Sérgio Vaz e de outros frequentadores assíduos do sarau.

Sem ter conseguido fazer a faculdade que sempre sonhou, de psicologia, dona Edite se sente valorizada por ser parte da Cooperifa. Em entrevista à pesquisadora Érica Peçanha, ela contou como se sente após ser um membro da ‘Família Cooperifa’.

O momento sarau foi o melhor momento que eu tive na minha vida. Porque depois que eu perdi a minha vista, foi a primeira vez que me senti bastante feliz. E assim, eu enxergo muito menos do que enxergava [quando comecei a ficar doente], mas agora sou muito mais feliz (...) Quando a Edna me levou lá, ela falou assim: “se você quiser declamar, você declama; se não quiser, você vai e assiste [aos] outros”. Eu pensei: mas não vou só assistir, eu vou declamar...aí, declamei a minha “poesiazinha”. Depois, o jeito dos meninos [me tratarem]...Nossa Senhora! Eu gosto muito desse lado da vida, as pessoas me cumprimentam [por eu declamar]. Eu me sinto muito valorizada... muito mesmo! Porque perdendo a visão, eu fiquei muito dependente, não tinha o que fazer (...) Só que agora, toda vez que eu declamo, eu me sinto muito bem. E outra coisa: em nenhum instante eu pensei que ia conseguir declamar...ler, tudo bem, porque toda a vida eu gostei de ler, mas declamar, assim, eu nunca pensei... (PEÇANHA, 2015, p. 158/159)

Sem ler em braile, ela depende que a sobrinha grave as poesias para ela e as decora, afim de apresentá-las a cada semana no sarau. As falas de dona Edite revelam o quanto ela, como mulher e deficiente visual se sente empoderada por meio do convívio no ambiente da Cooperifa. De acordo com ela, o criador do sarau sempre a convida para ir em escolas e entidades, a fim de se apresentar junto do sarau nestes espaços. Para ela, estar neste convívio representa respeito e acolhimento.

Eu me sinto muito valorizada pelas pessoas que dirigem o sarau, no sentido que eles me buscam, me chamam, são muito carinhosas comigo. Eu sou livre para escolher falar o que quiser, eu gosto disso. Eu acho que é um exagero ser chamada de rainha, de diva, mas eu gosto muito (...) A cultura aqui [na periferia], cresceu muito (...) Quando cheguei aqui, em 1981, você não tinha nada. Agora, tem um monte de coisas: shows, apresentações, festas...poesia nem se fala! (...) Por isso que eu amo esse lado do sarau [porque lá] você acredita que é capaz e começa a consumir aquilo que produz. (PEÇANHA, 2015, p. 204)

Deste modo, entendemos que a presença das mulheres no sarau da Cooperifa é bastante significativa, visto o lugar que elas ocupam dentro da 'organização' do sarau e também a forma como o sarau passa a lhes ocupar a vida, dando vistas a uma importância de 'minha vida antes e depois da Cooperifa', conforme muitas falam. Entendemos aqui que vivenciar o ambiente do sarau e ocupar, dentro dele, uma posição de destaque: seja de musa, seja de diva, seja de produção, energiza estas mulheres a acompanharem o movimento que é insurgente nas periferias, contanto, por outro lado, podemos perceber que entre a tríade das mulheres da Cooperifa, nenhuma delas possui publicações ou planos para lançá-las. Rose Dórea é parte de antologias, mas, conforme vimos mais acima, não tem intenções de lançar uma obra autoral. Já Lu Sousa, embora reúna uma vasta produção de poesias, também não manifesta movimentos no sentido de publicá-los e dona Edite não possui produções próprias – ou ao menos não as menciona e/ou declama – apenas declama poesias de autores já consagrados.

### **2.3.1 - Ajoelhaço**

Na Cooperifa, desde 2005 surgiu também o evento batizado como '*Ajoelhaço*'. Nas duas primeiras edições, apenas as mulheres participavam e os homens ficavam como espectadores, ouvindo poesias de cunho feminista.

A partir da terceira edição, na quarta-feira mais próxima ao dia 8 de março – quando celebra-se o Dia Internacional das Mulheres – todos os homens presentes no sarau ajoelham-se e em ato simbólico, pedem perdão às mulheres. O evento foi inserido no calendário anual do sarau.

“Por meio do *simbólico, prosaico e divertido*, como caracterizam diferentes lideranças *Cooperiféricas*, o Ajoelhaço aguçaria reflexões sobre a relação entre homens e mulheres, de modo geral, as situações vivenciadas pelas mulheres da periferia, em particular. E por meio desse ato, ali na *periferia masculinizada e machista*, conforme observa Sérgio Vaz, e no espaço do bar, que sujeita as mulheres que o frequentam a *comentários e atos* preconceituosos, como pontua Rose Dórea, os cooperiféricos conjugariam mais um exemplo de combinação entre literatura e cidadania através dessa espécie de homenagem às mulheres” (PEÇANHA, 2011, pág. 102)

Contudo, o ato divide opiniões, a própria musa da Cooperifa, Rose Dórea reconhece que isso não mudará por completo a condição subalterna da mulher.

“Lógico que não será isso que mudará a condição feminina, e nem vai apagar todas as injustiças e crimes cometidos pelos homens, longe disso. Mas é tratar a nossa mente e o coração machista da quebrada, e não só com palavras, com atitudes”. (VAZ, 2008, p.214)

Neste tocante, Elizandra Souza questiona não apenas a participação feminina, mas também os efeitos de eventos como o Ajoelhaço.

[sobre o Ajoelhaço] pra mim é uma hipocrisia: você vai lá, se ajoelha e no resto do ano faz um monte de poesia machista, essas coisas que acontecem com o microfone aberto. É importante ter o microfone aberto, mas estas coisas me preocupam. Eu vou até o Ajoelhaço, dou risada e falo: ‘cambada de mentirosos’. Eu sei que é uma tentativa de chamar a atenção para a questão das mulheres, mas ao mesmo tempo eu acho hipócrita. [Pra mim soa como] aquela coisa do marido que trai e quer que a mulher perdoe, ou de homem que bate, mas fala ‘me perdoa’. Sei lá [acho que] poderia ser melhor pensado ... [Mas aí] de novo envolve aquela coisa: toda vez [que você propõe] refletir, tem que ser você a protagonista? Isso também vira um peso, uma obrigação, e fazer as coisas por obrigação é muito ruim, você se sente incomodada, parece que é uma atuação solitária” (PEÇANHA, 2015, P. 211 E 212)



Figura 11 - Ajoelhaço na Cooperifa

Também para outras poetas que frequentam outros saraus e coletivos da periferia, o ato não atinge o objetivo de dar e ouvir a voz à mulher e trazê-la ao protagonismo, ou mesmo igualdade, dentro dos espaços literários. Para elas, a mulher não é emancipada pelo pedido de perdão coletivo e a proposta seria levar a questão para debates que proponham

soluções. Mais uma vez questionada sobre o tema, Rose Dórea afirma que acha válido e leva o evento como uma ‘brincadeira’ entre os frequentadores.

E5<sup>28</sup>: O Ajoelhaço, na verdade, é uma proposta para os homens se redimirem, é mais uma confraternização, o fato de estar todo mundo junto, que a gente pode sim estar todo mundo junto e misturado, tanto que eu nunca fiz uma poesia

<sup>28</sup> Entrevista com Rose Dórea realizada no Centro Cultural de São Paulo (CCSP) para esta pesquisa no dia 18 de fevereiro de 2016.

criticando os homens no Ajoelhaço, tanto que nos primeiros Ajoelhaços teve um certo “Ah, mas os homens não prestam”, ai eu fui e fiz uma música da Eliana de Lima, que canta ela apaixonada por um cara que tá dando uma bica nela, porque é isso, cara, o Ajoelhaço não é nada mais do que “estamos todos juntos e misturados”, porque infelizmente a gente vive num mundo machista, se um homem hoje, um grupo de homens se ajoelhar por qualquer outro motivo que não seja num sarau, ele será tratado como medíocre, porque o Ajoelhaço é mostrar que todo mundo pode, os homens podem, a gente pode, as lésbicas podem, os gays podem, quem quiser ajoelhar, ajoelha. A gente não faz isso porque é mais gostoso a sacanagem. Mas é mostrar que somos todos nada além do que seres humanos. Não tem essa conotação de machismo: olha lá, os caras estão se ajoelhando. Não tem nada disso. O Ajoelhaço foi uma ideia de mostrar que estamos juntos, que todo mundo se respeita, se ama.

Vejo o Ajoelhaço como as cotas então. Não é um pedido de desculpas de 500 anos? É mais ou menos isso. Nem todos homens se ajoelham porque estão com raiva, alguns ajoelham para brincar, alguns se ajoelham para pedir desculpa de verdade. A gente já teve um caso de um homem que se ajoelhou para pedir desculpa de verdade, ele tinha batido na mulher dele há três dias atrás e ele pediu desculpa, participou do Ajoelhaço muito firme. Eu sei porque a gente estava conversando, ele abaixou, pediu desculpa para ela, pediu perdão e aquilo serviu para ele naquele dia para ele ver que estava errando.

Em entrevista para esta pesquisa, a produtora cultural Viviane de Paula, que esteve à frente da Cooperifa durante 14 anos, falou sobre o encontro.

E6<sup>29</sup>: Não fui eu que criei, mas assim, eu acho que é símbolo. Quando foi criado, ele foi um ato simbólico, para realmente as pessoas pararem para pensar, refletir, como você faz um oração. É o que eu penso. Não que isso seja “ah, foi a melhor coisa”, porque não existe a melhor situação para você pedir perdão para a mulher, mas pode ser através de alguns atos, você começa a dar essa abertura, para se pensar, para pensar nisso. Porque não adianta você ir lá na Cooperifa, ajoelhar seu pezinho e continuar sendo uma pessoa ruim depois. Não tem lógica. Mas eu acho que é um símbolo mais para pensar, para você poder repensar, é uma oportunidade de você pensar, não existe glamour, existe uma forma de conscientização, como a gente cria algumas coisas para se conscientizar, eu acho que é mais um que foi feito para isso. Não tem outro, não existe outro fim. Foi feito para isso.

Tema de reportagens e debates sobre machismo, o Ajoelhaço é bastante conhecido entre os frequentadores de saraus, contudo, embora várias ações da Cooperifa como o formato do sarau, a distribuição de livros nas periferias, eventos literários em escolas, *Cinema na Laje*, *Poesia no Ar* entre outros, sejam reproduzidos por outros saraus Brasil afora, o Ajoelhaço é o único de fora da lista e que nunca foi realizado em outros espaços e/ou saraus. É notável também que esta é uma pauta bastante discutida entre as mulheres, mas que os homens, com exceção de Sérgio Vaz e os que estão na ‘linha de frente’ da Cooperifa, não se manifestam sobre o evento.

Ao que tudo indica, o ato tido como simbólico por muitos – inclusive pelas mulheres – continuará fazendo parte do sarau, no encontro mais próximo ao que se comemora o Dia Internacional da Mulher, e apesar da divisão de opiniões, força o debate acerca do assunto, o que é visto como positivo em um universo em que as próprias frequentadoras apontam como muito masculino.

---

<sup>29</sup> Entrevista com Viviane de Paula realizada no Centro Cultural de São Paulo (CCSP) para esta pesquisa no dia 18 de fevereiro de 2016.

## 2.4 – Equidade: podem as mulheres de periferia falar?

Após entendermos a história da literatura marginal/periférica no Brasil, identificamos que há diferentes momentos. O primeiro deles, quando Carolina Maria de Jesus: negra, favelada e semianalfabeta publicou o primeiro livro, sucesso de vendas no Brasil e traduzido para 13 idiomas.

O segundo momento, entende-se como a retomada do discurso por parte de autores da periferia com as primeiras publicações de livros feitos por moradores das periferias, tais como Sérgio Vaz, Alessandro Buzo e Ferréz, no final dos anos 1990 e começo dos anos 2000.

Porém, é também neste período, que nota-se a ausência da equidade de gênero na literatura marginal/periférica, que, nos moldes como a tratamos na pesquisa, foi iniciada por uma mulher, mas, 40 anos depois, passou a ser praticada, porém quase que exclusivamente por homens. Foi necessária quase uma década de atuação para que as mulheres se organizassem em busca do próprio espaço e lugar de fala dentro do movimento.

Por outro lado, nesta década, para entender a literatura marginal/periférica é necessário compreender a voz e o estilo narrativo dos autores – ainda em sua maioria homens. Conforme observa Peter Burke, a narrativa é também um processo histórico e envolve elementos políticos a partir da realidade dos narradores, ou seja, ao criar poesias, crônicas e narrativas do cotidiano pela própria voz, o escritor marginal/periférico vira também um repórter da própria realidade, um porta voz da própria narrativa.

“(…) os historiadores estruturais mostraram que a narrativa tradicional passa por cima de aspectos importantes do passado, que ela simplesmente é incapaz de conciliar, desde a estrutura econômica e social até a experiência e os modos de pensar da pessoa comum. Em outras palavras, a narrativa não é mais inocente na historiografia do que é na ficção. No caso de uma narrativa de acontecimentos políticos, é difícil evitar enfatizar os atos e as decisões dos líderes, que proporcionam uma linha clara à história, à custa de fatores que escaparam ao seu controle (...) (BURKE, 1992, p. 332)

Deste modo, voltamos a evidenciar que a primeira escritora marginal brasileira, Carolina Maria de Jesus, do ponto de vista de quem fala de dentro para fora, da favela para o mundo, foi uma mulher, contudo, atualmente, mesmo com a efervescência da literatura marginal/periférica, o número de mulheres que escrevem e relatam o cotidiano da periferia ainda é inferior ao de homens.

Partindo do início desta retomada da literatura marginal a partir dos anos 2000, percebe-se que as edições das revistas feita por Ferréz trouxeram apenas 9 mulheres, contra 47 homens, estabelecendo um percentual 81% menor de participação feminina.

***Tabela 1 – número de mulheres e de homens em participação nas edições da revista Literatura Marginal (atos I, II e III) da Caros Amigos:***

<b>Revista</b>	<b>Ano</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
Literatura Marginal – Ato I	2001	10	0
Literatura Marginal – Ato II	2002	18	05
Literatura Marginal – Ato III	2004	19	04
<b>TOTAL</b>		<b>47</b>	<b>9</b>

***Jéssica Balbino, elaboração da autora, 2016.***

Com estes dados, que marcam o recorte temporal da pesquisa, notamos que a primeira edição trouxe 10 autores e nenhuma mulher. Já a segunda, trouxe cinco autoras e a terceira quatro.

Conforme já mencionamos, das mulheres que participaram das primeiras edições da Caros Amigos, cabe-nos destacar Cláudia Canto, que seguiu com a carreira literária – e jornalística –, publicando quatro livros: *Morte às vassouras* (2002), *Bem-vindo ao mundo dos raros* (2004), *Mulher moderna tem cúmplice* (2006) e *Cidade Tiradentes, de menina a mulher* (2008), bem como a trajetória de Elizandra Souza, que emerge como uma figura feminina de destaque na literatura, uma vez que prosseguiu com a carreira – e assim como Cláudia Canto, formou-se jornalista – e não é apenas poeta, mas também articuladora da cultura, atuando e contribuindo com a viabilização e publicação de novas autoras.

A gente é a voz da periferia? É, mas a gente é só uma voz. (...) O que faz a Elizandra, moradora do Porto Velho, ir no Sarau do Elo da Corrente em Pirituba e se sentir parte de lá? Acho que essa coisa de pertencimento [não é só porque] a gente partilha misérias e pobreza. Não é isso. É muito mais que nos aproxima. As dificuldades existem, a gente não pode esquecer que periferia é um lugar desprovido de condições básicas de sobrevivência, e mesmo assim a gente sobrevive e faz coisas belíssimas. É muito complexo, mas ao mesmo tempo que eu reconheço, eu sei que ela é complexa, eu não consigo defini-la. Ela é tão complexa a ponto de senti-la, mas não conseguir descrevê-la. Acho que é essa coisa do pertencimento mesmo. (PEÇANHA, 2015, p. 209)

Apesar da falta de equidade na publicação, mostrando que menos mulheres se fizeram conhecidas neste primeiro marco histórico do movimento que é vivido e com tanta efervescência atualmente, as coletâneas lançaram escritoras que fazem hoje da literatura seu ofício.

A partir deste ponto, vamos tentar entender o que faz com que a participação das mulheres seja, via de regra, menor, nas antologias lançadas entre 2001 e 2016. Buscaremos então entender os motivos que levam a esta ausência feminina nas obras feitas pelos sujeitos periféricos.

## CAPÍTULO 3

### 3.1 – Vozes e silêncios se misturam em locais e agentes de enunciação e escrevivência

Ao analisar o contexto da literatura marginal/periférica e o hiato de participação das mulheres, esbarra-se, em questionamentos sobre os fatos. Seriam as mulheres pouco interessadas no ofício da escrita? O que impede às mulheres de participarem em número igual aos homens nas publicações e antologias? Há opressão machista no que diz respeito às mulheres como poetisas e escritoras? Isso aplica-se também ao novo estilo literário efervescente no Brasil desde o início deste século? Tais vozes foram silenciadas por forças políticas dominantes?

Historicamente, a dominação sempre barrou as vozes tidas subalternas<sup>30</sup> e por conseguinte, construções paternalistas também sempre vetaram a voz feminina, seja por meio da política, seja por meio do trabalho ou mesmo da literatura, conforme pontuou Spivak: “‘Pode o subalterno falar?’ e ‘pode a mulher subalterna falar’?, nossos esforços para dar ao subalterno voz na história estarão duplamente suscetíveis ao perigo (...)”

É importante pontuar que esta pesquisa não trata as mulheres escritoras de periferia como subalternas, uma vez que este conceito é aplicado de cima para baixo, esmagando os que estão na base da pirâmide social. Nosso percurso aqui é evidenciar a voz destas autoras, que sim, não apenas podem, mas falam e representam – como veremos adiante – todo um coro de outras mulheres periféricas.

---

<sup>30</sup> O termo aparece no ensaio de Gayatri Chakravorty Spivak, “Pode o subalterno falar?”, que exemplifica questões de discurso e vozes dos subalternos.

A pesquisa “*Livro Literatura Brasileira Contemporânea — Um Território Contestado*” realizada em 2005 pela escritora e professora Regina Dalcastagnè mostra que o escritor brasileiro contemporâneo é homem (72,7%), branco (93,9%), de meia idade, cursou o ensino superior e reside no eixo Rio - São Paulo. O perfil médio dos escritores se assemelha à representação dos personagens nos romances brasileiros contemporâneos. Eles são, em sua maioria, homens (62,1%) e heterossexuais (81%). As principais ocupações dos personagens masculinos são escritor (8,5%), bandido ou contraventor (7%) e artista (6,3%). As personagens femininas são donas de casa (25,1%), artistas (10,2%) ou não têm ocupação (9,6%). A assimetria prossegue no que diz respeito à cor. Os personagens negros são 7,9% e têm pouca voz: são apenas 5,8% dos protagonistas e 2,7% dos narradores. Os brancos são, em geral, donas de casa (9,8%), artistas (8,5%) ou escritores (6,9%). Os negros são bandidos ou contraventores (20,4%), empregados(as) domésticos(as) (12,2%) ou escravos (9,2%). Enquanto a maioria dos brancos morre, na ficção, por acidente ou doença (60,7%), os negros morrem mais por assassinato (61,1%).

Ainda na pesquisa de Dalcastagnè, nota-se que entre os anos de 1965 e 1979, 82,6% dos livros foram escritos por homens, contra 17,4% escrito pelas mulheres. Já em um comparativo entre 1990 e 2004, de 165 obras pesquisadas, são 72,7% feitas por homens e 27,3% feitas por mulheres.

Ou seja, com base nestes dados, mesmo em escritores de grandes editoras, conclui-se que a mulher – especialmente a mulher negra – está ‘desprovida’ de voz e de ouvidos dispostos a ouvi-la na chamada literatura contemporânea. Pelo menos a das grandes editoras, que é o corpus da pesquisa supracitada

Ainda aqui, cabe pontuar que apesar do avanço tecnológico no mundo, com o surgimento e fortalecimento da imprensa e da palavra escrita, ela sempre foi restrita aos que detinham o poder e às classes mais elevadas e quase nunca acessível para a periferia como um todo, que sempre se expressou mais de maneira oral e menos de maneira histórica e por escrito. Estabelece-se aqui a disputa pelas narrativas, deixando às classes mais abastadas este poder.

Neste ponto, entende-se que a mulher periférica, expressa-se ainda menos que o homem, ou, conforme mostrou a pesquisa de Dalcastagnè, tem menos audição à voz que profere, mesmo enquanto personagem. Esta colocação vai ao encontro do que já nos diz Spivak: “O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à 'mulher' como um item respeitoso nas listas de prioridades globais” (SPIVAK, 2010, pág. 165)

Porém, há controvérsias quanto ao questionamento da escritora indiana, em especial no contexto da literatura marginal/periférica. Para o mexicano Alejandro Reyes – também autor de uma obra de literatura marginal de ficção ambientada no Brasil -, a indagação poderia ser outra.

Nas periferias, a ninguém ocorre perguntas se o subalterno pode falar. Em vez disso, a pergunta é outra: se o sujeito privilegiado pode escutar (em minha opinião, a pergunta de Gayatri Spivak teria ficado muito mais interessante expressada dessa forma). (REYES, 2013, pág. 16)

Assim, voltamos a citar Spivak (2010), que em seu ensaio, questiona, várias vezes, em um movimento de crítica e tensão a diferentes teorias e também teóricos que vão falar pelo subalterno e com o subalterno, mas não irão constituir um espaço para que ele – o subalterno/oprimido fale. Para a pesquisadora indiana, produções feitas de forma dissociada – sem que o subalterno fale, seja ouvido, ou tenha um espaço de fala constituído – compactuam com o modelo hegemônico e imperialista da sociedade. Neste ponto, ela traz críticas a Foucault, que são ancoradas em Derrida. “Spivak aponta a ‘violência epistêmica’ à que a ciência, aquela mesma que Foucault critica, submeteu os saberes gestados fora de seus cânones e, assim, os sujeitos produtores desses saberes” (PELÚCIO, 2012, p.402).

Em seu ensaio “Pode o Subalterno Falar?”, Spivak destaca:

Desta forma, quando formos confrontados com as perguntas: “pode o subalterno falar?” e “pode a mulher subalterna falar?”, nossos esforços para dar ao subalterno uma voz na história estarão duplamente suscetíveis aos perigos que incorre o discurso de Freud. Como um produto dessas considerações, elaborei a sentença, “homens brancos estão salvando mulheres de pele escura de homens de pele escura”, com um espírito semelhante ao encontrado nas investigações de Freud (...). (SPIVAK, 2010, p. 119)

Para a ensaísta Spivak, o que é posto como violência é a prática de ‘neutralizar’ o outro a partir do discurso – seja este outro considerado um subalterno, um colonizado, ou uma mulher – invisibilizando-o, impedindo-lhe qualquer possibilidade de representação e/ou protagonismo. Ainda conforme Spivak (2010) Foucault permaneceu exercendo uma função, que tradicionalmente era desempenhada por intelectuais imperialistas, ser porta-voz e orientadores das massas subalternas.

Assim, como nos sugere Alejandro Reyes, buscamos entender se de fato, estão os privilegiados dispostos a escutar e em que momentos a voz destas mulheres periféricas rompe o muro invisível entre elite e periferia, entre academia e subalternos e se faz audível a todos, sem passar pelo crivo da classe social.

É neste ponto então que ressaltamos que o subalterno pode, obviamente, falar. E ele fala. Contudo, há a falta de interesse do privilegiado – também lido como opressor em alguns casos – em ouvir o que ele tem a dizer. Sem este interesse, tudo que os “subalternos” – em especial as mulheres da periferia – tornam-se inaudíveis ou como se nunca tivessem sido ditos.

Por outro lado, podendo se autorrepresentar como autoras das próprias histórias, as mulheres, escritoras periféricas, tomam o lugar de fala e contrapõem o que constrói Spivak e nos é apresentado por Sandra Regina Goulart Almeida, no prefácio do livro.

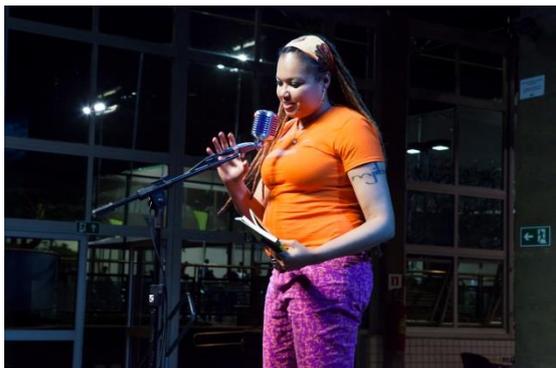
A teórica exemplifica sua crítica por meio do relato de uma história que privilegia o subalterno feminino, pois, segundo ela: “Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade (SPIVAK 2010, p. 17)

Não apenas contestamos tal informação, mas destacamos que a mulher de periferia, neste ensaio da indiana Spivak tida como subalterna e imersa na obscuridade da própria representação, pode falar e fala. Para a pergunta de Spivak, pode, sim, a mulher subalterna falar. Pode se autorrepresentar, em qualquer que seja esta forma de se apresentar ao mundo e nos contar sua própria história, a exemplo do que fez, há 50 anos, Carolina Maria de Jesus e do que fazem as integrantes de coletivos femininos e organizadoras de antologias 100% femininas em nossas periferias.

Reconhecendo a própria voz, estas mulheres brasileiras rompem com qualquer estereótipo que lhes é dado ao emergirem das periferias com seus textos, suas reivindicações por meio de performances e suas dores declamadas com rigor nos microfones e palcos de saraus mundo afora.

### **3.2 – Trajetórias e vozes: de Carolina Maria de Jesus a Elizandra Souza**

Conforme já dissemos, Carolina Maria de Jesus, já largamente pesquisada no meio acadêmico, no entanto, bastante citada neste estudo, por ser a primeira escritora marginal/periférica a publicar um livro, não tinha noção, inicialmente, de sua condição como escritora. Apesar de acumular cadernos, escritos, por vezes denúncias, reflexões e poesias, levou tempo a enxergar-se poeta. O mesmo ocorreu – e ainda ocorre – com poetisas e escritoras da literatura marginal/periférica, que apesar de escreverem e acumularem tais escritos, negam-se ao rótulo de poetisas e/ou escritoras, por não investirem o tempo que desejam no ofício, por não conseguirem ainda sobreviver exclusivamente desta arte e por razões diversas. Neste



**Figura 12 - Elizandra Souza, uma das mais importantes vozes femininas**

subcapítulo trazemos a escritora Elizandra Souza, que aparece no Ato III da coleção de revistas *Literatura Marginal* e foi uma das poucas escritoras a despontar na ocasião a seguir com a carreira e a tornar-se multiplicadora da palavra, tanto enquanto jornalista, como enquanto

poeta. Para ela, ter voz é poder retratar o que se sente, independe da esfera e da forma de escrita, o que reforça o protagonismo, já que ela escreve a partir de um lugar específico, deixando evidente que outro não poderia fazer isso por ela. “O meu olhar vai ser de mulher da periferia, de mulher negra, mas nem sempre isso vai estar explícito no meu texto” (PEÇANHA, 2015, p. 163)

De acordo com Elizandra por aparecer na coleção *Literatura Marginal*, organizada por Ferréz na revista *Caros Amigos* em 2004 e desde então, ter aparecido em diferentes obras e coletâneas (*Pelas Periferias do Brasil – Vol. 4, Negrafias*, etc) até chegar a publicações autorais e a publicação de uma antologia apenas com mulheres negras, bem como a viabilização de outra obra, também pelo selo do projeto *Mjiba*<sup>31</sup>, houve uma expansão da cena após a publicação das revistas, que, do ponto de vista dela, conferiu voz e vez aos subalternos, neste caso da pesquisa, tratados como sujeitos periféricos.

Do Grajaú, na periferia da zona Sul de São Paulo, Elizandra Souza morou com a família, ainda criança, em Nova Soure, na Bahia e retornou à capital paulista em 1996, onde vive até hoje. Às margens da Represa Billings, foi onde conheceu a cultura hip-hop e passou a escrever o fanzine *Mjiba*. Foi nesta época, no início dos anos 2000, que passou a exercitar a vocação para a escrita, vindo a tornar-se, posteriormente, jornalista.

<sup>31</sup> A palavra *Mjiba* é originária de Zimbabuê, da língua chona e significa Jovem Mulher Revolucionária. *Mjibas* foram mulheres guerrilheiras que enfrentaram as tropas britânicas e lutaram pela independência do seu país. Mais em [www.mjiba.com](http://www.mjiba.com)

Mas, foi apenas em 2004 que passou a integrar a Cooperifa. Foi neste mesmo ano que teve os poemas publicados na revista Caros Amigos e em 2006 integrou o disco “Sarau da Cooperifa”, com poemas gravados e editados em um CD. Neste mesmo ano ela também publicou pela primeira vez nos Cadernos Negros.<sup>32</sup>

“Eu comecei a escrever mais ativamente em 2001, por causa do meu *fanzine*. [Hoje eu escrevo mais] poesias e textos jornalísticos. A [minha] primeira publicação foi na Revista Caros Amigos/Literatura Marginal. Depois da revista, a minha rede de contatos aumentou, juntamente com as oportunidades de divulgação em diversos espaços” (PEÇANHA, Érica. 2015, p. 162)

Após publicar pelas primeiras vezes nestas antologias, Elizandra Souza lançou o livro ***Punga***, em parceria com Akins Kintê. No anterior, em 2006, ela ingressou no curso de jornalismo na Universidade Metodista Mackenzie, por meio de uma bolsa do Prouni (Programa Universidade Para Todos), criado pelo governo federal, para dar apoio a estudantes de baixa renda. Em 2008, passou a trabalhar na *Ong Ação Educativa*, como estagiária da Agenda da Periferia. Após formar-se, tornou-se editora da publicação e permanece no trabalho até o momento. Para ela, os saraus são fundamentais no que fomenta a voz das mulheres.

---

<sup>32</sup> Os Cadernos Negros são uma publicação idealizada pelo Quilombhoje. As primeiras publicações tiveram início no final da década de 1970 e permaneceram. São feitas ‘seletivas’ dos textos. Em um ano, são publicadas poesias, no outro, contos.

Os saraus vieram [para] possibilitar que as pessoas se conheçam também. O sarau te dá voz, dá essa possibilidade de visibilidade para as pessoas que nunca foram ouvidas, que nunca foram visibilizadas, queridas, né? Então você vai lá e é aplaudido, isso é gratificante. Eu fico constrangida por chegar atrasada [a um sarau], eu vejo como meu compromisso, é um compromisso comigo mesma. Eu quero ir, mas eu quero ouvir as pessoas, eu quero ouvir as poesias. Ir lá declamar não é meu objetivo, mas minha forma de contribuir é com o poema. Você saber que faz parte daquele ritual é muito importante. (PEÇANHA, 2015, p. 205/206)

Em 2012, Elizandra publicou seu segundo livro de poesia, agora sozinha, chamado **“Águas da Cabaça”**. Em 2013 organizou, junto com Carmem Faustino, a coletânea **“Pretextos de Mulheres Negras”** da qual participaram 22 autoras negras.

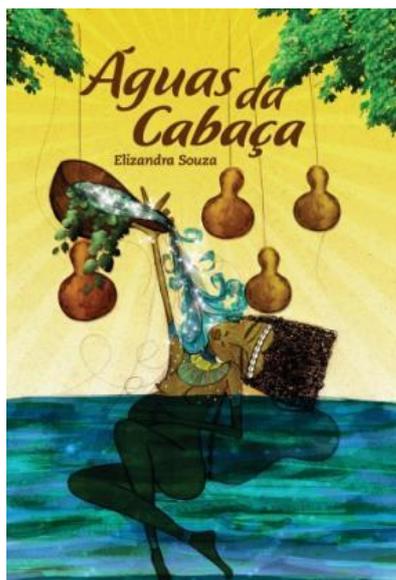


Figura 13- Livro **Águas da Cabaça** escrito por Elizandra Souza

Contudo, embora esteja explicitado na história da autora o desejo de ser poeta, de ter-se tornado comunicadora, há, que analisar em sua obra, o lugar o agente enunciativo e a importância do que é dito e também do que é silenciado. Sua produção literária é carregada de memórias e ancestralidade, bem como de luta e autoafirmação da identidade enquanto mulher negra. Em suas produções, Elizandra Souza reconstrói o local de subalternidade ocupado pelas mulheres negras, o que, para a pesquisadora Sueli Carneiro, é um esforço de autorrepresentação.

O esforço pela afirmação de identidade e de reconhecimento social representou para o conjunto das mulheres negras, destituído de capital social, uma luta histórica que possibilitou que as ações dessas mulheres do passado e do presente (especialmente as primeiras) pudessem ecoar de tal forma a ultrapassarem as barreiras da exclusão. O que possibilitou, por exemplo, que a primeira romancista brasileira fosse uma negra a despeito das contingências sociais em que ela emergiu? (CARNEIRO, 2003)

Quando Elizandra Souza, com sua poética, convoca as vozes silenciadas de várias mulheres periféricas e negras, ela consegue resgatar do esquecimento das narrativas tradicionais a memória transgressiva de suas respectivas intelectuais subjugadas, como Carolina Maria de Jesus, antes de ser 'descoberta' poeta. Deste modo, ela consegue reconectar as vozes femininas que estão sufocadas e retoma, por meio da literatura, o que Carolina começou há meio século: as denúncias de um universo periférico por meio da literatura.



### **Calar o grito/Gritar o Silêncio...**

Entoa a canção...

Harmoniza os passos descompassados

Pulsam de vida: a voz, a vida e a rima

As crianças ouvem o silêncio das palavras

Os homens insultam os gritos das crianças

As mulheres desejam os silêncios e os gritos

Os gritos e os silêncios....

Neste ritmo...

O silêncio....

O grito....

O silêncio....

O grito....

O grito...

O silêncio...

No fundo elas vão calar o grito...

E gritar o silêncio....

Calar o grito!

Gritar o silêncio!

(*Elizandra Souza. Águas da cabaça, 2012*),



Para entendermos a proximidade entre as duas escritoras e o que as liga, é preciso compreender que Carolina Maria de Jesus foi a primeira a se manifestar e publicar um livro, sendo lida, atualmente, como a precursora deste movimento e inspirando inúmeras outras mulheres negras e moradoras de periferia. É claro que neste contexto temos outras autoras como Conceição Evaristo, Míriam Alves, Esmeralda Ribeiro, Sueli Carneiro, Livia Natália, entre outras, fazendo um trabalho bastante conectado com o que foi iniciado por Carolina, contudo, dentro do recorte temporal estabelecido aqui e dentro do que temos como marco da literatura marginal/periférica, dentro do ambiente dos saraus e slams, da juventude negra periférica formada academicamente e que circula por todos os ambientes e da importância em estimular e garantir que outras iguais tenham espaços e vozes semelhantes, Elizandra Souza não apenas encaixa-se, como extrapola o que é delimitado, representando as mulheres em inúmeras poesias, falas e eventos aos quais é convidada. Não se trata de uma comparação entre ambas autoras, mas de um fio que as conecta pelos caminhos da literatura feita por mulheres que estão às margens.

Nesta poesia supracitada **Calar o grito/Gritar o Silêncio...**, Elizandra Souza evidencia o silêncio quase 'obrigatório' da mulher diante da vida, mas, reforça a desconstrução por meio de um grito sufocado, não mais contido. Os versos trazem ainda o lugar da mulher enquanto subalterna, enquanto mãe, enquanto 'esposa', enquanto em um lugar em que deve calar-se diante dos homens. Na segunda parte, a poesia traz a revolta, ainda que sutil, e a mudança de local de fala. Quando as mulheres conseguem calar este grito e gritar tudo que lhes é silenciado. Desta maneira, Elizandra desconstrói a permanência perversa da dominação masculina sobre a voz feminina e mais, da dominação classista sobre a voz subalterna, reverberando o próprio silêncio feminino.

Deste modo, entende-se que do ponto de vista literário, a literatura marginal feminina ressignifica o que vinha sendo apenas dito, entoado, declamado e escrito por homens, mesmo os 'marginais'. A amplificação da voz feminina, adquirida por meio de suas autorrepresentações, de suas autopublicações, de sua carreira literária autogerenciada e do impulso a congregar outras mulheres, como veremos adiante, pode sim, significar o fim de um período de silêncio literário, mesmo nas periferias.

Elizandra Souza utiliza-se de suas próprias vivências para escrever as poesias e também para criar oportunidades a outras mulheres, como com o evento Mjiba, realizado em São Paulo, a fim de celebrar o Dia da Mulher Negra, instituído na República Dominicana em 1992, durante o Congresso de Mulheres Afro-Latinas-Americanas e Afro-Caribenha, com arte, cultura e claro, muita literatura e poesia. É também, com o selo Mjiba que ela publicou o primeiro livro autoral e viabilizou a publicação da antologia 'Pretextos de Mulheres Negras' e também do livro autoral de Jenyffer Nascimento, o 'Terra Fértil'.

Apesar de toda a agitação cultural, que a fez, em 2016, representar o Brasil no 'Festival de Poesia de la Habana', em Havana, Cuba, Elizandra ainda encara o ato de escrever como solitário, exatamente como fazia Carolina Maria de Jesus há mais de 50 anos.

Eu amo literatura, mas gostar de literatura é uma coisa solitária. Do lugar de onde eu vim, pouquíssimas pessoas têm acesso ao universo do livro, da literatura, muitas não estão nem sabendo do que eu estou falando. Então, você encontrar pessoas que gostem de ler, você falar de livros e as pessoas abrirem os olhos, ainda mais num país como o nosso, de poucos leitores...Nossa! [E eu acredito] que tem sim, sim, um movimento de saraus, a gente criou uma identidade. (PEÇANHA, 2015, p. 206)

É comum questionarmo-nos: o que mudou desde Carolina Maria de Jesus a Elizandra Souza? E talvez aqui estejam algumas respostas. Ou ainda tentar comparar a literatura feita por ambas, ou colocar em um mesmo patamar o que tais autoras escreveram, ou ainda outras autoras negras e periféricas brasileiras, contudo, neste trabalho, evidenciamos a linha que as une: a periferia, a escrita, o registro histórico do próprio tempo através da literatura, a etnia e a vontade de se autorrepresentar, contar e escrever sobre o que vivem. Tomamos como paralelo as duas, já que nesta pesquisa, Carolina Maria de Jesus aparece como a primeira favelada a publicar um livro no país e Elizandra Souza, apesar de suas contemporâneas tais como Conceição Evaristo, Miriam Alves, Ana Maria Gonçalves, Sueli Carneiro, entre outras, é uma moradora da periferia paulistana que escreveu sob a alcunha de marginal na terceira edição da revista *Literatura Marginal*, em 2004, e segue, 12 anos depois, sendo expoente desta mesma literatura, frequentando saraus, representando a literatura feita às margens do cânone em outros países e mais, contribuindo para que outras autoras, também da periferia, publiquem seus livros, tirem suas poesias da gaveta, enfim, entendemos aqui que Elizandra Souza tornou-se não apenas uma escritora de periferia quase 50 anos depois de Carolina Maria de Jesus, mas uma leitora, entusiasta e multiplicadora desta mesma literatura.

Embora a solidão sentida pelas escritoras seja a mesma, Carolina estava isolada em seu ofício de retratar o dia a dia da favela e Elizandra Souza consegue encontrar, em coletivos protagonizados por ela ou não, de outras mulheres, a troca necessária para seguir produzindo literatura. Sob esta perspectiva, talvez esta seja a principal mudança nestes 50 anos em que as mulheres escrevem. De um mesmo lado e separadas apenas pelo tempo, Carolina Maria de Jesus e Elizandra Souza estão juntas.

## Capítulo 4

### ***4.1 - Antologias: um mapeamento da participação das mulheres nas publicações da literatura marginal***

Com a expansão da literatura marginal/periférica no Brasil, considerada, por estudiosos como um dos mais legítimos movimentos de cultura popular do país nos últimos anos, a ‘regra’ de que os subalternos não podem falar foi invertida, como já vimos e eles passaram não apenas a ter voz, mas também a utilizá-la para falar – em saraus – escrever poesias, publicar os próprios livros e criar, inclusive, os próprios selos literários, conforme observa Leite.

“A literatura periférica não pode ser abordada apenas pela obra que se encontra publicada. Até mesmo as coletâneas de saraus onde estão lá muitos poemas que surgiram antes na boca dos poetas, diante do microfone e da plateia sedenta não podem ser analisadas apenas na frieza do papel” (LEITE, sem paginação).

Durante os 15 anos de literatura marginal/periférica no Brasil observamos um movimento crescente de autopublicação. Muitos autores – e posteriormente autoras – financiam os próprios livros em gráficas aptas a fazerem pequenas tiragens. Porém, não satisfeitos, muitos deles montam suas próprias editoras e selos, publicando os próprios livros e os de outras pessoas.

No período de uma década e meia que tratamos nesta pesquisa, notamos que é maior o número de homens do que de mulheres que lançam editoras e selos, bem como as publicações, no entanto, já nota-se, nos últimos cinco anos, conforme veremos adiante, a criação de antologias e selos femininos.



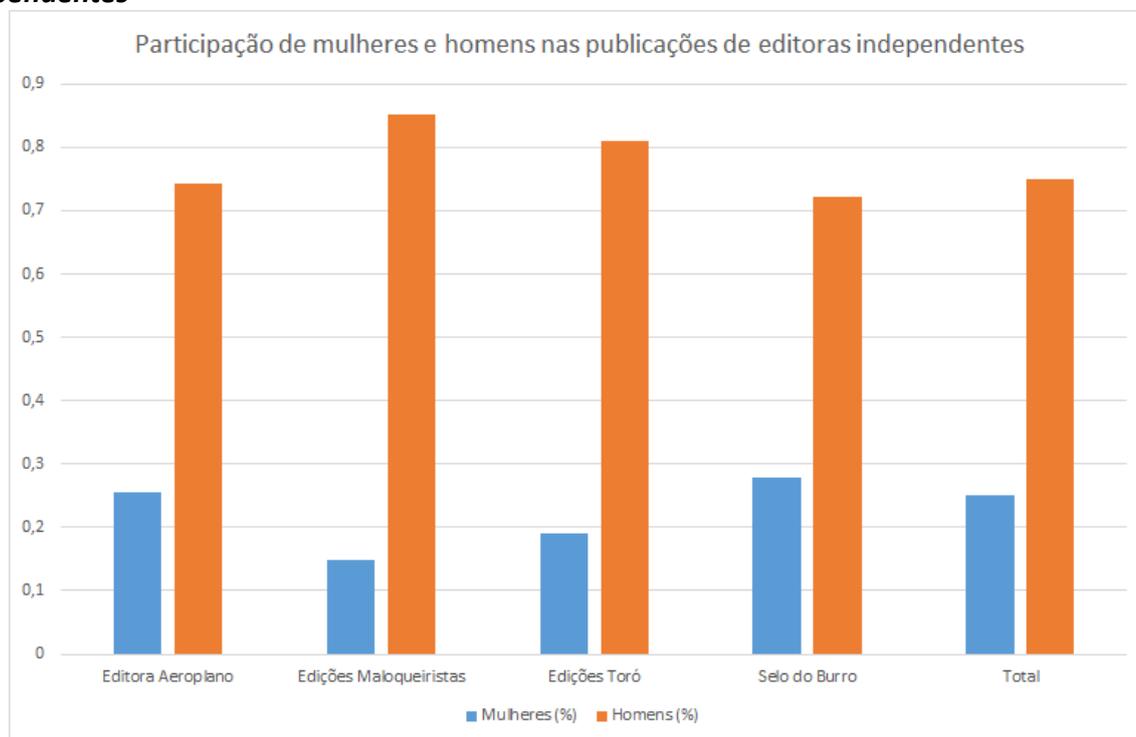
Figura 14- Coleção *Tramas Urbanas* organizada por Heloísa Buarque de Hollanda

Figura feminina e pioneira no registro da literatura marginal dos anos 1960 – a geração mimeógrafo – Heloísa Buarque de Hollanda volta à cena na metade da primeira década do século XXI para lançar a coleção “*Tramas*

*Urbanas*”, pela editora Aeroplano. Com 32 volumes – até o ano de 2015, quando foi proprietária da editora - lançados e distribuídos, com histórias narradas pelos próprios habitantes das periferias, sobre diferentes temas, afim de transformar o subalterno em agente enunciativo da própria história.

Entretanto, ao longo deste período, o número de mulheres nas publicações também é inferior ao de homens. Ora elas participam como coautoras, ora como pesquisadoras e acadêmicas e nem sempre como vozes emancipadas ao relatar a própria história. Neste caso, a participação feminina é 60% inferior à masculina, já que a editora publicou 25 homens e 9 mulheres.

**Gráfico 1 – Participação de mulheres e homens nas publicações de editoras independentes**



Para publicar a voz aos integrantes do coletivo Poesia Maloqueiristas, a **Edições Maloqueiristas** surgiu em 2002, com a publicação de livretos e folhetos de forma artesanal, em fotocópias. Idealizada por Berimba de Jesus e Renato Limão, em 2008, a editora publicou os primeiros livros e novos autores, estabelecendo uma linguagem própria de formato e poesia. A partir de 2014, por meio de um projeto envolvendo o programa de captação de recursos VAI <sup>33</sup> a editora Hedra, a coordenação editorial de Berimba de Jesus, projeto gráfico de Victor Meira, revisão e produção de Juliana Bernardo, a editora lançou um box reunindo 28 publicações – sendo 18 reedições e 8 livros inéditos.

<sup>33</sup> Programa que financia e viabiliza projetos culturais feitos por agentes da periferia de São Paulo (SP).

De acordo com os organizadores da coleção, “estão reunidos neste box autores estreantes e escritores que já circulam pelo meio literário ou pela cena contraculturista da literatura. Os livros da Edições Maloqueiristas <sup>34</sup>são raridades, muitos estão esgotados. Nesta edição especial, procuramos preservar essas obras e registrar essa trajetória literária que teve o Coletivo Poesia Maloqueirista como vértice”.

Ainda no campo das editoras próprias e pequenas tiragens de livros, temos a “**doburro**”, coordenada por Daniel Minchoni, que desde 2011, já publicou 23 livros e prepara-se para o lançamento de novos em 2016. O selo é atrelado ao sarau doburro e também ao menor slam do mundo, de onde já foram publicadas antologias e livros com os ganhadores. Em um breve levantamento, podemos observar que dos 23 volumes publicados, aparecem neles 139 homens contra 62 mulheres. Do total de mulheres, apenas 6 (Sinhá, Anna Zêpa, Luz Ribeiro, Luiza Romão, Juliana Damante e Michele Navarro) possuem livros individuais, sendo que as duas primeiras publicaram três e dois volumes, respectivamente, pelo mesmo selo.

Já a “**Edições Toró**”, uma das primeiras a publicar autores marginais/periféricos no Brasil em 2005 e, com livros – a maioria já esgotados – que combinavam o artesanal e o digital, lançou autores como Elizandra Souza, no livro “Punga”, que ela dividiu as páginas com Akins Kintê, além de Dinha, com “De passagem mas não a passeio”, Maria Tereza, com “Negrices em Flor”, e coletâneas como “Um segredo na boca do céu – pra nossa molecada”, com 23 autores da Cooperifa. Inclusive, autores como o próprio Allan da Rosa (coordenador da editora) e Dinha viriam a integrar a coleção “Literatura Periférica”, da Global editora em 2007, e assim como Dinha, outros autores como Elizandra Souza e Rodrigo Ciríaco criariam os próprios selos editoriais.

---

<sup>34</sup> Disponível em <http://poesiamaloqueirista.blogspot.com.br/p/edicoes-maloqueirista.html>

Mas, pela Edições Toró, de 32 autores publicados , apenas 8 são mulheres, sendo que uma delas, Elizandra de Souza, divide a publicação com outro homem e no livro/coletânea “Um segredo na boca do céu”, apenas 5 de 23 autores são mulheres. No entanto, é importante lembrar que todos os livros da editora, bem como pesquisas acadêmicas na área da literatura marginal, estão disponíveis na íntegra no site da editora<sup>35</sup>.

Porém, não podemos ignorar o aspecto comercial e diante dele podemos afirmar que a criação de pequenos selos e editoras e a publicação feita a partir de recursos próprios ou financiamentos coletivos trouxe aos autores um novo ‘modelo’ de mercado, já que muitas vezes, eles economizam, arrecadam dinheiro para viabilizar as próprias impressões e depois dependem da venda para repor esta verba, bem como para viver. Além disso, há ainda, muito a prática do escambo e não obstante, é comum ver autores da literatura marginal/periférica trocando livros entre si.

Como observou Peçanha “nestes casos, a circulação dos textos ocorre, principalmente, nos bairros de periferia, até porque os próprios autores ficam encarregados de vender os próprios livros”.

O curioso é que este acesso restrito ao universo das grandes editoras estimulou experiências de produção organizadas pelos próprios escritores, ao mesmo tempo que demandou respostas ao poder público por meio de editais específicos voltados para os artistas da periferia. Um exemplo bastante específico é o da Edições Toró, organizado pelo escritor Allan da Rosa e que inspirou outras iniciativas semelhantes organizadas a partir de saraus periféricos. (PEÇANHA, 2011, p. 109)

---

<sup>35</sup> Disponível para download em: <http://www.edicoestoro.net/>

De 32 autores publicados, apenas 8 são mulheres, sendo que uma delas, Elizandra de Souza, divide a publicação com outro homem e no livro/coletânea “Um segredo na boca do céu”, apenas 5 de 23 autores são mulheres. No entanto, é importante lembrar que todos os livros da editora, bem como pesquisas acadêmicas na área da literatura marginal, estão disponíveis na íntegra no site da editora<sup>36</sup>.

Já Ferréz, que articulou a publicação dos três atos da revista Literatura Marginal, em 2008 criou o “**Selo Povo**”, com objetivo de difundir ainda mais a literatura marginal Brasil afora. Até 2016, quatro livros tinham sido publicados, sendo dois de homens, “Cronista de um tempo ruim” (Ferréz) e “Sob o azul do céu” (Marcos Tecora Teles) e dois de mulheres, “Oh, Margem! Reinventa os rios” (Cidinha da Silva) e “Amazônia em Chamas” (Cátia Cernov), esta última também autora de textos nas revistas publicadas da década anterior.

O objetivo de Ferréz seria vender os livros a preços acessíveis, congregando autores de diferentes estados. Na ocasião em que foram lançados, os livros percorreram Bahia, Rondônia, Minas Gerais e São Paulo.

Ainda chamando a atenção no mercado editorial brasileiro por publicar pequenas tiragens de autores iniciantes, a **Editora Patuá**, coordenada pelo faz-tudo Eduardo Lacerda lançou, entre 2011 e 2016, quase 350 livros. É importante destacar que o primeiro livro da editora foi o Carta Branca, de Juliana Bernardo, autora que figura entre uma das principais da atual cena contemporânea no Brasil, pela presença nos saraus, nas ruas e por ter atuado na edição de 27 títulos da Edições Maloqueiristas, em 2015. Juliana Bernardo lançou também o livro “Vitamina” pela editora em 2013.

---

<sup>36</sup> Disponível para download em: <http://www.edicoestoro.net/>

Dos livros editados pela Patuá, 40% são de mulheres, contra os 60% de homens. No entanto, conforme pontua Eduardo Lacerda, há uma busca pela equidade. “Temos procurado publicar sempre o mesmo número de homens e de mulheres, acho que a proporção está de 40% mulheres e 60 homens, mas em alguns meses publicamos mais livros de mulheres que homens e logo a proporção será igual”, disse em conversa com a autora em 21 de fevereiro de 2016.

No catálogo do site<sup>37</sup>, consultado em 21 de fevereiro de 2016, estão disponíveis 118 autores já publicados pela editora, sendo que 36 são mulheres.

Para a pesquisadora Érica Peçanha, que em 2011 fez um mapeamento das obras publicadas pelos autores marginais/periféricos radicados em São Paulo, o levantamento aponta, que embora grandes editoras tenham se interessado pelas obras, eles seguem publicando de forma independente.

O mapeamento das publicações dos escritores radicados em São Paulo sugere, ainda, que eles continuam publicando, majoritariamente, de modo independente (em livros artesanais, impressos em gráficas) ou por editoras de pequeno porte, que cobram pela tiragem dos livros e requerem que os autores disponham de recursos ou financiamento de comerciantes, familiares ou ONGs para viabilizar suas publicações. (PEÇANHA, 2011, p.108)

---

<sup>37</sup> Site: [www.patua.com.br](http://www.patua.com.br)

Deste modo observamos que embora os saraus – nem sempre realizados nas periferias - tenham tornado-se importantes espaços de produção e difusão de literatura, tanto por sua realização propriamente dita, quanto pelas antologias lançadas e impulsionamento a novas publicações. Neste ponto, notamos que embora as mulheres ainda sejam minoria e algumas delas, como é o caso de Elizandra Souza, estejam lançando selos editoriais próprios, como o *Mjiba*, que já publicou três livros de mulheres, e a dupla Tatiana Nascimento e Bárbara Esmênia, que lançaram no final de 2016 a *Padê Editorial*,<sup>38</sup> voltada majoritariamente a publicação de mulheres negras e que já lançou ‘lundu,’ de Tatiana Nascimento, ‘Penetra Fresta’, de Bárbara Esmênia e tem no prelo ‘Interiorana’, de Nívea Sabino e ‘Tautologias’, de Daisy Serena, todos da ‘Coleção Odojá’, com capas e encadernação feitos à mão e com temáticas marinhas, nesta primeira etapa de publicação independente, feitas com recursos próprios.

Com isso, entendemos que embora as editoras ainda sejam majoritariamente masculinas e que a maior parte delas, ainda segue investindo e publicando livros de homens, há uma movimentação no sentido de também se autopublicar sendo mulher e de organizar não só antologias, mas uma editora a fim de publicá-las.

Contudo, no que diz respeito às antologias, que é do que tratamos especificamente neste capítulo, percebemos que a efervescência dos saraus garante, então, a amplificação da voz aos narradores do cotidiano da periferia e garantindo audição da voz a todos os moradores, sejam eles homens ou mulheres, conforme pontua Leite: “O movimento da literatura, até então restrito às publicações coletivas do Ferréz se completa com a força da oralidade e performances dos saraus”.

É neste momento que consolida-se o hábito de publicar antologias com os participantes dos saraus. Após as primeiras, que tinham uma participação pífia de mulheres, algumas outras, à frente de coletivos e saraus passaram a organizar-se em grupos exclusivamente femininos, a fim de garantir o unísono da voz que lhes é negada, especialmente na equidade de participação nos saraus e eventos.

---

<sup>38</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/pade.editorial/?fref=ts>

Para a pesquisadora Érica Peçanha, os apontamentos corroboram com a realidade encontrada nos sarasus e nas publicações literárias da periferia:

Considero pertinente pontuar que é sempre menor a presença de autoras nas coletâneas publicadas e pequeno o número de mulheres que conseguem publicar os seus livros, sendo que muitas delas o fazem em coautoria com homens. Nos sarasus que reúnem públicos de diferentes faixas etárias e classes sociais, a participação de mulheres também é menor que a dos homens, especialmente entre os idealizadores e lideranças (PEÇANHA, 2011, p. 102)

Portanto, para esta pesquisa, foram contabilizadas 61 obras <sup>39</sup>lançadas durante os 15 anos da existência da literatura marginal/periférica no Brasil. O critério para escolha das obras foi: reunir mais de um autor e/ou texto relacionado à literatura marginal/periférica. Muitas delas estão amplamente ligadas aos sarasus que representam.

***Tabela 2 – lista de antologias lançadas por sarasus e coletivos nos últimos 10 anos com participações femininas\****

SARAU/ EDITORIA/COLETIVO	LIVRO	ANO	HOMENS	MULHERES
Caros Amigos – org. Ferréz	Literatura Marginal – Ato I	2001	10	0
	Literatura Marginal – Ato II	2002	18	5
	Literatura Marginal – Ato III	2004	19	4
Coletânea	O Rastilho da Pólvora	2004	40	6
Editora Agir – org. Ferréz	Literatura marginal, talentos da	2005	10	1

<sup>39</sup> A escolha das obras se deu a partir do acervo particular da pesquisadora, que conforme foi relatado na introdução deste trabalho, acompanha e acumula livros da literatura marginal desde os meados dos anos 2000. Foram consultados também outros trabalhos acadêmicos sobre o tema que mencionam levantamentos de publicações. A tabela representa a totalidade de antologias que a autora conseguiu acessar no período.

	escrita periférica			
Coletânea – Dulce Catadora/Cartoneira	Um sarau da Cooperifa	2007	10	4
Coletânea – org. Alessandro Buzo	Pelas Periferias do Brasil – vol. I	2007	11	2
Edições Toró	Um Segredo na Boca do Céu – Pra Nossa Molecada (23 autores Cooperiféricos)	2008	18	5
Coletânea – org. Alessandro Buzo	Pelas Periferias do Brasil – vol. II	2008	14	3
Coletivo Literatura no Brasil	Amor Lúbrico	2008	17	5
Elo da Corrente	Prosa e Poesia Periférica	2008	15	5
Elo da Corrente e Coletivo Cultural Poesia na Brasa	Império Lampinho	2009	0	4
	Coletivo 8542	2009	7	1
Coletânea – Coletivo Hip-Hop Mulher	Hip-Hop Mulher, Conquistando Espaços	2009	0	5
Quilombhoje	Sarau Afro Mix	2009	11	5
Da Brasa	Antologia vol. I	2009	25	18
	Antologia vol. II	2010	26	19
	Antologia vol. III	2011	22	20
Ademar	Primeiras Prosas	2011	46	23
Marginaliaria	Antologia Marginal – Baseado de Ponta	2011	6	2
Mães de Maio	Do luto à luta	2011	16	10
Comunidade do Conto	Literatura no Brasil, Comunidade do Conto	2011	5	1
Capulanas	[EM] GOMA – Dos pés à cabeça, os quintais que	2011	6	12

	<b>SOU</b>			
Mazza Edições	Antologia de Poesia Afro-Brasileira – 150 anos de consciência negra	2011	11	6
Suburbano Convicto	Poetas do Sarau Suburbano - Ritmo e Poesia	2011	21	5
Perifatividade	Fundão do Ipiranga	2011	29	7
	Perifatividade – vol. II	2012	33	11
	Perifatividade nas escolas	2012	18	32
DoBurro	Antologia do Burro – vol. I	2012	23	11
	Antologia do Burro – vol. II	2012	28	8
	O Pequeno Livro Sagrado do Menor Slam do Mundo	2012	11	3
Flupp	Fluppensa	2012	24	19
Mazza Edições	<b>Poéticas Afro-Brasileiras</b>	<b>2012</b>	<b>2</b>	<b>8</b>
Louva Deusas	<b>Coletânea de Literatura Feminina Louva Deusas</b>	<b>2012</b>	<b>0</b>	<b>25</b>
Mesquiteiros	Pode Pá que É Nós Que Tá	2012	28	25
	<b>Pode Pá que É Nós Que Tá – vol. II</b>	<b>2013</b>	<b>13</b>	<b>45</b>
Mães de Maio	Mães do Cárcere	2013	60	28
Sarau do Binho	Sarau do Binho	2013	130	53
Sobrenome Liberdade	Sobrenome Liberdade – Antes de Ser um Manifesto	2013	29	13
Poetas Ambulantes	Uma vez poetas Ambulantes...	2013	11	8
Sarau O Que Dizem os Umbigos?	O que dizem os umbigos?	2013	40	22

Mjiba	Pretextos de Mulheres Negras	2013	0	22
Frente Nacional de Mulheres no Hip-Hop	Perifeminas – Nossa História	2013	0	60
	Perifeminas II – Sem Fronteiras	2014	0	52
Barabô Editora	Ogum's Toques Negros	2014	9	10
Editora Galinha Pulando	O diferencial da favela – poesias quebradas de quebrada (Sarau da Onça)	2014	34	19
Coletivo Tamo Junto	Sarau Preto no Branco – Poesias Preto no Branco	2014	21	10
Slam da Guilhermina	Slam da Guilhermina – Um Ponto Zero	2014	7	2
	Slam da Guilhermina – Dois Ponto Zero	2015	11	3
Vocacional	Vocacional literatura	2015	17	19
Suburbano Convicto	Poetas do Sarau Suburbano – vol. III	2015	12	3
Sarau do Binho	Sarau do Binho II	2015	66	43
Mesquiteiros	Pode Pá que É Nós Que Tá – vol. III	2015	10	40
Nós	Eu Sou Favela	2015	9	1
Edições do Tietê	Poesia na Faixa – Antologia	2015	29	16
	Antologia – Sarau Portas Abertas – vol. 1	2015	25	15
Círculo Contínuo Editorial	Pretumel – de chama e gozo	2015	26	14
Edith	Quebras	2015	20	3

Zinelândia	Poezine	2015	9	11
Aqualtune	Herdeiras de Aqualtune	2015	5	43
Louva Deusas	Além dos Quartos – Coletânea Erótica Negra Louva Deusas	2015	0	53
<b>TOTAL</b>			<b>1.173</b>	<b>928</b>

Jéssica Balbino, elaboração própria, 2016.

**Gráfico 2 – Participação feminina nas antologias publicadas por saraus e coletivos**

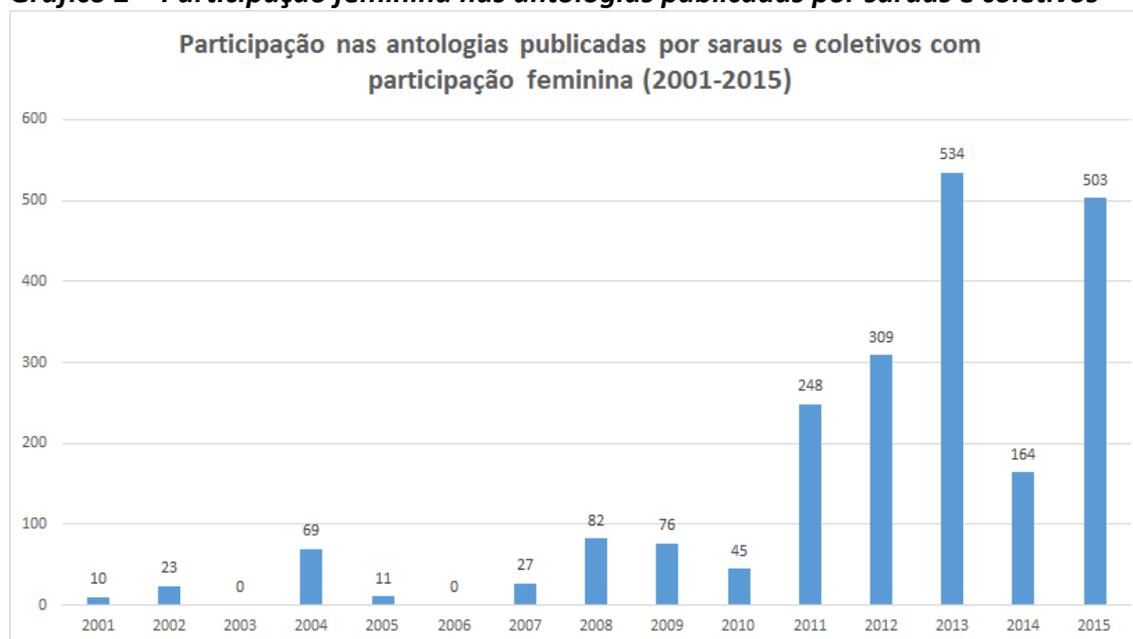
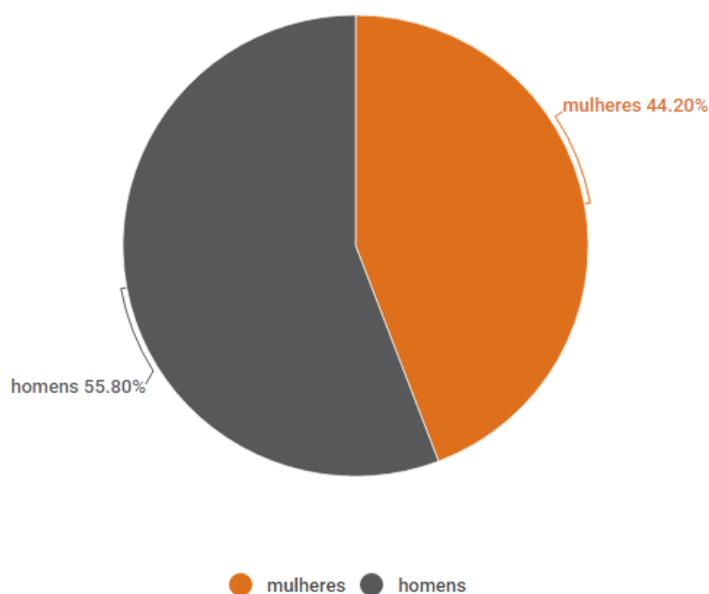


Gráfico 2 - Jéssica Balbino, elaboração própria, 2016.

## porcentagem de publicação em antologias em 15 anos

---



### ***Infográfico 1 - participações nas antologias. Jéssica Balbino, 2016.***

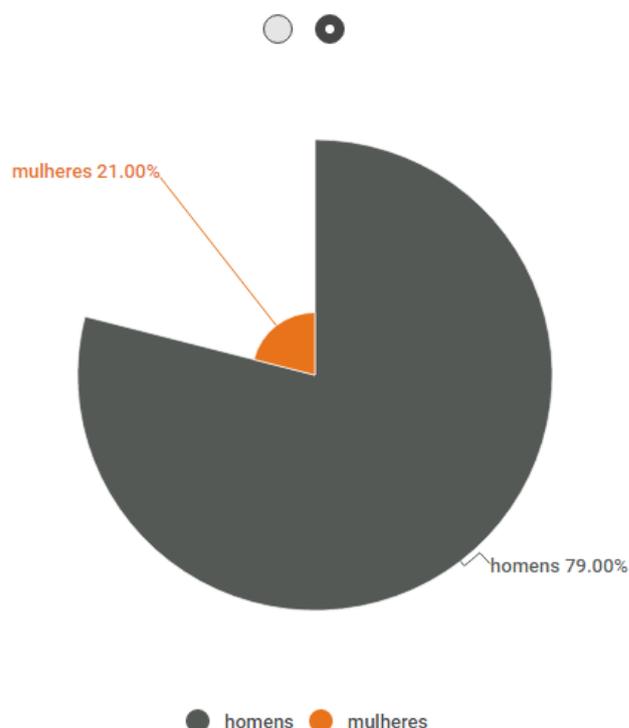
Das 61 obras analisadas e presentes na **tabela 2** e no **gráfico 1**, 11 delas tem maior número de mulheres entre seus autores, o que equivale a 18,3% do total, contudo, dessas 11, oito delas são o que chamamos aqui neste estudo de antologias 100% femininas, ou seja, pensadas, organizadas e confeccionadas por mulheres.

O que notamos, conforme aponta o **gráfico 1** é que em 15 anos de literatura marginal/periférica no Brasil, apenas nos anos de 2014 e 2015 tivemos uma presença maior de mulheres do que de homens publicando, o que deve-se, principalmente, ao fato das antologias 100% femininas e das antologias feitas em escolas, com a participação de estudantes crianças e/ou adolescentes.

Contudo, apesar desta verificação de que nos últimos dois anos mais mulheres publicaram do que homens, deve-se levar em conta de que em um comparativo entre os 15 anos, o percentual de homens que publicaram em antologias ao longo dos últimos 15 anos é de 55,8%, contra os 44,2% de mulheres que publicaram.

## lacuna/equidade

---



**Infográfico 2 - Lacuna de equidade nas antologias. Jéssica Balbino, 2016.**

Assim, entendemos que **a lacuna da participação feminina ainda é 21% menor que a masculina**, já que das 61 obras analisadas, temos 1.173 participações de homens contra 928 de mulheres.

Ao longo dos anos, quando tornou-se praxe publicar antologias na literatura marginal, o cenário era bastante diferente para as mulheres. É somente a partir de 2012, ou seja, nos últimos 4 anos, que notamos uma maior participação feminina, justamente pelas antologias feitas apenas pelas

mulheres. Neste período, estes números se tornam mais expressivos, tanto em antologias e reuniões de textos majoritariamente femininos. Neste ano, os dados mostram que 169 homens publicaram, contra 142 mulheres, diminuindo a lacuna existente na dispare comparação nos anos anteriores.

Em 2013, os números acompanham o crescente. Embora inferior a participação de mulheres, podemos notar que é maior do que na última década. É possível notar também o crescente de publicações e antologias na periferia, que cresce em torno de 71,7 % de um ano para o outro. Foram 251 autoras contra 283 autores.

Outro dado que se faz interessante é que os livros de poesias feitos em escolas tem sempre mais mulheres participando do que homens, o que denota a própria dinâmica escolar, onde as garotas tem um maior rendimento e domínio da escrita.

Já em 2014, observamos uma queda no número de publicações, porém, pela primeira vez na história da literatura marginal/periférica no Brasil, o número de mulheres supera o de homens. São 93 mulheres publicando contra 71 homens. Em 2015, temos novamente um aumento no número de publicações e, conforme mostram os dados, um aumento no número de mulheres participando. São 264 mulheres contra 239 homens.

É precipitado concluir a que deve-se este aumento nos últimos dois anos, já que trata-se de uma pesquisa que está em desenvolvimento e também acompanha uma cultura em movimento, no entanto, podemos observar que há uma crescente de publicações 100% femininas ou, que há também, uma organização maior por parte das mulheres, coletivos e por conseguinte, mais mulheres participando de saraus e contribuindo com as escritas. Além disso, há também mais mulheres publicando obras autorais, conforme veremos adiante.

Entre as 61 obras analisadas nesta pesquisa, podemos notar que a presença feminina também é maior nas antologias organizadas em ambientes escolares, onde, em quatro delas analisadas, todas tem mais textos – poesias e contos – feitos por mulheres.

Nos lançamentos mais recentes – entre 2012 e 2016 - podemos notar uma participação feminina quase paritária à masculina quando tratam-se de antologias feitas em ambientes escolares, como na antologia “**Perifatividade nas escolas**”, lançada em 2012 de maneira independente. Nela, foram selecionadas 32 mulheres e apenas 18 homens.

Já na antologia “**Pode Pá Que é Nós Que Tá – Vol. II**”, lançada em 2013, onde 45 mulheres publicaram seus textos e apenas 13 homens foram selecionados. No volume III da mesma antologia, publicado em 2015, este número é ainda maior. Foram 40 mulheres e apenas 10 homens.

No projeto **Vocacional**, realizado pela prefeitura de São Paulo, um livreto foi publicado reunindo textos dos participantes. Nele aparecem 19 mulheres e 17 homens, mostrando, mais uma vez, que quando trata-se de ambiente escolar, a maioria dos textos – contos, crônicas, poesias – dá-se por mulheres.

Neste aspecto percebe-se também que quando as coletâneas são organizadas em escolas ou tem a participação majoritária de adolescentes, a presença feminina é intensificada.

É também neste ponto que evidencia-se a importância do ensino da literatura marginal/periférica nas escolas – especialmente as públicas – para formar estudantes capazes de contar, relatar e reportar as próprias histórias.

Conforme nos traz a teórica em Linguagem e Educação pela USP, Mei Hua Soares, com sua pesquisa *A literatura marginal periférica na escola* (2008), com precedentes para a discussão da pertinência da inserção da literatura na esfera educacional, mostrando que a literatura marginal/periférica pode sim, ser um instrumento educativo.

Esse retorno a si mesmo que pode ser fomentado pelo ato de ler traz uma perspectiva interessante para as leituras realizadas a partir da literatura marginal-periférica. Se o jovem aluno, entrando em contato com os textos em questão durante as aulas, conseguir com eles identificar-se, projetando os seus anseios e sublimando suas angústias, voltando o seu olhar ao mesmo tempo "para fora e para dentro", parece-nos que a literatura já estaria desempenhando um importante papel ou função. (SOARES, 2008, pg. 115)

Neste ponto, entendemos também que alguns saraus – como os que lançaram antologias feitas por estudantes – ocorrem em espaços de escolas nas periferias e tem como finalidade usar a cultura marginal/periférica como prática na educação, propõe uma interrelação entre práticas, discussões e temas que muitas vezes, são ausentes da sala de aula. Talvez, a vivência e a autorepresentação encontrada pelos estudantes nas oficinas faça com que a adesão de mulheres seja maior nestes casos, conforme nos aponta Fleuri.

(...) em particular, a escola, tem desempenhado o papel de agenciar a relação entre culturas com poder desigual (colonizadores x colonizados, saber formal escolar x saber informal cotidiano, cultura nacional oficial x culturas locais...) contribuindo para a manutenção e difusão dos saberes mais fortes contra as formas culturais que eram consideradas como limitadas, infantis, erradas, supersticiosas. (FLEURI, 2003, p. 18)

Portanto, esta crescente de participação das mulheres pode ser atribuída tanto a representatividade encontrada em outros textos, escritas e oficinas levados às salas de aula, visto que muitos autores atuam diretamente em oficinas e utilizam-se dos textos, que dialogam diretamente com o universo dos estudantes, para passar-lhes conhecimento.

Contudo, conforme já abordamos nesta pesquisa, o que nota-se entre as mulheres da literatura marginal/periférica que já possuem uma carreira e mesmo as que se automapearam e ainda estão no início do trabalho é que muitas delas possuem ensino superior completo e tantas outras em níveis de especialização em suas ocupações. Com esta observação, podemos afirmar que a mulher de periferia que hoje está à frente dos saraus, slams e com as publicações circulando tem acesso aos estudos e ao aprimoramento profissional, algo que se deu, especialmente, na última década.

## escritoras por região



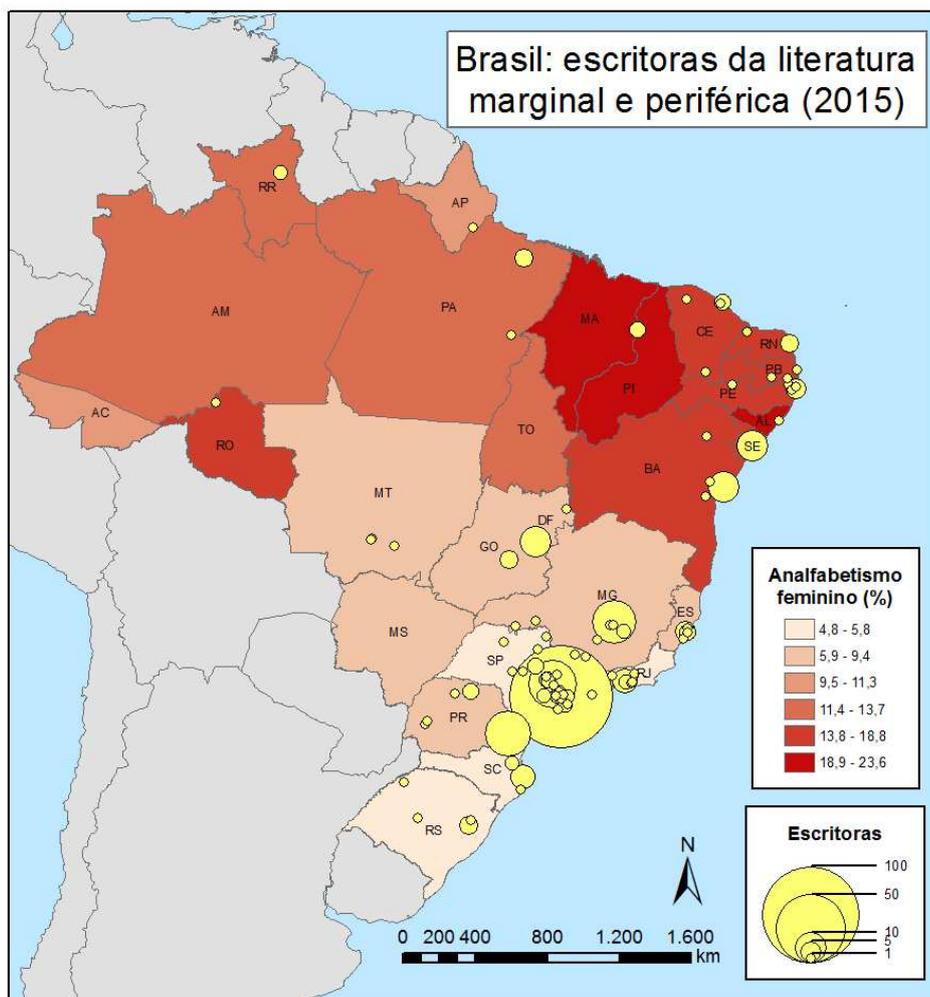
**Infográfico 3 - Maior concentração de escritoras é na região sudeste. Jéssica Balbino, 2016**

Com intuito de compreender o cenário das mulheres na literatura marginal/periférica, lançamos nesta pesquisa, em abril de 2015 o mapeamento online. O formulário ficou disponível durante 6 meses na rede. Neste período, 425 mulheres se cadastraram, fornecendo dados como nome, local onde vive, etnia, número de publicações e saraus que frequentam. A pesquisa não adotou como obrigatório ter publicações, mas apenas reconhecer-se como poeta e/ou escritora.

Em uma análise preliminar aos dados coletados, sem ainda analisar o perfil de cada uma das escritoras que se autointitulam marginais/periféricas, notamos que a presença maior das mulheres ocorre na região Sudeste do país. Das 425 mulheres que responderam a pesquisa, 193 delas estão no estado de São Paulo, o que equivale a 45,4% do total de mulheres mapeadas.

Depois de São Paulo, os dois maiores estados com concentração das escritoras são Rio de Janeiro, com 44 mulheres mapeadas e Minas Gerais, com 39. O outro estado que compreende a região, Espírito Santo, nos trouxe 11 mulheres, no entanto, ele fica atrás do Paraná, com 29 escritoras, do Distrito Federal, que apresentou 16 e da Bahia e de Pernambuco, ambos com 13, porém, em uma soma entre regiões, a Sudeste nos traz 287 mulheres, o que equivale a 67,5% do total.

**Mapa 1 – onde estão as escritoras e o índice de analfabetismo feminino**



O que notamos, conforme aponta o **mapa 1**, é que estes dados podem estar ligados à proliferação dos saraus, que é maior nestas regiões, especialmente em São Paulo – em 2010 foram mapeados mais de 60 na cidade e no interior – e também às taxas de analfabetismo. Nos estados da região Sudeste, como São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, o nível de analfabetismo é o menor, variando entre 4,8% e 5,8%, segundo os dados mais recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A segunda região com maior número de escritoras é a Nordeste, com 57 mulheres que se autodenominam poetisas e/ou escritoras. Apesar disso, é a que concentra o maior índice de analfabetismo. No Maranhão, onde os índices variam entre 18,9% e 23,6%, nenhuma escritora foi mapeada. Já no Piauí, onde os índices de analfabetismo são os mesmos, apenas quatro escritoras foram mapeadas.

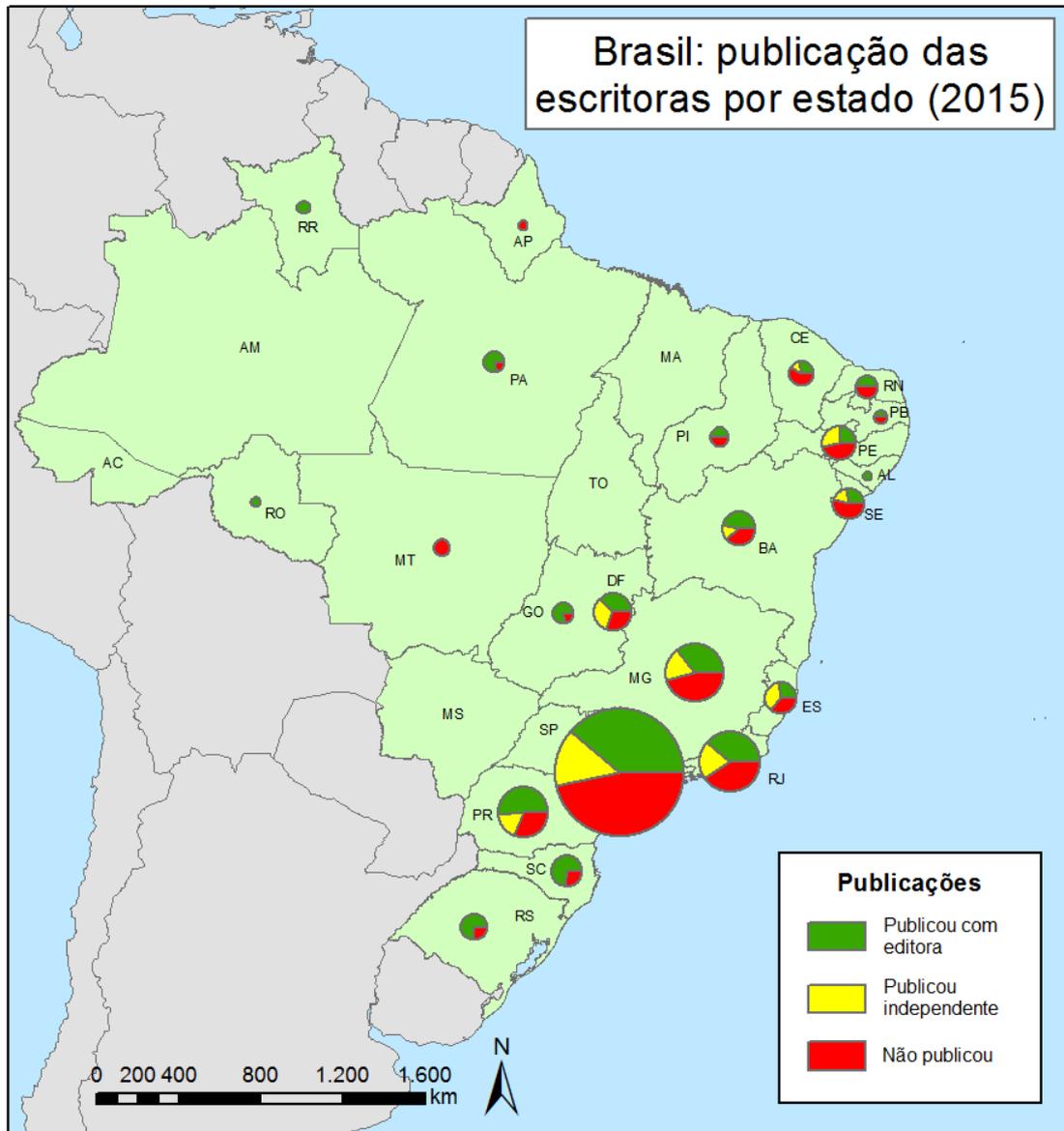
A seguir, a região Sul apresenta 48 mulheres mapeadas e pouca taxa de analfabetismo. O índice que fica mais elevado é o do Paraná, entre 5,9% e 11,3%. No estado foram mapeadas 29 mulheres.

A quarta região com a mais expressiva presença de mulheres é a Centro-oeste, que neste mapeamento apresenta 24 poetisas/escritoras. Já os índices de analfabetismo da região ficam entre 5,9% e 9,4%.

Por último, a região Norte é a que apresenta menos pessoas. São apenas 9 mulheres que se automapearam. Na região, os índices de analfabetismo variam de 13,8% a 23,6%.

Com estes dados, entendemos que a maioria das escritoras que se automapearam (67,5%) estão na região Sudeste, e, por conseguinte, em áreas com menor índice de analfabetismo, o que pode, claro, contribuir diretamente para o crescente destas nos saraus e também nas publicações, já que em alguns casos, elas fizeram processos inversos e foram as primeiras da família a ingressar em cursos superiores, entre outras atividades ligadas diretamente à alfabetização e escrita.

**Mapa 2 – Publicações de escritoras por estado, por editora e/ou independente**



Ainda no mapeamento feito pela autora, conforme mostra o **mapa 2**, notamos que embora 425 mulheres tenham se automapeado, apenas 57,17% delas possuem publicações, sendo que deste total, 72,42% publicaram via editora e 27,57% de forma independente, os outros 42,83% ainda não possuem publicações e escrevem apenas via internet, em sites, blogs e páginas no Facebook.

## publicações | editoras



**Infográfico 4 - maior parte das autoras publicou via editora, mesmo que pequena.**  
**Jéssica Balbino, 2016**

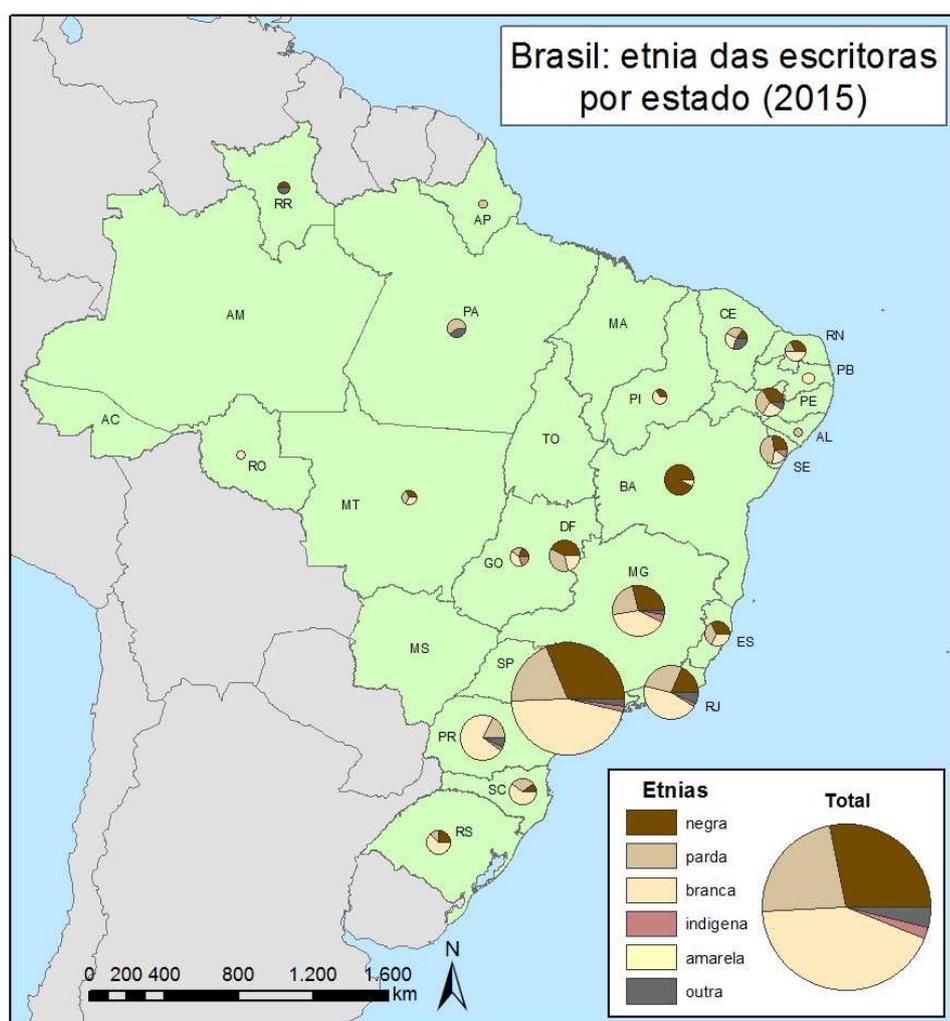
**Tabela 3 – Número absoluto de escritoras mapeadas e com obras publicadas de forma independente ou por editora**

	Editora	Independente	Não publicou	Total
AC	0	0	0	0
AL	1	0	0	1
AM	0	0	0	0
AP	0	0	1	1
BA	6	2	5	13
CE	2	1	4	7
DF	6	5	5	16
ES	3	4	4	11
GO	4	0	1	5
MA	0	0	0	0
MG	14	7	18	39
MS	0	0	0	0
MT	0	0	3	3
PA	4	0	1	5
PB	1	0	1	2
PE	3	4	6	13
PI	2	0	2	4
PR	15	5	9	29
RJ	17	9	18	44
RN	3	0	3	6
RO	1	0	0	1
RR	2	0	0	2
RS	6	0	2	8
SC	8	0	3	11
SE	3	2	6	11
SP	75	28	90	193
TO	0	0	0	0
Total	176	67	182	425

**Jéssica Balbino, elaboração própria, 2016.**

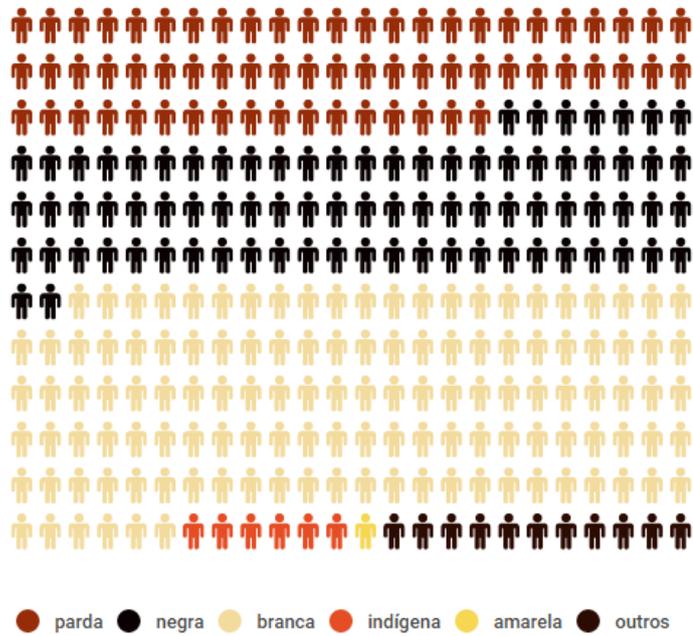
Nota-se também, pelo mapa, que a maior concentração de produção obedece as taxas de analfabetismo e de mulheres mapeadas. Neste aspecto, o número de publicações por ordem de estados segue o que concluímos no mapa anterior. O estado que mais publica é São Paulo, com 24,23% das publicações feitas por mulheres da literatura marginal. Em seguida, temos o Rio de Janeiro, porém com um número bem menos expressivo no mapa nacional: 8,47%. Em seguida, Minas Gerais aparece com 4,9% das publicações.

**Mapa 3 – Etnias das escritoras por estado**



## etnias das escritoras

---



Infográfico 5 - maior parte das escritoras se declara parda ou negra. Jéssica Balbino, 2016.

**Tabela 4 – Etnia das escritoras em números**

	<b>parda</b>	<b>negra</b>	<b>branca</b>	<b>indígena</b>	<b>amarela</b>	<b>outros</b>
AC	0	0	0	0	0	0
AL	1	0	0	0	0	0
AP	1	0	0	0	0	0
AM	0	0	0	0	0	0
BA	0	12	1	0	0	0
CE	2	1	2	0	0	2
DF	5	6	3	0	0	0
ES	3	3	3	0	0	0
GO	1	1	2	1	0	0
MA	0	0	0	0	0	0
MT	1	1	1	0	0	0
MS	0	0	0	0	0	0
MG	9	11	15	2	0	1
PA	3	0	0	0	0	2
PB	0	0	2	0	0	0
PR	5	0	21	1	0	2
PE	4	4	3	0	0	1
PI	0	1	2	0	0	0
RJ	12	8	19	1	0	3
RN	1	2	3	0	0	0
RS	1	2	5	0	0	0
RO	0	0	1	0	0	0
RR	0	1	0	0	0	1
SC	3	1	6	0	0	0
SP	35	58	84	3	1	4
SE	5	3	2	1	0	0
TO	0	0	0	0	0	0
<b>Total</b>	<b>92</b>	<b>115</b>	<b>175</b>	<b>9</b>	<b>1</b>	<b>16</b>

De todas as mulheres automapeadas que responderam as questões referentes a etnias, temos a seguinte conclusão: 42,8% se autodeclaram brancas, 28,1% se autodeclaram negras, 22,5% se autodeclaram pardas, 0,39% se autodeclaram mestiças/outras, 0,22% se autodeclaram indígenas e 0,024% se autodeclaram amarelas/asiáticas.

Com base nestes números, entende-se que embora seja feita nas bordas, onde a maior parte da população é negra, a literatura marginal/periférica, quando se faz o recorte de gênero, ainda é mais representada por mulheres brancas do que pelas que se autodeclaram negras e/ou pardas.

## 4.2 – Antologias 100% femininas

Um ponto importante a ser observado é o surgimento das **antologias 100% femininas**. Mas, antes delas, podemos destacar algumas ações que precederam as publicações.

Em 2007, a poeta Elizandra Souza criou o coletivo Mjiba na zona Sul de São Paulo para comemorar o Dia da Mulher Negra. Já em 2009, mulheres que estavam à frente dos saraus Elo da Corrente e Da Brasa, organizaram-se e criaram o Coletivo Esperança Garcia, afim de organizar encontros e partilhar saberes, especialmente de mulheres negras, tais como bordados, cabelos e penteados. Este mesmo coletivo viabilizou algumas publicações em fanzines exclusivamente femininas.

No ano seguinte, foi criado o Sarau da Ademar, coordenado majoritariamente por mulheres e em 2011, no bairro do Capão Redondo, várias mulheres deram início ao Sarau Delas, com a participação e temática exclusivamente femininas.

O grupo de teatro Capulanas, exclusivamente ligados aos saraus, é formado por mulheres e em 2011 lançou o livro “[EM] GOMA – Dos pés à cabeça, os quintais que sou”, com a participação de 12 mulheres e apenas seis homens.

“Trata-se, em todos os casos mencionados, de reuniões marcadas não somente pela afirmação de um capital periférico, mas também de um capital periférico feminino e a tensão entre cada um deles” (TENINA, 2015, p. 63)

Outros eventos pontuais somente com mulheres acontece no Sarau Suburbano – realizado por Alessandro Buzo na livraria de mesmo nome – e mesas temáticas nas edições do Encontro de Arte da Periferia<sup>40</sup> do **Festival Literário de Poços de Caldas** (Flipoços), bem como encontros em unidades do Sesc pelo país, além de iniciativas como o projeto **#leiamulheres**, criado em 2015 com o objetivo de difundir a literatura feita exclusivamente por pessoas do gênero feminino, expandindo, inclusive, o que chamamos de literatura marginal periférica. E há, ainda, projetos como o Leia Mulheres Negras, voltado às questões de gênero e etnia.

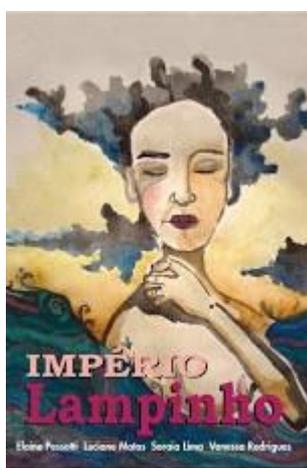


Figura 15- A primeira antologia 100% feminina lançada a partir dos saraus

Partindo para as antologias, primeira delas a ser publicada foi **“Império Lampinho”**, publicada em 2009 por meio de uma parceria entre o Sarau Elo da Corrente e Coletivo Cultural Poesia na Brasa. Nela aparecem as autoras Elaine Pessotti, Luciane Mato, Soraia Lima, Vanessa Rodrigues. Na ocasião do lançamento desta obra, o coletivo publicou no blog<sup>41</sup> que mantém até os dias atuais na internet um texto que resumia o lançamento em agosto de 2009.

<sup>40</sup> O festival literário abre, desde 2008, espaço para a arte da periferia e em diferentes edições promoveu encontros com mulheres e lideranças femininas para discutir a literatura produzida nas periferias.

<sup>41</sup> O texto está disponível em <http://brasasarau.blogspot.com.br/2009/09/imperio-lampinho-e-lancado-em-uma-noite.html>

Com a chegada do livro Império Lampinho o terceiro de cinco livros, que o Coletivo Cultural Poesia na Brasa pretende realizar esse ano, o Sarau Poesia na Brasa ficou diferente, sim diferente, pois foi uma noite em que as mulheres tomaram conta, o Coletivo é formado por um misto de homens e mulheres, que constantemente discutem e refletem suas participações em movimentos culturais, o último sarau de agosto não foi um sarau feminista, muito menos uma inversão de papéis dos gêneros, mas foi uma noite em que homens de variadas ideologias acerca desse assunto, tiveram que se sentar e ouvir as mulheres, seja simplesmente em um comentário, seja em um poema, seja tocando tambores, seja cantando, enfim acredito que quem esteve presente não pode negar, que a abertura do Sarau com as meninas tocando os tambores foi linda e emocionante, no entanto a noite começou bem antes do batuque da mulherada, às 19h o samba correu solto com o grupo Kolombolo D'Á Piratininga que todo último sarau do mês completará nossa harmonia, porém como já foi dito antes dia 29 de Agosto foi uma noite de mulheres, mas cinco delas tinham destaque especial, eram as Lampinhas autoras Elaine Pessoti, Luciane Matos, Soraia Lima e Vanessa Rodrigues, além da Lampinha ilustradora Carolzinha Teixeira, que lançaram uma linda obra "Império Lampinho" que nos permite entrar no universo feminino e ler textos de mulheres que assim como nós vivem a constante luta diária e não paramos por ai em breve estaremos lançando nosso 4º livro "Coletivo 8542" parabéns a todos pela grande festa, parabéns as Lampinhas pela obra e parabéns a todas as mulheres que deixaram nosso sarau ainda mais bonito.

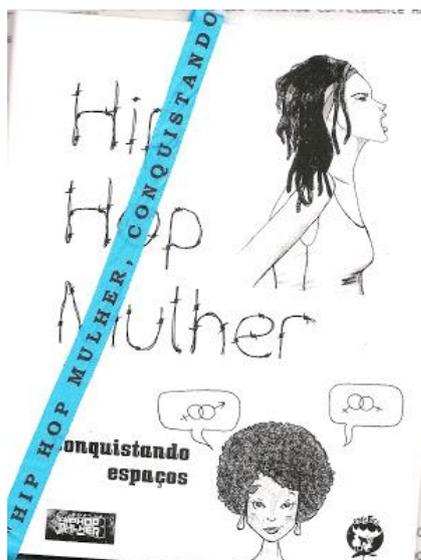


Figura 16- Livro 'Hip-Hop Mulher - Conquistando Espaços'

Também em 2009 foi publicado o livro “**Hip-Hop Mulher, Conquistando Espaços**”, organizado por Tiely Queen e feito pela Edições Toró. Na obra, cinco mulheres publicaram textos e poemas acerca do seu universo. Nesta obra, o destaque fica por conta da poesia de Elizandra Souza:



## MenstruAção

Sangre mais uma vez!

Expele do teu corpo

expele do teu corpo

o embrião fecundado

Junte todo o amargor

e sangue outra vez!

É dolorido,

mas sinta com intensidade essa cólica

esse mal estar,

mas sangue mais uma vez!

Sangre nessa hipócrita sociedade,

junte todas as dores expelidas,

retire da calcinha

esse absorvente encharquecido

E jogue fora todos esses sangrados.



Mas Menstrue e Ação!

(Elizandra Souza, 2009, *Hip-Hop Mulher – Conquistando Espaços*)

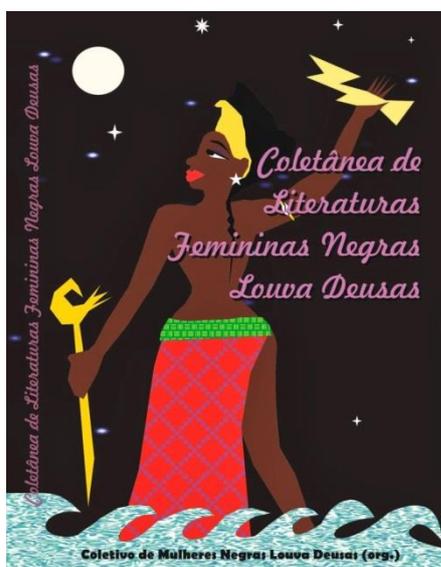


Figura 17 - Coletânea de Literaturas Femininas Negras Louva Deusas

Em 2012 o coletivo Louva Deusas, lançou a **‘Coletânea de Literatura Feminina Negra Louva Deusas’** composto por mulheres negras ativistas, artistas e políticas em diversos espaços de atuação, na luta pelo fim do racismo, classismo, lesbofobia, transfobia e de todas as formas de preconceito e discriminação. De acordo com elas, o coletivo visa “um mundo onde a mulher possa viver livre da violência e das ataduras sociais que aprisionam os corpos, vidas e trajetórias”.

Deste modo, o volume com 91 páginas e 25 autoras é fruto de uma chamada nacional por textos de escritoras negras iniciado em 2011. Entre os textos das mulheres negras da antologia é possível encontrar temas que vão desde o desejo carnal, até os mais políticos e de classe social, passando também pela ancestralidade africana.

“Não se trata de qualquer literatura, é literatura negra e feminina, literatura da base da pirâmide social brasileira – onde está a parcela do povo mais sofrida, com menos anos de estudos, recebendo os menores salários e extremamente vulneráveis a todo tipo de violência. É a literatura de mulheres que preferem o baobá à flor – ou então, o baobá em flor. São mulheres que se sabem rainhas, se sabem guerreiras ao preço de sangue e poesia”, diz a escritora Dinha, na contracapa da antologia.

Já em 2015 o mesmo coletivo lançou o livro '**Além dos Quartos – Coletânea Erótica Negra Louva Deusas**', editado por Priscila e Jackeline Romio traz 53 mulheres participando com textos e ilustrações. Toda composição da obra se dá no erotismo, que é a temática dos textos ali reunidos.

Conforme as editoras definem, o livro coloca as mulheres negras em outra perspectiva. “Um livro audacioso que coloca as mulheres negras como donas da sua sexualidade no combate a objetificação do corpo feminino e ao racismo patriarcal, inclusive na clausura dos círculos editoriais. Somos



Figura 18 - Coletânea 'Perifeminas' que conta a história do hip-hop pela ótica das mulheres

mulheres negras na primeira pessoa do singular e no plural.”.

Para contar a própria história, a produtora cultural e criadora da Frente Nacional de Mulheres no Hip-Hop (FNMH<sup>2</sup>), Lunna Rabetti idealizou, em 2013, a antologia '**Perifeminas – Nossa História**'. Com 63 autoras – muitas estreadoras – ligadas diretamente ao hip-hop e nem sempre aos elementos da cultura – MC, Dj, dança e graffiti – a obra teve 2 mil exemplares feitos com financiamento do VAI (Valorização de Iniciativas Culturais).

Conforme contou a articuladora da FNMH<sup>2</sup>, Lunna Rabetti, em entrevista a autora, a ideia do projeto literário era contar um pouco sobre a história do movimento hip-hop sob a ótica da mulher.

E7<sup>42</sup>: O primeiro Perifeminas veio com a proposta de ser a “Nossa história” e conta um pouco sobre a história do movimento hip-hop desde o início sob a ótica da mulher, com a participação das mulheres, porque muito era questionado sobre o quanto as mulheres apareceram no movimento hip-hop, e na verdade elas sempre estiveram desde o início, então nesse livro a gente consegue resgatar essa história e

<sup>42</sup> Entrevista com Lunna Rabetti realizada no Centro Cultural de São Paulo (CCSP) para esta pesquisa no dia 18 de fevereiro de 2016.

trazer mulheres que estão desde o início no movimento, né, como MC Regina, Sharylaine, Ieda Hills, que são mulheres que estavam há 30 anos, assim como a gente abre espaço para mulheres que vieram nessa caminhada até a atualidade.

Com 88 páginas, o volume é dividido na parte da pesquisa, feita também por uma mulher, Priscila Vierros, contando a versão feminina do hip-hop no Brasil, seguida de textos das mulheres pioneiras da cultura hip-hop no país, sequenciado por Prosa e Poesia. Todas as mulheres que escreveram na antologia tiveram seus minicurrículos e fotos publicadas, bem como as que ilustraram e fizeram as fotos, conforme explica Lunna Rabetti:

E8<sup>43</sup>: Tivemos a preocupação de colocar a foto da autora, porque a gente percebe que na literatura nunca aparecem foto das personagens, mesmo na literatura comum, nunca teve. Também fizemos questão de por o nome inteiro da autora, porque também é uma grande falha da nossa literatura [a mulher] era sempre a esposa do fulano de tal. Essas mulheres nunca tinham nomes. [Por isso] colocamos um breve release de cada autora também, para saberem quem é essa pessoa e o contato dela direto, o e-mail, para não ter intermediários.

A ideia do livro é realmente mostrar que existem mulheres no movimento hip-hop, que existem mulheres nas comunidades que escrevem e dar toda essa visibilidade para elas. Depois que lançamos esse primeiro *Perifeminas*, teve um *boom* tão grande, que a gente começou a receber vários e-mails, em torno de 150 mulheres entraram em contato com a gente, querendo saber o que era isso, que era uma novidade, e ao mesmo que é gratificante você estar realizando um projeto como esse, pela importância que ele tem, a gente também fica triste porque em 2013 ainda não tinham lançado algo assim contando a nossa história.

---

<sup>43</sup> Entrevista com Lunna Rabetti realizada no Centro Cultural de São Paulo (CCSP) para esta pesquisa no dia 18 de fevereiro de 2016.

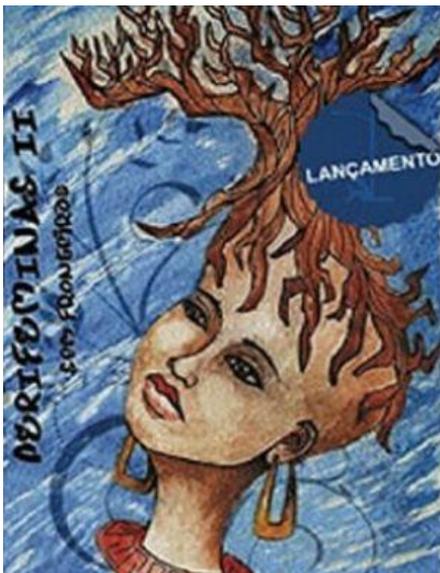


Figura 19 - Capa do livro Perifeminas - Sem Fronteiras

Deste modo, em 2014 foi lançado o “**Perifeminas II – Sem Fronteiras**”, com 52 autoras, sendo 13 de outros países, como Chile, Curdistão, Dinamarca, França, Colômbia, Moçambique, Republica Dominicana, Israel, Cuba, Uruguai e Estados Unidos. Os textos das convidadas internacionais foram publicados nos idiomas originais seguidos por tradução. Na primeira antologia, a proposta foi contar a história das mulheres na cultura hip-hop pela própria voz e participação. Antes da publicação, foram ministradas oficinas de criação, escrita e

literatura, afim de capacitar as autoras para o ofício. Além disso, não apenas poetas participaram da obra, mas Djs, MCs, grafiteiras e dançarinas, além de produtoras, agitadoras culturais, entre outros. O objetivo, conforme consta no resumo da obra, foi ouvir a voz destas mulheres, para que elas pudessem contar e eternizar a própria história, já que não apenas na literatura, mas no hip-hop, o machismo é recorrente e, por muitas vezes, silenciador.

Um sonho, quando se torna realidade é algo a ser comemorado duas vezes (...) lutamos para que seja redigida a nossa história no Brasil, que há mais de 500 anos é contada com o olhar do invasor, a mulher no hip-hop luta pelo reconhecimento de que desde o início da cultura hip-hop nós mulheres, estávamos lado a lado dos manos, construindo-o (RABETTI, 2012, pág. 3)

O teor dos textos vai desde relatos simples a desabafos sobre condições sociais, abusos, assédios, entre outros. Já o segundo volume traz autoras diferentes da primeira versão e percorre novamente o país, contando a história do hip-hop a partir da visão de tantas e diferentes mulheres que integram a Frente Nacional de Mulheres no Hip-Hop.

Nestes livros, a expressão guerreiras não é ao acaso; é assim que as mulheres se autointitulam em grande parte desses textos. Como mulheres que vivem na periferia, além dos desafios impostos pelo simples fato de existir como mulher numa sociedade machista e patriarcal, acrescenta-se, ainda, toda a dificuldade decorrente de uma situação social de injustiça e opressão vivenciada nos espaços em que vivem e pelos quais circulam. A propósito, esta é uma identidade primordial compartilhada nos textos, uma identidade que é dada pelo espaço em que se vive, a periferia. Quando representadas pelos escritores da elite, as mulheres circunscritas a espaços suburbanos são reduzidas a características como ignorância, promiscuidade, marginalidade etc.

Quando retratadas por si mesmas, pode-se dizer que as desigualdades sociais permanecem, mas são narradas por outro prisma, em que as mulheres retratam sua subjetividade de forma muito mais profunda e plural, subvertendo a visão superficial que se tinha delas. (EBLE, 2014)

Neste cenário, imagine o encontro de 22 mulheres negras para a construção



Figura 20 - Capa da antologia 'Pretextos de Mulheres Negras'

coletiva de uma antologia poética brasileira? Esse é o cenário que reuniu, em uma única publicação, com textos e poesias, completadas por biografias delas mesmas, escritas em primeira pessoa e fotografias feitas especialmente para o projeto **Pretextos de Mulheres Negras**.

Publicada em 2013 e com confecção 100% feminina, a obra reúne 22 mulheres, sendo duas convidadas de outros países – Costa Rica e Moçambique, além de Chaia Dechen, que é indiana, mas vive no Brasil. Toda a equipe do livro foi composta por mulheres e ele foi realizado também por meio do VAI (Valorização de Iniciativas Culturais), pelo coletivo Mjiba, palavra que na língua Chona significa “Jovem Mulher Revolucionária”.

Além dos textos e poesias das 22 autoras da antologia, nota-se no livro o cuidado com a apresentação e biografia das autoras. Todas elas possuem

fotos e uma biografia que vai além do mero currículo ou release anexado às páginas. Nelas, as mulheres respondem, por elas mesmas, por meio de textos, questões sobre ancestralidade, hábitos de leitura, estilo de vida, formação, entre outros. E sempre em primeira pessoa.

“Pretextos de Mulheres Negras apresenta em cada autora, suas subjetividades, autorepresentações, seja nos textos, nas imagens e nos perfis biográficos como forma de resistência, memória, pertencimento, ludicidade, corporeidade, musicalidade, religiosidade e outros valores presentes na africanidade e na diáspora”, traz o livro na apresentação.

A obra, conforme diz a apresentação, foi inspirada no livro Oro Obírin – 1º prêmio literário e Ensaístico sobre a condição da Mulher Negra, homenagem à Lélia Gonzales, publicado pela ONG Criola em 1998, no Rio de Janeiro, conforme explica Elizandra Souza à pesquisadora deste trabalho:

**E9<sup>44</sup>**: (...) a gente não inventa a roda, a gente traz (...) pra mim é importante referenciar quem veio antes. Quando eu fiz Pretextos [de Mulheres Negras], eu não estava inventando a roda, tinha uma antologia no Rio, da ONG Criola, em 1998, o livro foi inspirado nessa antologia, só que nessa [do Rio de Janeiro] eram ensaios, artigos acadêmicos e tinham mulheres negras, mas tinham também mulheres brancas falando sobre mulheres negras, e no nosso caso tinha a autorrepresentatividade, então, eu fico feliz que tem várias questões em relação ao machismo, dentro da literatura, sei lá, eles tem umas questões que não foram resolvidas ainda, mas tem um novo olhar. Essa nova geração tem outras possibilidades, principalmente com as novas tecnologias, a possibilidade de troca é muito maior.

Ainda na apresentação do livro, as autoras de Pretextos de Mulheres Negras lembram Conceição Evaristo no artigo *Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face*. “ênfatisa a importância das escritoras negras inscreverem os seus corpos literários, pois a autorrepresentação se faz

---

<sup>44</sup> Entrevista com Elizandra Souza realizada no Centro Cultural de São Paulo (CCSP) para esta pesquisa no dia 17 de fevereiro de 2016.

necessária para registrar e também construir identidades negras dentro da poesia a autora descreve sobre o seu processo de escrita *‘gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é provável apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa é a senha pela qual eu acesso o mundo’*:

Esse processo de escrita mencionado por Conceição Evaristo foi vivenciado pelas convidadas, muitas vezes a insegurança, o estranhamento, a própria dor expelida em palavras provocaram muitos incômodos, entre eles, se pertenciam a nós mulheres negras o direito a escrita, essas reflexões nos provocam, pois as nossas intuições e sensibilidades em que as mulheres negras precisam o tempo inteiro serem fortes, companheiras, ouvintes, prestativas, cuidadoras e com isso seus olhares muitas vezes se desvinculam dos desafios para olharem a si mesmas, pois dedicamos a vida inteira aos outros e por muitas vezes nos esquecemos de nós (Pretextos de Mulheres Negras, p. 7)

E de fato, muitas autoras que são entrevistadas e aparecem em destaque na pesquisa e no mapeamento, tais como Mel Duarte, Luz Ribeiro, Jenyffer Nascimento, Raquel Almeida, Rose Dórea e a própria Elizandra Souza, compõem o rol de autoras do livro. Para as organizadoras, o trabalho é também uma forma de dar continuidade às autoras que vieram antes.

Somos a continuidade de mulheres negras que nunca conheceram o que era a escrita e também escritoras negras como Maria Firmina, Carolina Maria de Jesus, Maria Tereza, entre outras que não estão mais entre nós, mas que nos presentearam com suas flores e espalharam suas sementes que germinaram bons frutos, nos quais colhemos e nos alimentamos nos dias de hoje. Mas como toda plantação, precisamos constantemente replantar e espalhar novas sementes. (Pretextos de Mulheres Negras, p. 7)

Já as entrevistadas e integrantes da antologia apontam o livro **“Pretextos de Mulheres Negras”** como um divisor em suas carreiras, uma vez que ele teve a capacidade de reuní-las em uma única publicação e mais do que a troca de textos, proporcionou a troca de experiências, vivências e saberes. Raquel Almeida, do sarau Elo da Corrente falou sobre:

E10<sup>45</sup>: Em 2007, quando a gente começou a organizar o sarau [Elo da Corrente], eram poucas que estavam ali fazendo, falando, acontecendo e depois de um tempo, acho que de 2010/2011 teve um ‘boom’ de mulheres mesmo que pegou o papel pra si e falou: ‘vou fazer, não me aceita, vai chorar pra lá porque a gente tá na cena’. Eu acho muito representativo isso tudo hoje, entendeu. Participar de antologias, do Pretextos [de Mulheres Negras], eu acho que foi um divisor assim, para muitas mulheres se empoderarem, se assumir, ir pra cima, publicar seu livro, fazer seus textos, blog, que seja, entendeu? Então, pra mim, teve um marco assim, significativo nesses últimos anos.

Já outras autoras, como Jenyffer Nascimento, o processo do livro foi de descoberta. Foi só depois dele que ela publicou o primeiro livro autoral **“Terra Fértil”**.

E11<sup>46</sup>: (...) mas para dizer que eu me reconheci como poeta acho que uma coisa muito importante foi eu ter sido convidada pela Elizandra [Souza] a fazer parte do ‘Pretextos de Mulheres Negras’. Porque foi uma reunião de mulheres onde compartilhamos nossas histórias e eu pude perceber que várias crises minhas, várias inseguranças estavam presentes em outras mulheres e ao mesmo tempo um reconhecimento de um fortalecimento, eu também faço parte

---

<sup>45</sup> Entrevista com Raquel de Almeida realizada no Centro Cultural de São Paulo (CCSP) para esta pesquisa no dia 17 de fevereiro de 2016.

<sup>46</sup> Entrevista com Raquel de Almeida realizada no Centro Cultural de São Paulo (CCSP) para esta pesquisa no dia 17 de fevereiro de 2016.

disso, posso fazer parte disso, e isso me empoderou para que um ano depois eu pudesse ter meu próprio livro autoral, com incentivo do coletivo Mjiba que foi muito importante na minha trajetória como mulher e escritora.

Já para Luz Ribeiro, o processo do livro, os encontros, as trocas e a participação trouxeram o despertar para questões relacionadas ao ser mulher negra e na periferia. De acordo com ela, até a publicação do primeiro livro **“Eterno contínuo...”** não havia uma vertente poética, que só foi descoberta a partir da antologia com as outras 21 mulheres.

E12<sup>47</sup>: Eu acho muito legal, porque quando eu comecei a ir no sarau, a minha poesia não tinha uma vertente, eu não escrevia para nada, nem para ninguém, aí a Elizandra Souza me chamou para fazer parte de um projeto que se chama “Pretextos de Mulheres Negras” e aí eu vi outras mulheres falando sobre a questão da negritude, do ser negro e ser mulher e eu achei aquilo muito fantástico, e eu peguei aquilo para mim, como um direcionamento também, porque quando eu via a Elizandra falando eu me sentia muito representada, de alguma forma eu queria ser representatividade para alguém também. Então hoje os meus textos tem esse zelo, de falar sobre como é ser mulher, de como é ser mulher negra dentro da periferia. Como também é ser um periférico. Eu tenho textos de como falam como os meninos acabam sendo envolvidos e tragados pelo tráfico de drogas então eu acho que hoje a minha poesia tem mais um cunho social, então, eu tento trazer... eu sou técnica social e trabalho com adolescentes em conflito com a lei então tento trazer as questões do cotidiano para a poesia, assim.

---

<sup>47</sup> Entrevista com Luz Ribeiro realizada no Centro Cultural de São Paulo (CCSP) para esta pesquisa no dia 18 de fevereiro de 2016.

Um pouco mais à frente na história e com a participação de 43 mulheres, o livro **“Herdeiras de Aqualtune – Feminina, Periferia um pedaço da África”** foi lançado em 2015 pelo selo também batizado de Aqualtune. Logo na primeira página, o livro é dedicado “a todas as negras e negros das periferias

do Brasil e do mundo. Essa obra representa o grito – que não foi ouvido – de mulheres como Lourdes da Silva Rodrigues, Tia Benedita, Lucila Fátima da Silva, Vanessa Santana, à Laurentina Pereira da Silva e suas filhas: Marli, Marinalva, Marilene, Marlene, Miralva e Maria de Lourdes”.



Figura 21 - Capa da antologia 'Herdeiras de Aqualtune'

Assim, conforme a própria organização introduz, o livro é um resgate histórico e de herança do povo negro, já que Aqualtune, embora a descrição do livro não traga, seria uma princesa no Congo, escravizada no Brasil e avó materna de Zumbi dos Palmares.

*“Trazemos aqui nossa herança, nossa história, nossa matriz, raízes, falas, enfrentamentos e apontamentos, vidas, ancestralidades, força através das palavras, garantindo também a continuidade ao Ritual da Oralidade, somos “Herdeiras”, herdeiras da nossa própria história”,* dizem as organizadoras no próprio livro.

Deste modo, como se tornou praxe nas antologias, os textos apresentados são seguidos de fotos e biografias das autoras. Alguns têm ilustrações, também feitas por uma mulher. Contudo, diferente das demais antologias femininas aqui apresentadas, o livro traz a participação de cinco homens. Entre os textos, poesias, crônicas, contos e histórias de vidas, o livro tem um forte apelo de luta contra o genocídio da juventude negra do país e a maior parte da produção é voltada a estas temáticas.

Em todas as antologias femininas lançadas nos últimos anos, podemos notar que a maioria das participantes possuem atuação na área artística, bem como ensino superior, muitas cursando ou formadas com mestrado e doutorado em suas áreas específicas. Deste modo, podemos entender que há uma urgência em reunir as mulheres e produzir os próprios livros. Conforme

vimos aqui, muitas lançaram seus volumes autorais após a participação das antologias, nos fazendo entender a importância da troca de experiências, de vivências e da representatividade, fazendo com que muitas poetisas e autoras da periferia buscassem a autorrepresentação.

Das oito antologias femininas trazidas aqui nesta pesquisa podemos destacar que todas elas foram lançadas de maneira independente, sem pedir ou necessitar da aprovação de homens ou de selos comandados por homens. Embora o volume 'Herdeiras de Aquatune' tenha a participação de alguns homens, ele é majoritariamente feminino e nasceu com esta proposta também.

Outro ponto que podemos observar é a proximidade das mulheres autoras com elas mesmas e a busca incansável pela ancestralidade, lembrada nos textos, nos acessórios usados, nas fotos, na lembrança de precursoras e na postura aderida. É perceptível que as mulheres falam apenas sobre si mesmas e suas vivências inerentes aos locais em que habitam e as experiências que possuem.

Podemos observar também que quatro das seis antologias tiveram o apoio do VAI (Valorização de Iniciativas Culturais) para serem financiadas, o que revela também o acesso da periferia e das mulheres aos editais e políticas públicas instituídos pelo governo e que viabilizam a circulação do trabalho feito por elas.

Das seis antologias que observamos neste subcapítulo, entendemos que quatro delas – Louva Deusas, Além dos Quartos, Pretextos de Mulheres Negras e Herdeiras de Aquatune – são protagonizadas por mulheres negras. Já os dois volumes de 'Perifeminas' trazem mulheres brancas e mestiças, contudo, ao tratar de hip-hop, tem em sua maioria também mulheres negras. Com este dado, é notório que tenhamos textos que refletem o que é inerente às negras e seria injusto falar sobre eles, já que eles falam por si, garantindo voz e representatividade às autoras que os fizeram.

A história da literatura marginal/periférica ainda está sendo escrita, assim como a história das mulheres neste contexto, portanto, ainda é cedo para que tenhamos qualquer tipo de conclusão para além das observações feitas até aqui, no entanto, é notável que nos últimos cinco anos – entre 2011 e 2016 – houve um interesse maior e uma capacidade de organização por

parte das mulheres em se auto publicarem e em organizarem antologias a fim de contarem as próprias histórias.

### 4.3 – Mulheres em palavras e movimentos de revide

Apesar das iniciativas para inserção feminina em alguns saraus, antologias, mostras e eventos, nem sempre os esforços são favoráveis. É necessário recordar que em novembro de 2011, o abuso e desrespeito contra as mulheres nos saraus originou o protesto feminino – e feminista – **MORDAÇA**<sup>48</sup> contra as cantadas e abusos sofridos. Na manifestação, escritoras, poetisas e entusiastas do movimento posaram para fotografias em preto e branco usando mordanças, utilizaram as mesmas imagens em avatares de redes sociais e circularam pelos saraus *do Binho* e *Sarau da Fundação* com as bocas tapadas e segurando cartazes nos quais pediam respeito.

---

<sup>48</sup> O vídeo está disponível no Youtube: [http://youtu.be/pMQEvmM\\_8IM](http://youtu.be/pMQEvmM_8IM)



Figura 22 - Mulheres postaram fotos nas redes sociais com a #nãopoetizeomachismo

Um movimento semelhante teve início no final de 2015, após um episódio isolado de abuso em um sarau na zona Sul de São Paulo. Em apoio à vítima, mulheres de diferentes saraus de todo o país criaram a campanha **#nãopoetizeomachismo**<sup>49</sup>, e a exemplo do movimento **MORDAÇA**, trocaram as fotos de perfil por fotos em

preto e branco, com a hashtag #nãopoetizeomachismo escrita no corpo. Além disso, escreveram relatos, sem identificação, sobre abusos sofridos nos ambientes dos saraus. Os depoimentos são mantidos em uma página no Facebook.

Em alguns saraus, algumas delas promoveram intervenções com os corpos pintados com a #hashtag e o uso do microfone para poemas exclusivamente femininos e feministas. Na internet, algumas fizeram poesias sobre o movimento. A organização foi também pauta do site Nós Mulheres da Periferia<sup>50</sup>.



já faz tempo

"que um tapinha não dói"

soa sensual

e a gente fica calada

com um sorriso torto, triste

pois dói sim, corrói

"o cara que pega você pelo braço,

esbarra em quem for que interrompa seus passos"

<sup>49</sup> Os relatos feitos na campanha podem ser acessados na página #nãopoetizeomachismo no Facebook: <https://www.facebook.com/N%C3%A3opoetizeomachismo-539805276175681/?fref=ts>

<sup>50</sup> Disponível em: <http://nosmulheresdaperiferia.com.br/noticias/mulheres-criam-campanha-contra-machismo-na-cena-cultural-periferica/>

esse cara são todos  
 que colocam em versos  
 a propriedade que acham  
 ser uma mulher  
 "mas que mulher indigesta  
 merece um tijolo na testa."  
 disse Noel dando a sentença  
 da justiça pretensa  
 e os poetas de hoje  
 posam de moderninhos  
 libertários, libertinos  
 adorando o amor livre  
 contanto que seja sua a liberdade  
 pois "mulher minha segura a onda"  
 eu pego todas, ela que me afronta  
 contemplando a beleza dos parça...  
 pois bem, meus camaradas  
 a brincadeira acabou  
 não tem licença poética  
 pra sua violência estética.

*(Cris Rangel, publicado em 21 de novembro de 2015)*

Em outra poesia/desabafo, postada sem identificação na página, lê-se alusões aos casos de machismo sofridos dentro dos ambientes de sarau:



### **#nãopoetizeomachismo**

você tá no sarau/slam/ debate/ show de rap/ batalha de rima/ roda-de-sei-lá-  
 o-quê e tem sempre um - ou mais - machista por perto  
 você está lá e ele te olha de um jeito que você não gosta; você está calada

you are there and he hugs you hard, squeezing you; you are being  
you are there and he grabs your waist, forcing you; you are being  
you are there, reciting your poetry and he accuses you of being a feminist; you are being  
you are there, making a comment and being ignored - because you are a woman; you are being  
being  
you speak, but you have no voice; you are being  
you are there, he kisses you without your consent; you are being  
you are there, he forces you into a hug, a kiss, his head against your back;  
you are being  
you are there and he forces you to have sex with him. he uses his physical strength to  
coerce you. he exerts psychological pressure; you are being  
he stays with you, he plays until you fall in love and then he abandons you, under the  
pretext of "free love"; you are being  
he stays with another girl in front of you; you are being  
he stays with several other girls near you. and far away too; you are being  
being  
he comes back to you and exerts psychological pressure; you are being  
he forces you to stay with him, even when you don't want to; you are being  
he sends an indirect poetic message at the party; you are being  
he sends an indirect message in music, in the girl who he seduced; you are being  
he makes you suffer; you are being  
he exposes you on social media; you are being  
he 'uses you', but only he enjoys it; you are being  
one day, this cry explodes!  
and there is no more turning back  
you are shouting  
you are talking  
you hold a megaphone and speak  
scream  
reverberates  
post a photo  
post a video  
post nude  
post everything that you always wanted  
you look to the side and see your equals  
you look forward, and they are holding your hand  
you stretch your hand, and pull the one who is coming

juntas, vocês formam um círculo  
 e macho nenhum  
 MACHO NENHUM  
 é capaz de quebrar  
 e todo silêncio vira voz  
 e não tem volta  
 a poesia agora é sua  
 a poesia agora é nossa  
 #nãopoetizeomachismo



*(Publicado anonimamente na página #nãopoetizeomachismo em 19 de novembro de 2015)*

Neste texto, nota-se a presença forte de outras mulheres, tidas como iguais, em uma ciranda para romper com os abusos sofridos por outras, tanto nos saraus, como nos demais ambientes. A hashtag aparece também contra a romantização do abuso, contra a poetização de práticas machistas, naturalizando-as.

Em outro texto, também postado na ocasião do surgimento do movimento, nota-se o desabafo de uma mulher diante de situações de abuso fora dos saraus e depois, dentro do ambiente, cometidas por poetas.



**aviso de gatilho**, nega

eu ainda nao tinha falado nada mas não cabe mais, chega  
 não faz muito tempo, fiz meu primeiro BO pra um escroto aí que me agrediu  
 me enforcou contra a parede, depois me perseguiu  
 do tipo que dá aula de forró ensinando arapuça  
 pra prender as mina, roubar um beijo e ninguém nem viu  
 sutil?  
 acordar com o pau duro do meu primeiro namorado na boca era bem menos  
 mas veja bem, ele era muito gentil  
 durou 7 anos e toda vez o medo me paralizava  
 quando eu conseguia, eu chorava  
 ele bufava, virava pro lado e dormia

no dia seguinte ele, que é sonâmbulo, mal sentia  
mal lembrava, mas sabia  
"tá tudo bem, gato"  
era o que eu dizia  
outro mano, famosinho do vinil  
manda muito na cadência da música popular do brasil  
democrático, a princípio um doce  
tentei não fazer a noitada mas antes fosse  
ele já desconstruiu o tabu da TPM e da menstruação  
me pergunta, indignado: "os caras que vc pega ainda não???"  
enfia o dedo, molha com o meu sangue  
me submete pelo olhar e lambe  
eu dei mesmo assim  
achando que era dona de mim  
ainda que com receio  
o rolê pelo meio  
PÁ! eu não pedi, nem vi daonde veio  
o surdão no pé da minha orelha  
o zumbido no meu ouvido levou um bom tempo pra ceder  
não, amiga, eu não devolvi com um coice nem mandei se fuder  
eu esperei ele acabar depois esperei amanhecer  
fui embora sem gozar e chorei sozinha pra esquecer  
"merecido, em silêncio é consentido"  
em outra ocasião, outro cuzão  
me chamou de preta linda  
forçando a minha nuca no boquete, eu já tinha falado não  
ele insistiu, eu engasgada falei "não!"  
me esquivei, levantei e gritei "NÃO, FILHA DA PUTA!"  
"foi mal, vem cá, desculpa"  
"vem cá é o caralho, tira a mão!"  
eu vou embora, abre a porra do portão!"  
eu reagi, eu consegui!  
ali lavei minha alma por um dia  
e daí vc tromba um mano,  
do rolê, poeta, humano  
se sente um pouco mais segura, relaxa na vigilância  
até que enfim, porque andar com a faca na bota cansa

mas do machão assumido ao fita universitário, tudo ordinário  
é que com acesso à educação, a manipulação ganha casca de argumentação  
amiga, não baixe a guarda pro machista em desconstrução  
ele até vai bem no começo, é convincente  
ele te surpreende, é eloquente  
deixa claro que se ofende  
quando é colocado em lugares aos quais não pertence  
aquele broder feminista  
aparentemente bem quisto  
até quer te ver gozar!  
mesmo com um passado triste, o coitado  
assim ele conta: fui enganado e abandonado  
passa um mês, dois  
o carinha apaixonado deu lugar pra outro, amargurado  
mesmo sendo muito bem cuidado  
e a amargura do homem virou misoginia  
tudo culpa da dita vadia  
e, de repente, eu de novo em agonia  
mas eu não ando mais só e aprendi uma nova:  
com que nome vc insulta  
o filha da puta que me escuta  
pedindo pra parar e continua?  
que em outra trepada até pára, pede desculpa  
mas no minuto seguinte, me faz refém da mesma luta?  
que me fez chorar no chuveiro  
achando que era minha a culpa?  
pro feitor  
que só se incomoda em perguntar se eu tô bem  
quando eu me faço de cadáver, de dor?  
estuprador!  
o nome é estuprador!  
tem mano aí tremendo na base pensando  
"será que fui eu?"  
também tem outros mano negando  
mesmo a mina afirmando  
que doeu  
véi então ce confirma

que não sabe dizer se a mina gostou quando te deu???  
foi uma irmã quem me ensinou  
ela teve o azar de trombar o mesmo caô  
sabendo que ela era virgem, ele partiu ela no meio  
e garantiu: "é normal, dói assim mesmo"  
é claro que ela não gozou  
foi a força dela que me fez falar  
porque é o silêncio que obriga as mina a suportar  
no lugar daonde eu vim  
e nos lugar por onde eu passei  
não me ensinaram a cuidar direito de mim  
mas minha vó benzeu meu mal,  
minha tia me banhou com sal  
e minha mãe defumou a casa com alecrim  
e tem várias de nós sentindo a mesma dor agora, eu sei  
eu não tive força pra tirar muito cara de cima  
mas aprendi com uma irmã desconstruída  
eu lambi minhas ferida  
e minha dor viro rima  
agradecida, amiga, pela paciência  
percebi nesse momento  
que eu perderia a competição do empoderamento  
eu tenho orgulho de todas as mulheres que eu fui!  
o estuprador tá na minha família  
é o amigo que divide a breja comigo no bar  
é os cara que bate no peito e afirma que faz sua parte na correria  
que curte e compartilha o post feminista do dia  
mas ó, tá faltando muito esforço viu, parceria!  
porque todo homem é um estuprador em potencial  
toda mulher já passou, passa ou vai passar coisa quase igual  
eu cansei de fazer a didática e explicar o que uzomi tem que fazer  
mas as amiga e as amiga das amiga, mana, nois tem que saber  
põe pra circular!  
é pra fazer circular o nome e a cara do cara  
pra quem vc tá pedindo pra parar  
e o escroto não para  
e eu dou minha cara pra bater se ficar um de fora

porque quando ele não estupra seu corpo,  
ele estupra sua memória  
ensinada a aguentar calada  
enquanto ele anda com a cabeça enfiada  
no próprio cú  
ele te adora e não quer abrir mão de você  
mas entre igualdade na relação e privilégio  
ele sabe escolher  
olha quanta oferta em abundância  
manipulada, ainda que pela frieza e pela distância  
parece que as mina tá condenada  
a procurar pelo menos pior  
dos males, o menor  
mas nois tamo junta, vamo encostá ali e conversá!



*(Mariana Rocha Arduini, publicado em 25 de novembro de 2015 – Dia do Combate à Violência Contra Mulher)*

Observando estas movimentações femininas ocorridas após episódios de abusos e assédios nos saraus, bem como a articulação de grupos exclusivamente femininos, nota-se a necessidade de representatividade, de organização, de volume e voz que parte destas poetisas, que frequentam tais espaços e mais do que um microfone para falar, desejam ser ouvidas e respeitadas. Para além da organização de grupos majoritariamente femininos e da criação de movimentos reais e também virtuais contribui para o avanço poético e das mulheres nos espaços também fora dos saraus, mas no cotidiano, no dia a dia.

## Capítulo 5

### Quem são as mulheres da literatura marginal/periférica?!

#### 5.1 – o que e como dizem as mulheres?

É fundamental pontuar que temos a consciência da impossibilidade de representação plena das mulheres da literatura marginal/periférica. Para tentar ser o mais fiel possível à representatividade destas na contemporaneidade, foi criado um formulário digital afim de mapear e responder, na prática, quem são as mulheres da literatura marginal/periférica. Em um período de 6 meses, um total de 425 mulheres responderam ao questionário, fornecendo dados tais como nome, local em que vivem, número/nome de publicações, editora, etnia, profissão e se frequentam ou não saraus.

Estes dados devem trazer a dimensão, por meio de um mapa, de onde estão concentradas as mulheres oriundas da periferia e que escrevem atualmente.

Vale salientar também que a ideia de criar um formulário de automapeamento vem para corroborar o protagonismo da mulher frente a seu tempo e suas ações, permitindo que elas mesmas respondam sobre si e pontuem os fatos e produções que julgarem relevantes para a pesquisa.

Para a estudiosa Matilde Ribeiro, a partir da década de 1990, observa-se que:

“os protagonismos de grupos tornados invisíveis entraram para a agenda política mundial. Contudo, na medida em que os protagonismos são conquistados, aprofundam-se as complexidades, as dificuldades organizativas e teóricas” (RIBEIRO, 2009, p. 11)

Contudo, é importante destacar, mais uma vez, que temos consciência da impossibilidade de esgotar o número e/ou perfil das mulheres que escrevem atualmente no Brasil, mesmo sob o recorte da literatura marginal/periférica, uma vez que estes dados oscilam a partir de novas publicações, criações de novos saraus e espaços para a literatura nas periferias e margens, bem como abandono por parte de algumas mulheres já mapeadas. Temos ainda a noção da impossibilidade de representação plena de um grupo, já que não há homogeneidade no grupo escolhido para a pesquisa. Entretanto, sabemos também que as pessoas que responderam ao questionário disponível pela internet e que se dispuseram a participar da pesquisa tem demandas e pontos em comum.

Para classificar isto, usamos o conceito de fundamentos contingentes, aplicado por Judith Butler (1998), bem como o conceito de essencialismo estratégico, aplicado por Spivak (2010), já que ambos convergem, explicando a possibilidade de coletividade, ainda que em questões distintas para membros de um mesmo grupo.

Para Butler, ao falar sobre o sujeito mulher, no feminismo, é desconstruir, mesmo que paradoxalmente:

Desconstruir o sujeito do feminismo não é, portanto, censurar sua utilização, mas, ao contrário, liberar o termo num futuro de múltiplas significações, emancipá-lo das ontologias maternais ou racistas às quais esteve restrito e fazer dele um lugar onde significados não antecipados podem emergir.

(...) Pode acontecer que somente mediante a liberação da categoria mulheres de um referente fixo se torne possível algo parecido com —capacidade de agir—. Pois se o termo permite uma ressignificação, se o referente não é fixo, então se tornam possíveis possibilidades de novas configurações. [...] Refundir o referente como o significado e autorizar ou salvaguardar a categoria mulheres como lugar de ressignificações possíveis é expandir as possibilidades do que significa ser uma mulher, e nesse sentido, dar condições para e permitir uma capacidade de agir realçada. (BUTLER, 1998:36-37)

Em um levantamento feito para esta pesquisa, nota-se que embora esteja numa crescente, na periferia poucas são as mulheres que conseguem, ou por editoras pequenas, ou por incentivo de editais, ou ainda com recursos próprios, publicar seus livros autorais. Entre as mulheres mapeadas, e outras que não responderam o questionário, mas possuem obras e citações relevantes para a pesquisa, notamos que o teor dos textos, quase sempre, sobre 'ser mulher'. Embora muitas vezes as autoras não se reconheçam como feministas, reconhecem-se como mulheres e buscam por direitos, por voz, pelo não silenciamento e pela emancipação. A temática da ancestralidade também se faz presente nos relatos e poesias, denunciando, muitas vezes, a própria realidade em que a mulher negra é vista – e tratada – nas periferias, como observa Eble:

É interessante notar o quão recorrente é a afirmação dessas autoras como feministas, diferentemente do que ocorre com as escritoras de elite, que geralmente recusam o adjetivo, por mais que seus textos indiquem o contrário – talvez por receio de distorções e preconceitos em relação à sua produção. Ou seja, vejo que, em que pese uma opressão bastante arraigada, as autoras marginais são mais contundentes politicamente. (EBLE, 2014)

É muito comum observarmos mulheres poetisas, que empoderaram-se por meio de suas poesias, que narram seus cotidianos por meio deste gênero, mais do que qualquer outro, mesmo nas antologias.

Tal identidade empregada às produções literárias das mulheres da periferia, segundo Stuart Hall (2000) dá-se a partir da influência que os movimentos sociais e culturais da periferia exercem sobre os sujeitos.

Parece que é na tentativa de rearticular a relação entre sujeitos e prática discursiva que a questão da identidade – ou melhor, a questão de identificação, caso se prefira enfatizar o processo de subjetivação (em vez das práticas discursivas) e a política de exclusão que essa subjetivação parece implicar – volta a aparecer. (HALL, 2000, p.105)

Quanto aos textos e poesias feitos por mulheres, se talvez não possam ser considerados como literários de acordo com uma perspectiva estética devedora de critérios tradicionais de análise literária, tais textos, porém, não devem ser descartados. São importantes, em primeiro lugar, por dar voz a essas mulheres – o que já lhes é tradicionalmente negado –, mas também para que se tenha noção da complexidade delas, acabando por fornecer subsídios para compreender melhor alguns aspectos dos textos ficcionais propriamente ditos. (EBLE, 2014)

Entretanto, é crescente a parcela delas que aparecem em antologias, sejam 100% femininas ou mistas. Neste ponto, o que percebe-se é de que desde 2004 – quando as antologias dos saraus se popularizaram – o número de mulheres escritoras é 20% menor que o de homens.

Nos últimos 15 anos, foram publicados cerca de 500 livros coletivos e individuais<sup>51</sup> e entre eles ainda é inferior o número de mulheres entre os autores. Tais dados exemplificam o ‘silêncio’ da mulher como repórter de si mesma e da realidade em que vive, mas mostram nos últimos anos, uma crescente em termos de participação. A sensação é de que o protagonismo vai sendo compartilhado. Neste levantamento, notamos que os textos do universo feminino versam em temas que falam sobre violência doméstica e abuso sexual, condições da mulher como feminismo e desigualmente, negritude (cor da pele, tipo de cabelo, vestimenta) e ainda relações amorosas.

Mas é importante salientar, contudo, que as mulheres da literatura marginal/periférica, em sua maioria, estão conscientes do “seu papel” e mesmo nas relações amorosas trazidas nos textos e poesias, raramente aparecem em papéis submissos, mas sempre em tentativas e figuras de empoderamento.

Nos depoimentos e casos que versam sobre abusos sexuais e machismo, o tom das mulheres que fazem parte da literatura marginal/periférica é sempre de alerta, de denúncia, de posicionamento, de dica para evitar que outras mulheres sejam vitimadas.

---

<sup>51</sup> Não existe um número preciso de títulos publicados, no entanto a cifra superior a 250 livros é confiável, visto que eu mesma possuo acervo semelhante a tal estatística. É importante destacar que em São Paulo, onde acontece a maior efervescência literária da periferia, o programa de Valorização de Iniciativas Culturais (VAI), ao longo de 8 anos apoiou mais de 100 projetos relacionados à literatura.

## 5.2 – Dos griots aos slams: a importância da oralidade

No campo da palavra, é importante destacar que nos saraus – do qual a maior parte das mulheres citadas nesta pesquisa faz parte – a oralidade é fundamental. A fala em grupos a fim de transmitir histórias, poesias, conceitos e acontecimentos é largamente associada a períodos históricos importantes e neste caso, passeia desde os trovadores medievais e contadores de histórias africanos aos MCs (mestres de cerimônias da cultura hip-hop), chamados por António Concorde Contador de “griots pós-modernos” (CONTADOR, 1997, p. 38)

Contudo, a oralidade é ‘palavra obrigatória’ nos saraus e no universo da poesia falada, passeando novamente desde as competições de poesia falada na Grécia antiga, pelo repente nordestino, até chegar ao rap (ritmo e poesia), o *spoken word*, os trovadores, os jograis e mais atualmente os *poetry slams*, que estão a se popularizar e fixar no Brasil, congregando-se com saraus.

“1...2...3... *slam das minas, das manas, das monas, das monstras*”. Com a ampulheta imaginária virada, as poetas inscritas tem até três minutos para convencer um júri, escolhido na hora, de que a performance poética feita por ela é a melhor daquele campeonato.

A cena acima pode ser uma competição de poesia falada, um culto à oralidade, uma celebração poética, uma forma de entretenimento, uma modalidade esportiva, ou, como é comumente chamado “*poetry slam*” ou apenas “*slam*”, cujo termo foi emprestado dos torneios de baseball nos Estados Unidos. Mas, antes de chegarmos aos *slams* brasileiros, é preciso compreender sua origem.

O ano era 1986 e para tentar popularizar a poesia falada, o operário da construção civil Mark Kelley Smith criou um “show-cabaré-poético-vaudevilliano” (Smith, Kraynak, 2009:10) batizado como ***Uptown Poetry Slam***, em parceria com o grupo Chicago Poetry Ensemble.



Figura 23- Roberta Estrela D'Alva durante slam

De acordo com o livro “*Teatro Hip-Hop*”, da slammer Roberta Estrela D’Alva, “em um fim de noite, de forma orgânica, e a partir de um jogo improvisado, o *poetry slam* nasceu”. O relato do surgimento pode ser encontrado no livro **The Cultural Politics os Slam Poetry**, relatado por Susan B. A. Somers-Willet.

“Smith encontrou, um formato que ‘pegou’. Ele realizou uma competição simulada no final do show, deixando o público julgar os poemas apresentados no palco, primeiro com vaias e aplausos, e, posteriormente, com pontuação numérica. O público foi compelido por esse formato e Smith logo fez da competição uma atração regular nas noites de domingo do bar Green Mill. Foi lá, entre tilintar dos copos de uísque e rajadas de fumaça de cigarro, que o *Upton Poetry Slam* nasceu”. (SOMERS-WILLET, 2009, p. 4)

Desde então, as competições se expandiram não apenas por Chicago, mas por todo o país. Em 1990 ocorreu então o primeiro *National Poetry Slam*. Na sequência, as mesmas competições expandiram-se para outros países, não apenas da América do Norte, mas também da Europa, sendo em 2002, o primeiro campeonato foi realizado na Itália, expandindo o ‘esporte’ em outros países como França, Suíça e Alemanha.

Conforme nos explica Roberta Estrela D’Alva, muitos competidores – também chamados de slammers – tornam-se poetas “super stars”, porém, tal prática difere do que preconiza este estilo de evento. “Prega-se que o propósito do *poetry slam* não é a glorificação do poeta em detrimento de outros, mas a celebração da comunidade à qual pertence” (2014, p. 99).

Então, mesmo com a competição, o slam ou *spoken word* - como por vezes é chamado em alusão às práticas musicais como o hip-hop, a poesia beatnik e também às performances literárias contemporâneas – é mais do que um jogo ou esporte, é uma celebração.

Nesse sentido, os *slams*, que inicialmente têm como mote a competição, tomam a proporção de celebração, que conta com um mestre de cerimônias chamado *slammaster*, e onde a palavra é comungada entre todos, sem hierarquias. Um círculo poético onde as demandas “do agora” de determinada comunidade, suas questões mais pungentes, são apresentadas, contrapostas e organizadas de acordo com suas vivências e experiências. (NASCIMENTO, 2014, p. 99-100)

Surgido há 30 anos nos Estados Unidos, tornou-se uma prática no mundo todo, conforme nos mostra Roberta Estrela D’Alva:

É difícil defini-lo de maneira tão simplificada, pois em seus 25 anos de existência, ele se tornou, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural e artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo o mundo” (NASCIMENTO, 2014, pag. 97).

É importante salientar que os *slams* organizam-se de acordo com as próprias realidades e locais onde acontecem, não sendo obrigados a obedecer normas rígidas e inflexíveis de formatos, contudo, a maior parte das ‘comunidades’ – assim chamados os eventos que se realizam mundo agora – três diretrizes são obedecidas, como: poemas de autoria própria, poesias de até três minutos e o poeta sem figurinos ou acompanhamento musical.

Os espectadores vibram com os *slammers* que conseguem tirá-los de onde estão, que provocam paixão, ódio, que despertam desejo, dor, repulsa, admiração. Os poetas que entram nessa arena sabem que terão que emocionar a audiência, seja pelo humor, pelo horror, pelo caos, pela doçura, pela perturbação, seja pelas inúmeras sensações emocionais e corporais que são capazes de provocar, e os mais diversos recursos são usados por eles para atingir esses fins. Nesse carro, a regra que não permite o uso de adereços, figurinos ou acompanhamento musical também influencia

tanto na composição quanto na execução da performance, pois apenas com a gestualidade do corpo (do qual a voz também é parte integrante), os poetas devem criar todos os efeitos que qualquer um desses elementos trariam. (NASCIMENTO, 2014, p. 102)

Assim, embora tenha em seu carro-chefe a oralidade, os *slams* diferem-se dos saraus pelo tom de competitividade. Enquanto neste primeiro os espectadores vão para ouvir poesia e, por vezes, fazem uso do microfone também para declamar e ler textos, no segundo, é necessário obedecer uma dinâmica pré-estabelecida de ordem e ainda contar com as notas dadas pelos jurados, que são determinantes para definir quem é o vencedor. Para Roberta Estrela D'Alva, os slams não são exatamente uma novidade, conforme ela cita em entrevista à TV Trip<sup>52</sup>:

A poesia oral, até anos atrás, falava em 'poesia oral' era risível, menor, até hoje tem gente que acha que é menor, que você precisa um livro para ser respeitado, só que com os grandes campeonatos, hoje em dia tem os slammers, o que são os slammers? São atletas da palavra. São caras que gostam de ir no slam e treinam a performance poética e performance quando eu falo não é o jeito de mexer ou falar, mas de angariar a atenção do público e uma vez estando com a atenção do público, o que você faz com ela.

Todo esse movimento de saraus, de slams que a gente vê hoje, do rap, eles não são exatamente uma novidade. Eu acho que vem numa necessidade de expressar. Você encontra raízes do rap – rithym and poetry – ritmo e poesia. Você encontra raízes disso nos discursos de Martin Luther King, no movimento pelos direitos civis americanos, você olha um discurso do Malcom X, ou da Angela Davis, ou Amiri Baraka, ou Gil Scott Heron, falando uma poesia, é rap, já. A raiz é rap, então nasce de uma necessidade de ritmar o discurso, de se expressar, de dar voz novamente às pessoas

---

<sup>52</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=yGjRoAA7D40>

que não são ouvidas, que não estão na televisão, à negritude, à juventude, que é a maioria e essa é a grande revolução.

O aspecto 'competitivo' dos *slams* acaba, por vezes, por afastar os poetas que formaram-se nos saraus, já que estes julgam a rivalidade um elemento



Figura 24 - Poeta e slammer Mel Duarte em ação

que interfere na poesia. Para Paul Zumthor, a competitividade é historicamente ligada à poesia oral por meio da própria história.

Marcada por sua pré-história, a poeisa oral cumpre assim sua função mais lúdica que estética: ela garante essa partida no conceito vital, na liturgia cósmica. Ao mesmo tempo, é enigma, ensinamento, divertimento e luta. (Zumthor, 1997, p. 279-280)

### 5.2.1 Slam no Brasil

Diferente do que ocorreu nos Estados Unidos, o *slam* no Brasil difere-se do ambiente onde ocorreram os primeiros saraus: os bares. Ele aconteceu, inicialmente, na sede do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, em seguida, outros slams foram surgindo e apoiando-se em novos espaços públicos para ocorrerem. Alguns, tornaram-se itinerantes.

O primeiro deles é o **ZAP! Zona Autônoma da Palavra**, realizado pelo

Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, que até 2014 ocorreu no bairro da Pompeia e desde que houve uma desapropriação do prédio, ocorre de forma itinerante, em diferentes espaços. De acordo com Roberta Estrela D’Alva (2014, p. 105), que foi a criadora do slam e do espaço, a diferença de estilos, discursos e idades é uma característica marcante. “Numa noite podem-se ter, juntos, disputando o mesmo *slam*, estudantes adolescentes, professores, atores, profissionais liberais, MCs, jornalistas, donas de casa, dançarinos, vendedores ambulantes, todos reunidos em torno de um único microfone, fazendo uso da liberdade de expressão de suas ideias (o que nem sempre foi possível num país onde houve ditadura militar como o Brasil – nunca é demais lembrar). Não há como negar o caráter inclusivo e libertário de um encontro de *poetry slam*”.

Para a atriz-MC, *slammer* e pesquisadora bastante citada nesta pesquisa, pioneira do *slam* no país e autora de pesquisa acadêmica que abrange o tema, os *slams* no Brasil transformaram-se em espaços de diálogo, atrito e conflito (2014, p. 105-106).

“O *slam* é feito pelas e para as pessoas. Pessoas que, apropriando-se de um lugar que é seu por direito, comparecem em frente a um microfone para dizer quem são, de onde vieram e qual o mundo em que acreditam (ou não). É um espaço para que o sagrado direito à liberdade de expressão, o livre pensamento e o diálogo entre as diferenças sejam exercitados. Um espaço autônomo onde é celebrada a palavra, a fala, e, ainda mais fundamental num mundo como o que vivemos – o ouvir”. (NASCIMENTO, 2014)

Ainda no Brasil:



**PUTA**

“que  
essas mulheres de roupas despudoradas  
depois reclamam que lhe passam a mão  
com esses trajes merecem mesmo um vagão.

a outra saiu de saia curta em plena noite  
sem exagero, merecia uma surra de açoite  
imagina, desse jeito teria mais cautela  
e preveniria de ser abusada em uma viela.

bananinhas e jacas tem exceção  
podem aparecer semi nuas na televisão  
é profissão, sabe? devemos respeitar  
e na boa o corpo delas são de invejar.

mina que merece o meu respeito  
por ter livro e filme feito  
e não ser dessas inocentes bobinhas  
lindo o jeito livre da bruna surfistinha.”

não me acostumarei a ouvir esses conceitos  
de que mulher vale o que veste  
se usar burca acabasse o preconceito  
os mulçumanos fariam das mulheres presidentes.

sobejo de falas malditas mostram a realidade  
o machismo nosso de cada dia incutido  
independe do gênero e idade  
e cada gesto corrói as vitimas de modo despercebido.

será que só homem sente calor?  
pois podem livremente andar sem camiseta  
mulher com roupa justa é adjetivo de sem pudor  
e ao serem o que são, tornam-se alvo de indiretas.

entopem-nos de artigos de como nos aceitar  
- somos todos iguais para revolucionar  
há um mundo lindo fora de nossas casas.  
ensinam-nos o caminho e nos podam as asas.

mulheres são incentivadas  
trabalhar, escrever, cantar... viver  
mas quando enfim descobrem o ser  
provocam na sociedade mal estar, azia.

bradam que somos livres sexualmente  
mas se uma Fran durante a relação for filmada  
nas rede sociais reacionárias ela será humilhada  
criando mais uma pessoa dita indecente.

a santarrona que fez imagem com sinal de positivo  
em conversa com as amigas diz:  
- entre quatro paredes meu sexo é apelativo  
adoro mostrar que sou experiente e não aprendiz.

o puritano divulgou no facebook o mesmo gesto  
“ mulher não deve se desvalorizar, não é legal. “  
mas na cama implora pra namorada fazer anal  
e que o oral dela o deixa inquieto.

há quem reclame das que vão pra rua  
que batem na cara da hipocrisia  
não aceitam qualquer homem como companhia  
e estampam frases em sua pele nua.

eu quero estar com as quem vão a luta  
não me vista de culpa, já sei me cobrir de alegria  
e quando novamente for chamada de puta  
receberei essa palavra como cortesia.

(Luz Ribeiro, 2013)

Foi com esta poesia que a poeta e slammer Luz Ribeiro venceu o *Slam da Flupp* em 2015 <sup>53</sup> no Rio de Janeiro. Apesar de não ter conseguido a vaga para o campeonato mundial na França – até outubro de 2016, nenhuma

<sup>53</sup> Vídeo da performance no slam disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4PhoAyyS4O4>

brasileira conseguiu por meio do circuito brasileiro de Slams, com exceção de Roberta Estrela D'Alva, conforme veremos abaixo – ela venceu a etapa nacional.

Em 2011, a atriz, cantora e slammer Roberta Estrela D'Alva chegou à final do campeonato mundial na França e ficou em terceiro lugar. Ela foi convidada a estar no evento, representando o Brasil, e abriu as portas para que o país tivesse uma vaga anualmente no evento. Depois dela, os brasileiros Fábio Boca, Lews Barbosa, Emerson Alcalde e João Paiva estiveram na competição. Entre eles, apenas Emerson Alcalde bateu 'na trave', no mesmo ano em que o Brasil disputava o pentacampeonato no futebol. Alcalde ficou em segundo lugar na competição, perdendo por uma pontuação irrisória para o canadense Ikenna Onyegbula, após terem empatado na ordem original, de três poesias.

Apesar de várias mulheres, ao longo das etapas que ocorrem durante o ano nos slams espalhados pelo Brasil, chegarem ao 'grande dia' da final brasileira, também apresentado por Roberta Estrela D'Alva, desde que os campeonatos acontecem, apenas Luiza Romão foi finalista do Slam BR, perdendo a final para João Paiva, em 2014.

### **5.2.2 - Autorrepresentação**

Os saraus, *slams* e a literatura marginal/periférica trouxeram aos que interagem com este circuito a possibilidade de autorrepresentação, garantindo que aos mesmos a própria voz, de forma possam declamar, poetizar, ser ouvidos e mais, escrever as próprias histórias, sem o auxílio de outrem.

É importante destacar que tal lugar de fala, a fazer valer a voz como discurso, garante que ela não apenas seja ouvida, mas amplificada. Os poetas podem, neste circuito, não somente contar e escrever a própria história, mas fazê-la a partir de uma estética própria, que abrange o que só eles viveram, sem que haja interferência de qualquer tipo de intermediário.

(...) quando falo de autorrepresentação, refiro-me a um posicionamento artístico, no qual as posições e as visões de mundo são matéria indissociável da construção artística, ou seja, a obra de arte como meio específico da vida e do

discurso político do artista; que de posse de sua história pessoal a utiliza para um exercício de socialização de sua vivência transformando sua experiência individual na vivência do coletivo, sendo desta forma catalisador de uma história ancestral, tal qual o xamã ou o *flaneur*. Ritualizando sua experiência, consegue representar-se, da mesma forma que através do rito coletivo consegue sentir-se representado no conjunto da sociedade (...) (ZUMTHOR, 2003, p. 1).

É por isso que, conforme destacou Dj Eugênio Lima em uma reportagem em 2008<sup>54</sup>, o discurso advindo dos grupos artísticos negros, periféricos e fora do circuito do *mainstream* é pela própria voz. "Nosso discurso é pela auto-representação, pela legitimidade na encenação. Eu não outorgo a ninguém o direito de contar a minha história. Ninguém vai contar para mim o que é que eu sinto, o que é ser negro em São Paulo."

Tal colocação é reforçada pela fala de Roberta Estrela D'Alva em entrevista ao programa Metrópolis<sup>55</sup>, da TV Cultura em 2015.

A autorepresentação, o depoimento sempre está muito presente, você vai num sarau ou num slam, você vê a pessoa ali com a sua voz, dando voz ao seu ponto de vista, dando voz ao que não tem voz, dando vida geralmente ao que não tem espaço. (D'ALVA, 2015, sem paginação)

Deste modo, nota-se no discurso das mulheres que frequentam os saraus e slams brasileiros, o poder de fala, voz e declamação conferido pela presença das mesmas nestes espaços. A existência desta voz é também pontuada e ratificada pelo silêncio como forma discursiva, uma vez que muitas delas reconhecem-se, em silêncio, na fala de outras e vão, muitas vezes, aos saraus, para ouvir e comungar da palavra.

---

<sup>54</sup> Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1810200815.htm>

<sup>55</sup> Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=PK\\_B6Sd7VHg](https://www.youtube.com/watch?v=PK_B6Sd7VHg)

Por outro lado, fica nítido que, para muitas mulheres, o silêncio faz-se importante no contexto dos saraus, já que ele legitima vozes e discursos. Deste modo, entender o silêncio é pensar na relação com o outro e nos remeter mais uma vez, à memória discursiva e à incorporação de comportamentos de que fala Pierre Bourdieu, face às estruturas de dominação.

(...) Sempre vi a dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. (BOURDIEU, 2003:09).

Na prática, o silêncio e a voz dos saraus são os elementos que garantem sua continuidade e adesão, conforme destaca Elizandra Souza:

“Os saraus vieram [para] possibilitar que as pessoas se conheçam também. O sarau te dá voz, dá essa possibilidade de visibilidade para as pessoas que nunca foram ouvidas, que nunca foram visibilizadas, queridas, né? Então você vai lá e é aplaudido, isso é gratificante. Eu fico constrangida por chegar atrasada [a um sarau], eu vejo como meu compromisso, é um compromisso comigo mesma. Eu quero ir, mas eu quero ouvir as pessoas, eu quero ouvir as poesias. Ir lá declamar não é meu objetivo, mas minha forma de contribuir é com um poema” (PEÇANHA, 2015. p. 205 e 206)

Vale destacar, no entanto, que neste aspecto da literatura marginal/periférica feita por mulheres, o discurso e a voz assumem o tom enunciativo de denúncia a partir do local de fala de cada uma delas. A denúncia, neste caso, pode ser compreendida no interior de práticas de linguagem, pelo gesto, pelo sujeito, pela sua relação com a verdade e com o interlocutor/ouvinte/leitor. De acordo com Maria Onice Payer:

“ (...) quanto mais se apresentam formas determinativas no dizer; quanto mais se prendem os sentidos na constituição de um sujeito determinado, menos fissuras se encontram no dizer; mais se produz o efeito de delimitação e fechamento, de saturação dos sentidos e, portanto, de adesão do sujeito enunciativo àquilo que ele tem (enuncia) como verdade. (PAYER, 2006, p.60)

Ainda de acordo com a autora, as formas enunciativas não se exercem separadas na prática do discurso. Segundo Payer (2006), de denúncia como gesto de linguagem suporia o sujeito que enuncia, que é detentor de um saber desconhecido para outros e um objeto de referência discursivo que não era conhecido e passa a ser e um interlocutor representado em uma posição de autoridade capaz de executar uma ação subsequente à denúncia.

Um exemplo é o da poeta Elizandra Souza, que se utiliza do poema “Em Legítima Defesa<sup>56</sup>”, para, em tom provocador, chamar a atenção da sociedade para a violência sofrida pelas mulheres.



### **Em Legítima Defesa**

Só estou avisando, vai mudar o placar....

Já estou vendo nos varais os testículos dos homens que não sabem se comportar

Lembra da cabeleireira que mataram outro dia?

E as pilhas de denúncias não atendidas?

Que a notícia virou novela e impunidade

Que é mulher morta nos quatro cantos da cidade...

Só estou avisando, vai mudar o placar...

A manchete de amanhã terá uma mulher dizendo:

- Matei! E não me arrependo!

Quando o apresentador questioná-la, ela simplesmente retocará a maquiagem.

Não quer parecer feia quando a câmera retornar e focar em seus olhos, seus lábios...

Só estou avisando, vai mudar o placar...

<sup>56</sup> Publicado originalmente no livro “Águas da Cabaça” (2012).

Se a justiça é cega, o rasgo na retina pode ser acidental  
Afinal, jogar um carro na represa deve ser normal...  
Jogar carne para os cachorros procedimento casual...  
Só estou avisando, vai mudar o placar...  
Dizem que mulher sabe vingar  
Talvez ela não mate com as mãos mas mande trucidar.  
Talvez ela não atire, mas sabe como envenenar...  
Talvez ela não arranque os olhos, mas sabe como cegar...  
Só estou avisando, vai mudar o placar...



*(Elizandra Souza, 2012, Águas da Cabaça)*

Curiosamente, este mesmo poema foi recusado em diferentes antologias e, por causa dele, surgiu em Elizandra Souza o desejo de publicar um livro autoral. Em entrevista à pesquisadora Lucia Tenina, ela contou:

“Em Legítima Defesa é o responsável pelo Águas da Cabaça. E eu mandei para algumas antologias, mas acabaram escolhendo poemas que davam para todo mundo ler, porque é uma poesia que incomoda, não é agradável nem para quem escreve nem para quem lê, né? E aí eu pensei, meu, se eu não fizer um livro e colocar esse poema, ninguém vai publicar esse poema, se eu não assumir a responsabilidade desse poema, ninguém vai querer” (TENINA, 2015, p. 75)

Além disso, este poema também espalhou-se durante o movimento MORDAÇA, em 2001, ao acompanhar as fotos de mulheres em seus avatares. Este mesmo poema inspirou a rapper Lívia Cruz a escrever a canção “*Não Foi em Vão*”<sup>57</sup> e gravar um videoclipe no qual aparece envenenado o companheiro que a violentava “por amor”. Neste mesmo material audiovisual, Lívia Cruz dialoga com os saraus e várias autoras da literatura marginal/periférica aparecem ao final, quando estatísticas de violência contra a mulher no Brasil encham a tela, antes de Elizandra Souza aparecer declamando a versão da poesia.

Com isso, evidenciamos a proximidade entre o silêncio e a oralidade e a importância do respeito de um para com o outro. Na obra das mulheres, encontra-se muitas poesias que clamam por silêncio e outras que berram, agressivas. Ainda nos saraus e *slams*, é impossível ouvir tais gritos se não houver um silêncio, tanto externo, por parte do público presente, como interno, para de fato ouvir e escutar o que o outro tem a dizer.

---

<sup>57</sup> Disponível no Youtube: <http://www.youtube.com/watch?v=RyXebEOvELc>

## Capítulo 6

### *6.1 - as vozes femininas e plurais da literatura marginal/periférica*

Esta pesquisa não tem como objetivo reduzir a literatura marginal/periférica feita por mulheres ao jornalismo cotidiano, mas, mostrar que também, a poesia empresta às mulheres uma forma de luta contra os fatos assombrosos do cotidiano. Muitas mulheres automapeadas neste trabalho, ou cuja produção é aqui mencionada, utilizam-se da voz poética e da autorrepresentação para, por meio da arte, do uso do microfone, da oralidade e da escrita, denunciarem casos de abuso, mortes, estupros, entre outros assuntos que tornam-se – ou não – avalanches nos noticiários de todo o país.

Como já é sabido nesta pesquisa, identificamos, via internet e também presencialmente, com trabalho de campo, 425 mulheres que escrevem/poetizam em todo o país. Tal número passa a ser expressivo quando observamos o número de convidadas em eventos literários tais como mesas de debate, festivais, feiras, saraus e encontros. Sob a justificativa de que faltam mulheres escrevendo, fazendo literatura, muitas vezes, tais escritoras e poetisas são preteridas dos encontros e até mesmo das antologias, como já vimos aqui.

Contudo, para ir mais a fundo, queremos entender quem são estas mulheres. Sobre o que elas escrevem, quais suas histórias e que lugares elas frequentam. Sabemos ser impossível traçar um perfil de todas elas, ou ainda de analisar obra a obra. A escolha das autoras aqui citadas se dá pelo vínculo que elas têm com a 'escrevivência', com o universo dos saraus e slams. Todas também já estiveram em antologias literárias. São também mulheres que estão à frente de saraus, projetos, selos literários e outras formas de manifestação de vozes femininas.

Neste momento, vamos entender quais os principais pontos que tocam a literatura das autoras supracitadas. Conforme já foi dito, para compreender, pesquisar e entender mais sobre o universo das mulheres na literatura marginal/periférica, optei também pela *'escrevivência'*, a fim de partilhar sensações, sentimentos.

Deste modo, vamos tentar ainda entender, a partir da literatura destas mulheres, qual a identidade cultural que elas carregaram e qual seria o "eu" identitário destas mulheres.

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu" (veja Hall, 1990). A identidade plenamente identificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente. (HALL, 2011, p. 13)

Deste ponto, usamos as vozes das escritoras para articular a pesquisa, sem impor hipóteses antes de começar a lê-las e compreendê-las. Vamos enfatizar aqui também o valor da intuição, da identificação e da autorepresentação.

Quanto tratamos aqui do empoderamento destas mulheres, entendemos que elas não são vítimas, mas protagonistas das próprias vidas, vivências e como tratamos aqui: *escrevivência*. As mulheres periféricas que escrevem, lançam livros, escrevem outros livros e vivem às margens são as guerreiras do cotidiano brasileiro.

Notamos aqui que as mulheres automapeadas e escolhidas para figurar na pesquisa resistem, especialmente, pelos textos que fazem, construindo as próprias posições como mães, filhas, profissionais e também seres repletos de sexualidade.

O que podemos destacar é que nos textos lidos e analisados, encontramos, claramente, o poder da escrivência e do saber compartilhado, trazendo à literatura não apenas a eternização de uma história, mas também estratégias para outras mulheres lidarem com os seus sofrimentos – estes, em suas mais diferentes formas: abandono, solidão, abusos, violências, dores físicas e espirituais – e obstáculos inerentes às mulheres periféricas e também às mulheres negras. Entendemos, sobretudo, que estamos tratando de uma escrita com o poder de acalentar.

Em um primeiro momento, notamos que esta escrita apresenta a forte presença da ancestralidade das escritoras, ancestralidade esta que aparece fortemente em figuras femininas, como mães, avós e entidades, mas também em seus costumes. No poema **“Preservando Heranças”**, de Elizandra Souza, podemos notar traços da sua história e de sua ancestralidade.



### **As argolas** em volta do pescoço

São para sustentar a exuberância do meu sorriso

Os tecidos que uso na cabeça

Demonstram a sabedoria da minha ancestralidade

Os vestidos que moldam meu corpo

Dignificam o meu instrumento de existir

As argolas, os tecidos, os vestidos

Mais do que acessórios

São heranças que me ajudam a persistir



**(Elizandra Souza, 2013, publicado no *Águas da Cabaça*)**

Aqui, compreendemos que evocar esta espiritualidade fortemente amparada na ancestralidade ajuda a voz poética a se inspirar, se curar, se empoderar e muitas vezes, se enegrecer.

Nesta mesma literatura aqui apontada, notamos também a luta das mulheres contra o que lhes aflige, e neste ponto, podemos trazer também o trabalho de outras escritoras mapeadas na pesquisa, que lutam contra preconceitos, estereótipos e padrões impostos – sejam eles de beleza, etnia, corpo ou comportamento. Percebemos que a voz poética e a manifestação do ‘eu’ destas escritoras ficam mais evidente e utiliza-se não apenas da forma escrita, mas da linguagem corporal, do tom de voz, de recursos teatrais na hora de declamar, para exprimir o que acontece, como grita Raquel Almeida com **“Sou mulher negra e resisto!”**:



**Contra tudo** que um dia

Me julgou incapaz

Contra o que um dia alegou

Que minha capacidade

Estava na cozinha

Que falou, que minha sina

Era ser submissa

Sou negra e resisto!

E graças a minha ancestralidade

De mulheres guerreiras

Tenho em quem me apegar...



Com este texto, notamos novamente a voz da ancestralidade e percebemos ainda uma proposta de narrativa alternativa, em que o texto fala por si. Ao ser declamado, ganha contornos de voz, de posição corporal, de entonação e adquire vida própria. Para além, o texto luta diretamente contra categorias estabelecidas. Reage à suposta subalternidade proposta não apenas pelas classes dominantes, mas pelos homens também. Enfrenta, diretamente, o campo literário que não incorpora e nem representa as mulheres, tampouco as mulheres negras.

É importante aqui destacar que muitas das autoras contemporâneas, especialmente as que são ligadas aos slams, costumam produzir vídeos colaborativos – com a ajuda de amigos que cedem câmeras, microfones, equipamentos de iluminação e a edição posterior – e divulgá-los na internet, especialmente em canais específicos para isso, como o Youtube e o Vimeo – bem como o Facebook. A ideia é atrelar a escrita à oralidade, permitindo que as mesmas poesias cheguem a mais pessoas do que as frequentadoras dos espaços de saraus e slams onde muitas vezes elas são criadas, concebidas e declamadas pela primeira vez.

Vale lembrar que o número de vídeos de poetas em atos de declamação cresceu nos últimos dois anos, bem como a participação das mesmas nos campeonatos de poesia oral. A gravação de vídeos com as mulheres declamando é também, quase sempre, com poesias de teor político e social. Tal fato deve-se, sobretudo, ao processo de impeachment da presidente afastada Dilma Rousseff, que teve início quando das eleições de 2014, quando ela foi reeleita por mais quatro anos a presidência da república e iniciaram-se mecanismos a fim de demovê-la do cargo. Diante disso, usando a forma escrita e a oralidade, as poetas brasileiras depõem contra fatos isolados e também movimentos políticos.

As mídias restituíram, à língua das mensagens que transmitem, sua plena função impressiva através da qual o discurso critica, ordena ou proíbe, oprime com todo seu peso a intenção do outro, a sua própria situação, para ativar nele as molas de uma ação (ZUMTHOR, 2010, p. 26).

Salienta-se que muitas autoras fazem o uso de materiais audiovisuais também para ampliar o acesso às suas produções, expandindo-as para além dos livros impressos e/ou dos saraus e slams, dando a chance a pessoas que vivem em outros locais se conectarem, por meio da internet, com as ideias que tentam passar. Conforme veremos adiante, muitos destes materiais audiovisuais, mesmo produzidos de maneira amadora, alcançaram números bastante altos de visualização por meio das redes sociais.

A exemplo disso, no dia 13 de abril de 2016, Luana Barbosa dos Reis, de 34 anos, morreu após uma internação de 5 dias. Ela teria sido espancada por policiais militares em Ribeirão Preto, no interior de São Paulo. O atestado de óbito aponta como causa da morte uma isquemia cerebral aguda causada por traumatismo crânio-encefálico. Conforme uma reportagem<sup>58</sup> sobre o caso, veiculada em 16 de abril de 2016, uma testemunha afirma que Luana foi brutalmente agredida por pelo menos seis policiais na rua da casa onde morava. De acordo com a Polícia Militar, os agentes reagiram depois que



Figura 25 - Luz Ribeiro, poeta e *slammer*, fez texto em memória a Luana Barbosa dos Reis

foram desacatados e agredidos por Luana. O comando apura a denúncia e a Polícia Civil investiga o caso.

Diante de tal fato, um movimento poético teve início nas redes sociais, a fim de chamar a atenção

para a morte de Luana. A atriz, *slammer* e poeta Luz Ribeiro gravou

um vídeo com a poesia **Luana, Presente**<sup>59</sup>.

## Luana, Presente

policiapara

quemprecisapoliciaparaquemprecisadepolicia?

policiapara

quemprecisapoliciaparaquemprecisadepolicia?

policiapara

quemprecisapoliciaparaquemprecisadepolicia?

<sup>58</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2016/04/apos-morte-familia-acusa-pms-de-espancar-mulher-em-ribeirao-preto.html>

<sup>59</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/1127540650608992/videos/1258030507560005/>

policiapara quemprecisapoliciaparaquemprecisadepolicia?

policiapara quemprecisapoliciaparaquemprecisadepolicia?

a policia pá pá pá para quem precisa

a policia para preta e mata

mata por ser preta

mata a preta por ser pobre

mata a pobre preta por ser lésbica

“ paaaaaaaaaaaaaaaaaara de mimimi

a policia mimimilitar só mata se for suspeita

pobre, preta, masculinizada é suspeita?

é homem? é mulher?

levanta a camiseta e prova o que é”

há quem aprove e peça nas ruas

no mar de sangue verde e amarelo

intervenção militar

há quem prove sem pedir o intervir na pele

luana barbosa dos reis, 34 anos

não pediu nada e foi interrompida

porque? acompanhava o filho até o curso

na verdade ela pediu, pediu, pediu

pediu para não ser revistada por homens

pediu pra seguir tranquilamente

e antes de pedir algo mais

1 ... 2 ... 3... PMinhos

4 ... 5 ... 6 ... PMinhos

a desferiram com severos golpes de cassetetes

a mesma respondeu com gritos

que não foram ouvidos

seis homens

seis homens da policia militar

seis homens da policia militar agrediram uma mulher

seis homens da policia militar agrediram uma mulher porque ela estava exaltada

seis homens da policia militar agrediram uma mulher porque ela estava

exaltada e era suspeita  
 seis homens da policia militar agrediram uma mulher porque ela estava  
 exaltada e era suspeita e estava em uma moto suspeita  
 seis homens da policia militar agrediram uma mulher porque ela estava  
 exaltada e era suspeita e estava em uma moto suspeita com atitude suspeita  
 um termo circunstanciado foi feito  
 o tenente coronel disse:  
 houve desacato  
 houve agressão  
 um pm sofreu ferimentos na boca  
 o outro teve uma lesão no pé  
 ela tava em uma moto sabia?  
 e se a moto fosse roubada?  
 ela falava muito alto também  
 ela era lutadora de arte marcial  
 ela era bem forte  
 ela foi entregue íntegra na delegacia  
 eles a agrediram somente para contê-la  
 luana foi muito bem contida  
 morreu no dia 15/04/2016  
 cinco dias após ser internada  
 com olhos inchados  
 com vermelhidão por todo corpo  
 morreu com isquemia cerebral  
 morreu com traumatismo crânio-encefálico  
 morreu por preconceito  
 morreu por racismo  
 morreu por lesbofobia  
 luana foi mais que silenciada  
 luana foi apagada  
 eu só soube da existência de luana  
 quatro dias após sua morte  
 luana não apareceu nas grandes mídias  
 luana recebeu dois processos

luana é preta igual Cláudia  
 morta pela pm igual a Cláudia  
 era mãe igual a Cláudia  
 pobre igual a Cláudia  
 a morte de luana  
 fez jorrar o sangue de Cláudia  
 que ainda não estancou  
 seguiram juntas arrastadas na minha memória  
 e você...  
 você sabe quem foi cláudia?  
 você sabe quem foi luana?  
 luana hoje se materializa  
 em força para continuarmos  
 seu nome é a chave  
 que abre a porta do meu armário  
  
 me ensina um novo grito:  
 reivindicar o meu direito de amar  
 de amar, outra mulher  
 de amar, outra mulher preta  
 e continuar com a minha buceta  
 entre as pernas  
 e permanecer  
 com o cu na mão.

**(Luz Ribeiro, 2016)**

Nota-se, na poesia, e na força empregada às palavras no vídeo gravado para divulgação do mesmo, a presença de temas importantes e recorrentes na literatura não apenas de Luz Ribeiro, mas de tantas outras mulheres que aqui nesta pesquisa são citadas.

Referências à cor da pele, racismo, questões de gênero, sexo, violência policial, pobreza, extermínio, lesbofobia, e neste caso específico, à Cláudia Silva Ferreira, morta em 16 de março de 2014, também após uma abordagem policial.

É comum, contudo, observamos que quando uma mulher se posiciona diante de uma notícia que choca, como esta referente à morte de Luana, outras seguem na mesma direção, e com produções próprias, fazem uso das redes sociais, a fim de se posicionarem sobre o tema em foco. No caso da morte violenta de Luana, a poeta Marília Rossi escreveu, em 24 de abril de 2016, a poesia abaixo:

**um**

**corpo**

é			uma				trincheira
vivo				ou			morto
é			uma				trincheira
se							vivo,
resistência							
se							morto,
tabu							
(e	vários	corpos	tapam	várias	bocas	em	seguida)
todo		corpo		é	uma		trincheira
botou		o		pé	na		rua,
guerra							
o							olho
que							encara
o							olhar
que							julga
a		cabeça			que		balança
tsc				tsc			tsc
o							golpe
político							
o							golpe
milico							
o							golpe
do							punhal
da							arma
da							droga
da							ausência

o golpe  
de assalto  
do destino  
- já traçado -  
feito as grades  
feito os limites  
feito a linha:  
do ônibus  
do metrô  
da linha da vida na mão  
da linha da vida no não  
da linha da vida interrompida nos vãos  
o galope  
do preconceito  
vem à cavalo  
(ou (ou viatura)  
e o corpo,  
trincheira  
recebendo tiro  
que tira:  
do sério  
do suspiro  
da cena  
do caminho  
da ROTA  
corpo  
quase sempre  
é tanque de guerra:  
obstáculo  
fortaleza  
baluarte  
cuidado:  
eu também me atiro  
do alto

de dentro  
 de muito, o que digo  
 estampado do peito  
 na cara  
 no gênero  
 do cabelo  
 ao pé  
 passando pelo umbigo  
 eu  
 eu  
 eu  
 eu também existo  
 eu também resisto  
  
 um corpo é uma trincheira  
 um corpo é uma guerra  
 um corpo é uma bomba  
 um corpo é presença  
 um corpo é sempre um corpo de coisas  
 um corpo é sempre um corpo de gentes  
 um corpo  
 sempre  
 é alvo  
 se for  
 preto  
 (ou vermelho)  
 e feminino.  
 Marília Rossi  
 - Luana  Barbosa, presente

**(Marília Rossi, 2016)**

Engajadas, as mulheres que organizam o **Sarau das Benditas** em Araraquara, no interior de São Paulo, dedicaram a terceira edição do evento à

Luana Barbosa dos Reis. “*Não esqueceremos Luana!*” foi o tema do encontro que ocorreu em 29 de abril de 2016 e teve entrada gratuita e a participação das mulheres é livre. Homens não podem recitar, apenas assistir. A iniciativa é para estimular o protagonismo feminino e a cada edição a ideia é homenagear uma personalidade negra. A poeta Elânia Francisca abriu o sarau, dedicando a poesia “Nós ratas”, também à Luana Barbosa dos Reis.



## **Nós ratas**

Ratos, não!

Somos ratas!!

Somos cinzas, pêlos grossos, unhas sujas, podres, pobres

Somos odiadas, nós ratas

Comedoras de carniça no latão

Ocupantes da rua por opção... ou forçação

Odiadas por existir

Ditas violentas por resistir

Somos ligeiras, fedidas e sebosas

Se o acesso é negado, forçaremos!

Invadiremos suas casas no meio da noite,

Roeremos suas comidas,

Driblaremos as armadilhas, os venenos e os chinelos

Zombaremos de seus gritos finos que dizem

“Mata!! Mata!!”

Bagunçamos a ordem que nos exclui

Vamos lá, senhores de bem e limpinhos

Neguem a nós a informação

Nós já lemos seus jornais nos lixos

Vemos as notícias manchadas de café e bitucas de cigarros

Se misturando às letras miúdas das folhas cinzas como nós...

Como nós, não!

Nós ratas, até lemos o que escrevem, senhores limpinhos e pessoas de bem.

Mas nós, ratas, preferimos nos lambuzar no chorume das latas a ter que engolir

essas "verdades" estampadas em seus textos,  
 Morrem ratas todos os dias, senhores  
 Mas isso vocês sabem, já que os exterminadores são dos seus  
 Nós ratas, somos nojentas demais para se encostar  
 Nas noites de chuvas, os cidadãos de bem temem pisar no mesmo solo que  
 nós  
 Temem nossa existência, nossas mordidas infectadas  
 “Imagina?? Uma ratazana me atacando! Me mordendo os dedos dos pés?  
 Que  
 nojo!”  
 Nós ratas, escalamos paredes, somos ligeiras  
 Nós, as temidas ratas, temos que ser malandras!  
 Nós, ratas, sugerimos que temam, senhores!  
 Que se preocupem com nossa existência  
 Pois, nós ratas, somos muitas,  
 E estamos cada vez mais sujas  
 Cada dia mais fortes  
 Driblando suas armadilhas,  
 Questionando sua ordem limpa,  
 E todo dia sujando o mundo com nossa resistência

**(Elânia Francisca, 2016)**

A poeta Bárbara Esmenia também fez questão de escrever sobre a Luana Barbosa e na divulgação de um vídeo onde declama a poesia<sup>60</sup>, pontuou que o texto é em memória das Luanas Barbosas, “assassinadas pela PM e toda mulher que segue sobrevivendo e resistindo”.

**PARA [É VERBO E TAMBÉM DEDICATÓRIA: LUANA(S) BARBOSA(S)]**

É queda  
 corpo mais um

<sup>60</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DFEqYoNwac4>

couraça humana desfalecida

- espancada -

- humilhada -

- arroxeadada no baque

interrompida a vida

precarizada existência

é só mais uma

[ importa? ]

É queda

que é brusca,

que é rombo,

que é grado,

que é soco-soca,

cassetada-cassetete,

d'instinto do ódio,

distintivo pm,

no peito colete,

no pé é a bota,

de um lado porrete,

do outro é armado.

a mesma matéria que carrega esta composição farda

também é massa capaz de receber golpe

no entanto escolha de ação é poder

e neste momento

o que esta massa-farda vê na frente

é mulher

é negra

é lésbica

[ sapatão, importa? ]

- já é suspeita em viver

padrões de gênero que não correspondem

ó

ó

ó

olha bem,  
 parece o que nomeiam homem  
 -foi revistada que nem homem  
 precisou foi implorar  
 -não me toque, polícia homem  
 -precisou levantar a blusa  
 -não sou homem, olha  
 desce, soca, bate, espalma  
 Luana gritando -para  
 filho gritando -para  
 vizinhança gritando -para  
 bocas gritando -para  
 e essa máquina violência-assassinato-preto  
 que não para  
 essa máquina arquitetada-Estado  
 que não passa  
 essa máquina que tem nome  
 que é polícia  
 e não tem graça  
 essa máquina desgraça  
 que tantas vidas despedaça  
 Luana Barbosa presente, presente, presente  
 assim como Luana Barbosa, de Presidente Prudente,  
 assassinada com um tiro pela pm durante uma blitz, em 27 de junho de  
 2014, um dia após completar 25 anos de idade.  
 Não - nunca - esqueceremos.

**(Bárbara Esmênia, 2016)**

Contudo, não apenas Luana foi lembrada e eternizada na arte e em poesias, como também Cláudia Silva Ferreira, mais uma vítima da violência policial.

A poeta de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, Karine Bassi, também automapeada nesta pesquisa, falou sobre o caso no poema

“NOSOUTROS”, que integra o livro “Entulho de Rosas”, ainda no prelo.

## NOSOUTROS

Claudia Ferreira da Silva  
 Mulher, negra, trabalhadora, mãe e tia  
 Morta com um tiro de fuzil  
 (Essa é a nossa PM, Brasil)  
 Arrastada pelas vias  
 Covardia!  
 Traficante por quê?  
 Ah, tio, vê se me erra!  
 Só porque é preta, pobre e vem da favela?  
 Qual o salário de uma faxineira?  
 Qual o valor de uma faxineira?  
 Qual a cor, dessa faxineira?  
 Porque a assassinaram em Madureira?  
 Quem é mesmo, Claudia Ferreira?  
 Isabela Nardoni  
 Assassinada pelos pais  
 Repercussão?  
 Até pouco tempo atrás ainda era noticiado nos jornais  
 E quem é Claudia? Há?  
 Alguém se lembra?  
 Não sai mais no jornal nacional,  
 Então vai sair no meu poema  
 Tantos outros casos embaixo dos panos  
 Tantas mulheres nas miras dos canos  
 PM's,  
 GOG já contou uma vez  
 Brasil com P  
 Preto, Pobre e Prostituta pra policia prendê  
 Sem condição? Sem chance.  
 Um corpo no camburão?

Baleado

Arrastado no chão grosso

Carne esfolada até o osso.

Dói só de imaginar, né?

Ufa!

Desta vez não é tua mãe, tua irmã ou tua mulher.

Direitos humanos pra quem?

Chance de crescer na vida quem tem?

Hein?

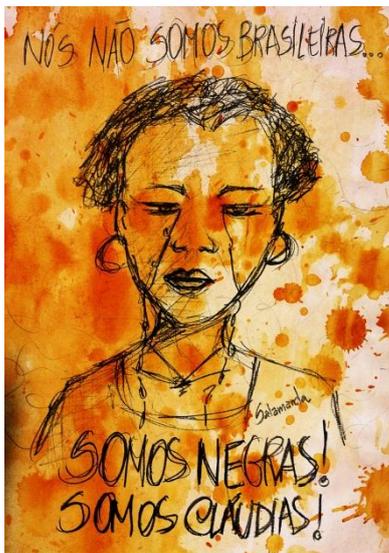


Figura 26 - Retrato de Cláudia feito por Amanda Salamanda

"Bandido bom é bom bandido morto?"

Tá, mas, e a polícia que fere e mata?

Tem punição pr'esses bandidos de farda?

Não!

Não tem!

Ontem foi Cláudia, Hoje é Joana,

E amanhã será mais quem?

A Policia Mata

Seja você Amarildo ou Marta

O Racismo,

Facismo,

Machismo, também

Por isso se ligue!

Levante-se

Organize-se

Poder ao povo

Pra que isso não ocorra de novo.

Não vire rotina

Não te acomode.

**(Karine Bassi, 2014)**

Porém, não apenas essa poesia faz alusão à Cláudia. A poeta brasileira Juliana Motter escreveu, em 2014, versos que foram ilustrados para a

campanha “100 vezes Cláudia” criada pelo portal dedicado às causas das mulheres, o Think Olga<sup>61</sup>.



**os**

na  
passam  
como  
que  
parei  
olhar



os  
eu

**dias**  
cidade  
arrastados  
corpos  
não  
para

*(Julianna Motter, 2014)*

Ainda nesta temática, Jenyffer Nascimento falou sobre Cláudia, sobre o pedreiro Amarildo, desaparecido e supostamente morto pela polícia no Rio de Janeiro e sobre o jovem Douglas, também morto pela polícia.



## Douglas, Amarildo e Claudia

DOUGLAS poderia estar em um cursinho pré-vestibular gratuito  
Já que a escola não o preparou para as universidades públicas  
E quem sabe com dedicação e esforço no ano que vem seria ele  
O próximo aluno negro a entrar em Geografia na UNESP  
De mudança para Presidente Prudente,  
Levando na bagagem os sonhos colhidos na Zona Norte.  
Não deu tempo.

Só conseguiu balbuciar:

Por que o senhor atirou em mim?

AMARILDO poderia estar contando histórias para seus filhos,  
Que nem só de dourado vive o pescador e que há peixes grandes  
Nesse mar imenso desse tal Rio de Janeiro, fevereiro e março...  
E quem sabe estivesse de emprego novo, salário digno,  
Sem a hipocrisia de um patrão pagar R\$300 ao mês para um pai de 6 filhos.

<sup>61</sup> Disponível em <http://thinkolga.com/2014/03/19/100-vezes-claudia/>

Mas naquele dia era só pra ser o divertimento,  
 Ver o jogo do Vasco X Flamengo.  
 E nunca mais voltou,  
 O desaparecido.  
 Do morro aos quatro cantos do mundo:  
 Onde está o Amarildo?  
 CLAUDIA poderia estar preparando um bolo com cobertura de chocolate  
 para o aniversário de sua sobrinha mais nova.  
 Quem sabe naquele domingo estivesse ouvindo  
 Paulinho da Viola ou Jorge Ben para se distrair,  
 Sem pensar no peso dos serviços gerais,  
 Que desde a escravidão pesava para  
 Pessoas de sua cor.  
 Mas não, foi apenas comprar o pão.  
 De troco, a carne exposta ao chão.  
 Deu no jornal, virou notícia.  
 Mas ninguém se comove  
 Quando gente preta morre,  
 Pelas mãos da polícia.  
 Ninguém.  
 Isto não é um poema.



**(Jenyffer Nascimento, Terra Fértil, 2014)**

### **6.1.1 - Viés político**

Quando escreveu o trecho da poesia **“Verdade seja dita!”**, no segundo semestre de 2014, para participar de um *slam*, o ‘Rachão Poético’, a poeta Mel Duarte, que escreve desde os 8 anos de idade, não imaginava a proporção que ela tomaria. Na ocasião ela não venceu a competição poética, mas, semanas depois, ao declamar a mesma poesia no *Sarau Suburbano Convicto*<sup>62</sup>, foi filmada e o vídeo, postado em uma página no Facebook, viralizou e tornou-se pauta de diferentes veículos de mídia de alcance nacional.

<sup>62</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/mel.duarte.75/videos/1016264708400291>



Os teus restos nem pros urubus jogaria  
 Porque animal é bicho sensível,  
 E é capaz de dar reboliço num estômago já acostumado com tanto lixo

Até quando teremos que suportar?  
 Mãos querendo nos apalpar?  
 Olha bem pra mim? Pareço uma fruta?  
 Onde na minha cara ta estampado: Me chupa?!  
 Se seu músculo enrijece quando digo NÃO pra você  
 Que vá procurar outro lugar onde o possa meter

Filhos dessa pátria,  
 Mãe gentil?  
 Enquanto ainda existirem Bolsonaros  
 Eu continuo afirmando:  
 Sou filha da luta, da puta  
 A mesma que aduba esse solo fértil  
 A mesma que te pariu!

**(Mel Duarte, 2014)**

Após publicar o poema no livro **“Negra, Nua, Crua”**, lançado em abril de 2016, o que Mel Duarte não tinha ideia é que o poema se tornaria viral uma segunda vez pela internet<sup>63</sup>. Após o estupro coletivo de 33 rapazes contra uma jovem de 16 anos no Rio de Janeiro (RJ) em maio deste ano, um grupo de mulheres organizou o ato “Por Todas Elas” também no Rio de Janeiro e a poesia foi lida, em forma de jogral, por um sem número de mulheres, no Centro da capital fluminense. Dias depois, em um ato simultâneo que ocorreu em mais de 20 municípios brasileiros, a mesma poesia foi lida e gravada de diferentes formas, usando equipamentos mobile, em seguida, disparada na rede com a hashtag **#poesiacontraestupro**,

<sup>63</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/mariasallesderezende/videos/10207406234968990/>



me manter assim: obrigada, obrigada. Afinal, eu mereço.

Aos 15 anos, mereci ser revirada pelo avesso  
 Revirada e estuprada por um sujeito possesso  
 E o alto preço que paguei foi o meu viço e o silêncio  
 E esse grito que emudeço quando olho no espelho  
 E quase não me reconheço  
 Por tudo isso, eu agradeço  
 E confesso, sem modéstia, que mereço  
 Em nome de Maria, uma moça que conheço  
 Agradeço ao sujeito que enfiou as duas mãos entre as suas pernas dentro de  
 um cinema cheio.  
 ela tinha quatro  
 quatro  
 quatro anos

Graças a ele, ela entendeu seu recado  
 “Meninas como eu precisam tomar mais cuidado”  
 Agradeço também ao cavalheiro, que durante o costumeiro trajeto de Luci,  
 minha amiga, para casa, abriu a calça e sem disfarce, masturbou-se ao lado  
 dela  
 como ela não gritou, ele entendeu que essa devassa devia mesmo era estar  
 mesmo era gostando da homenagem.  
 Obrigada ao galante passageiro que alegrou sua viagem  
 Ela merece

Afinal, ao que parece, nem toda mulher merece a ‘honra’ de ser abusada por  
 um canalha.

Assim diz o deputado capitão-engravatado Bolsonaro, que a cada palavra sua  
 estupra a luta e chuta a dignidade de todas as mulheres. Ostentando a farda,  
 o calhorda lambe as botas de burgueses canalhas, enquanto medalhas de  
 sangue reluzem sobre o seu terno e arde sob a sola do seu sapato o inferno  
 de famintos e torturados

Cada palavra sua é um estupro

Digníssimo deputado, será que eu preencho os requisitos do seu infame  
 manual para ter a honra de ser estuprada pelo seu falo liberal?

Sou bonita o suficiente para ser amarrada pelas mãos ensanguentadas do capital?

Rebelde o bastante para ser castigada como tantas mulheres violadas em celas escuras, nos porões da ditadura que o senhor tanto admira e suspira de saudade?

Mulheres não geram apenas filhos, geram amanhã. E todos os martírios e silêncios fecundarão em nosso ventre um rebento de luta, por um tempo em que haja vida e não labuta.

O senhor e sua corja, vendida e fajuta, vomitarão nesse dia o desespero pelo fim da dinastia dos porcos e aos poucos, caro deputado, faremos das chamas onde fomos queimadas, uma imensa fogueira encarnada que tomará o mundo inteiro

O fogo rubro de um novo outubro, que fará de Bolsonaro e outros parasitas apenas cinzas perdidas no esquecimento

Nós morremos queimadas nas fogueiras da inquisição, mas renascemos livres no fogo da revolução.

**(Isabela Penov, 2015)**

As respostas poéticas das autoras brasileiras contemporâneas para os políticos brasileiros são um sequenciado de 'virais' na internet, por conta do teor e da ausência de medo para colocar o dedo na ferida. Em 2015, quando foi votada a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 171/03, que reduz a maioria penal de 18 para 16 anos, a poeta Isabela Penov gravou o vídeo "**Mal Menor**"<sup>66</sup> e publicou a poesia com o mesmo título. O texto, conforme a própria autora indica, foi escrito 16 de abril de 2015, mas só publicado em vídeo no dia 4 de julho de 2015.



### **Mal Menor**

Mas o que o menino merece? O menor? Aquele sinal de menos, aquele fora de prumo que perambula tão próximo? O que merece aquele menor, o menos, o zero à esquerda de deus pai? Merece pai, merece pão, merece ser

<sup>66</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TvwU8KPcab4>

peão, ser campeão? O que o menino merece? dois anos a menos, dois anos a mais, tanto faz, nunca mais? O que o menino merece? O menino da desmemória, na ladeira? O que te desmerece, o que ele merece? O que esmorece de fomes e dores na guia? Merece alegria, da mais barata, vapor barato? Merece um trato ou dormir com os ratos, ao relento? Merece o vento no cabelo ralo, ou merece descer pelo ralo, o menino franzino da borda do mundo que acorda imundo no meio da sua tranquila madrugada?

Merece a morada, a moradia, mordida ou lambida de bicho, o menino? Merece entrar mais cedo no inferno? merece um terno cortado? um pescoço cortado? um corte, uma morte, um trote a galope? Merece umas grades bem duras, maduras, amigas? Já está estragado, o menino? Já é podre maçã, pobre maçã, febre malsã no teu corpo exposto nas ruas. Não merece moças nuas, sumo de fruta, duas luas? A podre maçã, pobre maçã, o menino malsão que apodrece vai contaminar os outros meninos da caixa, da cesta, da sexta-feira? Será que você vai morder essa fruta bichada, acabar no meio do nada, tremendo de medo na calçada igual o menino faz em toda madrugada, será? O que o menino merece? O que aquele menino merece? E o teu menino, o que merece? Merece ser menino? Cada vez mais cedo, calado, logo merece ser gerido e gerado entre grades e correntes umbilicais, no caos, caindo no abismo do noticiário diário? ou merece um canário, um algodão doce, um doce, o que ele disse que merece? E você, que já foi menino? E o teu menino, o que merece?

**(Isabela Penov, 2015)**

A poeta Débora Garcia, de São Paulo, também se posicionou contra a votação da PEC e em vídeo gravado para o canal do Youtube '**Contra Redução**<sup>67</sup>', declamou versos sobre a juventude negra e periférica do país. O mesmo texto está no livro "Coroações", publicado em 2014.

**Molotov**

Desde

pequeno,

institucionalizado

<sup>67</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UpLyhpuHBTg>

Pais, ignorados  
 Não alfabetizado  
 Pele negra, seu legado  
 Foi criado e educado  
 Por aquela que não lhe FE(Z) BEM  
 Treinado para matar e morrer  
 Aprendeu muito bem  
 Se graduou na escória  
 E escreveu sua história  
 Em documentos oficiais  
 Ocorrências, processos, relatórios sociais  
 Estatísticas, manchetes, mídias  
 Páginas policiais  
 Que bom desempenho! Vai longe esse rapaz!  
 E agora... A formatura!  
 16 anos! Quanta emoção  
 Molotov finalmente foi para detenção!  
 Lá acendeu o pavio  
 Que desde o nascimento  
 O Estado colocou em suas mãos

**(Débora Garcia, 2015)**

Ainda antes, a poeta, atriz, rapper e pesquisadora Roberta Estrela D'Alva, em 2013, postou um 'rap' – evidenciando aqui a proximidade da literatura marginal/periférica com o hip-hop e o ritmo e poesia – se posicionando contra a redução da maioria penal no país.



**Parem.**

Parem a lei, parem a máquina,  
 Parem o processo, apaguem as páginas  
 Pare a mente perversa e ávida  
 Por sangue novo e vidas pálidas

Prende e é sujeira pra baixo do tapete  
Tranca e é truque barato, segurança é o cacete  
Cacetete, e o pau come é só quem sente  
É quem no passado levava no pescoço as correntes  
Coerentes sejamos, de que lado estamos ?  
Porque não são nossos filhos , só observamos?  
E assim deixamos errar e erramos esquecendo as palavras que um dia  
juramos?

Contra a contratação de quem trata com tração que mata  
E trancafia, o fio, afia a faca e corta as asas  
E tira devagar a vida a voz , a vez, a voo  
O tiro sairá pela culatra, guarde seu tesouro  
Ele não valerá nada, na hora marcada da espada  
No encontro com o verdadeiro Juiz  
A Grande Lei, eu sei, é só uma pra todos numa dianta,  
Vacilou, cachimbo vai cair

Portanto  
Parem a lei, parem a máquina,  
Parem o processo , apaguem as páginas  
Pare a mente perversa e ávida  
Por sangue novo e vidas pálidas

Agora pros muleque fica letra é bom sabê  
Que a arapuca tá armada pra pegar você  
Consciência, atitude  
Já disseram, eu vô dizê  
"A vaga tá lá esperando você."



**(Roberta Estrela D´Alva, 2013)**

Sobre este mesmo tema, em julho de 2015, a poeta Luiza Romão publicou o vídeo **“Projéttil de Lei”**<sup>68</sup> que como ela mesma chama, é um ‘poema-bomba’. À reportagem do portal iG<sup>69</sup>, ela contou que levou dois meses para escrever a poesia, mas só conseguiu terminá-la após uma manobra política do presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, que conseguiu aprovar a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 171/03, que reduz a maioria penal de 18 para 16 anos. A aprovação do texto que já tinha sido rejeitado pelos parlamentares se deu após uma manobra do político. “Depois daquilo eu não consegui dormir de tão indignada que eu fiquei. Consegui



Figura 27 - Luiza Romão usa vídeos na internet para o projeto 'Revide'

terminar o poema e chamei um amigo meu para gravar”

## Projéttil de Lei

brasil,

tu te tornas eternamente responsável

por aquilo que pões em cativeiro

da febre ao navio negreiro

sei que assusta

perder seus privilégios

somos o plano europeu que não deu certo

alerto:

reduzir a maioria

não é questão de segurança

<sup>68</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cRO3shEbgY>

<sup>69</sup> Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2015-07-04/jovem-cria-poema-sobre-reducao-da-maioridade-penal-e-video-viraliza-na-internet.html>

isso é genocídio de criança  
extermínio de classe  
do moleque roubar o passe  
tirar a bola  
é oferecer prisão e não escola  
tratar infância com escolta  
então solta  
larga o osso  
agora não tem almoço  
é fácil comer o pão  
e o diabo ser o outro  
mas vem do nosso rosto  
o suor de todos os dias  
brasil,  
tu quer ser gigante?  
então lembra do golias

o poder gestado pelas mãos da minoria  
no país da escravidão  
ainda é branca a democracia  
é a bancada da bala  
e seus projéteis de leis:  
onde já se viu  
tornar-se adulto aos dezesseis?

diga aí vocês:  
o país seccionado  
a fratura está exposta  
nossa bandeira não é a mesma  
nem durante a copa

alienistas alienados  
querem o brasil-condomínio fechado  
têm sangue nas mãos

e agora nos olhos  
mergulham a bíblia em poça de ódio

sabe,  
meritocracia é fácil  
pra quem já nasceu no pódio

por trás do discurso, investimentos:  
células transformadas em cédulas  
empresa de presos  
desprezo  
por qualquer matéria humana  
cunha, eu sei quem financia sua campanha  
quer tornar-se o novo franco da espanha?

o jogo é certo:  
cercar a casagrande  
e pôr três porteiros  
mas, cuidado  
com quem coloca em cativeiro



**(Luiza Romão, 2015)**

Ainda por ocasião política do país, a poeta Luiza Romão lançou uma série de vídeos nas redes sociais, chamando os poemas ora de revide, ora de 'vai ter luta', por vezes de jornalismo lírico, sempre com temáticas referentes à violência urbana e policial, à violência contra a mulher e, principalmente, a situação econômica do país.

Tais poemas, que misturam amor e revolução, na definição da própria autora, surgiram após a publicação do primeiro livro de poesias **“Coquetel Motolove”** (Editora doburro, 2014). Na sequência, Luiza Romão lançou uma série de vídeos na internet, com poemas do livro e outros feitos especialmente por causa de repressões vividas. A produção da jovem autora

está focada especialmente nos direitos humanos, sejam de menores vítimas do Estado repressor, seja de mulheres vítimas de machismos.



## Poema-manifesto contra a violência do Estado <sup>70</sup>

o medo que escorre da banca  
é o mesmo que lava calçada  
a mão que acolhe o ombro  
no verso tem coronhada  
eu sei que os tempos são outros  
que o sonho vermelho ruiu  
é porque rimo  
que estou na mira do teu fuzil  
mas aí  
eu não caminho só  
manas e manos em sintonia  
no ventre nova utopia  
da história queremos colar os pedaços  
do encontro dos finos rastros  
o rosto do novo carrasco  
queremos o laço:  
trocar o nome das ruas  
tirar os coturnos da lua  
pôr os massacres em tribunal  
sabe,  
não pode ser herói  
quem um dia foi general  
porque o passado volta  
quando não se aprende  
a cruzar os braços  
e cerrar os dentes  
não queremos paz!

---

<sup>70</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/567793769988456/videos/vb.567793769988456/690387747729057/?type=2&theater>

temos outra palavra  
revolta  
e organização popular  
isso não é só uma preza para os mortos  
é um canto de guerra  
uma arma subterrânea  
que na vida sitiada  
entre catracas, enquadros e balas de borracha  
rasga  
na superfície do dia-a-dia  
entre versos e feridas  
uma bomba subatômica  
uma armadura divina  
uma certeza revolucionária  
chamada poesia  
apesar de todos os Poderosos  
apesar de cada lei  
de cada esculacho  
seguimos  
fazemos com nossos gestos  
com nossos versos  
resistência ativa  
deixem os discursos para os palanques  
nossa trajetória fazemos com luta  
e não com tanques.

**(Luiza Romão e Rafael Presto, 2015)**



## ode aos touros furiosos <sup>71</sup>

eram                    tempos                    de                    ódio  
 e    ferrugem                    antiga  
 de    muito                    grito  
 e    pouca                    voz  
 tempos    de                    ritalina  
 amnésia    aspirina

eram                    tempos                    de                    roleta                    russa  
 guerra    fria                    requentada  
 como                    se                    miami                    fosse                    terra                    prometida  
 e                    cuba,                    a                    praga                    infestada

eram    tempos                    repetidos  
 história    como                    farsa  
 história    como                    força  
 história    como                    falsa  
 história    como                    forca  
 estouro                    com                    memória                    e                    faca

e                    continuo                    nessa                    jornada  
 enquanto                    falar                    não                    seja                    denúncia  
 nem                    renúncia                    perante                    a                    barbárie

entenda:

sua                    panela                    de                    tefon                    não                    conhece                    a  
 fome  
 seu                    milagre                    faz                    crescer                    o                    bolo  
 mas                    não                    multiplica                    os                    pães

<sup>71</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/567793769988456/videos/vb.567793769988456/678112875623211/?type=2&theater>

de que adianta ir pra rua,  
 se você nunca sai de casa?  
 continuem na sacada  
 ensacados numa lógica privada  
 que confunde o escravo com a empregada

nem todo comum tem senso  
 o holocausto foi apoiado  
 por quase noventa por cento  
 da população tiram sustento  
 do olho reduzem a lente  
 a câmera preza  
 com cunhas e dentes

que venham os touros furiosos  
 continuarei erguendo minha bandeira vermelha  
 porque meu sangue é rubro  
 e não azul  
 (muito menos amarelo)  
 pinte sua cara de verde  
 esse nacionalismo eu não quero  
 e isso é mais que tomar partido  
 é tomar coragem  
 de enfrentar a cruz e a bala  
 da sua bancada milionária

chega de política-motosserra  
 no verso atualizo marighella:  
 ódio não é diálogo  
 ditadura não é remédio  
 e se você não entendeu  
 volta pro ensino médio



**(Luiza Romão, 2015)**



## Revide I

"ao luto responder com luta  
armada talvez  
mas não agora  
que a terra inchada  
já não suporta  
o visco de tanto sangue  
quase lama  
que marcam frança  
e mariana

as barragens abertas  
as barreiras fechadas  
é de barro a fronteira  
é de medo o berro  
o sistema desterra  
faz homem em fera  
ferida aberta  
no peito  
de mais um jovem  
em calcutá bogotá  
no centro do ceará  
uma chacina  
que não sara  
síria  
é a chaga  
viva  
de charle de gaulle

se a barbárie predomina

por um minuto  
 fechar os olhos  
 por um segundo  
 desvendadas as pistas  
 por secundaristas  
 aprender a lição  
 resistência é escola  
 campo em disputa  
 é resolver o luto  
 com luta

porque os direitos são humanos  
 a direita não  
 acabaram com a água  
 mas não vão acabar com a educação

*(Luíza Romão, 2015)*

**Revide**

**II**

**VAI TER LUTA!**

como	uma	jornalista	atrás	do	furo
historiadora				do	futuro
tento		captar		o	pulo
dou	c'a		cara	no	muro
tentativa			de		explicar
indignação					seletiva
revolução à caviar					
cavo			um		pouco
o		fundo		é	falso
de	cima		vejo	o	pato
quem		paga		pelo	ato?
responda		em		bom	tom
d'onde		cês		tiraram	grana
pro fillet mignon?					

tão importante quanto a bandeira  
 é com quem tu caminha  
 qual sua gente-parceira  
 eu estou do lado  
 da diversidade de acarajé  
 do direito ao corpo da mulher  
 qualé  
 se diz homem de bem  
 mas discrimina  
 quem vem de assaré  
 qualé  
 quer um país que preste  
 mas agride alguém  
 pela cor que veste  
 qualé  
 conclama justiça  
 mas compactua  
 com deputado racista  
 qualé  
 quer melhorar o brasil  
 mas qual humanidade  
 se constrói  
 na mira de um fuzil  
 contradição  
 só vi na tamanha  
 antro de besteira  
 versão atualizada  
 do ensaio da cegueira  
 sem prepotência  
 revisa nossa história  
 corrupção não é de agora  
 isso é conversa  
 pra massa de manobra  
 manejam o discurso  
 distorcem bem o ódio

técnica de manutenção do pódio

pode até parecer  
o problema é só uma fase  
inocência  
isso é questão de base  
se resolve mudando estrutura  
não com volta à ditadura

pode até dizer que a intenção é pura  
mas não há justificativa pra ditadura

olha o que fizeram com o allende  
a história se repete  
a gente não aprende  
mas dessa vez  
vai ser diferente  
mudamos a conduta  
não vai ter golpe  
vai ter luta

*(Luíza Romão, 2016)*



**Revide**

**III**

**–**

**Contrapelos**

não pelos filhos de registro sem pai  
nem pelos ais das filhas sem paz  
nem pelas pás  
que cedo enterram  
crianças sem-terra  
vítimas de guerra  
não pelas mulheres  
mães solteiras  
nem pelos jovens  
sob balas certas  
que trabalham

de segunda a segunda-feira  
 mas pela minha família  
 modelo "triumfante"  
 pai mãe filhos amante

não pelo avante  
 das sociais melhorias  
 do voto da maioria  
 mas pelo meu eleitorado  
 pelas empreiteiras financiado  
 que transformam o público  
 em interesse privado

não por el dourado  
 pelo massacre dos ribeirinhos  
 por canudos ou carajás  
 pelo fim da violência  
 sai polícia militar  
 mas por deus  
 o branco de longas barbas  
 que investe dinheiro e usa farda  
 pela minha esposa caviar  
 bela recatada e dor lar

não pelo fim da miséria  
 qualquer proposta séria  
 pela série de chacinas e repressão  
 não por saúde  
 não por moradia  
 não por educação  
 pelos indígenas  
 vidas mais dignas  
 não não não  
 mas pelas insígnias

pelo meu povo  
 como se fossem reis  
 armados de corvo  
  
 mas nós não engrossamos esse molho  
 por isso abra o olho  
 resistência tá ativa  
 o país não vamos perdê-lo  
 somos a história à contrapelo

**(Luíza Romão, 2016)**

Ainda sobre o cenário político brasileiro, as mulheres seguem se posicionando. Após a votação dos deputados da Câmara dos Deputados em Brasília, no Distrito Federal, que em sua maioria votou pela abertura do processo de impeachment contra a presidente Dilma Rousseff, no dia 18 de abril de 2016, a revista *Veja!* trouxe uma reportagem sobre a esposa do então vice-presidente, Michel Temer, classificando-a como “*Bela, recatada e do lar*”<sup>72</sup>. A manobra editorial foi vista como uma declaração da revista semanal de apoio ao afastamento da presidente do país, bem como a imposição de um ‘padrão’ de mulher que deve ser a brasileira. A linha fina da reportagem dizia: “*A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice*”

Diante da reportagem e da enxurrada de memes sobre o tema, a poeta Débora Garcia optou por ‘responder’ à revista com um vídeo e uma poesia. Intitulada “*Mulheres Reais*”<sup>73</sup>, a poesia traz na descrição do vídeo, o motivo pelo qual foi escrita. “O poema “Mulheres Reais” foi escrito pela poetisa Débora Garcia para endossar os questionamentos e posicionamentos contrários aos padrões estéticos e sociais impostos às mulheres através dos grandes veículos de comunicação conservadores.”

<sup>72</sup> Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/bela-recatada-e-do-lar>

<sup>73</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=irMp7wCRMA8>



## Mulheres Reais

Difícil engolir  
 Duro acreditar  
 Insistem em nos oprimir  
 Em nos padronizar

Nos querem bela e cinderela  
 Como a vice-primeira Marcela  
 Pois vivem a temer  
 O feminismo renascer

Somos belas e das ruas  
 E não vivemos a sonhar  
 Com o príncipe encantado  
 Que virá nos acordar

Já estamos acordadas  
 Com os olhos bem abertos  
 Veja!

Estamos à mesa, tomando nossas cervejas

O beijo é bem vindo sempre que consentido  
 E que o toque desentoquem as feras que nos engolem  
 Aqui é quente, faz calor!  
 Então, da nossa frente saia  
 Vamos passar de shortinhos, arrastando nossas sandálias

Usamos cores vibrantes, como o beijo dos amantes  
 Sem medo de ser vulgar, vulgaridade é não gozar  
 Esse recato é um desacato a nós, mulheres reais  
 Pois a sociedade sempre nos exige mais

Mais! Mais e mais

Quanto tempo mais suportaremos

Essa imprensa fascista impondo comportamentos?

O lar, nem sempre é doce

Às vezes ele não existe

Construímos as nossas moradas com o punho

Sempre em riste

**Débora Garcia (2016)**

Neste tema, Bárbara Esmenia também publicou o poema '**O QU'ABALA**' e tanto no vídeo gravado para a divulgação do mesmo, quando nas redes sociais, dedicou o mesmo 'para todas nós escritoras e poetas belas, recatadas e do lar':

**O QU'ABALA**

aquela Woolf que disse  
qu'escrever mulher  
nem abala orçamento familiar

até Shakespeare - obra completa  
- dezesseis pences pagos -  
compra-se  
suficiente papel

o qu'abala  
justamente  
é este não-monetário  
é este não-econômico  
não valorado em dinheiro

esta palavra que sai viva  
 por trás tem rosto  
 tem sexo  
 tem âni<sup>ma</sup>

é a mesma composição física  
 que vem lá d'Antiguidade  
 que perpassa a mesma Woolf  
 que segue  
 reverberar contínuo

o qu'abala  
 é rigidez débil  
 d'estrume patriarcal  
 teu falo tão contundente  
 não contendo

fala mulher



**(Bárbara Esmeria, 2016)**

Ainda sobre os temas que tangenciam o processo de impeachment, a poeta Débora Arruda, de Aracaju (SE) fez uma espécie de paródia com a poesia *'Intertexto'*, do alemão Bertolt Brecht. Ela usou o Facebook para divulgar o texto, onde faz claras referências ao que é chamado, pelas mulheres da literatura marginal/periférica e pela maioria dos artistas brasileiros ligados à periferia de golpe.



**Primeiro o PMDB** teve o seu terceiro presidente sem voto

Mas eu não me importei com isso  
 Entra um e sai outro  
 E eu continuo sem gostar de política

Depois acabaram com o Ministério da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos

Mas eu também não me importei

Os ministros não me representavam

E nunca mudaram nada mesmo

Em seguida extinguiram o Ministério das Mulheres

Mas como eu só preciso ser bonita

Já represento muito bem a mulher brasileira

Depois desfizeram o Minc

Mas como eu continuo com meu financiamento privado

Não preciso ficar lutando pela cultura

Que nunca se misturou com política, não é mesmo?

Agora estão me calando

Foi decretada uma punição para quem fala mal de políticos através de poesias na internet

Eu que não tinha me manifestado antes

Não vou poder falar mais nada

Nunca mais.

Peço licença a Brecht, que nesse momento se faz mais atual do que nunca.

**(Débora Arruda, 2016)**

Tais construções denotam conhecimento e busca por outros poetas, da parte das mulheres da literatura marginal/periférica contemporânea. Nesta mesma linha, a poeta grazi, da cidade de Varginha, no Sul de Minas, produziu uma poesia curta sobre o tema, em alusão à ausência das mulheres nos ministérios e ao processo de impeachment da única presidente mulher da nação. Comumente, grazi usa a página "**Feminismo Poético**" para militar contra as mais diferentes formas de opressão e, além dos textos no universo

virtual, publica fâzines e realiza mutirões de pichação em muros, a fim de concretizar a poesia.

**estão tentando** nos apagar

da política, das decisões

do país

mas somos força

somos flores, semente

e raiz

somos muitas

somos mães, trabalhadoras

filhas, artistas

juntas somos luta

e não aceitamos

esses golpistas,

**(grazi, 2016)**

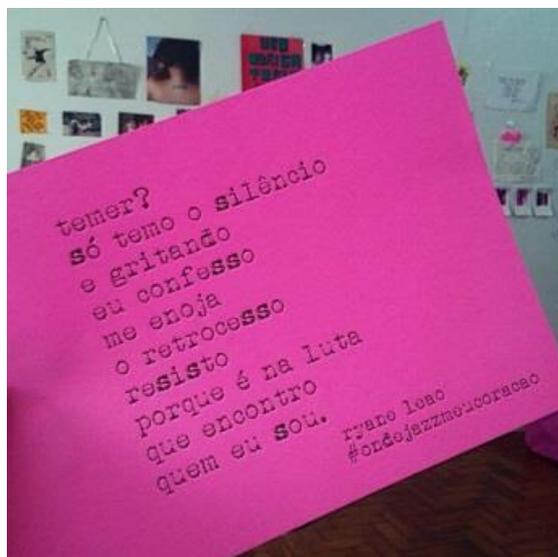


Figura 28 - Ryane Leão faz poesias e cola como lambes em São Paulo

A poeta Ryane Leão, que espalha lambes por São Paulo com o projeto **#ondejazzmeucoracao** fez uma poesia contra o presidente interino do país, Michel Temer, no dia de sua posse. Em lambes, espalhou pela capital paulista a poesia em forma de protesto contra o atual governo.


**temer?**

só	temo	o	silêncio
e			gritando
eu			confesso
me			enoja
o			retrocesso
resisto			
porque	é	na	luta
que	encontro	quem	sou



*(ryane leão, 2016)*

Neste tocante, a poeta e atriz Bárbara Esmeria se manifestou duas vezes contra o golpe e a situação do país. Em um primeiro momento, fez o poema **“Bateu panelin, foi senhor?”**, ironizando a atitude da classe média em bater panelas nas varandas dos apartamentos de bairros nobres de São Paulo durante pronunciamentos da presidente afastada Dilma Rousseff.

No texto, ela critica não apenas o ato de ‘bater panelas’, como ficou conhecido o movimento, mas também o machismo, ao ironizar que o ‘senhor’, teria beijado a mãe desejado feliz dia da mulher às lisas e brancas – nunca às negras, e oprimido as de classe social mais baixa, as ‘subalternas’ ou empregadas. No poema de poucas estrofes, ela traça ainda o paralelo entre a classe média e a pobre do país, onde as panelas – diferentes em seu material de confecção – servem a coisas totalmente distintas.



## Bateu panelin, foi senhor?

Bateu panelin, foi senhor?

Tocou no cabo-madeira  
com colher de pau da feira  
da janela na Pompeia  
ou na Vila Madalena

foi?

Beijou a mãe pela manhã  
com flores desejou feliz dia  
mulheres internacionais  
– mulheres mansas,  
mulheres lisas,  
mulheres brancas,  
delgadas cozidas –  
– como bem quero, homem que sou

Trepou com a esposa  
lambuzando chocolate  
deixou os filhos com a babá vestida branco-uniformizante  
-pra que se a velha não tem mãe?  
– pra que se abortou foi todos filhos?  
– pra que vai querer folga?  
– pra que

Comeu risoto quentinho  
pelas mãos da mulher preta  
na panela inox prime  
revestida antiaderente

lambeu beijos bicos brancos

flores para a  
 professora da filha  
 escola particular  
 – amante, claro, porque sou homem, doutor –

telemensagem para a garota vizinha

Final noite  
 liga barraco mulher-doméstica

-Dona Zefa, onde guarda as panelas aqui de casa?

Dona Zefa, extremo-sul  
 nem ouvindo de alto ligação  
 panelas todas  
 cisternamente  
 recolhendo  
 águas das chuvas



**(Bárbara Esmeria, 2015)**

Mais adiante, Bárbara Esmeria, declaradamente do movimento criado a partir dos grupos artísticos e de saraus das periferias **“Periferia contra o golpe”**, fez a poesia **‘Contra-Golpe: Repetiremos Nós Resistência’**<sup>74</sup>, novamente traçando paralelos entre a escravidão contra o povo negro e a escravidão moderna.

<sup>74</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FvGhlaz8CRc&feature=youtu.be>



## **Contra-Golpe: Repetiremos Nós Resistência**

golpe está é querendo  
chamar mais atenção  
que metrô lotado  
- golpe mimado -

golpe está é querendo  
- fatalista -  
ter-se como certo dado  
- é velho safado -

só que nunca aceitamos  
este que qualquer  
como quando apertando trincas

pele nossa  
casca grossa  
de golpes históricos  
tantos recebidos

- tudo na carne mesmo -  
[ tantas mais baratas do mercado ]

tudo exalando nos poros  
- nada transcendente-alma;  
convocar de espírito.  
- é corpo-físico-quente,  
tu sentes?

era golpe mas  
nem tinha televisão  
- chibatadas em couro sertanejo;  
trabalho-braço toda jornada -

era golpe mas  
nem televisão tinha  
- navios lotados negrume;  
kalunga rompendo o passado -

golpe era:  
televisão?  
- corpos violados;  
casas desabrigadas -

[ e tu tá sacando de que lado se joga? ]

tudo isso era golpe  
- forte  
seco  
baque -

golpe de heranças contínuas  
de quem ainda se alinha

golpe prosseguir contar de histórias  
que tudo viola

- assassina  
-destroça  
-degola

ve história escolar repetência?  
pois se repetem tentativas golpe  
repetiremos nós resistência



**(Bárbara Esmeria, 2016)**

### 6.1.2 – O corpo e a escrita

Ainda no que tange o teor da produção literária das mulheres de periferia, é comum encontrarmos uma irmandade e união, especialmente entre as negras. Não raro, observa-se, em seus poemas, alusões e homenagens a outras mulheres negras, bem como o cuidado com as obras das antecessoras.

No livro “**Correntezas e outros estudos marinhos**”, de Livia Natália, lançado em 2015, está a poesia “**Alvorada Negra**”, na qual ela dedica os versos para Geni Guimarães, Conceição Evaristo, Odete Smedo e a outras asas-irmãs. Tal ‘irmandade’ é celebrada por Audre Lorde, no artigo “*Poetry is not a luxury*” (Poesia não é um luxo), onde ela diz que “*A poesia tem sido a voz dos pobres, da classe trabalhadora e das mulheres de Cor. Para escrever em prosa é preciso ter uma casa própria, mas também grandes quantidades de papel, uma máquina de escrever e muito tempo. Quando falamos para uma grande diversidade de mulheres, devemos estar conscientes do efeito que a classe e as diferenças econômicas tem sobre a arte que produzimos*” (tradução minha).



#### ALVORADA NEGRA

*Dedicado a Geni Guimarães, Conceição Evaristo, Odete Smedo e a outras asas-irmãs*

Algo do meu mistério permanece quieto  
no escuro de minhas asas.  
Nada no meu voo anuncia  
o exausto das horas.  
E continuo.

Não há portas que calem este meu voar.

Meu corpo é todo périplo,

é Atlântico,  
se mergulha nas sendas dos ventos  
que cantam numa língua esquecida.

Para sempre serei pássaro:  
para isso nasci.  
Não há receio no escuro do meu dorso  
e o meu olhar se trança no vazio  
das ondas onde o mar se despedaça.

Houve um porto triste,  
uma África de nunca mais.  
Houve a lâmina dos navios  
sangrando os mares.  
Mas não.  
Agora, em todo canto,  
meu canto.  
E minhas asas cortam o silêncio,  
com sua faca macia.

No alto do céu já desfeito de cor  
cintila meu bando:  
Asas-irmãs se espetam nas nuvens.

Eu lhes aprendo o voo  
pois que a palavra é nosso fundo  
e único mistério partilhado.



**(Livia Natália, 2015)**



Preta, vem cá maravilhosa  
 Bunda de tanajura  
 Quero te comer as ancas feito égua  
 Tua cor é que me provoca  
 Minha cor, nada tem a ver com a minha buceta  
 Mas me olham como se eu fosse uma vagina gigante  
 Preta é pra transar  
 Pra casar tem outras de cor menos vibrante  
 Que são menos vadias  
 Mãe dos meus filhos não pode ser escura  
 Olha a brancura dos meus pensamentos  
 Preta é pra trepar  
 Preta e trepa forma até um anagrama  
 Olha que refinamento

Que privilégio de bacana

Anagrama é coisa que requer conhecimento

E eu passo com a minha cor  
 E eu me olho, e eu me lembro  
 É difícil ser preta  
 Mais difícil ainda por causa do seu pensamento  
 Só porque sou preta querem me calar  
 Porque sou voz, nos olhos, no nariz, no cabelo  
 E mesmo depois de morta

Meu corpo vai gritar:

Porque sou preta sim, com orgulho  
 E quem sabe um dia, sem preconceito

**(Le Tícia Conde, 2014)**



As mulheres não trepam.

As mulheres não gozam.

As mulheres apenas choram.

O gozo feminino incomoda!

[Aqui não são permitidos orgasmos múltiplos!!!]

Mulher que goza muito se deteriora

- deixa resquício no pinto de cada homem com quem ela trepou

Ela vai se diminuindo...

Cada pessoa a mais

a torna uma escória.

Porque ela não somos nós

bonitinhas e recatadas

puritanas e bem colocadas

bem comidas pelos nossos namorados

ou namoradas.

Mulher não trepa.

Mulher não goza.

Mulher chora:

pelo marido

pela esposa

pelo filho

pe-la-ce-bo-la-que-cor-ta

cozendo o leite

que vai(!) beber mais tarde.

A mulher que pregamos é um rio

- só se esvazia pelos olhos

e a porra nos olhos

veio de um pinto

- gozar na cara pode

-- da mulher, é claro!

Não existe mulher em orgia

a que existe é:

\_ Vagabunda.

\_ Vadia.

\_ Não presta.

\_ Joga fora.

\_ Troca.

\_ Renova.

\_ Faz de borracha.

\_ Inventa.

\_ Inova!

É feminina.

É mulher da vida

que vive o hoje

como se não houvesse outro dia!

No planeta em que mora

ela não é valorizada:

é o luxo do lixo

- não vale nada!

Ela é das que NÃO engole

mas vai fundo na engasgada(!)

porque ela sabe que Ela pode

dizer: sim e dizer: não pro que ela quiser!

Numa sociedade do consumo

ela é Revolucionária

porque dar é sem custo

- doação não tem troca monetária!

E ela dá com gosto!

E goza na nossa cara!

Essa mulher corre com lobos!

Essa mulher é foda(!)

e fode gostoso!!!

Mas... ela deve ser de outra galáxia...

Porque aqui:

Mulher não trepa.

Mulher não goza.

Mulher apenas chora

- Uma lágrima de cada vez!



*(Le Tícia Conde, 2014)*



## Aborto

Eu - fiz um aborto.

Eu - escancaro a minha história.

Eu - falo, ao contrário de muitas meninas que se calam porque são silenciadas - Muitas terminam mortas!

Eu - sou privilegiada

sobrevivi a essa morte

porque ter um ser arrancado do útero

é uma dor que não se comporta

e que não se vê no dia a dia

porque 'faz de conta' que não é com a minha irmã

nem com a minha filha

nem com a minha amiga que precisa de suporte

que é dona do próprio corpo

e que sabe que criar filho

não é questão de sorte

- quem sabe eu consigo

- quem sabe eu me viro...

como se isso fosse perspectiva

como se fosse uma escolha nobre.

Muitos abortos são feitos por falta de apoio da própria família

ou mesmo do cara

aquele com quem você saia e que dizia que te amava,

que você achava que te respeitava  
mas que na sociedade machista  
insistia pra transar sem camisinha  
e você dava!

E agora ele te responsabiliza  
diz que a culpa é toda tua  
e se você não acredita  
ele te pressiona, te agride, te humilha  
até que você veja que ele tem razão  
ele manda no teu corpo, ele manda na tua vida  
é o senhor da decisão!

- somente os homens têm o livre arbítrio nas mãos.

Eles sim podem sair impunes

- caminhando livres por ai

não carregam a dor no útero

não sentiram as cólicas, não ficaram com as cicatrizes

não sentiram as agulhas de tricô entrar pela vagina

e mesmo quando o filho nasce

eles podem abandonar simplesmente

ir embora como se não fosse nada

- dentro de casa o pai pode estar ausente.

Eu - fiz um aborto, e tinha apenas 15 anos.

Se alguém pensa que sou assassina

não perca seu tempo, não me diga,

eu não mudaria os meus planos

- eu era apenas uma menina

e o aborto deveria ser a Última opção

mas pra isso é necessário

que essa possibilidade exista

**DE FORMA DIGNA!!!**

Podemos ser poucas

podemos ser muitas

estar mortas, estar vivas

pouco importa

a verdade é que realidade destrói  
 porque a sociedade (hipócrita) a sustenta  
 mas só nós, abortadas, sabemos como dói  
 estar sozinha quando tudo o mais  
 nos ignora, nos oprime, nos reprime  
 nos violenta!

Aborto é questão de amor próprio  
 ainda que eu também ame o filho  
 que abortei sem mais ninguém  
 - só eu, ele, sangue e placenta.



**(Le Tícia Conde, 2014)**

A figura da mulher e as questões com o sexo são frequentes nos textos das autoras, sejam elas mais jovens ou mais velhas. O escrever, para muitas delas, perpassa o próprio corpo e nota-se aqui uma urgência em discutir isso por meio da arte. Ainda sobre o próprio corpo, a poeta ryane leão, quando iniciou os escritos, desenvolveu um projeto em que se fotografava com as poesias escritas no próprio corpo, a fim de chamar a atenção para a própria arte. Atualmente, além de ter o primeiro livro no prelo, ela espalha lambes por São Paulo.



**VIRGEM<sup>76</sup>**

este texto é um parto: e como todo parto, tem a dor do que parte, do que fica,  
 do que nasce

ser virgem  
 está muito além de um hímen  
 da palavra ser ou não ter hífen  
 é matéria prima  
 barro úmido

<sup>76</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=uVrpp06C6OM>

húmus:

human woman women

homem,

eu não nasci da sua costela.

vim ao mundo pelas mãos

de alguma obstetra

filha de mãe mulher donzela

não a bela-pequena-aurora-adormecida-sereia-de--chapéu-vermelho,  
não.

sou filha da outra:

a que tem suor, sangue e leite

a que labuta com dois filhos nas costas

e um no peito.

tornar-se mulher

pela perfuração de um falo?

falácia

habito meu próprio corpo

falho

que fala e convalesce

sob as súplicas

de outra prece:

não à nossa-senhora-mãe-gentil-virgem-imaculad-a,  
não.

mas à padroeira das putas

das histéricas

e tresloucadas

das mulheres-Medéia

e das Clitemnestras

das malditas

e revolucionárias

Rosas Marias Joana Zuzus Pagus Fridas

sofridas e incansáveis

meninas em gestação  
de ser mulher  
meninas que sangram  
mês a mês  
possibilidades de si  
que abortam o que não teve lugar  
o que não pode ser  
meninas em gestação  
mulheres em gesto  
e ação

não colocarei o pau na mesa  
se você vem com  
“porra, porrada, caralho”  
mostro meus peitos abertos  
meus seios e anseios fartos  
dessa gramática de barbárie

porque o ser mulher  
está muito além de um artigo feminino  
definido ou indefinido  
muito além,  
de um artigo feminino  
em liquidação numa loja barata de cosméticos  
de um artigo feminino  
publicado na página 5 das novas, cláudias, caprichos, tititis  
está além dos artigos  
da lei Maria da Penha  
[de qualquer lei de direitos humanos universais].

porque o ser mulher  
está além do artigo.  
está no sujeito:

que não se sujeita  
 que age, atua,  
 direto, intransitivo.

está no sujeito,  
 independente  
 de gênero, número  
 e grau.

**(Luíza Romão, 2014)**

O corpo como sendo unicamente da mulher é um tema trabalhado o tempo todo pelas autoras da literatura marginal/periférica e ele é exaltado, ora com erotismo, ora com revolta, ora como lembrete de que pertence unicamente às mulheres.

### **p o e s i a p a r i d a**

quando o sangue estanca  
 ou quando o sangue jorra  
 o corpo é da mulher  
 quando é consentido  
 ou quando O NÃO(!) implora  
 o corpo é da mulher  
 quando goza dentro  
 ou quando goza fora  
 o corpo é da mulher  
 quando o peito enche  
 ou quando o ventre aflora  
 o corpo é da mulher  
 quando o leite seca



Como eu vou poder  
 Com a lavoura lidar?  
 Tão surrado assim  
 Tenho que suportar!

Eu suporto porque  
 Pode ser bem pior  
 Se eu fizer “corpo mole”  
 É chicote sem dó!

Só não sei por que Deus  
 Foi assim permitir  
 A vida desse povo  
 Que só sabe servir!

Só sabe servir, gemer e chorar  
 Suportar essa sina  
 E depois trabalhar.

Como foi sou marcado

Mas, aos bois, tratam melhor  
 Se não sou homem nem animal

O que sou afinal?

Dizem que não tenho alma

E por isso vivo a penar

Pergunto aos santos da minha terra

Onde posso encontrar

A minha alma perdida

Para assim me libertar.

Me respondem em sonhos

Que alma tenho sim

Mas ela não basta

Para me libertar

Dessa gente ruim.  
 Gente que diz ser gente  
 Mas são bestas colossais!  
 Cobertos de ouro e diamantes  
 Vivem a justificar  
 Essa vil atrocidade  
 Que o homem ousou executar

*(Débora Garcia, 2014)*

### **Paralelo dum domingo**

É um sobe e desce nesses morros, fluxo de memórias dilaceradas pelo sol. Ela caminha e percorre suas histórias, são sim as Marias, talvez a molambo ou Maria e só...

Tá vendo moça? É a destruidora de lares, encosta nas moças bonitas e segue.

Cuidado para não escorregar nessas sacolas enfeitando o chão. Tem sim, a beleza encostada no asfalto, logo ali pertinho da gente, gente, gente, para vê-la esfregando, as carcaças que restaram da vida, os fragmentos que sobraram de nós, a carcaça do corpo que esfrega. Esfrega que sai a ferrugem, a poeira, descobre memórias que carrega como pedras, e dói, essas ladeiras inclinadas rachando os pés da vida, são muitos pesos dentro da gente.

É bem na carne que se sente esses lamentos, há quem diga “é protesto!”, há quem queira matar. Matar essa lembrança violenta, que cega e fede...

Passa aqui no meu peito, nessa carne ensanguentada, passa e assa nas brasas do despejo, na brasa da hostilidade, assa, assa, assa essa carne e serve num almoço de domingo.

*(Raquel Almeida, 2015)*

Entendemos, com estes textos, que a contemporaneidade perpassa o corpo das mulheres escritoras de periferia no Brasil e por meio deles, elas conseguem recuperar a própria história e empoderar-se por meio do próprio corpo, de mulher, muitas vezes negado, seja durante a escravidão pela qual o país passou, seja pelo machismo, tão presente no dia a dia. Com formato de denúncia e por meio desse empoderamento, estas mulheres poetas sugerem, com seus textos a partir do próprio corpo, uma recuperação terapêutica de autovalorização.



**meu cabelo é minha coroa**, mesmo eu sendo a rainha das bastardas;

em tempos de colorismo destruindo muitos laços, autoestimas, possibilidades de pertencimento y oportunidade de aprendermos a fazer críticas construtivas dentro de nossas comunidades negras, fiquei feliz de me olhar no espelho y poder sentir que sou a rainha das bastardas. ainda assim, uma rainha.

ser negra de pele parda é sim espaço de privilégios y trânsitos no brasil, esse país em que mestiçagem tem sido perversamente confundida com a mentira da democracia racial.

tenho pensado muito, nesses tempos de colorismo cabuloso anti-negritude diversa, sobre ser uma negra de pele parda y cabelo pouco-crespo. tenho certeza que os índices de beleza capilar negra têm um número pro meu cabelo, mas o feminino da beleza classificável/cosmetizável não é minha onda - mesmo que pra muitas manas seja importante, empoderador, afirmativo, libertador. só não é minha onda, pronto).

os dois ícones mais explícitos da minha negritude, que são justamente minha pele marrom y meu cabelo quase crespo, são os mesmos constantemente questionados tanto por pessoas negras quanto por pessoas não-negras. "ah, mas seu cabelo num é crespo mesmo né?", "sua pele é tão clara..."

isso já doeu bastante, nos tempos em que eu tava muito a fim de estar dentro de comunidades em que fosse abraçada y não rechaçada nem questionada. depois me ajudou a pensar justamente nos privilégios que passo por ter pele menos escura, inclusive o ambíguo privilégio de poder ser considerada (por

outras pessoas, vejam bem) como não-negra.

finalmente, isso tem me feito pensar muito sobre ser uma negra diaspórica de pele clara. mas nem é sobre isso que quero compartilhar agora, y sim sobre meu orgulho de amar a mim mesma tanto, tão profundamente y tão irrevogavelmente que só me ver no espelho é motivo de alegria, autossatisfação, amor. outro dia fui me dar o luxo de passar óleo de coco no cabelo, orgânico y tudo mais, porque quase num faço nada além de lavar com água y pentear seco, justamente porque, sendo de fios finos, sendo pouco volumoso, ele não é o "crespo de verdade".

enquanto tava com o cabelo besuntado, ele ficou bem pra baixo y comportado. de um jeito que passei anos tentando, com alisamento, desde os 6 anos de idade na real, pra ver se ficava bonita. quando me vi no espelho com o cabelo chapado achei meio bobo, lembrei dessas palas de infância y adolescência marcada pelo racismo sexista com seus padrões de achatamento. alisamento. aplainar. gravitacionar. lembrei como eu só conseguia me achar bonita se cabelo podia ser alisado. y percebi como sou muito mais linda de cabelo indisciplinado, armado, anti-gravitacional, em riste. essa percepção foi tão libertadora y profunda y autoamorosa que comecei a rir quando me viram em casa com o cabelo cheio de óleo y comentaram "nossa, como seu cabelo tá bonito penteadinho".

ri por me sentir livre.

a rainha das bastardas que ama sua coroa de cabelos que "nem são crespos mesmo".

armam. bastarda também tem dia de rainha. do reino da própria autoestima.

lavei o cabelo rapidão, sequei, meti o garfo. viva a anti-gravitação!

*(Tatiana Nascimento, 2016)*

## **Película**

me

sinto.

titubeio

no  
 à procura de meu próprio  
 meu hímem é uma camada fina de vidro  
 e o mundo todo é habitado por  
 vândalos black blocs

não me importo com o gosto  
 da saliva, quero saliva  
 não me importo com o gosto  
 do gozo. quero gozo.  
 não me importo com o gosto  
 da urina. quero urina.  
 não me importo com o gosto  
 do morango radioativo. quero morango radioativo.

num instante eu quero tudo  
 não me importo.  
 quero instantes sempre presentes  
 como flashes.

quero:

quero o mundo todo numa grande colher de sopa  
 que é enfiada  
 pouco a pouco, mas sem cautela  
 dentro do meu corpo

***(regina azevendo, 2015. Por isso eu amo em azul intenso)***



## **Eu gosto de mulher!<sup>77</sup>**

Eu gosto de mulher que tem atitude  
 que pega no microfone  
 que fala suas verdades pro mundo.  
 Gosto de mulher que não se esconde  
 porque na frente do homem  
 nossa postura: é nosso escudo  
 a espinha ereta e a certeza que vem do útero  
 de onde sai a força pra lutar com os próprios punhos  
 pra rasgar o próprio bucho e fazer parir uma revolução!!!  
 Eu gosto de mulher que põe a mão na massa  
 que não se acovarda  
 pois sabe que a sua missão não é ser submissa  
 mas sim ser dona da própria estrada!  
 FAZER O QUE QUISER DA VIDA  
 defender qualquer ideia:  
 foda-se se o que eu falo te desce feito groselha  
 bebe tudo, machinho, e fica fica caladinho!!!  
 Gosto de mulher que conhece o próprio corpo  
 que não precisa de outro pra se dar prazer  
 pra ter algum orgasmo  
 porque mulher também bate punheta  
 mulher goza com toda a buceta  
 dentro fora dos lados nos lábios  
 - mulher goza com o corpo todo, pode ter Certeza!  
 Gosto de mulher que tem delicadeza  
 gosto de mulher bruta, mulher na cama, mulher na mesa.

---

<sup>77</sup> Disponível em:

<http://le-ticiaconde.blogspot.com.br/>

Gosto de mulher que acredita no que fala  
que conhece a própria força  
que olha pro lado e se vê acompanhada  
de várias irmãs: todas juntas - acorrentadas  
nos grilhões do machismo  
dos homens e seus cinismos  
do seu canibalismo  
que diariamente nos devora  
A D-E-N-T-A-D-A-S!

Gosto de mulher que chora, que se descabela  
que ama, mas que Não lava panela  
porque sabe que seu lugar não é abaixo  
e que não tem que ficar na cozinha  
nem limpando casa, nem cuidando de filho sozinha.  
Eu gosto é de mulher exagerada: com grandes ideias  
largos sonhos, com amor próprio e muitos planos.

Gosto de mulher clichê, mulher rara, mulher virgem, mulher dada.

Gosto de mulher que é verdadeira  
que sabe que sua beleza não está fora  
que não depende do seu peso, nem da sua cara  
mas sim do intelecto, do seu tato, da sua garra.  
Porque nos esforçamos - e essa força mandamos  
pras mulheres que resistem dentro de casa  
e que sofrem todos os dias  
sendo psicologicamente agredidas  
fisicamente abusadas  
ironicamente caladas  
que, se estão nas ruas, são fortemente assediadas, seguidas, humilhadas...

- E apesar de tanta rima barata  
isso não tem a menor graça!

Mas é que os machos, os machos não gostam dessas aí  
porque macho não serve pra compreender o profundo  
- vive nadando no raso e mesmo assim morre afogado  
sem entender as mulheres

- aqueles seres s-u-p-e-r-c-o-m-p-l-i-c-a-d-o-s!

Macho só sabe entender de caralho  
de pegar menina e transformar em objeto  
depois mandar abortar o feto  
e dizer que ela tá feia, desleixada, baleia  
pra jogar no lixo o emocional que ainda resta.

Mas eu gosto de mulher com força  
que tem atitude - que dança, brinca, canta  
sem ter vergonha dos outros

- que sabe que transar na primeira noite

NÃO faz dela uma puta, NEM pervertida, MUITO MENOS vagabunda!

Gosto de mulher que sabe o que quer

que grita, que trabalha, que briga

QUE NÃO SE DÁ POR VENCIDA

e que perde a própria vida

se for pra salvar a do filho.

Eu gosto de mulher porque NÓS sabemos viver

sabemos que mesmo sendo reprimidas

molestadas, violentadas, oprimidas

podemos nos erguer - nos fazer ser ouvidas

porque qualquer macho que tiver ao lado

vai ter que nos engolir!

Eles nos humilham porque no fundo sabem

que somos leoas, todas ameaçadoras

porque mulher é a que se empodera da porra da coroa

senta no trono, ri

- e deixa só um recado: atenção macho do caralho

O SEU REINO VAI CAIR!!!



**(Le Tícia Conde, 2015)**

Notamos, em muitos destes textos, o tom de denúncia, e por vezes, o que chama Audre Lorde de raiva. As autoras aqui apresentadas, mesmo as que não se autodeclaram negras e/ou pardas, transformam, como sugere a escritora norte-americana, as palavras em ação, o silêncio em revide. Ao invés de calarem-se, usam da poesia como ferramenta contra as opressões sofridas e enfrentam o desconforto que a própria raiva traz, escrevendo, falando e registrando a própria história com verdade e emoção.

Minha raiva é uma resposta às atitudes racistas e às ações e presunção que surgem dessas atitudes. Se você lidar com outras mulheres reflete essas atitudes, então minha raiva e seus medos são focos que podem ser usados para crescimento, da mesma forma em que eu usei aprender a lidar com a raiva para o meu crescimento. Mas para controle de danos, não para culpa. Culpa e defensividade são tijolos numa parede contra a qual todas nós batemos; ela não serve a nenhum de nossos futuros. (LORDE, 2007,p. 124)

## **6.2 – A escrita, a rua e os lambes**

A relação com a cidade, com os espaços e com a escrita é tão antiga quanto a arte de se comunicar. As pinturas rupestres já sugeriam o desejo do ser humano de eternizar a própria história e desde então, isso não mudou. Na cena que tentamos estudar e compreender nesta pesquisa, algumas autoras destacam-se pelas intervenções estéticas que promovem a partir de suas escritas. Para Maurício Villaça, um dos precursores do graffiti no Brasil “Desde a pré-história o homem come, fala, dança e graffita”. (Githay, 2009).



Figura 29 - lambes colados no Sarau da Cooperifa em julho de 2016

Na saída do metrô, Ryane Leão está acompanhada de Mari Vieira. Apesar do inverno, os termômetros marcam 23° C em São Paulo e a noite de terça-feira promete: é a primeira vez que elas vão ao sarau da Cooperifa, na zona Sul. Na bolsa não falta cola

feita em casa e lambes. No caminho elas vão encontrar Carol Mondin, a única delas que já esteve no sarau anteriormente. As três são poetisas e colam lambes em diferentes locais da capital paulista. Na Cooperifa não será diferente, mas antes de chegar elas vão ter que empurrar um carro, o que as levaria, se perder pelo caminho e chegar atrasadas. Uma vez lá dentro: só emoção.

Cuiabana Ryane Leão, de 28 anos, que vive na capital paulistana há 8 anos e desde que colocou os pés na megalópole, encantou-se com a arte de rua. Entre uma faculdade trancada, vários trabalhos e uma crise depressiva, assumiu-se escritora e empenha-se para que a própria arte atinja o maior número de pessoas diariamente com o **Onde Jazz Meu Coração**<sup>78</sup>.

E25<sup>79</sup>: Aí eu fiz a página no Facebook [onde jazz meu coração] e no mesmo dia que eu criei, comecei a espalhar os lambes. Porque, os lambes vieram quando eu mudei para cá [para São Paulo], eu falei: nossa! Porque em Cuiabá não tem arte de rua, não tem pichação! Agora tem, mas antes não tinha. E os lambes vieram junto com o projeto. A parte da poesia de rua e plataforma digital, que agora vai virar livro, ainda bem, vieram juntos. Quando eu comecei a colar lambes foi engraçado porque eu não encontrava trabalho de mulheres nas ruas. E isso foi o que me motivou agora... eu

<sup>78</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/ondejazzmeucoracao/?fref=ts>

<sup>79</sup> Entrevista com Ryane Leão realizada no Centro Cultural de São Paulo (CCSP) para esta pesquisa no dia 17 de fevereiro de 2016.

não encontrava trabalho de muitas mulheres nas ruas, mas encontrava de caras, lambes né. [...] E esse ano, depois de muito tempo, né, teve que ter uma estabilidade emocional, financeira, enfim, para eu começar a fazer uma oficina de lambe voltada para mulheres, porque ainda que tenham mais mulheres, ainda rola aquele medo: ai, será que eu vou pra rua? será que eu não vou? será que eu vou ser agredida, será que não? será que é foda com polícia, e é mesmo, e você está na rua e você está sempre vulnerável, e eu acho que... eu passei por dois relacionamentos abusivos, infelizmente, né, e a partir disso, quando eu comecei a me ver como escritora mesmo foi quando eu comecei a combater os nãos. “Não, você não pode fazer isso..não, não, não, não, você sofreu”...

Assim, em 2016, Ryane Leão passou a organizar, na própria casa, oficinas de escrita e lambes, com o objetivo de levar mais mulheres às ruas para espalhar poesia. Destas oficinas, nasceram projetos como o *História de Fogo*,<sup>80</sup> cuja autora, que assina anonimamente como Rack. Define como “escreve o que sente e vê, luta contra a gordofobia e machismo que sente na pele. Espalha poesias e lambes por Sampã”. Deste modo, cartazes impressos em sulfite com os dizeres ‘infelicidade mata mais que obesidade. Você já se amou hoje? Gordofobia não’ estão espalhados por diferentes pontos da cidade de São Paulo desde o começo do ano de 2016.

O projeto uniu-se a outro que também espalha lambes pela capital paulista, o encontrarte, e juntas, as autoras de pequenas poeisas e provocações contra o machismo colam, com a cola de farinha feita em casa, seus escritos em muros, postes e tapumes.

E26:<sup>81</sup> Uma das coisas que as mulheres falavam muito no dia da oficina, que foi um dos dias mais maravilhosos da minha vida, era isso de ter medo, de não saber por onde começar,

<sup>80</sup> <https://www.facebook.com/historiadefogo/?fref=ts>

<sup>81</sup> Entrevista com Ryane Leão realizada no Centro Cultural de São Paulo (CCSP) para esta pesquisa no dia 17 de fevereiro de 2016.

de achar que a rua não é lugar para mulher, que é o que tentam convencer a gente desde sempre, né? Mas não consigo imaginar o meu projeto sem estar na rua. Eu preciso que a minha poesia seja mais pública. A internet ela me dá uma voz, e a rua me dá outra voz, eu gosto da junção das duas. Sem as duas eu não sou quem eu sou. Então eu preciso estar nos muros e nos postes e onde mais der. Só não propriedade privada, porque não pode.

Também foi por meio da internet que a poeta organizou uma campanha de financiamento coletivo para publicar o primeiro livro de poesias e está em processo de finalização para ser publicado ainda em 2016.

E ao término de mais uma noite do sarau da Cooperifa, ela sai com as amigas para colar os lambes. Os postes em frente ao Bar do Zé Batidão ganham cores dos sulfites em que foram impressos os dizeres que enaltecem as mulheres e a própria luta das mesmas. Esta descrição é só uma das muitas noites em que elas saem para colar os lambes pelas ruas. O horário é escolhido por ter menos movimento e conseqüentemente, menos repressão. A ação precisa ser rápida, a cola boa e a dispersão, mais veloz ainda. Já os escritos foram feitos para durar muitas chuvas e fazerem a ponte entre a rua a web. Quem vê, costuma fotografar e marcar com a hashtag correspondente.

Fora do eixo de São Paulo, aos 28 anos, a curitibana Giovanna Lima, que assina G.L. tornou-se conhecida na internet pela frase ‘vandalismo é não falar de amor’, pichada na capital paranaense, onde vive. Munida com spray ou um canetão, ela usa muros, portas de banheiro e postes como suporte para a própria poesia, que é destacada pelas frases curtas. Apesar de ter a própria arte tida como vandalismo conforme a lei de crime ambiental vigente na cidade, a poeta arrisca-se para imprimir na cidade o que sente.

É importante pontuar que as manifestações: *graffiti*, *stencil*, *sticker*, pichação, lambe-lambe possuem afinidades com a cultura hip-hop, assim como este possui com a literatura marginal/periférica formando um emaranhando só e conforme observa Antônio Cândido acerca do processo de formação da literatura brasileira, propondo uma noção de sistema que se

aplica esquematicamente ao hip-hop.

Entendo aqui por sistema a articulação dos elementos que constituem a atividade literária regular: autores formando um conjunto virtual, e veículos que permitem o seu relacionamento, definindo uma 'vida literária': públicos, restritos ou amplos, capazes de ler ou ouvir as obras, permitindo com isso que elas circulem e atuem; tradição, que é o reconhecimento de obras e autores precedentes, funcionando como exemplo ou justificativa daquilo que se quer fazer, mesmo que seja para rejeitar. (CANDIDO, 1999: 14-15)

Outro exemplo é o da poeta Grazielle Eugênio de Lima, de Varginha (MG) ou apenas grazi, como assina o próprio trabalho, que teve início em fanzines, migrou para a internet, mais precisamente o Facebook, com a página Feminismo Poético (até outubro de 2016 mais de 235 mil curtidas – número expressivo para os padrões de páginas de poesia) e em seguida lançou – livretos com poesias próprias, feitos manualmente e vendidos em semáforos, praças e sinais, em uma tentativa de aproximação com o público.

Ela se utiliza também dos espaços públicos para confeccionar graffitis e pichações com a própria poesia. “*O feminismo é a base da minha escrita, mesmo quando sou romântica, erótica, neurótica, maluca ou sensata. Escrevo para me libertar e para libertar minhas irmãs*”, disse em entrevista para esta autora como repórter do portal **G1**<sup>82</sup> em 1º de agosto de 2014, data da literatura de cordel.

Observa-se então que as mulheres encontram a sua representatividade na literatura marginal/periférica e também nas pichações, quando ganham os muros das cidades, sejam em graffitis ou lambe-lambes, mas veem-se representadas como seres únicos e ao mesmo tempo pertencentes a um gênero.

---

<sup>82</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2014/08/poeta-vende-livretos-em-sinais-de-transito-e-locais-publicos-em-varginha.html>

### **6.3 – A cultura hip-hop como interlocutora da literatura marginal/periférica**

Apesar de já termos contextualizado as ligações entre a cultura hip-hop e a literatura marginal/periférica, retornamos ao tema, já que entre as mulheres – ainda menos que entre os homens – é comum o vínculo com o movimento.

É sabido, portanto que a literatura marginal/periférica tem laços fortes com a cultura hip-hop, já que ambas são feitas a partir do mesmo local e dos mesmos agentes enunciadorees, já que presente no Brasil desde a segunda metade da década de 1980, o hip-hop se espalhou pelas periferias estimulando a criação poética entre os jovens, ressignificando a cultura periférica, chegando, enfim, a literatura marginal. Entretanto, não entraremos no campo da literatura produzida para tratar de hip-hop nesta pesquisa, ou como alguns teóricos chamam de ‘literatura hip-hop’.

Tanto na cultura hip-hop como na literatura, estes enunciadorees cumprem, de certo modo, o mesmo papel, mas conforme observa Weller, existem lacunas quanto a presença feminina nestas culturas.

Porém, tanto nos trabalhos sobre o hip-hop como nas pesquisas sobre juventude em geral, existe uma grande lacuna no que diz respeito à presença feminina nas manifestações político-culturais.

Será que jovens-adolescentes do sexo feminino formam uma minoria no movimento hip-hop, em outros movimentos estético-musicais ou em outras formas associativas como as galeras ou gangues? Se tomarmos como critério a literatura existente sobre o tema, poderíamos dizer que sim. (WELLER, pág. 107)



Figura 29 - Negahamburger criou livro com depoimentos reais e desenhos

Para tanto, trouxemos como exemplo, neste contexto, a artista plástica e graffiteira Évelyn Queiroz lançou, em 2013, a personagem **“Negahamburger”**, representada sempre por mulheres “fora dos padrões”, seja de altura, peso, deficiência, cabelo, entre outros, acompanhadas de frases marcantes e de impacto contra homofobia, gordofobia, entre outras 'fobias'.

Por meio da internet, a personagem ganhou fãs e rapidamente se tornou alvo de milhares de compartilhamentos nas redes sociais, o que deu ideia ao projeto *“Beleza Real”*<sup>83</sup>, onde mulheres de diferentes partes do Brasil enviavam relatos de abusos, discriminações e problemas sofridos por estar fora dos padrões.

Os principais foram escolhidos e ganharam ilustrações próprias e por meio de um financiamento coletivo, também pela internet, um livro foi editado. “Negahamburger” conquistou não apenas as páginas dos livros, mas também proporcionou voz – ainda que anônima – às mulheres que foram vítimas de diferentes tipos de violências.

<sup>83</sup> A artista ilustrou 53 relatos recebidos por meio do projeto e via financiamento coletivo conseguiu a verba necessária para imprimir uma tiragem de livros, encadernados de forma artesanal e enviados aos colaboradores. Mais sobre o projeto no site: <http://www.negahamburger.com/beleza-real/>

Durante o ano de 2013 passei a receber, através da internet, muitas histórias de pessoas que se identificavam com as ilustrações das Negahamburger – personagem que incorpora valores de uma beleza real e se opõe aos padrões estéticos e de gênero estabelecidos na sociedade atual. Estes valores são reproduzidos pela mídia em sua maioria estimulam preconceitos e violência. Ao longo desse período, me deparei com um grande volume de material e senti a necessidade de criar um projeto que evidenciasse as dificuldades diárias das mulheres que me mandaram seus relatos, retratando histórias que as marcaram profundamente. Assumo que este processo foi doloroso, com lágrimas e emoções, oscilando entre calma e ansiedade. Mesmo com todas as dificuldades, está sendo um processo importante para que eu possa ver o próximo em seu mundo particular e para reconhecer o universo no qual estamos inseridos. Esse livro é um presente meu para cada uma que de alguma forma viu em si o melhor jeito de ser, superando dificuldades e acreditando em si (QUEIROZ, 2014, pág. 7)

Entende-se, então que o anonimato da web e a representação que estas mulheres encontram nos desenhos e ilustrações acompanhadas de frases sobre aceitação de Evelyn Queiroz favorecem as condições de produção e resgate de memória, em especial a discursiva.

Ainda no que tange ao hip-hop, embora não seja mérito do trabalho entrar neste campo, nota-se que muitas das autoras periféricas e marginais da atualidade tiveram o primeiro contato com os escritos ou com a poesia por meio do rap (ritmo e poesia) e do hip-hop e daí surgiu a vontade de escrever. Um exemplo que nos surge é, novamente, Elizandra Souza, que se considera 'cria' do hip-hop, tendo, inclusive, publicado a poesia Eterno Amor<sup>84</sup> sobre a vivência na cultura.



## Eterno Amor

Nunca acreditei em amor verdadeiro  
 Via muitos magoados por esse traiçoeiro  
 De repente só precisei te olhar  
 Era o tal do amor a primeira vista a pousar  
 Nos apaixonamos e prometemos nunca mais separar  
 As pessoas sempre falaram muito mal de você  
 Mas eu, sempre soube o quanto a sinceridade  
 Fazia parte do seu ser  
 Já estamos juntos há quase nove anos  
 Nunca o esquecerei  
 Pois foi o ser de mais encanto  
 Quantas luas vimos juntos?  
 Já nem sabemos mais  
 Você no meu coração plantou a paz  
 Dentro do meu ventre você germinou  
 Nasceu:  
 Vida!  
 Coragem!  
 Liberdade!  
 Auto-estima!  
 Paz Interior!  
 Respeito!  
 Sem contar muita humildade  
 Que sem essa não tem jeito.

---

<sup>84</sup> No livro Cadernos Negros – Vol. 29 (2006)

Eternamente juntos  
 Lutando lado a lado  
 Ouvindo melodias  
 Cantando bem alto  
 Sou tão você  
 Que muitas vezes esqueço quem sou  
 Seu nome é Hip Hop  
 O meu eterno amor:

**(Elizandra Souza, 2007)**

Há também que se salientar a presença de mulheres ligadas ao hip-hop nas antologias **'Hip-Hop Mulher – Conquistando Espaços'**, organizada por Tiely Queen em 2009 – que na ocasião se identificava como mulher e que, a partir de 2014, passou a fazer a transição de gênero, identificando-se como homem, mas ainda participando de eventos e encontros voltados à literatura marginal - com autoras de diferentes partes do país, bem como nas antologias **"Pelos Periferias do Brasil"**, organizadas por Alessandro Buzo e que embora tragam uma minoria de mulheres, boa parte delas é advinda da cultura hip-hop, ou ainda tem uma ligação próxima com seus representantes.

Na obra de Jenyffer Nascimento, o hip-hop também se faz presente, não de maneira tão explícita, mas em sutilezas dentro das poesias. Já no prefácio, assinado por Elizandra Souza, vem o aviso: *"Daria um samba, daria um jazz, daria um maracatu e também daria um rap, mas tudo isso se tornou Terra Fértil (...)".*

Em alguns trechos, Jenyffer mostra-se adepta da cultura, quando faz uma paródia com a letra de música "Brasil Com P" do rapper G.O.G., de Brasília (DF). No livro, ela dá rima aos versos de "Brasil Com P de Puta" e como o músico, escreve a primeira parte apenas com a letra P.



### **Brasil Com P de Puta**

Produção perfeita: pulseiras, paetês, purpurina.

Pâmela propagava prazeres.

Pioneira, prometia podar pudores.

Permissiva, propunha posições

Profundas penetrações.

Premissa primária: proibido paixões.

Plebeia,

Pornograficamente pernambucana

Prevê programas

Possíveis pares poderosos

Pensava: presidentes, prefeitos

Publicidade, propaganda.

Passeios, presentes, países.

Prevaricações.

Promíscua,

Praticava por poucas pratas

Popularmente Puta

Profissão: Prostituta

Pelos puteiros

Poeira, portas pálidas

Paredes parecidas.

Primeiro Pagamento

Posteriormente

Pau, porra, paulada.

Poucas palavras.

Pâmela, por que prossegue?

Pergunta pros pais,

Pergunta pros policiais,

Pergunta pros professores,

Pergunta pros políticos,

Pergunta pro país!

Produto social: perpetuar pobreza.

O Brasil com P, P de Puta,

Chupa, abre as pernas e dá a bunda.

E quem leva a fama ainda é a prostituta.

*(Jenyffer Nascimento, 2014, Terra Fértil)*

Ainda no poema “*Não Demora*”, no mesmo livro, Jenyffer faz alusão ao grupo de rap Racionais MCs.

### **Setembro não demora a chegar.**

Pode ser que a gente se esbarre

Não por coincidência e sim por distração

Na saída do show do Racionais

Vivendo o negro grama

Entre o sorriso e o embaraço

quase inevitáveis.

*(Jenyffer Nascimento, 2014, Terra Fértil)*

E ainda na poesia “*Do Amor*”, revela que a cultura hip-hop sempre esteve em sua vida, mesmo como pano de fundo e em versos que falam sobre os homens que amou, traz também vivências carregadas de sofrimento e abusos.

### **O segundo homem negro que amei,**

Foi doce, amoroso e companheiro.  
 Tínhamos o hip-hop como pano de fundo  
 Dançamos, vivemos à rua, o mundo!  
 Não fosse o ciúme: amor = prisão.  
 Numa crise me chamou de vagabunda  
 Me empurrou do escadão.  
 Chorou arrependido, mas não deu,  
 Não deu mais para o amor.

**(Jenyffer Nascimento, 2014, Terra Fértil)**

Já Raquel Almeida, autora dos livros **“Duas Gerações Vivendo no Gueto”**, em parceria com Soninha Mazzo e “Sagrado Sopro” teve o primeiro contato com a literatura por meio do hip-hop. Antes de começar a escrever, foi backing vocal de um grupo em Pirituba, na zona Norte de São Paulo (SP) e somente depois ajudou a fundar o sarau Elo da Corrente.

**E13<sup>85</sup>**: Eu tive uma passagem num grupo de rap em 2005, 2006, eu cantava, fazia backing vocal e ali começou tudo, eu passei a escrever mais, a exercitar esse lance da escrita. (...) Só que aí no rap também... fui cantar num grupo de rap eram 5 homens e eu de mulher. Tinha lances que eles faziam reuniões e: você não vai! Por que não vou? Não sou do grupo? Porque é muito pesado para você. Mas é legal você estar no palco. Não é legal você opinar ali dentro, falar o que te incomoda e quando eu passei a fazer isso foi quando eu decidi me afastar também.

---

<sup>85</sup> Entrevista com Raquel Almeida realizada no Centro Cultural de São Paulo (CCSP) para esta pesquisa no dia 17 de fevereiro de 2016.

Por isso, conforme pontua Reyes, a literatura marginal ganha outros locais – inclusive outros países – a partir do momento em que está conectada e, com a globalização, se torna ambiciosamente, muito mais ampla.

Essa literatura não fica confinada ao local, dialogando com outros autores e alimentando-se de um amplo universo literário. Há uma vinculação muito forte entre os escritores de diversos Estados e cidades do Brasil, por meio do uso extensivo das novas tecnologias de comunicação, em particular a internet. A maioria dos escritores mantém um ou mais blogs que servem não só para compartilhar novas criações, mas, sobretudo, para criar vínculos políticos, sociais e literários, anunciando eventos, denunciando situações de repressão, violência e demais arbitrariedades, convocando mobilizações, compartilhando conhecimento e, em geral, participando em um esforço coletivo por pensar a contemporaneidade a partir de uma visão crítica e engajada. (REYES, 2013, pág. 48)

Deste modo, compreendemos que o hip-hop pode ser um interlocutor da literatura marginal/periférica. Para muitas autoras, ele veio antes e as tocou por meio das letras e das melodias, fazendo-as buscar mais conhecimento sobre e encontrando nos palcos e microfones abertos dos saraus espaços para apresentações. Recentemente, muitas rappers tem tido contato com a literatura e participado, especialmente, de slams, como é o caso de Issa Paz e Sara Donato. Ambas com carreiras solo, elas se juntaram no projeto batizado como **“Rap Plus Size”** e exaltam a beleza da mulher gorda, cantam contra o padrão estético vigente e colecionam vitórias em slams da capital paulista, já tendo, inclusive, garantido vagas na disputa final dos slams, que ocorre no final do ano.

Assim, notamos que o hip-hop, como no seu surgimento, significou revolução e a voz para toda uma juventude assolada pela pobreza, violência e falta de oportunidades, a literatura marginal/periférica, com seus saraus, slams e recitais simbolizam o mesmo atualmente para as periferias brasileiras e muitas mulheres encontram nele também a representatividade buscada.

## Considerações finais

Embora esteja em processo de formação e transformação, a literatura marginal/periférica emerge das periferias diariamente e encontra novos locais onde se hibridizar, onde se espalhar e onde se fortalecer. Assim, compreendemos que a construção de sentido se dá a partir do lugar no qual a fala do sujeito é constituída, já que a sociedade é permeada por relações de hierarquia, as relações de força e voz são sustentadas pelo poder destes diferentes locais, que se fazem valer na comunicação, e que, neste caso específico, se dá por meio da literatura feita às margens pelas mulheres.

Desta forma, entendemos que a formação discursiva e o gênero do discurso pelos quais os sujeitos enunciam seus textos na literatura marginal/periférica podem contribuir, formular e circular sentidos próprios.

Apesar do discurso periferia/centro dar sinais de esgotamento, entende-se que é necessário debater a questão enquanto a literatura feita por agentes enunciadorees que vem de um local e disseminam a arte por outro. Neste aspecto, entende-se que o subalterno não apenas pode falar, como escrever e declamar suas obras não apenas onde elas foram concebidas, mas para o mundo.

“A maioria destas obras reivindicam, na temática e na linguagem, o local, invisibilizado pelos discursos hegemônicos” (REYES, 2013, pág. 49).

Entretanto, nota-se claramente que a participação feminina, embora tenha crescido nos últimos 5 anos, ainda é sufocada pelo patriarcalismo, que de certo modo, está vinculado aos moldes “impostos” pela sociedade que vive nesta época. Para Pierre Bordieu (2003) “homens e mulheres incorporam as estruturas históricas da ordem masculina na medida em que esta se impõe como neutra. Tomado como princípio de todas as coisas, o masculino não tem necessidade de enunciar discursos de legitimação perpetuando uma ordem social que funcionaria como uma máquina simbólica, ratificando a dominação”. (BORDIEU, 2003, pág. 64)

Porém, o surgimento de antologias literárias marginais apenas femininas pode ser o início da superação da mudez e o recomeço da construção da própria história, já que existe espaço para tal, como forma também de preservação da memória ressignificadas pela própria lÍndia.

Com esta pesquisa, quisemos mostrar quem são as mulheres da literatura marginal/periférica, ainda que de maneira superficial, quantificando-as e provando que há, sim, um mecanismo que vem preterindo mulheres ao longo da construção deste movimento que emerge das periferias. Quando falamos em subalternos, podemos classificar em homens, mulheres, e mulheres negras, dados os níveis de opressões sofridas por cada um deles. Mas, a amostragem vai além do quantificar. Tenta entender quem são as mulheres e podemos concluir, durante os quase dois anos e meio de pesquisa, que há uma pluralidade em suas vozes e costumes. Pudemos encontrar mulheres revoltadas, mulheres calmas, guerreiras, sofredoras, em queda, em levante, em luta, em abraço, em parto, em despedida, em saraus, em slams, competindo, ganhando, se fortalecendo, pudemos encontrar mulheres dispostas a mudar a própria realidade a realidade em seu entorno por meio da poesia e do fazer poético.

Provocada pela pergunta “Como escrever uma dissertação que seja digna da literatura marginal/periférica?”, busquei, como jornalista, vivenciar, de algum modo, o que está sendo retratado aqui. Tentei, por paixão, por afinidade e por necessidade, estar junto às personagens da pesquisa, aos sujeitos, a fim de não objetificá-las e não trata-las apenas como número, mas, tratando-as como pessoas de personalidades únicas e que, poéticas, falam por si, se autorrepresentam e escrevem as próprias histórias.

É neste ponto que sou provocada pela questão: como divulgar literatura? E aí, fica aqui então a construção da reportagem 360°, que teve como objetivo dar um panorama do que é a literatura marginal, de quem são as mulheres que se apresentam sob esta alcunha, de como elas se apresentam, de como elas constroem, publicam e circulam com suas obras. Para a construção desta reportagem, me utilizei do jornalismo literário, que permite uma criação mais solta, uma linguagem mais próxima da poética e tentei, nesta dissertação, empregar uma nova voz teórica, que mescla poesia, jornalismo e teoria, conforme pontuou Edvaldo Pereira Lima.

O valor essencial do livro-reportagem na sociedade reside na sua capacidade de estender a função informativa e orientativa do jornalismo cotidiano. (...) Mais do que isso, o livro-reportagem contribui para que o leitor conquiste uma compreensão ampliada da contemporaneidade. (LIMA, 1993, P.17)

Com a imersão completa no universo que buscamos compreender, tivemos a chance de trazer vivências pessoais também para a pesquisa, impressões e uma maior precisão de dados e de informações, já que a dissertação foi construída gradativamente, por meio de vivências, entrevistas, observações em campo e não apenas com revisão bibliográfica e teorização sobre algo que está em constante movimento e modificação.

Como jornalista, a vivência e a aproximação foi fundamental para construir a reportagem 360°, que conta com texto, vídeo, áudio, material fotográfico e um panorama de quem são as mulheres da literatura marginal. Durante a construção de tal reportagem, prezei por lhes garantir o maior tempo e acesso de voz, discurso e autorrepresentação, abrindo mão da minha voz de repórter para que as próprias personagens falem por si. Abri mão também de entrevistas teóricas, especialistas e estudiosos do tema, com objetivo de garantir ainda mais a autorrepresentação das mulheres na reportagem.

Para construir o material, foi por meio do contato direto é que pude ter material, bagagem e repertório suficiente para me lançar no objetivo de divulgar científica e culturalmente a literatura marginal/periférica. Com a prática de reunir mulheres, realizar um sarau voltado à temática feminina e divulgar o mesmo evento a fim de atrair público, entendi como funciona essa inserção dos dois lados: o de repórter, para colher informações sobre a pesquisa e o de divulgadora, para emplacar notícias acerca do mesmo tema. Em ambos, tive sucesso.

Enquanto pesquisadora, atento para a importância de vivenciar o que se está pesquisando, mais do que acumular literatura, já que tratamos aqui de um movimento, que em constante mexer-se, está sendo construído. As informações contidas nesta pesquisa não são definitivas. Ela se alteram a cada dia, a cada novo poema que ganha um vídeo e viraliza na internet, a cada novo livro publicado, a cada nova antologia que traz um número superior de mulheres ao de homens, a cada novo sarau e/ou slam que surge e que tem como objetivo atrair mulheres e lhes garantir não a voz, mas ouvidos atentos.

Entendemos, com a amostragem de dados, que embora sejam todos subalternos do ponto de vista das classes sociais, nem todos podem e/ou conseguem falar. Mas, provamos, com dados estatísticos e com o sentimento da escrita envolvido, que existem mulheres dispostas não apenas a falar, mas a gritar, a comunicar, de todas as formas quais forem possíveis, o que lhes ocorre em seus universos marginais e periféricos.

Compreendemos que estudamos um movimento que, como o próprio nome diz, está acontecendo, se movimentando, se construindo. É impossível definir para onde irá e quem o acompanhará, mas, deixamos aqui nossa contribuição para esta história, nosso envolvimento com o universo e a nossa pesquisa, afim de servir de base para outras que virão.

Com os dados colhidos, tabulados e transformados em mapas e tabelas, temos as estatísticas da produção, que servem para nos confirmar que, embora tenha um aumento, um maior protagonismo, uma maior organização por parte das mulheres, ainda existe uma lacuna a ser preenchida por suas produções para que alcancem a equidade em relação aos homens e isso se dá, especialmente, nos ambientes mistos: saraus, antologias e slams.

Por sua vez, muitas mulheres têm tomado frente de suas próprias produções, o que denota, conforme comprovamos aqui em dados, maior organização e desejo de mudança, mesmo que muitas vezes seja segmentado e permita apenas a participação feminina, excluindo homens, de forma a valorizar o que é produzido exclusivamente pelas mulheres. O mesmo, muitas vezes, ocorre com mulheres negras, quando estas se organizam em saraus, antologias e eventos destinados exclusivamente às produções feitas por elas mesmas. Concluimos, com isso, a necessidade da exclusão de outros grupos para que aquele próprio o qual está sendo tratado seja incluído.

O que trazemos é cada mulher não é apenas escritora, mas atua em diferentes frentes, possibilitando a inclusão de outras mulheres no cenário, a fim de potencializar e amplificar as próprias vozes.

Apesar dos dados mostrarem lacunas na produção feminina se comparada a masculina, podemos entender que organização das mulheres em coletivos é bastante empoderadora, já que atua por meio do ativismo, criando espaços de resistência e fortalecimento.

Por isso, para além dos dados, durante os mais de dois anos envolvida com a pesquisa, busquei, enquanto jornalista, vivenciar e não apenas reportar, o máximo que pude, o estilo de vida das mulheres aqui trazidas. Pelo que convivi junto a elas, percebi que em sua maioria, elas atuam como em um processo terapêutico, entre si, por meio da arte, de construção de identidade, autoconhecimento e autoafirmação.

Os dados coletados, as tabelas e mapas tentam trazer precisão ao que está sendo falado e dito, de forma a comprovar, em números, as lacunas existentes na produção, contudo, sabemos que não só isso caracteriza que há menos mulheres e que não há equidade na cena da literatura marginal/periférica, mas entendemos que as vozes ouvidas, as poesias trazidas e a reportagem construída dão conta disso, uma vez que representantes da própria cultura tomam a voz e falam por si, justificando e validando o que está sendo dito na pesquisa.

Com seus produtos – livros, saraus, slams e a partir da própria presença – estabelecem conexões com a própria ancestralidade e abrem espaços de resistência cultural, espiritual e política ao declamar suas poesias, sejam elas com viés social, político, eróticos ou qualquer que seja a vertente, mas ocupando o próprio espaço e lugar de fala.

Nesta pesquisa, como jornalista e dentro do programa de **Divulgação Científica e Cultural**, me propus a criar pontes entre a academia e a periferia e discursar não apenas nas páginas da pesquisa, mas envolver-me – como já acontecia antes – de fato com o estudo, dedicando-me totalmente a cena da literatura marginal/periférica feita por mulheres, convivendo com elas, frequentando eventos, ouvindo-as e me propondo a reportar o que ocorre às margens da literatura brasileira escrita por mulheres.

Destaco aqui então meu papel como jornalista, não apenas como mediadora, mas como parte envolvida na pesquisa, atuando na co-construção com tais artistas, produzindo eventos aos quais elas puderam participar e atuar na construção deste texto, ouvindo-as, lendo-as e caminhando do mesmo lado durante todo o tempo deste estudo. Diante disso, podemos concluir que esta não mediação, mas participação direta junto a notícia e ao fato pesquisado tem efeitos mais fortes quando se fala na construção do texto, na atuação direta e na reportagem. No início, quando falamos que as escritoras da periferia podem, sim, ser repórteres do próprio cotidiano ao narrar, por si mesmas, fatos que ocorrem, por meio da arte, aplicamos aqui, que reportar é mais do que apenas ler sobre o tema, mas envolver-se, vivenciar, praticar, para só então poder escrever.

Fica, neste ponto, a necessidade de não apenas dar voz às mulheres periféricas por meio da literatura marginal/periférica, mas de garantir que estas vozes sejam ouvidas. Elas estão sendo ouvidas? Por quem? Quem está disposto a escutá-las? Em todos os debates, eventos e rodas de conversa aos quais participei e acompanhei durante o tempo de pesquisa, esta questão foi levantada: está a sociedade pronta, disposta e interessada a ouvir essa voz que emana das periferias?

Meu palpite é que sim. Há disposição, porém, há que se trabalhar incansavelmente na divulgação cultural destas práticas a fim de que elas cheguem a um número maior de pessoas, porém, há uma necessidade ainda mais urgente: continuar. Não parar. Acolher cada nova manifestação. Cada nova mulher. Cada novo livro. Cada nova linha publicada por uma mulher.

Até o momento, a literatura marginal/periférica feita por mulheres não havia sido estudada e/ou aprofundada no Brasil. Sabemos estar longe de esgotar o tema proposto, mas percebemos a urgência em debater, pontuar e tensionar este campo, já que existem vozes plurais femininas na literatura marginal e periférica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. *A indústria cultural – o iluminismo como mistificação das massas*. In: *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- \_\_\_\_\_. Trad. Guido Antonio de Almeida. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar.1985.
- \_\_\_\_\_. *Indústria cultural*. In: COHN, Gabriel. *Comunicação e Indústria Cultural*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987a.
- ALMEIDA, Raquel. *Sagrado Sopro, do solo que renasço*. São Paulo: Elo da Corrente, 2014.
- ALMEIDA, Raquel. M.A.Z.O., *Soninha. Duas gerações sobrevivendo no gueto*. São Paulo: Elo da Corrente, 2008.
- ALVES, Josiane Gioacomini. *metade de mim que não sei onde*. Campinas: Komedi, 2002.
- ALVES, Míriam. *Bará, na trilha do vento*. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2015.
- ALVES, Thyaneddy. *Em Reticências*. São Paulo: Academia Periférica de Letras, 2015.
- AMATO, Juliana. *correspondência*. São Paulo: Poesia Menor, 2014.
- AMOR LÚBRICO. *Antologia: textos para serem lidos na cama*. São Paulo: Editora Independente, 2008.
- ARRAES, Jarid. *As lendas de Dandara*. São Paulo: Livro editora Livre, 2014.
- ARAÚJO, Rosângela de Oliveira Silva. *A “Escrevivência” de Conceição Evaristo em Ponciá Vicêncio: encontros e desencontros culturais entre as versões do romance em português e em inglês*. Universidade Federal da Paraíba. 2012.
- ÀS MARGENS DO IPIRANGA. *Antologia*. São Paulo: Edicon, 2015.
- AQUALTUNE. *Herdeiras de Aqualtune: Feminina, Periferia um Pedaco da África*. São Paulo: Aqualtune, 2015.
- AZEVEDO, Regina. *das vezes que morri em você*. Natal: Jovens Escribas, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Por isso eu amo em azul intenso*. Natal: Jovens Escribas, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Carça*. Natal: Editora Independente, 2016.

- BAKHTIN, Mikhail. *Cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. 6. ed. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.
- BALBINO, Jéssica; MOTTA, Anita. *Hip-Hop – A Cultura Marginal*. Edição Independente, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Traficando Conhecimento*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2010.
- BARBOSA, José Cordeiro. PAULINO, Simone. *Identidade Perdida, memórias de um morador de rua*. São Paulo: Legnar Editora, 2003.
- BARRETO, Carolina. *Narrativas da “frátria imaginada” Ferréz*, Sérgio Vaz, Dugueto Shabazz, Allan da Rosa. *Juiz de Fora*, 2011.
- BARROS, Rita. *Poemas*. Rio de Janeiro: Coleção Kraft, 2015.
- BERNARDO, Juliana. *Vitamina*. São Paulo: Patuá, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Carta Branca*. São Paulo: Edições Maloqueirista, 2014.
- BERND, Zilé. *Antologia de Poesia Afro-Brasileira, 150 anos de consciência negra no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.
- BINNS, Aline. *Selva*. São Paulo: Edições Maloqueirista, 2014.
- BISCHAIN, Sonia Regina. *Nem Tudo é Silêncio*. São Paulo: Edicon, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Vale dos Atalhos*. São Paulo: Outra Margem, 2013.
- BORDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2003.
- BRUM, Eliane. *A menina quebrada*. Rio de Janeiro: Globo, 2013.
- \_\_\_\_\_. *O olho da rua*. Rio de Janeiro, Globo, 2010.
- BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e Literatura em Convergência*. São Paulo, Ática, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Jornalismo, Literatura e Violência: A Escrita de João Antônio*. Bauru, Faac/Unesp, 2005. Coleções FAAC.
- BURRO. *Livro do sarau*, vol. 1. São Paulo: do burro, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Livro do sarau*, vol. 2. São Paulo: do burro, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Livro do sarau*, vol. 3. São Paulo: do burro, 2014.
- BUZO, Alessandro. *Hip-hop: dentro do movimento*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2010.
- \_\_\_\_\_. *O TREM – Contestando a versão oficial*. São Paulo: Edicon, 2010.

\_\_\_\_\_. *Suburbano Convicto – O Cotidiano do Itaim Paulista*. São Paulo: Edicon, 2010

BYNOE, Yvone. *Encyclopedia of rap and hip hop culture*. Westport: Greenwood Press, 2006.

C., Luiza Borba. *Fartesia*. São Paulo: Anadarco, 2012.

CALDAS, Graça. (2003). “Comunicação, educação e cidadania”. São Paulo: Pontes, 2013.

CALDAS, G. *Jornalistas e Cientistas: uma Relação de Parceria*. In: DUARTE, J.; BARROS, A. T. de. (Org.). *Comunicação para ciência e ciência para comunicação*. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003.

CALDAS, G. *O papel das assessorias de comunicação na divulgação da ciência: a experiência da Unicamp*. *Revista Comunicarte, Campinas, PUC*, v. 15, n. 21, 1997.

CALIXTO, Fabiano. BARROS, Ruth. MARTINHO, Teté. GARAPA, coletivo. *5 saraus: cada qual com sua poesia, cada qual com sua fúria*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2015.

CANDIDO, Antonio et al. *A crônica – O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. São Paulo: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

\_\_\_\_\_. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*.

vol. 1. 3a ed. São Paulo, Edusp, 1969.

CANTO, Cláudia. *Morte às Vassouras*. São Paulo: Edicon, 2004.

\_\_\_\_\_. *Mulher Moderna Tem Cúmplice*. São Paulo: Edicon, 2008.

CAPULANAS (org.). {EM} *GOMA – Dos pés à cabeça, os quintais que sou*. São Paulo: Capulanas, 2011.

CASTRO, Carina. *Caravana*. São Paulo: Patuá, 2013.

CASTRO, Laura. *O telefone tocou novamente*. São Paulo: Poesia Maloqueirista, 2014.

CERNOV, Cátia. *Amazônia em Chamas*. São Paulo: Selo Povo, 2010.

CHAMIELEWSKI, Patrícia. *toda mulher é uma puta*. São Paulo: Poesia Menor, 2014.

COHEN, Renato. *A performance como linguagem. Criação de um espaço tempo de experimentação*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

COLETIVO 8542. *Devaneios Diários. Antologia*. São Paulo, 2009.

- CONTADOR, António Concorde; FERREIRA, Emanuel Lemos. *Ritmo & Poesia. Os caminhos do Rap*. Lisboa: Assíri e Alvim, 1997.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura Brasileira Contemporânea – Um Território Contestado*. São Paulo: Editora Horizonte, 2014.
- \_\_\_\_\_, *A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004*. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, Brasília, n. 26, p. 13-71. Disponível em: <[http://www.gelbc.com.br/pdf\\_revista/2602.pdf](http://www.gelbc.com.br/pdf_revista/2602.pdf)>.
- \_\_\_\_\_. *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Ed. Horizonte, 2010.
- D'ALVA, Roberta Estrela. *Teatro Hip-Hop*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- DANTAS, Audálio. *Tempos de Reportagem*. São Paulo, 2012.
- DEUSAS, Louva. *Coletânea de Literatura Negra*. São Paulo: Editora Independente, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Além dos Quartos*. São Paulo: Editora Independente, 2015.
- DIFERENCIAL DA FAVELA, O. *Antologia: poesias quebradas de quebrada*. Salvador: Sarau da Onça, 2014.
- DINHA. *De passagem mas não a passeio*. São Paulo: Global Editora, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Onde escondemos o ouro*. São Paulo: Me Parió Revolução, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Zero a Zero – 15 poemas contra o genocídio da população negra*. São Paulo: Me Parió Revolução, 2015.
- DINIZ, Natame. *Dexistir*. São Paulo: Patuá, 2014.
- DOBURRO. *Antologia*. São Paulo: doburro, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Antologia*. São Paulo: doburro, 2014.
- DUARTE, Mel. *Fragmentos Dispersos*. São Paulo: Editora Independente, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Negra, Nua, Crua*. São Paulo: Ijumaa, 2016.
- EBLE, Laeticia Jensen. *As guerreiras e suas barreiras: notas sobre a literatura marginal escrita por mulheres*. UNB. Brasília. 2014.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- EDIFÍCIO MASQUÊS DE SADE. *Antologia*. São Paulo: Valer, 2013.
- ESMÊNIA, Bárbara. *Penetra Fresta*. São Paulo: Padê Editorial, 2016.
- EU SOU FAVELA. *Antologia*. São Paulo: Nós, 2015.
- EVARISTO, Conceição. *Da Grafia-desenho de Minha Mãe, um dos Lugares de*

nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). *Representações Performativas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008

\_\_\_\_\_. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

\_\_\_\_\_. *Olhos D'Água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

FERREZ. *Cronista de um Tempo Ruim*. São Paulo: Ed. Selo Povo, 2009.

\_\_\_\_\_. *Literatura Marginal: talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Ed. Agir, 2005.

\_\_\_\_\_. *Ninguém é inocente em São Paulo*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 14 ed. São Paulo: Loyola, 2006.

FRAZÃO, Idemburgo, Unigranrio. Curitiba, 2011.

FLUPPENSA. *Antologia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2012.

GARCIA, Adriane. *O nome do mundo*. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2014.

\_\_\_\_\_. *Só, com peixes*. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2015.

GARCIA, Andréia G. *A viajante do trem*. São Paulo: Editora Independente, 2013.

GARCIA, Débora. *Corações*. São Paulo: Editora Independente, 2014.

GOBBE, Juliana. *Óculos de Marfim*. Campinas: ABR Editora, 2012.

GUASCO, Pedro Paulo M. *Num país chamado periferia: identidade e representação da realidade entre os rappers de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade de São Paulo, 2001

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo*. São Paulo: Ática, 2006.

\_\_\_\_\_. *Onde estaes Felicidade?*. São Paulo: Me Parió Revolução, 2014.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2002.

\_\_\_\_\_. *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Liv Sovik (Org.) Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: UFMG/ Brasília: Representação da UNESCO, 2011.

HALL, Stuart. *Que negro é esse na cultura negra*. In: Sovik, Liv ( org ) *Da Diáspora – Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde: 1960/1970*. 2ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1981.

\_\_\_\_\_. *Os estudos sobre mulher e literatura no Brasil: Uma primeira*

abordagem. <<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/os-estudos-sobre-mulher-e-literatura-no-brasil-uma-primeira-abordagem-9/>>. Acessado em 17 de junho de 2014.

HAPKE, Ingrid. MEDEIROS, Mário. PEÇANHA, Érica. TENINA, Lucia. *Polifonias Marginais*. Ed. Aeroplano. 2015.

HARAWAY, Donna. 'Gênero' para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, n.22. Campinas: Unicamp, 2004.

Hooks, Bell. "Black Women and Feminism." *Ain't I A Woman: Black Women and Feminism*. Boston: South End Press, 1981. 159-196.

JORGE, Thaís de Mendonça; BARROS, Bruna Renata Cavalcante de; *Repórter-marginal: o Novo Jornalismo no Brasil e a produção de João Antônio na revista Realidade, entre 1966 e 1981*. <<http://portal.comunique-se.com.br/index.php/editorias/17-destaque-home/71194-eliane-brum-o-bom-jornalismo-se-aplica-a-tudo-o-que-e-da-vida.html#>> Acessado em 17 de junho de 2014.

KASEONE; DIAS, Raul. *HIP HOP Cultura de Rua*. São Paulo: HHB Studio/SUATITUDE, 2011.

KLIS[Y]S, Paloma. *Qualquer coisa entre um cigarro e um lugar que não existe*. São Paulo: Poesia Maloqueirista, 2014.

KOTSCHO, Ricardo. *A Prática da Reportagem*. São Paulo, Ática, 2003.

KRIEGER, Isadora. *o gosto da cabeça*. São Paulo: Poesia Menor, 2014.

LANA, Ivone Lopes de. *Jardim das Rosas: Diário de um Mano*. São Paulo: Scortecci, 2007.

LANDIM, Ivone. *Palavra Andarilha*. Rio de Janeiro: Maple, 2014.

LEITE, Antônio Eleilson. *Marcos Fundamentais da Literatura Periférica em São Paulo*. <<http://www.each.usp.br/revistaec/?q=revista/1/marcos-fundamentais-da-literatura-perif%C3%A9rica-em-s%C3%A3o-paulo>>. Acessado em 17 de junho de 2014.

\_\_\_\_\_. *Mesmo céu, mesmo CEP: produção literária na periferia de São Paulo*. USP, 2014.

LEITE, Bárbara. *Esmaltes – Nuances do Amor Demais*. São Paulo: Patuá, 2014.

LEMOS, Anamy. OLIVEIRA, Célia di. SANTOS, Elisandra. *Tecendo Versos*. Belo Horizonte: Poesias Escolhidas, 2015.

LIMA, Daíse. *A Moça do Coração Bobo*. Campinas: Editora Independente, 2015.

Lorde, Audre. *Sister Outsider: Essays and Speeches*. Trumansburg, NY: Crossing Press, c1984.

Print.

LUCAS, Constança. *Poesia, use várias vezes ao dia*. São Paulo: Patuá, 2014.

NAVARRO, Michele. *noite uma.a.uma*. São Paulo: doburro, 2015.

MÃES DE MAIO. *Do luto à luta*. São Paulo: Editora Independente, 2011.

\_\_\_\_\_. *Mães do Cárcere*. São Paulo: Editora Independente, 2012.

MARA, Marina. *Sarau Sanitário*. Com Brasília: Editora Independente, 2012.

\_\_\_\_\_. *Figuras*. Brasília: Editora Kiron, 2015.

MARGINALIARIA. *Baseado de ponta – Antologia Marginal*. São Paulo: Marginaliaria, 2011.

MEDEIROS, Mário Augusto da Silva. *A Descoberta do Insólito: Literatura Negra e Literatura Periférica no Brasil*. Aeroplano. 2013.

MEIRA, Daniela. *Sentinela dos meus desejos*. São Paulo: Editora Independente, 2014.

MORAES, Ana. *Das coisas que eu disse enquanto você dormia*. São Paulo: Patuá, 2015.

MOURA, Rosa e ULTRAMARI, Clovis. *O que é periferia urbana*. Ática, 1996.

MOTTER, Julianna. *De carne e concreto*. São Paulo: Patuá, 2014.

NATÁLIA, Livia. *Correntezas e outros estudos marinhos*. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2015.

NASCIMENTO, Jenyffer. *Terra Fértil*. São Paulo: Mjiba. 2014.

NASCIMENTO, Tatiana. *Lundu*. São Paulo: Padê Editorial, 2016.

NEGAHAMBURGUER. *Beleza Real*. São Paulo: Editora Independente, 2013.

OGUM'S TOQUES NEGROS. *Coletânea Poética*. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2014.

OHMER, Soanirina Sarah. *Re-membering trauma in the flesh literary and performative representations of race and gender in the Americas*. University of Pittsburgh, 2012.

OLIVEIRA, Raquel. *A número um*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015.

ORLANDI, E. P. *A leitura e os leitores possíveis*. In: ORLANDI (org.) *A Leitura e os*

*Leitores. Campinas: Pontes. 1998. p. 07-24.*

\_\_\_\_\_. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. 4.ed. São Paulo: Pontes, 1996. 276p.*

\_\_\_\_\_. *A questão do assujeitamento: um caso de determinação histórica. Com Ciência: revista Eletrônica de Jornalismo Científico. 2007. Disponível em <<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=26&id=296>>*

\_\_\_\_\_. *Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos. 10ª Ed. Campinas: Pontes, 2012*

\_\_\_\_\_. *Análise do discurso: sentidos e fundamentos. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005*

\_\_\_\_\_. *Interpretação; autoria. leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.*

PAULINO, Simone. *Abraços Negados. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.*

PATROCÍNIO. Paulo Roberto Tonani. *Escritos à margem – a presença de autores de periferia na cena literária brasileira. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013.*

PEÇANHA, Érica. *É tudo nosso! Produção cultural na periferia paulistana. USP, 2011.*

\_\_\_\_\_. *Vozes marginais na literatura. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.*

PEIXOTO, Carolina. *Bola, Lápis e Papel. São Paulo: Conecta Brasil, 2013.*

PELUSO, Ana. *70 poemas. São Paulo: Patuá, 2014.*

PEREZ, Flávia. *Poesia se escreve com T. Rio de Janeiro: futurArte poeisa, 2011.*

\_\_\_\_\_. *Antropoflágica. Campinas: Editora Essencial, 2015.*

PESSOTI, Elaine. MATOS, Luciane. LIMA, Soraia. RODRIGUES, Vanessa. *Império Lampinho. São Paulo: Coletivo Cultural Poesia na Brasa/ Elo da Corrente, 2009.*

PEQUENO LIVRO SAGRADO, O. *Menor Slam do Mundo. Antologia. São Paulo: doburro, 2013.*

PÊCHEUX, M. *Discours: Structure ou Evènement, Illinois University Pres. Trad. Bras., Discurso: Estrutura ou Acontecimento, Orlandi, E. Campinas: Pontes, 1983.*

\_\_\_\_\_. *Ler o arquivo hoje In: ORLANDI, E. P. (org.) Gestos de Leitura: da História para o Discurso. Trad. de Bethania, S. C. Mariani. 2ª edição. Campinas: UNICAMP, 1997. p.55-66.*

PÊCHEUX, M.; GADET, F. *A língua inatingível: O discurso na história da Linguística. Campinas: Pontes Editora, 2004.*

PELAS PERIFERIAS DO BRASIL. *Antologia, vol 1. São Paulo: Suburbano Convicto,*

2007.

\_\_\_\_\_. *Antologia*, vol. 2. São Paulo: Suburbano Convicto, 2008.

\_\_\_\_\_. *Antologia*, vol. 3. São Paulo: Suburbano Convicto, 2009.

\_\_\_\_\_. *Antologia*, vol. 4. São Paulo: Suburbano Convicto, 2010.

\_\_\_\_\_. *Antologia*, vol. 5. São Paulo: Suburbano Convicto, 2011.

*PERIFATIVIDADE. Antologia. São Paulo: Coletivo Perifatividade, 2011.*

\_\_\_\_\_. *Antologia*, vol. 2. São Paulo: Coletivo Perifatividade, 2012.

\_\_\_\_\_. *Perifatividade nas escolas. São Paulo: Coletivo Perifatividade, 2012.*

*PODE PÁ QUE É NÓIS QUE TÁ. Antologia. São Paulo: Um Por Todos, 2012.*

\_\_\_\_\_. *Antologia*, vol. II. São Paulo: Um Por Todos, 2014.

\_\_\_\_\_. *Antologia*, vol. III. São Paulo: Um Por Todos, 2015.

*POÉTICAS AFRO-BRASILEIRAS. Antologia. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.*

*POESIA NA FAIXA. Antologia. São Paulo: Edições do Tietê, 2015.*

*POESIAS EM PRETO E BRANCO. Antologia: Luta, Futuro, Periferia, Hip-Hop, Rua, Poesia, União. São Paulo: Coletivo Tamo Vivo, 2014.*

*POETAS AMBULANTES. Uma vez poetas ambulantes.... São Paulo: Conecta Brasil, 2013.*

*POETAS DO SARAU SUBURBANO. Antologia. São Paulo: Edicon, 2011.*

\_\_\_\_\_. *Antologia*, vol. II São Paulo: Edicon, 2013.

*POEZINE. Antologia. Poços de Caldas: Zinelândia, 2015.*

*PORTILLO, Mirta. Uma mujer como yo. São Paulo: Elo da Corrente, 2015.*

*PRAÇARAU. Antologia. São Paulo: RG Produções, 2014.*

*PRETA, Priscila. ROSA, Allan da. A Calimba e a Flauta. São Paulo: Edições Toró, 2012.*

*PRETUMEL. De chama e gozo. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2015.*

*QUE DIZEM OS UMBIGOS, O. Antologia. São Paulo: Editora Independente, 2013.*

*QUEBRAS. Uma viagem literária pelo Brasil. São Paulo: Edith, 2015.*

*RABETTI, Lunna. (org.) PERIFEMINAS: Nossa História. São Paulo. Edição Independente, 2013.*

- \_\_\_\_\_ (org.) *PERIFEMINAS: Sem Fronteiras*. São Paulo. Edição Independente, 2013.
- RAMOS, Caroline. *espalhado pelo ar*. São Paulo: Poesia Menor, 2014.
- RANGEL, Cris. *Desaguar*. São Paulo: Patuá, 2015.
- REYES, Alejandro. *Vozes dos Porões*. Rio de Janeiro. Aeroplano, 2013.
- RIBEIRO, Luz. *Eterno Contínuo*. São Paulo: doburro, 2013.
- ROCHA, Aline. *Gravando*. São Paulo: Patuá, 2014.
- ROMÃO, Luiza. *Coquetel Motolove*. São Paulo: doburro, 2014.
- ROSSI, Marília. *Transe*. Poços de Caldas: Editora Independente, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Partida*. Poços de Caldas: Editora Independente, 2015.
- SANTANA, Bianca. *Quando me descobri negra*. São Paulo: SESI, 2015.
- SANTOS, Michele. *Toda via,*. São Paulo. Edição Independente, 2015.
- SALLES, Écio. *Poesia Revoltada*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.
- SARAU AFRO MIX. *Antologia*. São Paulo: Quilombhoje, 2009.
- SARAU DA ADEMAR. *Primeiras Prosas*. São Paulo: Coletivo Cultural Sarau da Ademar, 2011.
- SARAU DA COOPERIFA. *Rastilho de Pólvora – Antologia poética do sarau da Cooperifa*. São Paulo: Cooperifa, 2004.
- SARAU DO BINHO. *Antologia*. São Paulo: Sarau do Binho, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Antologia – vol. 2*. São Paulo: Sarau do Binho, 2015.
- SARAU ELO DA CORRENTE. *Antologia Prosa e Poesia Periférica*. São Paulo: Elo da Corrente, 2008.
- SARAU PORTAS ABERTAS. *Antologia*. São Paulo: Edições do Tietê, 2015.
- SARAU SOBRENOME LIBERDADE. *Antes de ser um manifesto*. São Paulo: Sobrenome Liberdade, 2013.
- SINHÁ. *Devolva meu lado de dentro*. São Paulo: Jovens Escrivas/ doburro, 2012.
- \_\_\_\_\_. *na veste dos peixes as palavras de ontem*. São Paulo: doburro, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Manga espada*. São Paulo: doburro, 2015.
- SILVA, Cidinha da. *Cada Tridente em seu lugar e outras crônicas*. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Os nove Pentes D'África*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Oh, Margem! Reinventa os RIOS!* São Paulo: Selo Povo, 2011.
- \_\_\_\_\_. *O mar de Manu*. São Paulo: Kuanza Edições, 2011.

- \_\_\_\_\_. *Racismo no Brasil e afetos correlatos*. São Paulo: Conversê, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Baú de Miudezas, sol e chuva*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Africanidades e Relações Raciais*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Sobreviventes*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.
- SLAM DA GUILHERMINA. *Antologia – Um Ponto Zero*. São Paulo: Edicon, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Antologia - Dois ponto zero*. São Paulo: Edicon, 2015.
- SMANIOTO, Sheyla. *Desesterro*. São Paulo: Record, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Dentro e Folha*. São Paulo: Ducinéia Catadora, 2012.
- SMITH, Marc Kelly. *Stage a poetry slam*. Napperville: Soucerbooks MediaFusion, 2009.
- SOBRAL, Cristiane. *Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção*. Brasília: Editora Dulcina, 2011.
- SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.
- SOUZA, Ana Lúcia Silva Souza. *Letramentos e Reexistência*. São Paulo: Parábola, 2011.
- SOUZA, Elizandra. *Águas da Cabaça*. São Paulo. Edição Independente, 2012.
- \_\_\_\_\_. (org.) *Pretextos de Mulheres Negras*. São Paulo. Edição Independente, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Punga*. São Paulo: Edições Toró, 2007.
- SPIVAK, Gayatri. *Pode o Subalterno Falar?*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- TESTA, Lia. *guizos de carne*. São Paulo: Poesia Menor, 2013.
- RAMALHO, Cristiane. *Notícias da Favela*. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2007.
- ROCHA, Janaína; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia. 2001. *Hip Hop – a periferia grita*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- VAZ, Sérgio. *Colecionador de Pedras*. São Paulo: Global, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Cooperifa – Antropofagia Periférica*. Rio de Janeiro: Aeroplano – Coleção Tramas Urbanas, 2008.
- VIEIRA, Lia. *Só as mulheres sangram*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.
- VILANI, Maria. *Varal*. São Paulo: Editora da Gente, 2012.
- VOCACIONAL LITERATURA. *Antologia*. São Paulo: Editora Independente, 2015.
- TENINA, Lucia. *Saraus – Antologia*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Brasil Periférica – Literatura Marginal de São Paulo*. Cidade do México: ALDVS, 2014.

THOMPSON, John. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.

ZÊPA, Anna. *primeiro corte*. São Paulo: doburro, 2013.

\_\_\_\_\_. *aconvivênciadossosraistros*. São Paulo: doburro, 2015.

ZIBORDI, Marcos. *Jornalismo alternativo e literatura marginal em Caros Amigos*. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). Universidade Federal do Paraná, 2004

WELLER, w. *a presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível*. *Revista Estudos Feministas, Florianópolis*, v. 13, n. 1, abr. 2005.

WOLFE, Tom. *Radical chique e o novo jornalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: A “literatura” medieval*. Trad. Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. *Introdução à poesia oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira; Maria Lúcia Diniz Pochat; Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. *Escritura e Nomadismo*, Trad. Jerusa Pires Ferreira e Sônia Queiroz. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005. *Posfácio*, 187-189.

122

\_\_\_\_\_. *Performance, Recepção, Leitura*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suelly Fenerich. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

## ENTREVISTAS

ALMEIDA, Raquel. *Entrevista concedida em São Paulo, em 17 de fevereiro de 2016*.

BERNARDO, Juliana. *Entrevista concedida em São Paulo, em 17 de fevereiro de 2016*.

*BINNS, Aline. Entrevista concedida em São Paulo, em 17 de fevereiro de 2016.*

*D'ALVA, Roberta Estrela. Entrevista concedida em São Paulo, em 21 de julho de 2016.*

*DOREA, Rose. Entrevista concedida em São Paulo, em 18 de fevereiro de 2016.*

*DUARTE, MEL. Entrevista concedida em São Paulo, em 18 de fevereiro de 2016.*

*GARCIA, Débora. Entrevista concedida em São Paulo, em 17 de fevereiro de 2016.*

*LEÃO, Ryane. Entrevista concedida em São Paulo, em 17 de fevereiro de 2016.*

*MOITINHO, Janaína. Entrevista concedida em São Paulo, em 17 de fevereiro de 2016.*

*NASCIMENTO, JENNYFER. Entrevista concedida em São Paulo, em 17 de fevereiro de 2016.*

*PAULA, Viviane de. Entrevista concedida em São Paulo, em 18 de fevereiro de 2016.*

*RABETTI, Lunna. Entrevista concedida em São Paulo, em 18 de fevereiro de 2016.*

*RIBEIRO, LUZ. Entrevista concedida em São Paulo, em 18 de fevereiro de 2016.*

*ROMÃO, Luiza. Entrevista concedida em São Paulo, em 21 de julho de 2016.*

*SANTOS, MICHELE. Entrevista concedida em São Paulo, em 17 de fevereiro de 2016.*

*SINHÁ. Entrevista concedida em São Paulo, em 18 de fevereiro de 2016.*

*SOUZA, Lu. Entrevista concedida em São Paulo, em 18 de fevereiro de 2016.*

*SOUZA, Elizandra. Entrevista concedida em São Paulo, em 17 de fevereiro de 2016.*

*ZÊPA, ANNA. Entrevista concedida em São Paulo, em 18 de fevereiro de 2016.*

### **Sites Consultados:**

**Agenda Cultural da Periferia.** Disponível em  
<<http://www.agendadaperiferia.org.br/>> Acesso em: 14 de abril de 2016.

**Brazil Poetry Slam.** Disponível em:  
< <https://www.facebook.com/brasilpoetryslam/?fref=ts>>. Acesso  
em: 20 de maio. 2016.

**Flupp.** Disponível em: <https://www.facebook.com/FluppRJ/?fref=ts> . Acesso  
em: 19 de maio de 2016.

**Mjiba.** Disponível em: <http://mjiba.com.br/> . Acesso em: 18 de junho de 2016

## Anexos

Formulário de automapeamento disponível no site: [www.margens.com.br](http://www.margens.com.br)

\*Obrigatório

**Nome completo \***

**Idade \***

**cidade/estado \***

**Telefone \***

**e-mail \***

**Profissão/Ocupação \***

**Etnia \***

- negra
- branca
- parda
- indígena
- Outro:

**você é parte da literatura brasileira contemporânea e como considera a sua escrita \***

- marginal
- periférica
- marginal e periférica
- divergente
- Outro:

**você possui publicações? \***

- sim

- não
- somente em antologias
- Outro:

**quais são suas publicações? (ano)**

**Editora \***

**Possui blog, fanpage, outro sítio para divulgar a escrita? \***

**sarau (s) que frequenta \***

**algo a acrescentar,comentar/ considerações?**

## **ENTREVISTAS**

### **Elizandra Souza, jornalista e poeta**

#### **Nome completo? Idade?**

Elizandra Souza, 32 anos

#### **Quem é a Elizandra Souza, poeta? Fala um pouco sobre isso e sobre o protagonismo das mulheres na literatura**

Eu sou Elizandra Souza, poeta, jornalista e escrever, pra mim, é além de ser uma válvula de escape, uma forma de se reinventar, de se redescobrir.

#### **E fala um pouco da sua produção literária?**

Eu entrei nesse universo literário através do fanzine, eu fazia um fanzine chamado Mjiba, em 2001 e comecei a produzir as primeiras poesias, que era uma forma de trazer a literatura para dentro do fanzine. Ele era um fanzine de cultura negra, editado de 2001 a 2005 e foi nesse período que eu conhecia Cooperifa, em 2004, e foi quando foi publicada a revista Literatura Marginal e foi a minha primeira publicação, por essa revista da Caros Amigos, organizada pelo Ferréz, Literatura Marginal Ato III.

E depois veio o CD da Cooperifa, que foi bem bacana e era a possibilidade de transmitir essa oralidade dos saraus, que é onde pega mesmo.

E aí, antes de eu publicar meu primeiro livro autoral, eu participei do Cadernos Negros, que pra mim era uma forma de pedir a benção, referenciar um trabalho que eles faziam há 27 anos já, né? Agora completa 36 anos que eles fazem literatura, um ano conto, outro ano poesia e aí a trajetória... eu acredito muito que a frequência de ir nos saraus, no meu caso que eu ia muito mais na Cooperifa, e como eu posso dizer? No meu caso, essa frequência fez com que eu começasse a produzir mais e aí veio, no próprio sarau da

Cooperifa, a ideia do Allan da Rosa e eu fazer um livro com o Akins Kintê e na época, em 2006, quando começamos a organizar o livro e a gente não se via como poetas possíveis de serem publicados, o próprio nome Punga foi ideia do Allan e a gente pensou: vamos reunir os textos, mas não acreditávamos mesmo na hipótese dele ser publicado, isso em 2006. O livro foi lançado em 2007.

E o Punga é um livro que pra mim é muito especial, né? É o início, um livro que foi muito bem recebido, até por ser dois jovens negros, e a partir do Punga passamos a sonhar, passou a sonhar com literatura, né?

E assim, essa publicação junto com o Akins trouxe várias questões pra mim, né? Enquanto mulher, enquanto mulher negra, enquanto uma escritora negra e demorei 5 anos para fazer meu livro autoral independente, que é o *Águas da Cabeça*, que publiquei em 2012, financiando pelo projeto Vai, já pelo Mjiba e aí em 2013 fizemos o *Pretextos de Mulheres Negras*, que de certa forma era ...no *Águas da Cabaça* apareceram outras questões, que tipo: agora eu tenho um livro autoral, uma escritora negra e tal, mas eu acho que a aceitação, que por mais que as pessoas acham: que legal, você escreve. Essa coisa do livro, de ter o livro, é bacana e tal, mas eu percebo, em relação aos meus companheiros de trajetória, que ser mulher dentro dessa literatura, você tem outros desafios, assim, diferente deles, né, porque muitos desses companheiros a gente tem o mesmo tempo de trajetória e a visibilidade deles é diferente da visibilidade que eu tenho e não só eu, Elizandra, escritora, mas outras escritoras.

E a ideia de lançar *Pretextos* [de *Mulheres Negras*] é, os incômodos que apareceram, que eu acabei não mencionando, é participar de uma mesa que só tinha eu e mais quatro escritores, ou senão era uma mesa só de mulheres, nunca tinha eu e mais uma escritora branca, por exemplo. Era eu Elizandra cobrindo a cota da mulher e da mulher negra. E isso me incomodava bastante, né. Porque eu poderia ficar numa situação confortável, tipo: “Ah, eu sou convidada”. Porque eu era convidada, era uma das poucas que tinha publicação na época, e publicação autoral, mesmo, já duas publicações, né.

E aí esse lugar incômodo fez surgir *Pretextos de Mulheres Negras* que a ideia era e sempre foi pluralizar as vozes de mulheres negras, tem mulheres negras escrevendo, era uma espécie de provocação. E foi uma provocação

bem sucedida assim.

Foi um livro que fizemos mil exemplares a primeira tiragem e em duas semanas a gente não tinha mais nenhum exemplar, até porque eram 22 autoras e só o fato de dividir a cota, no lançamento, de forma propositiva e provocativa, o livro não foi vendido, ele foi distribuído, porque pela experiência do *Águas da Cabaça* e do *Cadernos Negros*, o lançamento está cheio, mas não quer dizer que você tem uma vendagem de livros interessante, no máximo 100 livros em um bom lançamento e na noite de *Pretextos* tinha mais de 300 pessoas, era um livro por pessoa e se a pessoa queria tipo levar pra alguém, ela tinha que comprar o livro, então, *Pretextos* foi essa provocação, então todas as pessoas, todos os homens que estavam lá, levaram o livro.

Depois tivemos várias devolutivas, né. Porque antes eu tinha uma impressão e agora eu tenho uma certeza. Os homens não leem as mulheres, né. Os escritores, mesmo desse nosso campo literário, são poucos. As pessoas acham, conhecem, mas não leem. E se for falar do hip-hop é a mesma coisa, as pessoas citam várias personalidades, mas, quando cê vai numa conversa mais profunda, você percebe que as pessoas falam muito, mas leem pouco.

**Elizandra, você foi uma das primeiras que vem dessa linhagem da literatura marginal, né. Você começou com o ato III, que foi quando ela foi batizada como 'marginal' e você está até agora, em 2016. É óbvio que aumentou muito a produção de mulheres, até pelas antologias, como você citou, a *Pretextos*... e como que é isso? Isso é um peso em alguns momentos, ou não? Como você lida com isso? Inspirar outras mulheres, referenciando? Estar há tanto tempo?**

É difícil avaliar o processo, porque ele ainda está acontecendo, né, mas eu fico feliz de ter outras mulheres escrevendo, porque há uma possibilidade de troca. Porque quando eu falei de *Pretextos*, tinha uma troca já em *Cadernos Negros*, mas sempre o número de mulheres era menores participando, então, sei lá, acho que hoje temos possibilidade de troca maior, claro que a gente tem que avançar em várias questões.

Eu acho super válido as antologias, é uma forma de pluralizar as vozes, né? São algumas já. Já temos umas 4 ou 5 antologias de mulheres, e é

importante, porque é quando conhecemos várias mulheres e seu protagonismo em várias artes, porque nas antologias a maioria não são, [elas] não se denominam escritoras e isso também é uma questão, né, porque eu demorei para falar: ah, eu sou poeta. Não era uma questão tranquila, né. Hoje eu falo com tranquilidade. Mas, por muito tempo, não.

### **Por que não era tranquilo?**

Eu não sei, não sei se não, não me sentia num lugar confortável, até porque assim, a gente não inventa a roda, a gente traz, pra mim é importante referenciar quem veio antes. Quando eu fiz *Pretextos*, eu não estava inventando a roda, tinha uma antologia no Rio, da Ong Criola, em 1992, o livro foi inspirado nessa antologia, só que nessa eram ensaios, artigos acadêmicos e tinham mulheres negras, mas tinham mulheres brancas falando sobre mulheres negras, e no nosso caso tinha a autorrepresentatividade, então, eu fico feliz que tem várias questões em relação ao machismo, dentro da literatura, sei lá, eles tem umas questões que não foram resolvidas ainda, mas tem um novo olhar. Essa nova geração tem outras possibilidades, principalmente com as novas tecnologias, a possibilidade de troca é muito maior.

Mas, a gente percebe que precisamos avançar. Vários movimentos, como a hashtag #NãoPoetizeoMachismo mostra o quanto a gente junta é mais forte, a gente é mais forte, mas não no sentido de estamos numa guerrinha, mas no sentido de que temos várias questões que precisam ser trabalhadas, tratadas.

### **Você enquanto mulher e poeta, você deixa de fazer alguma coisa por estar nessa condição. Isso é barreira ainda dentro do universo literário?**

Como eu mencionei antes, eu tenho trajetória muito parecida com a de outros companheiros de escrita, mas são poucos os convites que me desafiam a ter criatividade por exemplo. Sei lá, outro dia eu participei de uma mesa que falava da subjetividade do corpo dentro do texto e falei: que legal, porque eu estava com psicóloga, eu falei, por que eu não estou em mesas assim?

As mesas que eu sou convidada são muito restritas, ou é para falar da literatura negra feminina ou é para falar de, sei lá, da literatura periférica do viés da mulher. As possibilidades de atuação são menores, porque as pessoas não entendem a complexidade de que você é um ser humano e pode falar de vários assuntos, né, então, as mesas que vem, os convites são muito

semelhantes, não tem muita coisa. As mesas que eu participava em 2005 são as mesmas que participo em 2016.

Propositivamente, eu também, por afirmação, a questão da literatura negra e periférica, esses rótulos, essas denominações são importantes como afirmação, mas também é uma armadilha no sentido de que o pessoal te coloca naquela caixinha e não te tira nunca mais. Tipo: quando for falar de mulher negra a gente chama a Elizandra, como se eu não pudesse falar dos pássaros voando, enfim, então o desafio é esse. Ser chamada, não digo nem ser chamada, mas ter ações que tenham a Elizandra com uma complexidade maior que não só falar de racismo, não só da mulher negra.

**E você acha que esse seria um desafio não só da literatura feminina, mas da literatura marginal como um todo, um desafio de estética, de avançar nos debates?**

É geral, mas eu percebo que por ser mulher e ser mulher negra, a minha caixinha ela é um pouco mais fechada, mais reduzida. No campo da literatura se você é um autor branco, você tem mais possibilidades do que uma mulher negra escrevendo. As possibilidades até na questão da cobrança, porque as temáticas que eu trato são questões de afirmação. A minha literatura é uma literatura política, eu escrevo porque eu sinto a necessidade de falar de várias questões, mas isso não quer dizer, que eu não possa falar de, por exemplo, sei lá, quando eu lancei o *Águas da Cabaça*, quando eu fui mensurar, medir, as minhas poesias é o maior capítulo que tem no livro, só que quando eu vou no microfone eu vou falar poesias de luta, eu não vou falar poesias de amor. A minha forma de falar de amor é falar de luta, né. Então, tem essas questões. Só quem não leu o livro que pode dizer: a Elizandra é muito revoltada. Não, você não leu meu livro.

**E essa questão da luta, de optar, quando você está á frente de um microfone, em um sarau, eu percebo não apenas com você, mas com várias meninas, que existe, elas sempre se pontuam como mulheres que estão ali lutando em prol de alguma coisa e óbvio questões ainda não resolvidas. Como que é? É consciente essa escolha? É sempre pontual pra você, você opta por isso?**

No caso, microfones, saraus, é sempre uma escolha. Porque a possibilidade de uma mulher negra, porque sei lá, de 10 caras que vão, e dentro desses 10 caras que vão falar poesia, vai ter poesia machista, vai ter poesia... vai ter umas poesias e aí você, é como se fosse um momento de resposta também. Isso é cansativo também, porque você está o tempo todo respondendo, às vezes você exerce aquele papel de militante e isso é cansativo também, né. Mas, é uma escolha, né. Porque você sabe que de 10 vozes masculinas que de repente não vai passar a mensagem que te agrega e você tem a oportunidade de falar, eu não vou desperdiçar a única ficha que eu tenho.

**E pra você, o sarau é empoderador? Ele tira a mulher do lugar comum?**

Quando você está no microfone, sim. Quando você está no microfone você tem o poder de fala, você... só que tem isso, né. É uma contra 10. Não diga nem uma contra 10, mas uma das coisas que mais incomoda, é que dentro dos saraus, estamos propondo mudanças, e quando estamos propondo mudanças sociais, a gente tem que discutir os privilégios e aí o que dói é que os companheiros não querem abrir mão dos privilégios e você tem que ir lá e assim, eu tô ouvindo, eu tô aqui.

E assim, não é uma luta. A gente tinha que lutar para combater um inimigo comum e não entre a gente, né;

**E você acha que o sarau ainda é um refúgio em meio a esse inimigo comum? Ainda é um espaço que você consegue congrega pessoas para combater um inimigo maior?**

Continua sendo. É um espaço sagrado, que não podemos perder. É um espaço onde podemos exercer a nossa oralidade. Só que as vezes, por estarmos envolvidas no circuito, envolvidas com as pessoas que fazem literatura marginal/periférica/negra feminina, como temos falando por aí, a gente é um grupo de pessoas muito pequeno ainda.

Por mais que tenham proliferado vários saraus, quando eu menciono: vou num sarau. Ah, o que é sarau? Então a sociedade não está sabendo o que é sarau.

Então, é uma grande ferramenta que a gente tem ainda. Uma grande ferramenta.

**Ser mulher, poeta, ligada aos saraus, te faz mais forte para a sociedade que não sabe o que é isso? Te ressignifica? Te faz mais disposta a enfrentar os preconceitos?**

Sei lá. Essa questão é meio.... uma vez eu vi uma palestra da Sueli Carneiro e ela falava que ela tava criando a filha dela para ser frágil, porque a mulher negra o tempo todo tem que ser forte, a mulher em si, mas a mulher negra parece que ela não pode ser sensível, não pode é...tem que ser forte, resistente o tempo todo.

E tem um texto que fala também: a mulher negra, guerreira, está morta. As vezes a gente carrega tanta coisa, tanta denominação, tanta imposição: se você é mulher negra, escritora, tem que fazer isso, isso e isso...

**Mas eu digo não no sentido de ter que fazer, mas no sentido de você se sentir, de empoderar. Te empodera?**

Me empodera. A voz. O microfone é poderoso. Não só me empodera como mulher negra, mas qualquer pessoa que pegar no microfone, e ter o poder de fala, mas me empodera sim. Me empodera.

**Tem alguma coisa que eu não perguntei, mas que você acha que é importante falar?**

Eu acho que estamos num momento que é essa força coletiva de mulheres escrevendo, essa força ela tem, apesar de eu ter falado da força como obrigação, mas temos várias mulheres escrevendo, acho que não podemos perder isso.

Tem lugares que algumas mulheres dentro da literatura conseguiam, mas também é aquela coisa da exceção, mas também não podemos abrir mão, mas temos que fazer as coisas com a nossa cara, ser mais propositiva em ações que nos agreguem, porque sei lá, hoje eu não vejo muito sentido em ir em determinados lugares, sendo que não faz diferença a Elizandra estar ali ou não, e tem outros lugares que eu estar ali faz alguma diferença e hoje eu meço os lugares que eu quero estar e fazem sentido para mim também, até a questão dos convites. Tem lugares que não fazem mais sentido, então eu digo que não posso ir, mas posso indicar, hoje você tem a possibilidade, se você

me pedir 10 nomes de mulheres negras que possam estar numa mesa eu dou 10 nomes de mulheres negras, então hoje temos várias possibilidades, tem mulheres, fulana, ciclana, não só a Elizandra que precisa estar numa mesa.

É válido, estamos num momento que não é guerrinha de sexo, né, acho que isso não agrega, não faz... mas tem coisas que a gente também não precisa estar. Se você vai estar num lugar que te machuca, não tem porque você estar ali. Por mais que o microfone seja poderoso, tem microfone que eu também não quero. Essa coisa também de, mas acabamos não falando, tem a questão da publicação livro, a gente fala desse poder, mas quando você tem um livro, fazendo literatura negra periférica você vira vendedora, distribuidora, editora, você vira todas as funções e isso é cansativo também. Quando seu livro estiver sendo rejeitado, não é você que está sendo rejeitada, né. Porque depois que você publica, tá no mundo, né e a gente tem que ter uns apegos com o livro, que é importante, o zelo, mas tem coisas que vão além. A gente fala muito da oralidade, mas tem o livro, publicação, várias questões aí.

**Voltando a isso, o que falta para avançarmos de fato. O que seria importante? Quais seriam as tensões a serem pontuadas para avançar?**

Primeiro precisamos ser lidas. Hoje temos um acervo, hoje a gente, sei lá, eu devo ter 20 livros de mulheres, no meu acervo, mulheres negras de cadernos negros que é um trabalho que eu acompanho e admiro, tem muita influência no meu trabalho, a gente tem que ser lida, discutir entre a gente essas leituras, a gente não se lê, e muito sério isso. Porque a gente fala de publicação, de poesia, mas a gente não se lê. E aí, cê imagina que todo mundo do seu circuito tenha o livro, e a pessoa diz: não tem o seu livro. Mas não é que ela não tem o seu, ela não tem o seu, não tem o da Débora, não tem o da Raquel, ela não tem nenhum livro, sabe? Então, a gente se empodera quando a gente se consome também. A gente aprende.

E tem várias coisas que a gente acaba sendo redundante. A gente produz uma poesia que Esmeralda Ribeiro fez em 1980 e a gente faz a poesia. Será que é um diálogo mesmo ou se a gente tivesse lido a esmeralda a gente poderia fazer uma poesia que fosse além da poesia dela? Talvez a gente

precise se ler e conhecer minimamente as pessoas que estão fazendo esse movimento ir pra frente. O avanço seria a gente se ler, para além de ir nas palestras.

### **E qual a importância do Margens, pra você?**

O projeto Margens eu acho que é uma oportunidade tanto da pesquisadora quanto das escritoras de dialogarem. Porque eu já dei inúmeras entrevistas para diversos trabalhos acadêmicos e quando eu mencionei no início da entrevista, da representatividade, de eu ser uma das poetas que tem livro publicado, com trajetórias semelhantes, alguns nomes do nosso circuito de literatura marginal, a sua voz numa pesquisa acadêmica ela é diminuída, você dá uma entrevista de duas horas, chega lá tem duas linhas da sua fala e 50 páginas dos outros poetas, tipo 15 páginas para cada e metade de uma folha e isso também a gente mensura, mas você tem uma pesquisa acadêmica inteira, um mestrado, que pode dar outros frutos para além da academia. A academia é importante? Ela é, mas eu acho que a academia não se basta a si mesma, né?

Eu acho que o trabalho do Margens de vim, de trazer propostas que vem dialogar com a gente aqui que está viva, não é uma poeta morta, né? A gente está viva, pode dialogar, trocar, é uma oportunidade que a gente não pode perder, é um projeto importante pra mim, eu aposto, é um projeto que eu sinceramente aposto, como eu já mencionei, eu já participei de várias pesquisas, então você vai lá, dá seu tempo e fala: porque me entrevistou se vai colocar 3 linhas? Se é só para minha fala autenticar a fala do poeta, deixa ele falar, não precisa me chamar. E aí você cobre a cota até dentro da pesquisa, se é isso na literatura, na pesquisa é a mesma coisa, então, eu acho que você, é inédito nesse sentido, porque tem pesquisa que não dedicam nem um capítulo, quem dirá a pesquisa toda, a dissertação inteira, então eu acho que é um avanço.

E eu aposto, é um projeto que eu aposto.

**Janaína Moitinho, educadora e poeta****Qual sua trajetória?**

Eu sou Janaína Moitinho, tenho 31 anos, eu vim pensando na poesia, porque eu estava conversando com a minha mãe sobre escrita, literatura, livros, e eu não sei exatamente onde começou, porque o apreço por ler poesia é de criança, mas o de escrever poesia é um pouco mais recente, talvez dê para diferenciar isso, Janaína enquanto escritora de poesia é de acordo com o envolvimento de saraus que começou em 2005/2007 e aí eu começo a arriscar a escrever poesia, mas ler é desde que eu me entendo como decifradora de textos.

**E como é ser mulher neste universo?**

Eu acho que isso é mais recente também, que a gente se dá conta que tem uma diferença, né, e que em geral quando a gente vai fazer análises adultas sobre isso não é positiva a diferenciação que se faz, de quando é uma mulher escrevendo e falando e de quando são homens, porque é briga por espaço.

Então como eu vejo essa situação agora, é fazendo escolhas políticas. Enquanto eu não publico meu livro, enquanto eu sou uma consumidora de literatura, as minhas ações estão voltadas prioritariamente para apoiar, desenvolver e fortalecer literatura de mulheres.

Então, vou comprar livros, você entende bem o que a gente passa nessas vontadaes de ter e ler muitos livros. Tenho 'x' dinheiro disponível, prioritariamente livros de mulheres, depois eu pego dos meus amigos, porque são literatura boas, mas eles vendem e tem mais acesso

Então, eu tenho feito nos últimos anos, é uma escolha política e até silencioso, porque eu não fico falando, falo para as amigas para elas fazerem parecido. É a mesma coisa com o cinema, eu falo, cinema, eu to em duvida nos filmes, eu vou primeiro no nacional, porque geralmente é o que o povo

não vai e você precisa fortalecer.

Na literatura é essa escolha que eu faço: periféricos primeiro, não são livros de editora, livros de editoras, minha escolha prioritária são livros independentes ou de pequenas editoras, mulheres, e se eu estou em dúvida de mulheres, mulheres negras primeiro. Eu faço essas escolas.

**Como é ser mulher e escrever? Você se auto afirma poeta? Você tem um livro guardado na gaveta? Como é isso?**

Não sei. Eu estava ouvindo a Elizandra falar sobre ser forte, ser frágil e às vezes a gente faz uns textos e “não posso mostrar. Isso é muito meu. Isso machuca”. E às vezes você lê texto e pensa: eu quero abraçar quem escreveu, porque é exatamente o que eu sinto. Quanto mais rasgada, quanto mais verdadeira é essa escrita, mais vai tocar o outro. Eu tenho alguns textos assim. Por enquanto é muito de gaveta. Eu tenho mais de um livro guardado, mas a previsão é que este ano saia. Seja publicado

Porque ai você vai existir como escritora, para os outros, mesmo estando entre amigos, você ainda não existe como escritora enquanto você não publica. Engtão, só fiz participações e antologias e fanzines, nada, nenhuma publicação só minha, e isso não me valida como escritora perante os outros. Então, sou reconhecida enquanto participante e organizadora de alguns movimentos, mas não sou escritora, apesar de escrever há bastante tempo.

**Como é esse processo de identificação, de ver outras mulheres escrevendo, publicando. Isso é empoderador?**

Dos primeiros momentos, dos primeiros saraus que eu fui para hoje. O quanto eu consegui ver que mudou. O quanto deu esse “boom”. Justamente porque aos poucos você vai dar voz para quem nunca teve voz. Então você chega na periferia com microfone dizendo: agora você pode falar a sua versão da história. E as pessoas estão ouvindo. E aos poucos elas vão pegar esse microfone, então acontecem todos os processos. É o pobre, o negro, o vulnerável pegando no microfone, e agora é essa mulher, que antes estava servindo essas pessoas. Porque os bares é onde os homens frequentavam e as mulheres serviam, ou buscavam seus filhos e maridos e agora as mulheres estão lá para comungar da palavra e para ter a voz marcante e denúncias.

E é muito. Você tem as coisas do lírico e a denúncia, que é fundamental fazer,

porque você chacoalha quem tá do lado. Então a gente tá pronto para desconstruir? Então vamo desconstruir tudo. Tem muita coisa para fazer. Eu enxergo um avanço enorme. Dos primeiros saraus que eu fui para os saraus que eu vou hoje.

Ainda faltam coisas, porque você vê antologias saindo e de 20 poetas selecionados, você vai contar e são duas mulheres. Recentemente eu tive um vislumbre disso. Porque, poxa, 2016, gente que anda comigo, só tem duas mulheres?! Pra você contemplar duas, três mulheres. Então, são escolhas políticas, quando você organiza movimentos ou organiza, enfim, antologias, você tem que fazer. Ninguém está pedindo cota, mas é uma justiça histórica. Vamos lá, faz uma peneira direito. Não chama só amiguinho. É bom chamar os amigos e ter gente que a gente gosta por perto, mas pede indicação da galera pra gente que nunca publicou por exemplo e dá espaço.

Então, ainda tem coisa para melhorar, mas de 2006 para 2016, esses 10 anos foram alavancadores, importante até para minha escrita. Avança.

### **O sarau ainda é um espaço de luta, que te empodera, que é um momento de ter voz?**

Em geral continua. Para quem está a mais tempo, outros fatores vão somando à luta, mas a grosso modo, como ainda não alcançou um grande público, ainda é essa briga por voz. Pra gente, internamente, eu acho que alguns mecanismos tinham que ser criados, viabilizados para discussão interna artística, política e para se unir mais. Você vê os egos atrapalhando muito o desenvolver de vários movimentos. Muita gente desvinculando e os próprios mecanismos públicos, que são públicos, poucos, insuficientes, acabam fortalecendo as rixas e a gente tem muitas baixas, então, não sei como e nem o que, seria feito, mas movimentos e encontros para unir mais. Para evitar que isso vá...

Eu já sinto muito deslocar, muito cada um por si, que no começo não era, tudo começando, todo mundo junto, todo mundo cru, agora parece que ta todo mundo muito pronto, não precisa de mais ninguém. E a crítica interna é essa. Mas para fora jamais falaria. Movimento lindo, todo mundo tem que fazer sarau, colocar o microfone, não precisa de roteiro de nada, bota microfone, começa a ler poesia e vai ver o que acontece, espaço público é melhor ainda,

porque vai rolar de tudo, é empoderador, é revolucionário, mas interno, em quem está fazendo há mais tempo, vamos conversar, resolver, se apoiar.

**E para você, Janaína, o que os saraus e a literatura contribuíram positivamente?**

Eu que já era...sempre tive, família de leitores e artistas, sempre teve inclinação e posições políticas, mas eu não absorvia da mesma forma, né.

Quando eu comecei a viver essas escolhas, poder praticar e enxergar e escrever da minha maneira, e encontrar pessoas que pensavam parecido, então... do primeiro sarau que eu fui até agora, é um encontro de almas, muitas almas.

Está todo mundo fazendo muitas coisas roboticamente no horário comercial, mas batemos o cartão e estamos indo todos em direção a um extremo da cidade para comungar da palavra, então, deslocamentos, a gente sabe, se for ver quantos quilômetros que cada um deles que frequentam saraus percorrem por mês, fala, meu, muito.

Você vai no Sobrenome Liberdade, na Cooperifa, MAP, Perifatividade, e falam: onde você mora? E você faz esse deslocamento porque quero encontrar os meus, essas pessoas com quem me sinto à vontade.

E alguns amigos ficam amigos para a vida, então você vai no cinema, você vai comer, você frequenta a casa, você viaja junto. São laços para sempre. São as pessoas mais importantes para mim. Eu tenho amigos de outros lugares, mas o encontro de almas que acontece nesses espaços artísticos, nos saraus, as pessoas que trouxe pra mim, e o que transformou na minha vida, não consigo quantificar, mas a qualidade é imprescindível.

**E enquanto mulher que escreve, mulher na literatura, o que falta avançarmos?**

Olha, eu acho que a questão da mulher na literatura, passa por essas questões de viabilização das publicações, é...não sei se seriam selos exclusivos, mas que tivessem o foco na literatura feminina, ia ajudar a encorajar as pessoas a publicarem

Porque geralmente as mulheres escrevem “ah, tenho besteirinhas na gaveta”, e vai ler são coisas maravilhosas. “Ah não, não vale publicar, imagina”. A

gente foi treinada a ter essa baixa autoestima, nunca achar que é bom. Eu tenho isso me assombrando pra sempre, então vou pensar em publicar, estou selecionando texto e “será que isso é importante, relevante para publicar?”. E eu compro vários livros, vejo vários textos que não são andá relevantes e estão publicados, e para os homens em geral não apssa pela cabeça, para as mulheres é um assombro.

Então a editora vai ter que ter um psicólogo (risos), para conversar com essas mulheres e colocar uma estima e falar “Você vai publicar, seus textos são ótimos”, “Vamos fazer uma antologia”, como a Pretextos de Mulheres Negras, a Periferiminas, são antologias ótimas, falar: não, vamos publicar.

Então a sua ideia da pesquisa também é dar luz para essas mulheres, a gente se enxegar uma outra para poder potencializar, então para gente falta essa estima do trabalho, a coragem para pulicar e talvez um apoio nos bastidores.

E essas rupturas com os homens às vezes são é caminho que a gente fala: não, não quero. Não é ser radical a ponto de afastar todos. Meu livro eu penso: quero mulher ilustrando, fazendo o prefácio. E são escolhas políticas, mas é perigoso a gente falar isso para parecer que estamos afastando do processo, mas não, só estou dando mais ênfase no processo, não afastando do processo.

### **Tem algo que eu não perguntei?**

No processo do meu livro, tem o meu percurso familiar, que é muito relevante para mim. Meu pai em casa, músico, tocando músicos dos anos 1970, 1980, mas eu falava: pai, sei qual vai ser a próxima música, sempre a mesma linha. E eu falei em casa, pra minha mãe, que ela tinha brincado, quando surgiu Gabriel, o Pensador, nas rádios, e ela brincou de fazer um rap com a gente. E eu: nossa, o pai sempre reproduzindo letras e você trouxe a criação. A gente era criança e a gente lembra e ficou brincando “ei, você, deitado nessa cama, já são 7h30, sai dessa lama”, e tinha uma letra que eu não lembro mais.

E eu falei: nossa, mãe, porque o pai, sabendo tocar violão, flauta, gaita, nunca compôs uma música? Só tocou música dos outros? E você trouxe no rap, uma coisa...e eu quero que você publique comigo.

Eu convidei minha mãe, e falei: vou lançar até o meio do ano, dá para você organizar alguma coisa?

Porque ela tem muita coisa também, muito texto. Porque como ela não circula nos movimentos, nos saraus, teoricamente ela não teria público para vender o livro dela, e falei: vamos fazer venda casada? Vem comigo.

Porque ela sempre impulsionou eu e meus irmãos a ter criatividade. Meu pai nunca criou música, meu irmão também. E a gente vê em algumas viagens que fazemos para Minas algumas poesias nossas serem musicadas. Meu irmão toca violão, eu escrevo, minha mãe escreve, e não temos uma música? Então para este ano, o desafio, eu espero que ela publique comigo no meu lançamento a gente publique os dois livros.

### **Ryane Leão, 27 anos, professora de inglês e poeta**

#### **Qual foi sua trajetória?**

Eu sou de Cuiabá (MT) e moro em São Paulo (SP) há 8 anos. Eu saí de lá e vim para cá para fazer faculdade...na verdade, eu mudei para cá para fugir de Cuiabá porque lá é uma cidade muito provinciana e eu não tinha possibilidade de qualquer crescimento lá, tanto crescimento político, estrutural, mulher, poeta.

Escrever eu sempre escrevi. Pensar nisso profissionalmente foi só depois, claro. No colégio, eu lembro... a minha memória é bem ruim, mas eu lembro de algumas coisas que eu escrevia em cadernos e os professores de literatura, eu era apaixonada por todos os professores e professoras, me deixavam ler na frente da sala, rolava isso, era legal. Depois não teve essa aceitação, mas na época que era todo mundo inocente na 8ª série, tudo bem. E já escrevi a de amor, nunca tinha amado, várias coisas.

Aí mudei para cá, acabei não fazendo faculdade, ainda não tenho uma faculdade, o que é um pouco rechaçado pelas pessoas, mas agora tô vendo se eu faço alguma outra coisa. E aí saí da faculdade, não me identifiquei, e na faculdade eu encontrei muita gente que bloqueou esse processo de escrita, era muita gente, infelizmente as pessoas que eu convivia lá eram extremamente preconceituosas em todos os sentidos, enfim, davam risada do

que eu escrevia, me ligavam, bêbados e ficavam lendo meus textos, dando risada. Foi um impulso horrível, eu fiquei em depressão, foi a primeira vez que eu fiquei doente. Sai da faculdade e fiquei um tempo meio inerte. Eu não sabia o que fazer. E depois eu comecei a me relacionar com uma garota de Curitiba e a paixão foi me impulsionando a escrever de novo e nesse processo, eu comecei a escrever em um blog, na época de blogspot ainda, muito antes, quando era weblog e eu já publicava e faz isso, eu tinha 14 anos e faz muito tempo e internet era muito, eu escrevia coisas nada a ver também, pelo menos ninguém ficou sabendo...(risos).

Nada preconceituoso, mas coisa besta, enfim, aí eu comecei a escrever num blog, que já tinha o nome de “Onde Jazz Meu Coração” e começou a ter um alcance, do nada, um monte de gente lendo e tal. E com esse alcance eu falei: cara, quer saber? Vou tentar fazer isso ficar maior.

Eu vi que o alcance era... eu nunca abri comentários, sempre deixava meio à tona, porque eu não me importava com isso, mas disponibilizada meu e-mail e muita gente mandava e-mail falando que se identificou. E até hoje o lance da identificação é uma coisa que me move.

Aí eu fiz a página no Facebook e no mesmo dia que eu criei, comecei a espalhar os lambes. Porque, os lambes vieram quando eu mudei para cá, eu falei: nossa! Porque em Cuiabá não tem arte de rua, não tem pichação! Agora tem, mas antes não tinha.

E os lambes vieram junto com o projeto. A parte da poesia de rua e plataforma digital, que agora vai virar livro, ainda bem, vieram juntos.

**O que eu vejo que difere na sua arte é a questão de trabalhar com o urbano, com o lado artístico, de colocar isso na rua. Como é esse processo de trabalhar outra linguagem da arte, que é também uma voz. Diferente, mas, uma voz.**

Quando eu comecei a colar lambes foi engraçado porque eu não encontrava trabalho de mulheres nas ruas. E isso foi o que me motivou agora... eu não encontrava trabalho de muitas mulheres nas ruas, mas encontrava de caras, lambes né, do Pai Maicknuclear, enfim, trabalhos que eu já conhecia e achava legal. E esse ano, depois de muito tempo, né, teve que ter uma estabilidade emocional, financeira, enfim, para eu começar a fazer uma oficina de lambe

voltada para mulheres, porque ainda que tenham mais mulheres, ainda rola aquele medo: ai, será que eu vou pra rua, será que eu não vou, será que eu vou ser agredida, será que não, será que é foda com polícia, e é mesmo, e você está na rua e você está sempre vulnerável, e eu acho que... eu passei por 2 relacionamentos abusivos, infelizmente, né, e a partir disso, quando eu comecei a me ver como escritora mesmo foi quando eu comecei a combater os nãos. “Não, você não pode fazer isso..não, não, não, não, você sofreu”...

Então acho que eu peguei, nos dois processos de relacionamentos abusivos que eu tive, eu peguei a minha matéria de vida para contestar isso, para lutar contra isso, para outras mulheres terem essa força também.

Então, meu projeto começou como um projeto que era voltado mais, eu queria escrever algumas coisas, tudo bem e agora ele é um projeto de militância, de luta, de voz e eu quero que mais mulheres estejam nas ruas. Eu acho que a internet já facilitou esse acesso, você pode criar uma página, escrever, não quer dizer que você vai ter muito acesso, mas, já facilitou de você saber como chegar nas outras pessoas, mas na rua ainda não, não tem muita mina.

E uma das coisas que as mulheres falavam muito no dia da oficina, que foi um dos dias mais maravilhosos da minha vida, era isso de ter medo, de não saber por onde começar, de achar que a rua não é lugar para mulher, que é o que tentam convencer a gente desde sempre, né?

Mas não consigo imaginar o meu projeto sem estar na rua. Eu preciso que a minha poesia seja mais pública. A internet ela me dá uma voz, e a rua me dá outra voz, eu gosto da junção das duas. Sem as duas eu não sou quem eu sou. Então eu preciso estar nos muros e nos postes e onde mais der. Só não propriedade privada, porque não pode.

**E como é ser mulher neste contexto? Você já deixou de fazer alguma coisa por ser mulher? Você fez o circuito de uma forma diferente, né. Você está em outra pegada, mas é muito à margem a arte que você faz.**

Eu sou uma pessoa que meio tá cagando para todo mundo. Eu demorei para chegar nesse processo. Ainda bem que eu cheguei e espero que as outras mulheres cheguem também. Eu não gostei dessa expressão, mas colocar a cara lá, não vou falar à tapa, mas colocar à cara lá para o que der e vier.

O empoderamento como mulher negra foi importante, como afro indígena e

tudo mais, então falei, ó: sou lésbica, sou escritora, sou preta. Então são muitas coisas onde você pode ser discriminada de alguma forma.

O que mais dá medo... a internet rola muita coisa de direito autoral, alguns comentários, "ai é lésbica", mas não tô nem aí. Agora a rua é sempre um processo, tem um horário certo, não posso ir a noite, queria fazer pichação também com poesia..ah, é foda, porque teria que ser a noite. Quando tem polícia não pode ficar perto, o policial já me abordou e não foi de uma forma legal, eu não quero ninguém...enfim, eu tenho medo da polícia, então não quero.

A roupa tem que ser uma roupa 'apropriada', porque eu já estou invadindo um espaço que teoricamente não é meu. Historicamente, não é meu. Porque ele é meu. Mas, enfim, como foi construída na nossa sociedade.

Então eu tenho toda essa preparação. Eu vou sozinha, eu vou ouvindo música para não ter que ficar ouvindo coisas, mas é sempre coisas assim, muita gente mexendo, muito cara mexendo, como todo dia. Você anda um quarteirão, 20 caras mexendo com você. Eu acho que o que eu faço incomoda mais ainda, porque é uma mulher, empoderada, que está na rua, colocando a poesia que ela escreve, sobre machismo, sobre tudo isso, então, é um sofrimento...

Eu tenho uma teoria que é assim, e é verdade, quando mais você se empodera, mais você sofre. Embora seja bom, o empoderamento é incrível, né. Você se olha no espelho, você se vê como mulher e fala: nossa, eu sou foda, eu sou linda, eu posso tudo. Mas ao mesmo tempo você percebe tudo que acontece: isso foi machismo, isso foi racismo, putz, ó o que tá fazendo, ou 'mexeu com as irmã, mexeu comigo', então quanto mais você dá um passo à frente, mais vem um batalhão para te combater, só que eu não ligo para isso, porque o que eu estou fazendo é juntar mais mulheres para combater essas pessoas que não querem que a gente vá além.

**Você falou em juntar mais pessoas, e você está nesse circuito, está conectada também no circuito dos saraus, escreve, está lançando um livro, como é estar junto, com essa conexão?**

A minha poesia começou muito individual, muito individual. Não era nem um lance de ego, porque eu nunca nem tive isso, porque eu sofri muito para

chegar onde eu tô agora, e do sofrimento eu fiz a poesia, cada não que eu recebi foi um sim a mais que eu dava.

E as outras mulheres que ficam, inclusive eu tenho lido só mulheres no momento, e eu acho que a identificação é um movimento, né? Você não consegue sair do lugar se você não se identifica com alguém que você tá junto, nos saraus ou nos lançamentos independentes, ou só falando com as minas, trocando ideia mesmo, eu acho que você pode tirar coisas incríveis de uma mesa de bar com outras mulheres. Pode ser qualquer encontro, qualquer encontro é muito grande. O nível de empoderamento que eu tô é o nível de empoderamento que eu quero passar para as pessoas que não se empoderaram ainda. Então, tenho muita paciência para conversar com mulheres que ainda reproduzem machismo, com mulheres que não se veem como mulheres negras, enfim, eu tenho uma articulação maior com isso.

O livro ele veio depois de muito tempo, vou escrever, vou continuar escrevendo, foram 8 anos de São Paulo até que ele saísse do papel, inclusive o financiamento coletivo é incrível para quem quer lançar independente, né, Ainda bem que essa oportunidade surgiu, mas acho que no momento, claro que todos os dias é um empoderamento a mais, mas no momento eu tô muito bem comigo mesma a ponto de fazer poesias de afronta e não ligar pro que vai vir disso, a crítica e tudo mais.

Uma coisa que eu percebo muito nas coisas que eu escrevo é que as pessoas se identificam tanto que às vezes elas evitam tanto essa crítica, essa porrada. Eu recebo muita coisa, e falo abertamente: faço poesia para outras mulheres, falo de sexo para outras mulheres, nunca tive problema com isso. Aliás, todo comentário preconceituoso que eu recebo eu faço um post empoderador falando de mim como lésbica, escritora, negra e tudo mais, então, eu tô no momento de fazer outras mulheres crescerem para elas chegarem nesse ponto de fazer você se sentir muito bem consigo mesma e com o que você vai falar para o outro.

**O que eu noto de diferente, é que você se autoafirma como lésbica. Você disse que não liga para os comentários, mas é um processo diferente. Como é isso, como é falar de amor para outra mulher?**

A receptividade, primeiro falando da poesia, de escrever de uma mulher para outra mulher, a receptividade também é um pouco positiva por esse lance da identificação: a pessoa sabe que eu estou escrevendo para outra mulher, tem um preconceito, mas meio que se identifica, queria que alguém tivesse escrito, enfim...

Eu demorei para ter essa frente, para falar: sou lésbica. Mas agora sou uma pessoa que não me importo, inclusive, na rua de andar de mãos dadas com ex-namoradas e tudo mais, eu sou uma pessoa de luta mesmo, eu combato, guerreira, filha de Iansã com Ogum, eu tô aí para ficar combatendo mesmo, só que ... eu morro de medo de várias coisas que eu não compartilho: eu tenho medo de apanhar, enfim...

Quando eu estou na rua, se um cara mexe comigo, eu sempre vou na frente e falo: vai se foder, tal. Tenho medo de sofrer um preconceito muito grande. A minha mãe me falou uma coisa que foi... eu sofri um preconceito uma vez, quando eu namorava a minha ex, num bar, eles falaram que era um bar de família, que a gente não podia ficar lá dentro e no outro dia tinha uns cartazes lá dentro falando que era um bar de família e era um bar vizinho da minha casa, aí, toda vez que eu passava tinha muito homem na frente, eles sabiam já, era meu bairro, eu morava em Santa Cecília ainda, eu morei quatro anos lá, e o que minha mãe disse foi uma coisa que é verdade foi: eu acho legal sua autoafirmação. Ela é uma pessoa que me apoia, nunca teve preconceitos, ela é tranquila, “mas eu tenho muito medo que alguma coisa aconteça”, principalmente nessa época que eu tava sofrendo esse preconceito ela tinha medo que alguém me pegasse, dava um murro, ou estuprasse, enfim, sei lá, porque né “você é lésbica porque não tem um pau no meio”, aí “como que faz sexo entre lésbicas?!”, enfim... como faz sexo entre lésbicas é não tendo você que faz esse comentário, a gente faz sexo assim, não preciso de você, acabou.

Então assim, eu não tenho nenhum problema com essa autoafirmação agora, no começo era um pouco difícil porque o resto da minha família não sabe, mas agora acho que sabem, eles seguem tudo que eu falo, eu já vi que alguns ficaram diferentes comigo, mas tudo bem, eu não tenho problemas com...essa parte da identificação. Eu já tive, não tive mais.

**E na literatura isso é bem recebido? Nesse circuito e tudo mais?**

Não, inclusive eu sinto falta de ler mulheres lésbicas que escrevem sobre mulheres, no sentido de relacionamento mesmo. Eu leio muita mina que é lésbica mas tem uma poesia talvez até parecida com a minha, que é de empoderamento, algumas coisas de amor, vida, ressacas e tudo mais. Mas eu sinto falta desse tipo de leitura, inclusive em saraus mesmo, livros de amigo que frequento, enfim, e são coisas...toda vez que é uma coletânea de pornô não é...pornô hétero, nunca é pornô lésbico.

O que eu tento fazer com a minha poesia agora é escrever sobre isso, não sempre, né, eu não tenho essa temática, tem gente que escreve só sobre isso, eu acho maravilhoso, mas é uma temática que eu tento implementar agora, porque eu sinto falta. Tudo que eu sinto falta de ler, eu escrevo, porque eu acho que deve ter outra pessoa sentindo falta disso também.

Então...na literatura enquanto literatura lésbica, falando disso abertamente, eu sinto muita falta. E não sei se não tem mulheres escrevendo sobre isso ou se eu não tenho acesso a estas mulheres, porque se você é uma mulher que escreve e já sofre preconceito, uma mulher lésbica que escreve sofre muito mais. Às vezes pode ser uma mina que tem medo também de dar a cara para o que vai acontecer, pode ser uma mina que não tenha acesso à internet, pode ser uma mina que não tem coragem de mostrar, pode ser uma mina que mostrou, todo mundo rechaçou e ela desistiu. Então tem muitas questões aí que envolvem o ser mulher. Eu tento, com a minha poesia, fazer tudo que eu sinto falta ou não vejo, eu tento trazer pra mim.

**Algo a acrescentar?**

O principal, inclusive do projeto Margens, que é um projeto incrível porque junta a gente e fortalece, é que o que está acontecendo agora é um movimento, as mulheres não vão mais calar a boca, então, eu até falei para uma amiga minha que não é o mundo que tem que se preparar, porque muita gente fala isso: ó mundo, você tem que se preparar porque as mulheres estão chegando. Não, a gente já está preparada. Quem está preparada somos nós, não o mundo. O mundo vai continuar ali, acontecendo, mas, quem tem que se preparar, se armar, lutar, são as minas, então, eu acho que o que a gente tem que fazer com esses projetos, tanto o Margens quanto a minha própria oficina

de lambe, tudo mais, que eu quero fazer no VAI, chegar na periferia, é chamar mais mulheres para escreverem, mais mulheres para falarem, é muito...eu ouvi muito, que elas eram “escritoras de gaveta”. Era um termo que as meninas usaram muito no dia que elas falaram comigo, eram 20 meninas, e eu falava assim, “gente, é muito difícil você ver um cara falando que ele é escritor de gaveta, mas pra uma mulher é comum, porque ela sempre engavetou tudo que ela sentia desde que ela começou a existir. Então, o que eu acho que a gente tem que fazer como mulheres, escritoras, como mulheres de ações culturais, é trazer mulheres para esta zona, que é uma zona de combate, mas que a gente já está ganhando, então, se a gente já está ganhando, a vitória é certa.

### **Débora Garcia, assistente social e poeta**

#### **Nome completo, idade, trajetória?**

Débora Garcia, 33 anos.

#### **Trajetória?**

Eu sempre gostei de escrever e de ler bastante. Mas o que eu escrevia eu nunca identifiquei como literatura, porque a referência de literatura apresentada na escola era sempre muito distante do que eu fazia, então eu identificava como diário, desabafo, qualquer coisa, menos algum conteúdo literário naquilo.

Porque os escritores do cânone brasileiro eram brancos né, homens, falavam sobre uma realidade que não era a minha, uma mulher idealizada que não era eu, então pra mim aquilo não era literatura. Então, segui escrevendo, até a minha vida adulta, desde a adolescência.

E aí, por volta de 26 anos, eu conheci a Associação Cultural Literatura no Brasil, em Suzano, e foi muito importante para mim porque eu conheci o primeiro escritor negro, jovem, como eu, assim, que foi o Sacolinha.

Então, quando ele falou para mim que era escritor, eu falei: esse cara, escritor? Esse cara tá jogando um H em mim, né e tal. E ele me falou desse movimento de saraus que acontecia e esse contato com o grupo de lá me

levou a conhecer a periferia da cidade que eu moro, que é São Paulo, né, então, na verdade, eu nunca tive um olhar para o meu lugar de moradia. Eu via aquela periferia violenta, que a TV mostra, mas nunca pude perceber que naquele lugar tinham pessoas que escreviam e produziam cultura.

Então, quando eu entrei nesse coletivo, uma porta se abriu pra mim, né. De conhecer pessoas contemporâneas como eu, que escreviam, contavam sua história.

E esse trabalho que a Associação faz né, de saraus nas escolas, sarau literário na periferia, fez com que eu passasse a enxergar o que eu escrevo como literatura também. Eu tive a oportunidade de tirar a literatura daquele pedestal, como se fosse algo inacessível para mim e comecei a reconhecer um valor naquilo que eu escrevia e um espaço muito importante para isso foi os saraus, que é um espaço muito democrático, que você vai valorizar aquilo que a pessoa está trazendo de contribuição, então, você chegar na frente de um público, ler um texto seu e ter um retorno das pessoas daquilo que você está falando, aquilo me empoderou para eu olhar para o que eu escrevia e realmente reconhecer um valor naquilo que eu tava escrevendo, né.

Eu faço parte daquele coletivo ainda em Suzano e foi justamente esse público do sarau circulando que começou a me incentivar a publicar meu primeiro livro. Foi através desse movimento que eu resolvi que eu tinha algo a dizer e que deveria publicar um livro também. Eu já escrevia, mas não olhava para o que eu escrevia como literatura.

**- Depois que você publicou o livro e se reconheceu como poeta. O que mudou na questão de representação, de se enxergar, de você com o mundo. Você ficou mais empoderada? Como foi esse processo?**

Eu fiquei totalmente empoderada, né. Na verdade, todo esse processo que eu tive na literatura foi de desconstrução numa série de coisas, da minha autoimagem, de coisas que estavam muito engessadas dentro de mim. Então, o processo de escrita do meu livro foi uma série de emancipação de várias questões, inclusive da minha identidade. Da minha afirmação enquanto mulher negra.

Então, eu comecei já...quando eu fui fazer faculdade, sou formada em Serviço Social pela Unesp. Eu percebi que eu sofria algumas coisas, mas não

entendia porque aquelas coisas aconteciam comigo. Quando eu comecei nesse processo reflexivo de estudo e tal eu comecei a entender porque eu morava na periferia, porque algumas coisas chegavam até mim. E aí comecei a questionar a questão da minha autoimagem. Eu sempre alisei meu cabelo desde os 10 anos de idade. Eu não podia mudar minha cor e nem meu nariz, mudava meu cabelo. A gente não tem representatividade na mídia, na televisão, e eu alisava meu cabelo desde os 10 anos de idade. Já no curso superior eu comecei a questionar isso, já com aquele impulso de assumir a minha identidade, mas ainda não tinha empoderamento suficiente para desconstruir essa imagem e construir outra.

Quando eu comecei a frequentar os saraus, eu encontrei essas pessoas que me fortaleceram para passar por esse processo. Eu encontrei um espaço de debate para isso, uma literatura que falava dessas questões da mulher negra, de assumir sua cultura, sua ancestralidade e foram períodos que eu me empoderei para realmente assumir meu cabelo crespo. Quando eu cortei meu cabelo alisado e assumi meu cabelo crespo, eu realmente vi uma outra pessoa no espelho. É uma outra coisa você olhar no espelho e falar: essa sou eu, né? E foi aí que eu vi aquela coroa, aquele cabelo black, até que surgiu o conceito do livro: coroações. Porque eu passei a me entender com o espelho. E eu devo muito a mulher que eu sou hoje eu devo a essas trocas que o movimento de saraus proporciona para gente. Porque é mais do que um movimento literário e cultural, pra mim é um movimento político.

Porque você chegar em uma periferia, que é violenta, onde as pessoas tem como canal máximo de comunicação a televisão, você se reunir com as pessoas, das mais diversas idades e poder trocar e todo mundo parar para ouvir, aplaudir, todo mundo trocar, isso pra mim foi fantástico no meu empoderamento.

E publicar um livro pra mim foi um outro ato de passagem. Quando eu assumi meu cabelo, a minha estética negra, foi um rito de passagem e publicar meu livro foi um outro rito de passagem para mim, porque a história da minha família são de pessoas analfabetas, a minha vó faleceu aos 92 anos de idade analfabeta, né. Ela teve 10 filhos, com certeza ela nunca sentiu prazer na vida, nunca foi dona do próprio corpo e hoje na minha família todos nós

somos formados, todos nós temos curso superior, tenho uma doutora na minha família, temos uma mestrandia e eu tenho um livro publicado.

Quando eu olho para esse livro, pra mim ele é um estandarte. De que a gente não vai passar por aquilo de novo. De que a nossa história não vai mais ser do analfabetismo e da pobreza, então pra mim, assim, tanto é que eu dediquei esse livro pra ela. É uma coisa de você partilhar um pouco da sua história, da sua vida, que as pessoas vão ler esse livro e aquilo vai fazer significado para ela.

Pra mim, pra além da vaidade, da academia de letras, não é isso que eu busco. Mas eu busco essa possibilidade de mostrar para as pessoas que pode ser possível. Porque eu jamais pensei que fosse publicar um livro, jamais pensei que pudesse fazer uma universidade pública e a literatura me proporcionou isso, então, poder circular, falar da minha palavra, contribuir com empoderamento das pessoas através do que eu escrevo pra mim é impagável assim.

Minha avó falava assim pra mim: menina, você estuda demais, você lê demais, mulher tem que casar e tal e eu nunca me dispus a discutir com ela, porque eu sei que ela teve outro processo e minha forma de contribuir com isso foi realmente me empoderar, ser feliz, ser dona do meu corpo, ter prazer, gozar e escrever a minha história. Eu acho, isso que a literatura me proporcionou. Às vezes eu olho para eu meu passado e penso que se não fosse essa porta que se abriu pra mim, tudo seria diferente. Tudo, em todos os sentidos.

### **- Ser mulher ainda te impede de fazer algumas coisas no universo da literatura?**

Ser mulher é uma condição diferenciada. Eu amo ser mulher, se eu pudesse escolher vir mulher em outra vida, eu viria. Mas é sempre uma relação desigual. Então, a mulher, para fazer esse sistema funcionar, para fazer com que aconteça, a gente carrega uma sobrecarga muito maior. A gente tem que provar. Ser mulher numa sociedade patriarcal, é você ter que estar o tempo todo provando que você pode, que você... e às vezes provar pra você mesmo. O principal desafio é você se convencer, porque todo mundo fala que você não pode, e você se convencer que isso é pra você, que você é capaz, para

depois você se empoderar e poder enfrentar o mundo e realmente conquistar. Eu acho que é uma relação desigual, a jornada de trabalho, a gente tem uma dupla jornada de trabalho, toda pessoa que tem filho precisa ter uma condição diferenciada de trabalho, porque é uma grande responsabilidade e a mulher na condição de artista ela vai ter uma condição de desvantagem porque antes de parar para escrever, ela vai ter que fazer tudo que está colocado para ela, ela vai ter que trabalhar, estudar, chegar em casa e cumprir com os afazeres e só depois ela vai poder se dedicar àquilo que ela ama, que é a literatura. E eu nem tenho filhos, mas vejo isso no dia a dia, o quando essa rotina, essa sobrecarga atrapalha nosso processo criativo.

A gente tem que lidar com os preconceitos, a descrença das pessoas, com os estereótipos, porque a gente viu no nosso meio o quanto o machismo ainda está presente e são barreiras do nosso dia a dia, mas atualmente, enquanto mulher, me sinto mais empoderada para lidar com isso, para dizer para qualquer pessoa: não, não é bem assim. Eu vou dizer onde é meu lugar, vou fazer o que é mais interessante para mim. Mas o triste é entender que somos uma minoria e que a maioria das mulheres ainda tem seus sonhos suprimidos, ainda se submetem a uma série de não's no seu dia a dia porque não tem esse empoderamento coletivo que nós temos.

No meu trabalho enquanto assistente social eu trabalho muito com mulheres, que são as beneficiárias dos programas sociais, infelizmente, porque até nisso é a mulher que calça a cara, vai lá na assistência social pedir o leite, as coisas. E eu usei muito a história da Carolina Maria de Jesus para falar dessa coisa de acreditar no sonho, que ela tinha esse sonho de ser escritora e conseguiu e tal. E hoje, desse trabalho que eu fiz, me deixou muito impactada, porque as mulheres não conseguem sonhar e tal. Você pergunta: o que você pensa para o seu futuro? E elas dizem: futuro? Mas eu tenho emergente, o agora e tal. Então, acho que o que mais nos prejudicou enquanto mulheres nos podar na nossa capacidade criativa, na nossa capacidade de sonhar. E a literatura me empoderou nesse sentido, de romper com todos esses não's que a gente tem desde o nascimento, com esse destino que está traçado para gente, então, quando a gente tem essa possibilidade da cultura, do conhecimento, você se sente mais empoderada para fazer outras escolhas.

**- Tem algo que eu não perguntei, mas você acha importante falar?**

Ah, eu vejo um cenário muito positivo mundial, de empoderamento das mulheres. Eu acho que a gente tem caído a ficha de algumas coisas, temos colocado a nossa cara à tapa, as redes sociais tem contribuído muito para a gente falar, poder reivindicar algumas questões e hoje, no meu atual estágio, eu quero viver da minha arte, então, não acreditava que isso fosse possível, e hoje tenho certeza que é isso que eu quero, que eu quero viver da literatura, cantar, escrever, atuar, que é isso que me faz feliz.

Então, hoje, a literatura me fez esse trabalho e assumir esse compromisso comigo de ser feliz, de fazer aquilo que eu quero e eu espero que todas as mulheres tenham a possibilidade de se encontrar, seja por meio da literatura, enfim, do que fizer elas felizes. É nisso que eu acredito.

Eu estou querendo escrever o próximo livro, nesse outro desafio e quero fazer um livro infanto-juvenil, com personagens negros, porque a gente não precisa passar uma vida inteira para descobrir algumas coisas, porque eu demorei praticamente 30 anos para me encontrar com a minha ancestralidade, minha poesia e minha literatura, eu quero contribuir para que outras pessoas tenham esse encontro mais cedo. A literatura é uma ferramenta importante, a gente tem que ser lidos nas escolas, tem que falar da nossa realidade nas escolas, para empoderar essas crianças enquanto antes. A luta fica mais forte quando começa mais cedo.

O próximo livro vai ser um livro de contos.

**Juliana Bernardo, poeta e cartomante, 26 anos**

Eu comecei a escrever com 13 anos e foi assim uma obra do divino na minha vida, porque não é possível, porque eu abri o livro do Garcia Lorca, na biblioteca do meu bairro e falei: o que eu isso? Eu não sabia nem o que era aquilo, mas sabia que era aquilo que eu queria fazer da vida.

Comecei a escrever poema e fui juntando até os 19 anos, e fui juntando vários experimentos, tanto poema concreto, poemas bem longos, com pegada surrealista, fui juntando tudo e com 21 anos publiquei meu primeiro livro, que

é o Carta Branca, pela editora Patuá e foi o primeiro deles também e foi um processo bem divertido o processo também, porque não tínhamos nada definido como seriam os lançamentos e a gente bebeu muito até achar um bar para lançar e gostei muito e gostei de acompanhar o processo da editora crescendo. E lancei meu segundo livro em 2013 também com eles e nesse meio tempo, comecei a colar junto com o poesia Maloqueirista e conheci o movimento dos saraus e participando junto com eles e trazendo minhas ideias pro coletivo também e foi uma delícia, assim, eu e o Berimba editamos, em 2014, a edições maloqueiristas, que foram 26 livros de literatura marginal, um esforço para contar a história das ruas mesmo na literatura. E, nesse processo, descobri o prazer de fazer livro artensal em casa que é o que eu tô pirando.

**- E como é para você ser mulher nesse processo todo?**

Ah, eu acho às vezes muito difícil. Já teve situações muito difícil que todas nós passamos, de ser menos ouvida, de ter menos crédito pelas coisas que a gente faz e eu acho que assim, é um compromisso que temos que levar na nossa literatura, mas esse momento é de ouro, é poderoso, porque eu tenho a impressão de que esses ambientes dos saraus proporciona é que não tem um palco, assim, não tem uma distância, não tem aquela coisa de 'este pode falar', 'este não pode falar'. Então, não importa de qual modo as pessoas vão ouvir, mas pelo menos agora todo mundo vai ser ouvido.

**- Como foi participar da editoração dos livros, poder protagonizar outra ação, que normalmente as mulheres não fazem parte?**

Eu tenho uma preocupação formal com o texto e que casou muito bem com esse trabalho, porque esse lado de editar precisa dessa pessoa mais chata com os detalhes, mesmo assim foi treta com essa questão de qualidade, tem muito mais autores do que autoras e continua sendo desafiante, sempre.

**- O que você vê de desafio para gente alcançar essa equidade?**

Eu vejo muitas coisas acontecendo quando as mulheres resolvem se organizar e trabalharem juntas. Então esse convite que você faz, a Ana Rusche sempre cria esses movimentos de reunir as mulheres poetar e

escritoras e trabalhar juntas para construir esse lugar de qualidade. Que é aquela coisa né: a maior parte das pessoas que leem hoje são mulheres, a maior parte que escrevem são mulheres, então estamos no momento de fazer isso, para mim, é nossa capacidade da gente se auto-organizar.

**- E quais os desafios que você vê em termos de estética?**

Eu penso que o papel da poesia é justamente vir direto na linguagem e romper ali no centro de onde está a nossa força de interação com o outro, onde estão nossos crenças, onde estão nossas restrições, bloqueios, o jeito como a gente está atuando na poesia, eu acredito que sim, é o jeito de tirar pela raiz onde está esse machismo, onde está esse lugar determinado a nós mulheres que não queremos ocupar, a gente está investindo certo, investindo em poesia para romper com isso.

**- Como você vê a participação das mulheres nos saraus?**

Ainda falta muito, mas sem dúvida que melhorou. Quando você vê a quantidade de saraus sendo organizados por mulheres aumentando, é porque algo está acontecendo. Acho que só tem a melhorar daqui em diante.

**- Algo a acrescentar?**

Eu sou muito grata por escrever poesia, muito grata por ter meus poemas sendo lidos, porque eu estava num processo bastante difícil no último ano, dentro da caverna, não aparecia em sarau nenhum, naquela fase que você precisa realmente de um renascimento xamânico, para voltar a escrever, para renascer junto com os poemas e só quando vem um projeto como o seu que eu saio da caverna.

## **Michele Santos, professora e escritora**

### **- Trajetória?**

Minha trajetória de vida, eu vou dizer assim, porque o profissional se encontra com o que eu faço na escrita, não é como se fosse uma coisa à parte, muito embora eu chame de terceiro emprego, porque eu trabalho na rede municipal e na rede estadual, aí eu tenho um terceiro emprego de escritora, mas em todas essas ocupações a palavra está presente, em todas eu estou trabalhando o lado verbal, a construção de linguagem, eu sou uma pessoa da palavra, em todas as formas e praticamente 24 horas, talvez até quando eu esteja dormindo, não duvido que eu seja.

Vou focar na minha trajetória como escritora, como poeta e ativista cultural. Eu conheci a cena dos saraus há algum tempo, mas atuar mesmo eu faço há quatro anos, mais ou menos, organizo junto com um pessoal o Sobrenome Liberdade, que é um coletivo de poesia do Grajaú.

E como eu cheguei até aqui? Agora foi uma grande questão, porque... a trajetória está sendo.

Eu nunca parei para pensar nessa coisa como uma linha de tempo, como um histórico, como a gente chegou até aqui?! Mas as coisas que eu faço, as coisas que eu vivo acabaram me trazendo até aqui e eu acredito que foi um caminho quase que natural, assim, nada foi forçado, as coisas meio que foram vindo ao meu encontro mesmo, e até hoje em dia que o pessoal fala: nossa, mas você demorou para lançar o seu primeiro livro e tal... eu nunca tive essa grana de: eu tenho que lançar, eu tenho que ser uma escritora publicada, e tudo mais. Tudo teve o seu próprio tempo. Eu deixei as coisas respirarem assim, do jeito que elas, viam...

Não forcei nada não foi um processo forçoso e as coisas foram realmente acontecendo. Agora assim, eu consigo destacar coisas bonitas da trajetória, agora explicar qual foi...posso dizer que ela está sendo.

**- E ser mulher nessa trajetória?**

Ser mulher nessa trajetória é você buscar uma voz que na verdade deveria já ser sua voz, deveria ser uma coisa natural, muito louco de tudo isso, de ser mulher nesse caminho e por isso eu pego muito no sentido de 'mulheres produzindo', por quê? e não só sendo público, nada contra, a gente também é público, mesmo quem produz, mas, quando você tem uma voz predominantemente masculina, você tem também a origem de um discurso masculinizado e se a gente não tem voz, a gente não existe.

E o muito louco é que assim, a gente consegue, a gente tá conseguindo esses meios de produção, a gente tá conseguindo quebrar paradigmas dentro dessa cena, mas metendo o pé na porta, só que a gente faz esse tipo de coisa e às vezes me soa que a gente tem que ficar se sentindo culpada por isso, é como se fosse antinatural, quando na verdade ter a nossa voz, aparecer, estar em destaque, deveria ser o normal, o natural da coisa e a gente só consegue fazer brigando, né?

Mas eu acredito ainda, quero acreditar, mas eu vejo que o que estamos fazendo hoje em dia é o reflexo da mudança e se hoje em dia a gente está brigando, acredito que futuramente, as coisas vão acabar ficando melhores para o nosso lado. Eu acho que a gente luta sempre por uma utopia, sempre por algo que ainda não é mas a gente acredita que ela vai ser. Nossa luta se resume nisso. Ser mulher se resume nisso. Nessa luta.

**- Você está à frente de um coletivo, e como é ser mulher dentro dessa estrutura, dentro dessa organização. Como é ser mulher dentro de um coletivo de literatura e um sarau?**

Eu vou falar dentro do que vivo no Sobrenome Liberdade, é um coletivo que existe há 3 anos, não estou desde o início, ele foi adquirindo outras tintas, outra cara, estamos eu e outra mulher, a Alessa, que é fotógrafa e está iniciando nos caminhos da poesia.

Atualmente é muito de boa, a gente faz tudo muito dividido, todo mundo grita igual, a gente corre para dialogar, eu não sinto diferença alguma e o muito bacana é que os meninos do coletivo apoiam as nossas ações feministas, ou de afirmação, que às vezes rola no sarau, dar prioridade para os convites para as mulheres, a nossa agenda está bem florida neste ano, as próximas atrações são mulheres até porque quem está lançando mais são as mulheres, então ficou natural. Nos saraus você vai e os lançamentos estão sendo de mulheres.

**- E como tem sido acompanhar essa cena nestes anos, vendo essa efervescência do número de mulheres na cena?**

Eu acho que 2016 está sendo um ano bem feminino dentro da cena da literatura periférica independente. Esse processo pra mim está sendo lindo, está sendo incrível.

Quando eu falo de escrita, eu tenho um olhar bem peculiar. Às vezes eu acho que é um pouco xarope isso, porque eu fiz letras e tenho um olhar técnico sobre a linguagem, parece que é uma coisa que segue a gente, então, para gente se interessar na feitura da literatura, porque não é mais aquela “a mulher que faz aqueles poeminhas”, tipo: “a mulher que faz aqueles poeminhas”, porque não vem falar que não que existe, que existe sim, como se fosse uma coisa menor. Não. A gente fala tão alto quanto. Nossos textos tem uma técnica tão refinada quanto.

O que eu quero ver é todas as mulheres escrevendo muito e muito bem. Acho que a crítica é um próximo passo para esta cena. Eu não vejo ela existindo muito, positivamente ela existe, mas agora para problematizar, colocar em pauta técnicas de escrita, como surgiu aquilo, acho que a gente ainda está em construção, e quero ver muito acontecer com as mulheres e estamos caminhando, está começando a ter e o natural é que a qualidade vai começar a aumentar. Mas é aquilo: volto na questão da voz. Quem está lá na frente?

Então tem aquela coisa da imagem. A gente sabe que as pessoas que estiveram à frente dos saraus de São Paulo nessa cena: todos homens. Então, Cooperifa com Sérgio Vaz, Sarau do Binho com Binho à frente, Suburbano com o Buzo e agora estamos vendo principalmente agora mulheres na frente da lida dos saraus e isso já modifica tudo, porque a partir

do momento que a gente tá lá na frente, que é a nossa voz, ali vai ter a gente também, então vai ter as nossas ideias, nossos desejos, as nossas inquietações, elas não vai estar ali atrás ouvindo, mas lá na frente sendo jogadas, discutidas, ampliadas. A gente está existindo. Eu sinto siso, nós estamos existindo. Não só (re) sistindo. Mas também. Existindo e resistindo.

**- Você acha que o sarau empodera as mulheres?**

Empodera. Ah, empodera. Isso sem dúvidas, porque é um espaço que você pode compartilhar a sua arte e aquela coisa de você trazer pra si um lado sensível seu, porque às vezes você está ali, na sua vida cotidiana, então...você se vê como uma pessoa especial.

Eu acho que o sarau empodera independente do gênero, mas como estamos falando de mulher, tem a questão da voz. Vai acabar, eu acabo caindo nas mesmas coisas, porque é um pensamento que é isso. A mulher tem a consciência que ela não só existe, mas que ela tem uma voz, e que ali estão pessoas ouvindo ela. Como não falar que isso empodera? Esse processo. Eu acho que não tem distinção.

**- Você acha que essa voz é uma voz de revide, agressiva, que briga?**

Muitas vezes. Ainda é. Ainda é. Mas eu imagino que cada uma escreve de um jeito. E quando estamos falando de spoken word, que é a coisa do recitar, cada uma vai interpretar de uma maneira e sabemos que tem umas meninas com postura mais agressiva, mas eu acho que é um modo de fazer a coisa. Estamos falando de uma qualidade estética-performática, sabe?

**- Tem alguma coisa que eu não perguntei, mas que você acha legal falar?**

Eu acho que pensar no futuro disso: para onde a gente vai? Para onde a gente tá indo com tudo isso? Eu acho que a partir do momento que a gente problematiza uma cena, um determinado... porque é um recorte histórico, na verdade. Isso que a gente tá vivendo, isso é história, na verdade. E daqui, o que vai sair? Eu gosto muito de ficar pensando que os nossos atos agora eles são futuros reflexos de coisas lá na frente. Quer dizer, eu boto fé, e volto de novo na utopia.

**Raquel Almeida , produtora cultural e poeta, 28 anos****- Qual a sua trajetória?**

Ah... eu sempre acho difícil falar da trajetória, porque pra mim eu sempre tive essa vivência em casa e tal, mas dentro da literatura periférica, se deu a partir de 2007, quando eu comecei a organizar o sarau, o Elo da Corrente, lá em Pirituba. Eu e o Michel [Yakini], ele já tinha vivências com a escrita, eu também, com a minha família e aí a gente foi visitar várias vezes a Cooperifa, o Sarau do Binho e a gente achou uma forma de interagir com o bairro e achar os escritores que estavam ali e a gente decidiu fazer o sarau.

Eu tive uma passagem num grupo de rap em 2005, 2006, eu cantava, fazia backing vocal e ali começou tudo, eu passei a escrever mais, a exercitar esse lance da escrita, mas o sarau foi importante porque abriu alas para algumas coisas que estavam adormecidas, esse lance de publicar poesia, de falar poesia em público, né, que a gente até brinca, que no começo era todo mundo com o livro na cara, agora a gente já está mais desinibido, ta todo mundo soltinho.

**- O Elo da Corrente foi um dos pioneiros em São Paulo e com uma mulher na organização. Como foi o processo?**

O processo ainda é. Continua. No início, em 2007 tinham poucos saraus na cena, tinham alguns e não me lembro de ter com mulheres na organização, tinha o sarau da Ademar com a Lids, o sarau da Cooperifa, mas tinha aquele lance de ser o papel coadjuvante, as mulheres ali que estavam ajudando e não protagonizando.

E pra mim teve vários problemas assim, primeiro com a questão do bar, né. O bar é sempre visto como ambiente masculino, os homens vão beber, jogar,

fazer tudo e as mulheres ficam em casa, cozinhando, lavando, cuidando dos filhos. Quando eu passei a tomar, desde o primeiro sarau, pegar microfone, pedir silêncio, chamar o poeta, discutir com alguém que está causando, já causou um impacto, tipo: é mulher, sei lá, sai daqui que não é um espaço seu. E ser uma das primeiras organizadoras de sarau foi um incomodo muito grande da minha parte: como assim a gente está fazendo a mão de obra o tempo todo, nesse papel de estar ajudando o companheiro, que muitas passaram por isso, eu era vista dessa forma também, tipo: 'ta brincando ali ...porque o marido tá indo falar poesia' e não ver como um trabalho meu, uma coisa que me pertencia também. Eu também sou poeta, eu também sou escritora. Não é ele só. E até hoje nos saraus que eu vou. Tem mulheres, mas sempre com essa visão de fora, tipo: estão brincando ali.

**- Você citou o bar como um ambiente masculino. Como foi sua trajetória nesse ambiente machista?**

O machismo na vida de todas as mulheres vem desde que nasce, né. Na minha família sempre foi muito pesado, esse lance, tipo, eu fui criada para casar, ter filho e ser dona de casa. Eu tive essa criação. Mais pelo meu pai, que é de uma família evangélica e tal e já tinha todo os codigozinhos, preceitinhos ali, tipo: to criando minha filha pra isso.

Mas aí quando eu cresço e conhecer outras coisas, vou para rua e rap na veia eu me acho podendo, vou sair disso. Só que aí no rap também... fui cantar num grupo de rap eram 5 homens e eu de mulher. Tinha lances que eles faziam reuniões e: você não vai! Por que não vou? Não sou do grupo? Porque é muito pesado para você. Mas é legal você estar no palco. Não é legal você opinar ali dentro, falar o que te incomoda e quando eu passei a fazer isso foi quando eu decidi me afastar também

E a literatura não foge disso não. Eu tive companheiros de trabalho, que não vou falar que são feministas porque eu não acredito nisso, mas que pensam a causa junto e que me respeitavam, e me respeitam até hoje, se eu chegar e falar: ó gente, essa postura com a mulher dentro do bar está errada, eles vão ouvir, vão repensar o que estão fazendo ali.

No bar aconteciam várias questões, tipo, ta rolando sarau, alguém falou de

mulher negra, poesia de mulher que fala do sexo, poesia erótica e alguns ficam 'huuummm' sabe? porque no bar não vai sempre todo mundo que está naquele foco ali de ouvir poesia, né. Tem os clientes do todo sempre ali, que são eternos no bar. Então, eu sempre abri esse diálogo, ou alguém também, que eu tenho as amigas mais doidas que eu, que puxava essa bola, falavam não, aqui não, vamos conversar?

Tanto que hoje está mais ameno, tanto que hoje você chega no Santista as pessoas já, entendeu, quem não ta afim sai fora, quem ta afim fica, mais pianinho.

E pra mim foi sempre incomodo. Lembro que em 2009 eu com outras amigas resolvemos fazer um coletivo de mulheres porque a gente sentia falta disso. As mulheres estavam na cena mas não tinham voz, não eram protagonistas e a gente resolveu fazer um coletivo para discutir a questão das mulheres nas artes no geral, porque o sarau engloba literatura, musica e artes plásticas e aí a gente teve vários resultados maravilhosos e vários embates também, tipo: ah vocês estão formando o Clube da Luluzinha dentro do movimento, entendeu? E várias discussões para tirar esse estigma, mas foda-se, hoje em dia eu estou assim, não vai combinar, sai andando. Pra mim é um trabalho que eu quero fortalecer outras amigas, outras mulheres que estão sofrendo na cena também.

Outra questão que sempre incomodou dentro do bar e fora dele foi falar da questão racial, né. O quanto a mulher preta, até por estar na pirâmide, segurando tudo na pirâmide social e isso quando entrava em questão era sempre um quebra pau enorme, tanto de homens e de mulheres. É uma coisa que ainda estamos numa construção. Hoje em dia eu percebo que aparentemente está legal, mas a gente que está na rabeira, no tete-à-tete sofre as mesmas coisas.

Eu cheguei assim tipo: ah, tem um trabalho pro Elo [da corrente], mas não quero falar com você, quero falar com outra pessoa. Ou seja, tem que falar com um homem que dá a entender que é mais sério com ele do que comigo. Então já foi vários telefones na cara: não, você vai falar comigo sim. Vai respeitar que eu estou assim.

**- E como você vê a questão poética neste segundo momento. A gente**

**vem de um primeiro momento com antologias mistas e agora antologias só de mulheres, só de mulheres negras. Como você vê isso?**

Em 2007, quando a gente começou a organizar o sarau, eram poucas que estavam ali fazendo, falando, acontecendo e depois de um tempo, acho que de 2010/2011 teve um 'boom' de mulheres mesmo que pegou o papel pra si e falou: 'vou fazer, não me aceita, vai chorar pra lá porque a gente tá na cena'. Eu acho muito representativo isso tudo hoje, entendeu. Participar de antologias, do Pretextos, eu acho que foi um divisor assim, para muitas mulheres se empoderarem, se assumir, ir pra cima, publicar seu livro, fazer seus textos, blog, que seja, entendeu? Então, pra mim, teve um marco assim, significativo nesses últimos anos.

Eu percebo mais mulheres na organização de saraus, tocando as coisas, publicando seu livro.

**- O que você acha que ainda falta para gente se firmar de fato, para que exista no mínimo uma equidade?**

É uma pergunta que eu tenho constante. A gente faz roda de conversa, abre para homens e mulheres participarem, tem tudo, entendeu? Talvez falte um pouco mais de organização, até mesmo da nossa parte, assim, no sentido de estar junto, de união mesmo, sem o externo, tipo, nós somos mulheres, vamos fechar dessa forma e fazer acontecer, sem pitacos alheios. Acho que dessa forma assim.

**Jenyffer Nascimento, poeta e produtora cultural, 31 anos****Conta um pouco da sua trajetória?**

Sou da zona sul de São Paulo, mais precisamente do Jardim Ibirapuera, a minha caminhada nas letras ou como poeta, escritora, enfim, ela nasce bem antes, porque eu, na minha adolescência, entrei no hip-hop de cabeça. Comecei a ouvir rap, e nessa vontade de escrever, de me expressar, juntei mais 3 amigas e a gente formou um grupo de rap. Meu primeiro movimento como escritora foi nesse sentido, de escrever umas letras de rap. Eu tinha uns 16 anos e já no sentido de fortalecer as mulheres, porque era um grupo só de mulheres e o hip-hop tinha muito disso, né? Era muito masculino e tal e a gente reuniu a mulherada e foram as minhas primeiras escritas, que eu tenho mais lembrança.

De lá pra cá, eu acho que em 2007, comecei a frequentar o sarau da Cooperifa, comecei a trabalhar numa ONG e isso me permitiu conhecer um movimento que tinha no meu bairro, nas minhas proximidades, uma efervescência cultural muito forte e eu comecei a frequentar os saraus e tal e eu fiquei muito tempo ouvindo os poetas falarem até que eu tivesse coragem de escrever em casa, solitariamente assim.

Eu lembro que eu escrevi pela primeira vez porque um cara fez uma poesia na Cooperifa e eu tive vontade de escrever uma resposta para ele, e aí eu escrevi uma poesia falando desse possível encontro entre eu e ele. Era uma coisa maluca assim, aquela menina da poesia que ele falava na poesia não era eu, mas eu tive esse instinto poético de escrever.

Mas eram escritas ainda muito solitárias, porque, imagina, eu, tendo acompanhado os saraus, hoje faz 9 anos que eu acompanho, no começo eu achava que poesia era coisa de gente especial, imagina eu vou chegar, vou escrever, vou fazer uma poesia. Para mim foi um processo muito difícil até que eu me reconhecesse como poeta, foi uma caminhada, então já escrevia

tinha uns 5 anos até que eu tivesse coragem de declamar minha primeira poesia e minha primeira publica veio por um desafio.

O Fernando Ferrari, do Sarau da Fundação, cobrou a gente dizendo: vocês mulheres vem no sarau, mas nunca pegam o microfone. Eu me senti muito provocada e muito desafiada e na semana seguinte a gente voltou e todas as mulheres fizeram poesias, leram textos e acho que foi assim que eu fui perdendo a vergonha, aos poucos.

No Sarau do Binho eu me sentia também muito à vontade, muito em casa e assim fui tirando as coisas que eu tinha do caderno, não estava na gaveta, mas estava no caderno, eu fui tirando as coisas, mas para dizer que eu me reconheci como poeta acho que uma coisa muito importante foi eu ter sido convidada pela Elizandra a fazer parte do Pretextos de Mulheres Negras. Porque foi uma reunião de mulheres onde compartilhamos nossas histórias e eu pude perceber que várias crises minhas, várias inseguranças estavam presentes em outras mulheres e ao mesmo tempo um reconhecimento de um fortalecimento, eu também faço parte disso, posso fazer parte disso, e isso me empoderou para que um ano depois eu pudesse ter meu próprio livro autoral, com incentivo do coletivo Mjiba que foi muito importante na minha trajetória como mulher e escritora.

#### **- Como é ser mulher nesse universo?**

Eu acho que tem uma questão de primeiro, por mais que a gente visse que a maioria das pessoas no sarau eram homens que iam lá falar, existe um processo de naturalização tão grande desse papel e desse lugar que eu não conseguia fazer tão bem uma distinção, ah , estamos ali, somos todos amigos, estamos todos juntos, né. Acho que essa questão foi ficando mais presente a partir do momento que eu entendi de fato que as mulheres não ocupavam aquele lugar não porque não tinham o que mostrar, mas porque é um lugar que sempre fomos colocadas, de um não protagonismo, de estar sempre aplaudindo e nunca estar à frente das coisas e acho que essa coisa de cada vez mais mulheres estarem participando dos saraus, incentivaram mais mulheres a terem essa coragem. A presença feminina foi fundamental para que outras mulheres tivessem coragem de ir, para que criássemos um movimento de tomada mesmo, de que as mulheres possam falar, de fato.

Eu vou te dizer que hoje eu sinto mais, tenho uma percepção maior disso, de como o machismo atua dentro dos saraus, por exemplo, você vai lá, fala uma poesia erótica, você sai do microfone e o cara já está achando que você vai fazer exatamente o que você falou na poesia, né.

Esse lugar da musa também, a mulher não pode ser brilhante, incrível, ela tem que ser colocada como a musa inspiradora, que é outro lugar que não te coloca na mesma condição dos homens, é um lugar especial para você, como um presentinho, mas não te coloca em pé de igualdade também.

E acho que as próprias temáticas que a gente vem tratando nas poesias feministas, marcando esse lugar do machismo, tem dado um sacode assim, então, ao mesmo tempo que você é aplaudida, nas costas o cara vem e te faz uma cantada, então parece que não tem um entendimento de fato do que você tá querendo comunicar, ou, 'você está fazendo aquilo para aparecer', enfim, acho que tem alguns equívocos que acabam aparecendo. Mas, eu falo a partir de mim, do meu lugar como mulher e isso acaba vindo naturalmente nos meus textos, na minha escrita e tenho observado muito as outras mulheres, as outras poetisas, o que elas falam, o que elas recitam, o que elas gritam, o que elas fazem com o corpo e tudo isso acaba influenciando na forma como a gente se coloca, né.

Eu lembro que eu tinha um olhar bem cabisbaixo, muita dificuldade de encarar o público e hoje eu percebo que eu não quero esse lugar, eu quero um lugar onde eu possa encarar o público e onde eu não tenha medo, por mais que às vezes a gente fique nervosa, mas é esse lugar que eu quero que as mulheres também vejam, tipo: olha uma postura ereta, firme, eu acho que a gente se comunica de várias formas, eu acho que isso é um pouco do percurso.

**- Você já está há quase 10 anos nessa jornada, o que você acha que mudou?**

O que eu acho que mudou é que a gente tá percebendo a nossa força. Eu acho que você tinha alguns movimentos, como eu posso dizer? Você tinha isso espalhado, pipocando em diversos lugares, algumas pessoas muito solitárias, né? Eu lembro da Elizandra desde o começo da Cooperifa, sempre foi uma figura muito presente e tinham outras mulheres em outras regiões da

cidade e de alguma maneira a gente conseguiu se conectar e entender nossa força.

O que mudou é que a gente foi descobrindo essa nossa força do coletivo, de estarmos unidas em um propósito que é esse de ser, de existir, de falar das nossas coisas, e aí hoje eu acho que tem um movimento muito maior de mulheres indo ao microfone, tem saraus feitos só por mulheres, pensado para mulheres, em diversos formatos, que deixa as mulheres bem mais à vontade para falar e acho que tem esse movimento das mulheres estarem lançando livros, enfim, a gente também tem um produto para falar: “a gente está aqui sim se expressando, fazendo a nossa poesia, mas isso é um trabalho, isso tem um pensar por trás”. Eu acho que é um pouco, a gente saiu desse lugar de ser amador, e a gente está entendendo que o que a gente faz é tão bom quanto o que qualquer outro homem poeta faz e isso tem criado um corpo. Acho que assim, a gente ainda tem muito para caminhar, eu tendo a ser muito positiva, tem muitos embates, muitos enfrentamentos, existem muitos boicotes, eu acho que a gente tem que ir surfando nessa onda, a gente tem que ir pro embate na hora que tem que ir pro embate, mas temos que saber mostrar qual é nosso lugar, que as pessoas tem que nos respeitar, respeitar nosso fazer artístico e sobretudo respeitar a gente como pessoa, porque não adianta lá, aplaudir a poeta e nos bastidores também ter atitudes completamente desvirtuadas, machistas, enfim. Eu acho que é um processo educacional, um debate que vem acontecendo e por mais que alguns homens ainda não tenham mudado essa postura no posicionamento, acho que funciona muito porque a gente tem fortalecido outras mulheres e acho que isso que importa no final das contas.

**- Eu vi uma entrevista sobre a Fala Guerreira e nela você falava do feminismo que tem que atingir a dona de casa, outras pessoas de periferia. Como é isso?**

A revista Fala Guerreira ela vem muito no sentido de reconhecer essas outras trajetórias das mulheres e essas outras trajetórias por vezes tão feministas, mas que não tem esse nome, porque muitas vezes não chega para essas mulheres ‘ah, você é feminista’, ela simplesmente vai exercitando o protagonismo na vida, vai criando filho, fazendo um corre daqui, outro dali, e

a gente começou a reconhecer essas trajetórias até por conta da trajetória das nossas mães, nossas avós, que às vezes não entendiam o que a gente faz na rua, não entende, mas era uma forma também da gente também conseguir abrir um diálogo com outras mulheres, as nossas matriarcas, as nossas ancestrais e a gente tem pensado muito nessas mulheres mais velhas e nas nossas meninas mais jovens, que já tem acesso a um monte de coisas, porque estão vivendo no mundo da informação e da internet, mas às vezes não tem com quem conversar. Tem muito essa coisa virtual, mas não tem alguém que ela possa trocar uma ideia, ou pensar que ela também pode escrever, colocar para fora algumas inquietações que ela vive na escola, enfim, é um pouco isso. E também muito no sentido de dar voz e protagonismo para as mulheres, porque é uma revista feita por mulheres do começo ao fim, pensada numa linguagem no sentido de uma comunicação popular, de não usar tantos termos acadêmicos, de tratar temas cotidianos, de trazer o novo, mas também sem aquela pretensão de ser uma bíblica que você tem que seguir porque a gente acredita que as mulheres são múltiplas, diversas e cada um tem que fazer o que quiser, desde que seja uma escolha. É um pouco nesse sentido nosso trabalho e a gente espera que ele possa perdurar por um bom tempo, porque do que falar a gente tem.

#### **- Algo a acrescentar?**

Eu acredito muito nessa rede que tá se formando de mulheres que escrevem, de mulheres artistas, eu acho que a gente tem que cada vez mais trabalhar em rede, não só aqui em SP, MG, Brasil, latinoamérica e a gente ir se conectando mesmo, porque nossa luta tem várias coisas em comum, a gente tem as nossas particularidades e elas tem que ser colocadas, como as coisas das mulheres negras, mulheres indígenas, das mulheres nordestinas, das mulheres quilombolas, enfim, mulheres que vivem 'n' contextos, mas a gente tem que buscar se conectar, buscar estar junto, buscar estar em rede, porque muitas vezes a gente sente uma solidão, eu pelo menos às vezes sinto uma solidão que eu não sei explicar e quando eu tô em contato, quando eu tô junto com as mulheres, isso me retoma quem eu sou e eu tenho vontade de fazer, de produzir, então acho fundamental esse trabalho, que a gente esteja conectada, acho isso fundamental, porque esses laços que a cria pode levar a

gente muito mais além, não só profissionalmente, mas pessoalmente mesmo, de manter o espírito vivo, brilhando, aceso.

### **Aline Binns, poeta, 35 anos**

#### **- Qual é a sua trajetória?**

Eu escrevo desde adolescente, primeiro era muito como desabafos, cartas, sofrimentos, de tentar compreender o mundo e aí, mais ou menos em 2002, eu conheci o Renato Limão, vendendo livreto na rua e eu falei para ele que eu escrevia, ele não me deu a menor bola, só queria vender os livretos dele.

Em 2004 eu conheci o Berimba [de Jesus], também vendendo livretos na rua e aí a gente trocou ideia, mostrei as coisas que eu escrevia e ele falou: “poxa, o que você escreve é bom, você devia fazer um livreto” e eu tinha minhas dúvidas, nunca tinha mostrado nem colocado para circular as coisas que eu fazia, só que aí a gente foi pra Flip, em uma semana ele me ajudou a fazer um livreto, eu ilustro também, faço ilustração, ficamos uma semana nesse processo de tiragem, cortar, dobrar, fazer e eu fiz acho que eram 100 livretos e a gente foi para Paraty. E aí fazia os assaltos literários, entrar nos bares, falar poesia, cantar.

E quando eu voltei para SP, já comecei a acreditar um pouco que aquilo era uma realidade, sim eu escrevo, posso colocar para circular e ter um olhar mais crítico sobre o que eu fazia e começou uma grande trajetória junto com a Poesia Maloqueirista, que já tinha esse nome.

#### **- Como é ser mulher nesse processo todo? Como você se reconhece?**

Dentro do processo da literatura de rua? A gente sabe que é um universo ainda muito masculino, que tem muito mais lugar para o escritor que é homem, que é reconhecido e a mulher não, como em todos os outros segmentos, mas eu acho que eu sempre fui, na minha adolescência eu era punk, andava de skate, n/ao tinha muito o ‘não lugar’ da mulher, eu sempre fui onde eu queria ir, fazia o que eu queria fazer.

Mas no começo você percebe ...quando eu comecei a frequentar os saraus, a organizar o sarau, com a galera Poesia Maloqueirista, era claro assim, tinha

duas ou três outras mulheres que frequentavam dentro do círculo que eu conhecia, claro, dentro da era Samuel, Aline Reis e com os anos que fui conhecendo outras mulheres.

Eu acho que, assim, dentro da minha visão, eu sempre entrei nos lugares, não como... sem ver como se esse fosse o lugar do homem, entrei para fazer o que eu vim fazer, para falar minha poesia, cantar minhas músicas, sem ter esse tabu, mas com a vivência você vai percebendo que lugar é esse também, como você é tratada, tanto por outras mulheres como pelos caras, nem sempre é necessariamente pela sua literatura, e isso é uma coisa doída... eu sempre acreditei muito em fazer o que tenho que fazer, o que eu escrevo é muito sobre me conhecer, desvender meus mistérios interiores e eu lido com as coisas sem mistificar muito elas.

**- Escrever normalmente é uma necessidade, um grito mais interno. Como foi esse processo para você?**

Em geral, os assuntos ficam na minha mente, eu nunca paro para escrever porque quero escrever, tipo: hoje vou escrever sobre tal coisa. Geralmente é muito mais por inspiração assim, às vezes vem duas ou três palavras e eu percebo que tem alguma coisa chegando. Geralmente é por inspiração, às vezes vem inteira a poesia, com palavras que não costumo usar habitualmente, geralmente aceito, às vezes não gosto e deixo num lugar de decantar, e depois eu vou mexer, trabalhar em cima, ver o que cabe o que não cabe, entender as palavras, porque são palavras que conheço, claro, mas que vem por sonoridade, coloco ela lá, e vejo depois o que pode continuar.

**- E como foi o processo dos saraus, ter voz, isso é de alguma forma empoderador e transformador?**

Eu me lembro...é forte assim, porque na época que a gente começou a fazer um evento que era o Cai Mal (Centro de Ação Informal) e fazíamos umas festas com performance, com banda, com vários poetas, com exposição de arte e eu me lembro que para eles isso também era novo, de movimentar dessa forma, porque primeiro eles só circulavam com materiais deles por outros lugares e pela rua e logo que eu apareci, eu lembro do Caco e do Berimba achando importante: é bom que tem uma mulher com a gente. È

muito bom que tem uma mulher com a gente. E isso me deixava sempre muito confortável.

Depois, em 2005, começou a ter o experimento prosótico, um trabalho de música, era uma banda de poesia com música e tal e eu não sei assim, isso aconteceu na minha vida, com certeza como uma grande transformação, mas não foi dentro de um lugar análise crítica ou política dessas coisas, mas de autoconhecimento, mas de aceitar esses grandes desafios, que é viver e meter as caras, ver que eles acreditam que o que eu tava fazendo era bom e fui indo.

Só que essa consciência política de perceber o que é ser mulher nessa sociedade, como são construídas as relações, o lugar, como a mulher tem que ser ou não pode ser de jeito nenhum, os julgamentos internos que a gente é alimentado com esse material desde pequeno e isso caiu a ficha por volta de 2008 quando eu comecei a estudar mais sobre a menstruação, estudar ervas, acreditar mais na medicina natural, comecei a ler livros que falavam sobre o feminino, livros de ervas, que falam sobre a história da mulher dentro da história contada e aí comecei a desvender esses mistérios e compreender o que tava acontecendo com todo mundo, porque tem isso também, você entra na briga como se ela fosse sua e você vai com o que você tiver, com pedra, faca, com o que for, você vai para cima e faz a sua história, mas quando você entende que é uma luta que é maior que a sua, que você não tá sozinha e que você pode facilitar a vida de outras mulheres e também perceber que existe uma construção no inconsciente coletivo de que as mulheres são inimigas umas das outras, é uma coisa que não concordo, de jeito nenhum, e também eu acredito que isso é mais um artifício para dividir, separar e impedir que essa força se amplifique.

Atualmente eu faço parte de um coletivo chamado Núcleo Terra Vermelha, que são seis mulheres e temos feito uma movimentação de organizar encontros e saraus que tenham esse convite a aparecer o princípio feminino, a produção artística feminina ou trabalhos que tenham um olhar mais feminino, produção tanto de homens e de mulheres, mas que tenham esse respeito, esse olhar mais aberto para essa questão, porque é uma questão de todos, porque a transformação não é apenas que as mulheres saibam que está errado e usar as mesmas armas contra algo, mas tipo, fazer com que

esse círculo realmente volte a ser um círculo.

**- Você pode falar mais sobre o círculo e o estudo sobre a menstruação? Nós sabemos que isso é muito ancestral.**

Eu tava num processo bem urbano assim, já tava com a banda, trabalhava com cenografia, tinha uma empresa de cenografia em SP e minha vida começou a entrar num mega looping, de dormir muito pouco, percebi que eu estava entorpecida, não sabia para onde ia o dinheiro, não sabia para onde eu ia. Daí eu conheci a ayahuasca que na verdade é uma ferramenta muito poderosa que ajudou muito a fazer essa conexão comigo e aí eu entendi que eu precisava mudar o rumo das coisas e eu me lembro que foi nessa época que eu conheci um companheiro que eu tive nessa minha vida e ele perguntou o que eu estava fazendo com a minha arte e eu falei que não tinha tempo para ser artista, não tinha tempo para escrever, não tinha para desenhar, não tinha tempo para me dedicar a essa minha vocação mais verdadeira.

Aí, entre muitos processos, eu fechei tudo e fui passar um tempo na Bahia, quando eu cheguei lá, num lugar bem ermo, bem afastado, eu fiquei menstruada e não tinha nenhum lugar para comprar absorvente e aí veio essa questão: tá, absorvente! E aí comecei a pesquisar sobre isso e tentar compreender o que era isso e aí perceber que os absorventes que a gente usa tem menos de 100 anos, bem menos de 100 anos e aí comecei a pensar na questão ecológica e ler sobre isso e procurar livros sobre isso e aí, por graça divina, eu estava dentro de um lugar que tem uma imensa biblioteca que é um centro cultural que chama Mambembe Arte e Cultura, que fica na praia do espelho das maravilhas e eu fui e tipo mergulhei nisso porque na verdade eu tinha saído daqui para conseguir me conectar mais comigo e aí observar mais, observar a menstruação, observar quais são os pensamentos que vem e aí comecei a ler sobre ervas, ler sobre a história da mulher e me perceber mais.

E dentro desse processo de refazer essa conexão feminina, embora eu sempre tenha tido muitas amigas femininas, eu percebo que sempre existe algum tipo de rivalidade, e não necessariamente entre as pessoas que eu já amo, mas que existe, que é um lugar também do poder e da posse e que se

desfaz quando a mulher se encontra com ela mesma, e se eu estou onde eu preciso estar, se eu estou me trabalhando, se eu estou prestando atenção em mim, eu não preciso ter medo de ninguém, porque ninguém pode tirar de mim o que eu sou e eu comecei a trabalhar, enfim, minha poesia fala muito sobre isso e junto com outras mulheres, com conversas profundas, com mulheres que eu já trabalhava. E em 2010 eu fui fazer uma viagem com a Poesia Maloqueirista e era um grupo misto, fomos fazendo um espetáculo que se chamava Malocália e ficamos 21 dias nesse rolê que eram homens e mulheres e no meio do processo eu falei: gente, quero trabalhar com as mulheres. Tipo, não desmerecendo, mas eu senti uma necessidade de trocar essa energia com as mulheres, porque eu acredito que a gente tem um imenso poder de cura, um imenso poder de compreensão, de conseguir afinar coisas por outro viés, que não é o mental, difícil falar sobre essas coisas ....

E comecei a trabalhar com grupos de mulheres, eu já tinha feito parte das Encantadeiras por um período, depois montamos um grupo que se chama Filhas da Floresta, com 5 mulheres, que tem um trabalho de canto, ritual, de buscar cantos que falam sobre feminino, cura, cantos de poder, cantos indígenas e agora esse grupo do Terra Vermelho, que é a Juliana Bernardo, a Carol Araújo, a Georgia Martins, Babu Nascimento, a gente mescla um pouco de música e de poesia, geralmente fazemos fogueiras, rodas de mulheres e a gente já saiu para fazer os saraus também, o que acontece é que temos estado num processo íntimo, mais de incubação do que de criação, porque o sarau tem vida própria, mas num processo de entender o que é, de se conhecer melhor, de entender a força uma da outra e de receber essa força uma da outra para se curar.

Onde tem uma roda de mulher, tem isso.

Já faz uns 2 anos que eu entendi que isso é uma coisa que me movimenta mais, de trabalhar com mulheres, de trazer á tona, de trazer essa discussão também do lugar da mulher, nem do que é dado, nem do que queremos, mas como desatar esses nós, como abrir.

**Mel Duarte, poeta e produtora cultural, 27 anos****- Trajetória?**

Eu comecei na poesia aos 8 anos de idade, foi quando eu descobri nas aulas de português, um exercício de versos, eu gostei muito e falei: nossa, existe isso! É legal rimar, achei esse encontro das palavras muito interessante e a partir dali eu comecei a ler mais poesia, comecei a brincar mais com as palavras, a fazer essas poesias de criança, mas até hoje eu tenho elas guardadas e é muito legal recordar isso. E foi a partir dali que me deu esse start 'existe isso e é uma coisa que eu posso fazer', é uma coisa minha que vou fazer, tanto que dos 8 aos 18 anos eu escrevi e não mostrei para ninguém.

Toda vez que eu tava sozinha ou ia na casa de alguém, eu pegava um bloquinho de papel e ficava escrevendo. Era minha brincadeira. E quando eu fiz 18 anos eu descobri o Sarau da Brasa com o Wagnão e tudo mais, ele me apresentou, eu fui na primeira edição e eu nem sabia que existia sarau, como isso funcionava, eu não sabia que as pessoas da periferia, da quebrada podiam também usar a palavra desse jeito. Para mim era algo distante, eu escrevia porque era algo que eu gostava de fazer, mas eu não imaginava que eu poderia um dia falar isso pra alguém, declamar, pra mim esse mundo ainda não fazia muito sentido.

E quando eu vi um sarau pela primeira vez eu falei: "nossa, existem pessoas com as mesmas ideias que as minhas, que falam coisas que tem a ver comigo, e que se eu falar elas também vão me entender e a gente pode fazer isso de graça, num espaço aberto" e aí eu comecei a frequentar o sarau e fortalecer a minha escrita, a minha poesia, conhecer mais esse movimento assim, e de lá para cá eu estou nessa caminhada assim, entrei de cabeça nessa cena literária.

**- Você acha que o sarau empodera? Como é ser mulher e negra nesse universo?**

Com certeza me fortaleceu muito. Melhorou muito minha autoestima, meu jeito de falar com as pessoas, acho que isso a gente vai trabalhando, aquilo que a gente tem muita vergonha de chegar e falar em local público com muitas pessoas e conforme você vai indo nos saraus, se você quer declamar, você tem que perder esse medo, por mais que no começo você fique muito tímido, treme e tal , vai passando, né.

Com certeza me fortaleceu muito como mulher e não só a mim, eu acho que a troca, você estar num espaço, ver uma outra menina que também está lá aprendendo, querendo falar e essa troca de conversar e falar: ah, o que você faz? Como que é? Com certeza fortaleceu e fortalece muito.

Hoje eu sinto que desde que eu comecei a frequentar os saraus, no começo, quase não tinham meninas, às vezes eu me sentia muito mal de estar naqueles espaços com muitos homens, faltava alguém pra conversar, pra trocar, é diferente assim. Muitos respeitavam e tudo mais, mas era outra coisa. A poética também é diferente, então me sentia meio acuada, muitas vezes eu ia e não declamava por não me sentir confortável, e hoje em dia eu já sinto esse abraço das manas nesses espaços e a gente vai querendo encontrar essas amigas que as vezes a gente não vê no dia a dia, mas sabe que no sarau a gente vai estar lá, vai se encontrar, ouvir a poesia nova uma da outra e isso fortalece demais.

**- E sobre a poesia do Bolsonaro, viralizou muito. Muita gente que não era da cena criticou, como você recebeu isso. Como foi esse encontro de opiniões?**

Foi muito doido. Eu fiquei bem assustada. Acho que a palavra é essa. Eu fiz aquela poesia para o Rachão Poético, junto com a Michele Santos e a Marina Vergueiro. Cada uma escreveu uma parte a respeito de várias coisas e aquela era a minha parte e aí eu resolvi gravar num sarau e foi a primeira vez que eu declamei, aquela filmagem que você ainda nem tem a certeza das palavras, eu estava até meio insegura, uma amiga minha filmou e eu postei na maior inocência o negócio.

E viralizou demais, foi parar até num jornal da França, traduziram a poesia,

tomou uma dimensão que eu não tive noção. No mesmo dia mais de 20, 30 mil visualizações e eu falei: gente, não é possível!

E aí começaram aparecer muitas coisas legais, muitas mulheres me mandaram mensagem assim: nossa, obrigada, você me representou, falou o que eu queria falar.

Essa é a poesia que eu procuro no Google e vejo várias meninas, de vários lugares, que eu nem conheço, declamando ela. Eu vou nos saraus e as meninas falam: queria declamar sua poesia, do Bolsonaro, pode? Eu digo: pode.

Mas os comentários negativos eram muito, muito pesados e também muito machistas e a galera começa a ir para uma parte que não tem absolutamente nada a ver com o que significa aquela poesia. Eu não cheguei a receber nada assim digamos que diretamente para mim, mas nos vídeos, os comentários eram bizarros, mas os meus amigos e amigas liam e falavam: Mel, não leia e deixa que a gente te defende, porque se você ler você vai ficar mal. Eu cheguei um dia, li os cinco primeiros comentários, comecei a passar mal e desencanei total assim, porque eram coisas pesadas, pessoas falando da minha família, de coisas muito pessoais, nem sabiam quem era eu assim, sabe? E eu só tava...a minha liberdade de expressão, querendo falar mal de uma pessoa que está sempre piorando a situação das mulheres, está sempre rebaixando a gente assim, então tenho direito de falar.

Foi uma coisa louca, mas de certa forma, valeu a pena pelas mulheres que se sentiram representadas. O ponto era esse. Deu certo. Então o resto que se dane.

**- Você se imagina sem poesia na sua vida?**

De jeito nenhum. De maneira alguma. Acho que é o que me move. É o que me move. Independente de ... não sei se mais pra frente isso vai ser o que vai me garantir dinheiro, que vai, sabe assim, não sei se é o que vou fazer no meu caminho, mas é o que move como se humano, como mulher.

**- O que você acha que falta para que a gente encontre mais fortalecimento como mulher?**

Nós já estamos muito fortalecidas entre nós, nós acreditamos no nosso

trabalho, a gente sabe o quanto ele é bom, não nos vejo menos do que ninguém, todas nós estamos cada vez mais evoluindo e fazendo coisas incríveis, mas o problema não somos só nós, a gente tem toda uma sociedade que também tá começando a entender que nós mulheres temos voz, que não precisamos fazer só poesia de amor, que a gente também vai pro embate, que a gente também tem coisas para reclamar, coisas para dizer que assim, precisam ser ouvidas, eu acho que isso que acaba prejudicando, porque as pessoas ainda não estão preparadas para ver meninas novas, de 18 anos, 19 anos, 20 anos, da periferia botando a boca no trombone, falando a verdade, o que incomoda, o que acontece na quebrada, o que ela vê dentro de casa, sabe? Então eu sinto que é mais assim, falta um preparo da sociedade em nos receber, porque nós estamos prontas.

**- Algo a acrescentar?**

Faço parte do Poetas Ambulantes, que neste ano vai completar 4 anos, declamando e distribuindo poesias no transporte público da cidade e onde mais a gente é convidado, a gente realmente toma de assalto os espaços e realmente o Poetas Ambulantes fortaleceu muito esse lance de falar para o próximo, afinal, a gente tá ali, pode receber tanto aplauso como xingamento, mas graças a Deus são mais aplausos, isso fortalece demais, a gente sente como a poesia bate nas pessoas na hora e também já tenho um livro, o Fragmentos Dispersos lançado em 2013 de forma independente e agora esse ano chega o Negra, Nua, Crua, para colocar as poesias em movimento de outra forma, porque você acaba declamando nos saraus, as pessoas querem, mas não tem como distribuir.

## **Luz Ribeiro, poeta e atriz**

### **- Trajetória?**

Me fiz Luz Ribeiro, nascida e criada tudo aqui em São Paulo (SP), comecei a escrever desde que me entendo por alfabetizada. A minha mãe tem muita dificuldade com a escrita, então ela gravava as coisas que ela compunha, ou a minha irmã ia escrevendo para ela e minha irmã já escrevia também, então meio que foi só refletindo o que elas já faziam em casa. Eu meio que copiei isso aí.

Eu sou frequentadora de saraus desde 2012, comecei indo no Sarau da Cooperifa e foi ali que deram nome para o que eu já fazia. Foi ali a primeira vez que eu ouvi que eu era poeta, até então eu era só garatujadora de palavras, alguém que fica o tempo todo riscando insistentemente pra fazer alguma coisa, sem maldade, sem malícia mesmo e eu vi o Sarau da Cooperifa como uma porta para chegar em outros saraus, então, atualmente eu frequento saraus diversos na cidade de São Paulo e fora dela também e eu vejo que a Cooperifa me direcionou para isso, e foi através dos saraus que eu conheci o circuito de slams, então eu também sou slammer, participo com frequência dos slams, em 2015 eu consegui com outras mulheres fazer parte do Slam BR, consegui chegar até a final, ano passado fui ganhadora do Off Flupp, um slam nível nacional com 16 outros poetas, eu consegui ganhar lá no Rio de Janeiro e eu gosto muito do slam, porque eu consigo trazer a performance, que é uma coisa que eu já tenho formação, a questão do ser atriz, que é algo que eu estou em formação e o ser poeta, que o slam consegue abarcar quase tudo isso.

### **- Como é ser mulher negra nesse universo da literatura e da poesia?**

Eu acho muito legal, porque quando eu comecei a ir no sarau, a minha poesia não tinha uma vertente, eu não escrevia para nada, nem para ninguém, aí a Elizandra Souza me chamou para fazer parte de um projeto que se chama “Pretextos de Mulheres Negras” e aí eu vi outras mulheres falando sobre a questão da negritude, do ser negro e ser mulher e eu achei aquilo muito fantástico, e eu peguei aquilo para mim, como um direcionamento também, porque quando eu via a Elizandra falando eu me sentia muito representada, de alguma forma eu queria ser representatividade para alguém também. Então hoje os meus textos tem esse zelo, de falar sobre como é ser mulher, de como é ser mulher negra dentro da periferia. Como também é ser um periférico. Eu tenho textos de como falam como os meninos acabam sendo envolvidos e tragados pelo tráfico de drogas então eu acho que hoje a minha poesia tem mais um cunho social, então, eu tento trazer... eu sou técnica social e trabalho com adolescentes em conflito com a lei então tento trazer as questões do cotidiano para a poesia, assim.

#### **- E o feminismo?**

Eu acho importantíssimo, assim, porque eu acho que cada um tem um dom, se não é minimamente um dom, é uma trajetória a ser percorrida e quando as mulheres conseguem trazer textos feministas para sarau, slam, igual eu que sou poeta ambulante, para dentro de um ônibus, é extremamente grandioso, no sentido de que, tipo, às vezes, as manias, as coisas ruins estão tão introjetadas, os homens e até outras mulheres estão reproduzindo o machismo e nem sabem que estão reproduzindo, então acho que quando a gente coloca versos feministas na poesia, obriga que as pessoas ouçam e incita que elas cheguem a algum tipo de reflexão.

#### **- E o que você acha que ainda falta para que avancemos?**

Eu acho que falta espaço. Que os outros nos deem espaço. O ano passado fomos para a final do Slam BR, eu acredito que eram uns 12 participantes, a maioria eram do gênero feminino e não chegou nenhuma mulher na final. Não falta nada na nossa poesia, hoje eu acho que a minha poesia, a poesia da Mel Duarte, ela está igual a dos caras. No começo a gente competia e ‘pô, que sorte que passei para a segunda fase. Putz, cheguei na final e fiquei em

terceiro lugar, uau”. Não, cara. Hoje você vê as minas ganhando slam e falando coisas muito coerentes e eu acho que não faltou nada para nenhuma poeta que estava ali naquela noite. Faltou uma compreensão dos jurados que estavam jurando, faltou uma compreensão talvez do que é ser uma mulher, do que é ser uma mulher negra, o que é ser uma mulher periférica, e eu particularmente nem vim nessa, né. Eu falei um texto que fala sobre um menino na periferia. Não falei nem texto feminista para o pessoal não falar que eu tô... não, e ainda assim... eu acho que não falta nada para gente. Porque a gente não só fala do feminismo, a gente sabe falar de amor, a gente sabe falar de guerra, a gente sabe falar de feminismo, empoderamento, zelo, a gente sabe falar de coisas infindas.

Hoje o que falta não é o que falta na gente, falta no outro. O olhar para entender uma poesia que é feita por mulher, falta um olhar, falta no outro um espaço, né? Porque às vezes você vê...

Eu tô achando isso fantástico, você ter um projeto onde só vem mulher falar. Porque geralmente, ah, vai rolar um sarau não sei lá onde, um cachê super alto é um cara que é chamado, sabe. E às vezes você vê que o cara tem menos caminhada do que as minas, é menos representatividade na periferia, e eles vão representando que nem comportam, sabe. Se você vai na Flip vender livro, geralmente o cara vai vender mais livro que a mina, e não é nem porque o livro da mina não é legal, é porque, teoricamente só o cara é poeta, né? Até porque aqui, as pessoas tendem a dizer que a gente é poetiza, né que é uma coisa que já me incomoda também, não sou poetiza, sou poeta também, e pra gente não falta nada.

### **Rose Dórea, poeta, assessora parlamentar, 43 anos**

#### **- Trajetória?**

Sou mãe de uma preta linda, a Paola Zali Dórea e estou na Cooperifa há 15 anos. Minha trajetória começou por conta da Cooperifa, eu sempre estive ali com o Sérgio, desde quando era da fábrica, quando foi ali, eu não fui coimo integrante, eu fui como amiga do Sérgio Vaz e foi lá na fábrica que tudo começou, em 2005.

Eu fiquei um tempo afastada da Cooperifa, porque voltei a estudar, por conta da Cooperifa.

**- Me conta essa história.**

Essa história foi muito louca, porque eu não entendia muito o que o pessoal falava, né. Assim, nessa época já iam alguns poetas e tudo mais. Quando começou no Garajão, já iam algumas pessoas e eu recebia algumas pessoas, talvez por isso eu tenha esse título de musa da Cooperifa, porque eu recebia as pessoas. O único poeta que tinha na época era o Sérgio, e não tinha público. No Garajão. Eram os poetas pelos poetas. Tinha aquele monte de poeta que falava, os outros ouviam e tudo mais.

Ficamos um ano no Garajão, ficamos um tempo sem fazer o sarau e fomos para o Zé Batidão e eu fui indo, ajudava a apresentar, ficava lá na frente, mas não falava poesia e o Wagnão, da banda Preto Soul e cobrou: você tem um voizerão e não fala poesia. Eu falei: “ah, não tô preparada, tenho uma certa dificuldade, não entendo muito o que o pessoal fala. Fico meio tímida em fazer. E quer saber? Vou voltar a estudar”.

E foi engraçado que eu voltei e licei a minha irmã também. Estudamos e terminamos juntas. Voltei no 1º ano do segundo grau, supletivo. Voltamos juntas a estudar. Em 2005, me afastei e quando voltei, voltei fazendo poesia e nunca mais parei, mas na verdade, sou mais musa da Cooperifa do que poeta.

**- Me fala mais sobre esse título. Ser negra, gorda, estar ali.**

Exatamente, é o que eu falo, né. É muito louco, porque a gente vive em um padrão, né. Um padrão de beleza, de comportamento, de mulher e que ser musa da Cooperifa para mim é muito importante, eu mudei e melhorei muito como pessoa e como ser humano e a Cooperifa me deu muito suporte para isso, principalmente o Sérgio Vaz por ter me dado o título de musa da Cooperifa, então assim, é muito bom, mas é muita responsabilidade também. Eu me sinto muito responsável, quanto atitude, enquanto mulher, enquanto negra, enquanto gorda. Porque eu sou fora do padrão. Se você parar para pensar, eu sou totalmente fora do padrão. Eu sou uma negra, de temperamento forte, gorda, sem papas na língua, então isso choca.

Quem me conhece gosta de mim, me acha simpática. Quem não me conhece acha que eu sou mala, que eu sou brava, eu não sou, você me conhece, sabe que eu não sou, sou mó chorona.

É muito bom ser musa da Cooperifa, é muito importante, mas é muito sério, porque a Cooperifa não está hoje só em São Paulo, ela está praticamente no mundo. Já fomos para a Argentina, vários lugares. Muita gente quer me conhecer, saber o que eu penso, o que eu acho, e muitas vezes eu não acho porra nenhuma, também. Não acho nada. Isso pra mim é muito claro, não por eu ser musa da Cooperifa eu tenho que ter uma opinião o tempo todo para dar. E foi difícil conseguir trabalhar isso, porque até então: você é a musa da Cooperifa, você tem que expor uma opinião. E não. Eu não tenho que ficar o tempo todo trabalhando com isso. Mas no que se refere a minha cor, e a eu ser mulher, aí sim eu tenho alguma coisa a dizer, aí eu tenho que me posicionar. Porque não é fácil, não é oba-oba como todo mundo pensa. Politicamente eu tenho que ter alguma coisa a dizer, são coisas que me incomodam, que diz respeito a mim, ao que acredito para a humanidade, o que eu acredito como pessoa.

É muito louco. Eu deixei muito tempo de ir nos movimentos negros, de ser convidada, por dizer: a única raça que eu reconheço é a raça humana. O pai da minha filha é branco, transparente, de olho azul. E de boa. Não quis ficar com ele, acabou. Assumi a minha parte de querer, eu quis ser mãe. Eu lutei para ser mãe. Eu fui mãe com dois miomas, sou hipertensa. Eu assumi e falei: eu quero ter minha filha e vou lutar para ter minha filha. Muita gente me questionou: você é musa da Cooperifa e como vai ser?

A primeira pessoa que eu disse, fora minha família, foi o Sérgio. “Olha, eu tô grávida e não vou ficar com o pai da minha filha”. E ponto.

Muita gente acha que “você tá lá na frente, como vai ficar?” Não sei como vai ficar, eu sei da mulher que eu sou, da postura que eu tenho. Eu sei da mulher que sou. Como vai ficar? Sinto muito se vai agredir alguém, se vai ficar preocupada. Eu sei da postura que tenho e não vou mudar minha postura por isso. Vou assumir ser mãe solteira sem problema nenhum. É difícil? É. É uma produção independente e não é fácil. Não aconselho a ninguém. Tem que ter muita consciência. É o tempo todo você sozinha, você correndo, escola. Admiro quem tem um monte de filho, porque é uma loucura. Você dar

educação, saúde e cultura é muito difícil. Se você não contar com a ajuda de um parente, de um amigo, você não consegue sozinha, como bate no peito, você se vira, mas precisa das pessoas. Precisa ter as pessoas do seu lado. Ser musa da Cooperifa é muito bom. É uma honra.

**- Vocês começaram e deram um star importantíssimo na cena dos saraus. Como você se sente vendo os frutos que saíram daí?**

Eu me emociono muito quando falo da Cooperifa, porque não é um projeto na verdade. Não sei se existe um nome para o que a Cooperifa faz. E eu falo não porque sou integrante, mas pelas coisas que vejo lá fora, independente de estar dentro da Cooperifa, a mudança que é. Você chegar numa outra cidade, a gente fez uma turnê, chegar numa outra cidade e ver o brilho no olho das outras pessoas e as pessoas quererem te tocar. “Eu posso te abraçar? Eu posso falar com você?”. É claro que pode, vamo aí, ainda mais eu que sento no chão, troco ideia, vamo aí, não tenho muito de viver de glamour.

É muito louco o estágio que a Cooperifa chegou, que é de humanidade. É ser humano. É um coletivo que é humano. Quem chega, sabe... mesmo quem não sabe chegar, a gente acolhe. A gente acolhe todo mundo, respeita todo mundo. Por mais que muitas vezes eu tenha uma atitude de não gostar de alguma coisa, os outros gostam. Só isso já bastou. É um coletivo de verdade. Que se respeita. Que cada um respeita a opinião de cada um. Cada um respeita o ser humano. É ser gente. É saber que a gente pode, cresce, mas não é só pra gente. Eu sempre falo isso, sempre deixo isso muito claro, que só estou na Cooperifa até hoje porque é um coletivo. Porque o Sérgio é um cara que trabalha para todo mundo. Faz tudo por todos. Não é um lugar fechado: isso é meu, dane-se você. E tanto que tem a Mostra Cultural, o Ajoelhaço, que é criticado.

**- Eu ia te perguntar do Ajoelhaço, como é isso?**

O Ajoelhaço, na verdade, é uma proposta para os homens se redirem, é mais uma confraternização, o fato de estar todo mundo junto, que a gente pode sim estar todo mundo junto e misturado, tanto que eu nunca fiz uma poesia criticando os homens no Ajoelhaço, tanto que nos primeiros Ajoelhaços teve um certo “Ah, mas os homens não prestam”, aí eu fui e fiz uma música

da Eliana de Lima, que canta ela apaixonada por um cara que ta dando uma bica nela, porque é isso, cara, o Ajoelhaço não é nada mais do que “estamos todos juntos e misturados”, porque infelizmente a gente vive num mundo machista, se um homem hoje, um gripe de homens se ajoelhar por qualquer outro motivo que não seja num sarau, ele será tratado como medíocre, porque o Ajoelhaço é mostrar que todo mundo pode, os homens podem, a gente pode, as lésbicas podem, os gays podem, quem quiser ajoelhar, ajoelha. A gente não faz isso porque é mais gostoso a sacanagem. Mas é mostrar que somos todos nada além do que seres humanos. Não tem essa conotação de machismo: olha lá, os caras estão se ajoelhando. Não tem nada disso. O Ajoelhaço foi uma ideia de mostrar que estamos juntos, que todo mundo se respeita, se ama.

Vejo o Ajoelhaço como as cotas então. Não é um pedido de desculpas de 500 anos? É mais ou menos isso. Nem todos homens se ajoelham porque estão com raiva, alguns ajoelham para brincar, alguns se ajoelham para pedir desculpa de verdade. A gente já teve um caso de um homem que se ajoelhou para pedir desculpa de verdade, ele tinha batido na mulher dele há três dias atrás e ele pediu desculpa, participou do Ajoelhaço muito firme. Eu sei porque a gente estava conversando, ele abaixou, pediu desculpa para ela, pediu perdão e aquilo serviu para ele naquele dia para ele ver que estava errando.

Tem os dois lados, tem o Cinema na Laje, como quando a gente fez um teatro e teve um senhor que perguntou: mas o teatro vai vir aqui? E ele falou: podia ter morrido. É uma honra ser a musa da Cooperifa. Eu não consigo imaginar a minha vida hoje sem minha filha e sem a Cooperifa. Eu não conseguiria nem pensar. Essas duas coisas estão muito ligadas. E eu sou muito grata à Cooperifa, os momentos mais difíceis e os momentos melhores da minha vida eu passei na Cooperifa.

### **Lu Sousa, educadora e poeta**

#### **- Trajetória?**

Sou professora e começo a escrever muito cedo, mais como uma fuga, mais como uma coisa de solidão mesmo, né. De você se sentir só e a leitura e a escrita, elas veem junto. Você começa a ler histórias começa a viajar um pouco e sai daquele mundo que você não gosta muito naquele momento. E a

escrita vem assim, com essa coisa de desabafo, como se fossem cartas, como se eu estivesse conversando com alguém e nessa solidão e chega quando eu começo a dar aulas, e vou para a próximo a Cooperifa, a escola me leva para a Cooperifa e eu começo a ver aquele ...não conhecia sarau e falei: nossa, achei minha tribo aqui. E fui ficando, fui gostando, esse ano eu completo 13 anos de Cooperifa e esse prazer de estar sempre colhendo as coisas que aparecem lá para levar como instrumento para a sala de aula, tanto para mim, como para os alunos quanto para a escola, e levar os poetas para dentro da escola, o rap para dentro da escola e temos ali uma mostra de todas as artes e temos esse convívio dentro do bar com todas as artes e podemos transformar isso num aprendizado e aprender junto com os alunos, levar esse material, eu falo sempre que é um arsenal que eu gosto de carregar.

#### **- E como é ser mulher nesse universo?**

Eu acho muito masculino, um universo masculino, eu frequento outros saraus hoje, outros espaços, o clube de compositores, eu vejo isso muito presente, não só na Cooperifa, mas outras espaços, o Samba da Vela e outros espaços muito masculinos. Eu acho que a mulher está muito ligada ainda à questão doméstica. A questão do trabalho, ela hoje que é a chefe de família e eu me vejo sempre com muita cobrança para que as mulheres conheçam outros espaços. Eu sempre falo que o homem passa no bar, toma uma cerveja, joga bilhar, joga conversa fora e chega em casa desestressado e a mulher está nesse ritmo de trabalho e nessa continuidade quando chega em casa, ela dá continuidade, ela tem que cuidar dos filhos, dos afazeres, da janta, de tudo e ainda sobra muito para ela.

E nesse universo eu educo meus alunos, meus filhos, meus netos agora, com um olhar mais para a igualdade, mais a divisão de tarefas, que sobre tempo para ler, para apreciar outras artes, que sobre tempo para um bate-papo e que a gente dividir essas tarefas fica mais gostoso e até mais prazeroso, se você está numa casa, fazer as coisas juntos, cozinhar juntos, arrumar junto, faz parte daquele cotidiano e é prazeroso, é gostoso né. Você estar num lugar limpo...

E eu cobro muito das mulheres que aparecem na Cooperifa: ah, você não vai

falar? Você não tem nada para falar? Você pode ler alguma coisa. Você pode...você tem um recado sempre para dar. Eu acho que a mulher precisa assumir esse papel de se projetar um pouco, de se despir um pouco e ter coragem de falar o que pensa, porque às vezes não é só a fala, mas o que você gostaria de falar. Não é só a fala: aquela poeta falou alguma coisa, aquele escritor...

**- O que falta para que avancemos? O sarau ainda é um espaço para ser conquistado pelas mulheres?**

Eu converso com as mulheres, elas dizem: olha, mas meu filho/meu marido, não lava a louça direito, não faz as tarefas direito, não cozinha direito. Então falta esse exercício e esse prazer de você compartilhar. Eu acho que a mulher ainda quer assumir muita coisa. E ela ainda não se desprende dessa coisa doméstica, né? Ela tá enraizada nela. “eu tenho esse dever de fazer a comida pro meu filho” ou “eu tenho o dever de ensiná-lo a fazer? De ensiná-lo a cuidar das nossas coisas?” Falta essa disposição de que a gente precisa compartilhar e se educar e para que você não queira tudo fazer, ele tá num aprendizado e nossos meninos, eu vejo dentro da escola, para que eles não façam serviço dentro de casa, muitas vezes é confundido com trabalho infantil, pra ele lavar uma louça, lavar seu próprio tênis e tá confuso isso, acho que precisamos conversar bastante, precisamos falar sobre isso. É uma coisa de educação

**- A poesia tem uma função importante nisso?**

A poesia leva esse recado, o rap leva esse recado. E as conversas antes, né. Eu falo que se fermentam ideias ali. Eu acho que as conversas ali, elas fluem sempre com essa discussão e trazem a política, a questão social também, para o cotidiano, nesse papel homem e mulher, a questão da busca pela igualdade e eu acho que os frequentadores dos saraus tem essa visão, quando você vai conversar com alguém que está naquele ambiente, ele compartilha daquela ideia, por isso precisamos divulgar mais nas escolas, em outras rodas de conversa, para que isso fique sendo um aprendizado mesmo, e não confundir uma parceria, uma divisão de tarefas com trabalho infantil ou algo exclusivamente da mulher, que ficou rotulado assim.

## **Eveline Gomes (Sinhá), poeta e graffiteira**

### **Trajetória?**

Eu sou de Natal (RN), nasci e me criei lá e vim para cá em 2007, vai fazer 9 anos que estou aqui. Logo que eu cheguei ficamos discutindo aquela coisa do nome e na rua a gente não usa o nome mesmo original e ai ficou essa questão de como seria o nome e discutindo com amigos lá em Natal e lá as pessoas me chamavam de sinhá nega e acabou ficando só sinhá e como meu trabalho foi ficando na rua e paralelo a isso eu comecei o trabalho do meu primeiro livro e antes mesmo coletâneas, eu já lancei como sinhá. Minha primeira poesia foi aos 14 anos e era muito para mim.

Mas aí chegou a internet e as pessoas liam e como tinha o Daniel [Minchoni] que já tinha lançado o livro dele pelo Jovens Escribas e aí veio o primeiro livro, depois de algumas coletâneas com a publicações iara, e o primeiro é o 'devolva meu lado de dentro' com coisas que eu já tinha há bastante tempo, que eu fui misturando, e lancei ele em 2012 e aí veio o "nas vestes dos peixes..." que é de 2014 e o do ano passado que é o "manga espada".

A minha poesia..eu nunca pensei intencionalmente em fazer uma poesia feminina, mas eu sou mulher que escreve, então vai ter essa sensibilidade e é natural e eu acho isso legal, mas eu acho que é mais a verdade, são coisas existenciais, tem essa questão de não ser intencional, mas eu sou uma mulher que pensa como mulher e acaba sendo, mas é natural.

### **- Você é uma das mulheres que mais tem publicações. Como é isso?**

Isso sempre foi muito natural mesmo. Veio o primeiro livro, o segundo veio, as poesias e eu acho que tem que ser registrado, eu acho importante, até para chegar em outras pessoas e acaba sendo um trunfo, tem pedidos de cidades

que muitas vezes nem tem banco pras pessoas fazerem o depósito e essa experiência tem sido muito, muito bacana.

E eu acho que é um trunfo da literatura de hoje, dessa coisa meio rápida. Eu gosto de poemas curtos, embora meu segundo livro seja uma poesia única, eu gosto de poemas curtos, então são poemas diretos, rápidos e isso toca as pessoas rapidamente pela internet então eu acho que outro trunfo é a internet, disso de chegar em vários lugares do Brasil, mas aí você percorre também saraus em várias cidades, as pessoas vão falando sua poesia, eu não sou muito de falar em saraus, mas sempre fui muito presente em saraus, mas acaba que as pessoas compram o livro e falam sua poesia, enfim...

**- Você sempre está nos saraus e tem muita gente que declama suas poesias, principalmente as curtinhas. Como é isso para você?**

É engraçado, porque quando escuto na voz de outra pessoa, parece que não é mais meu, quando eu ouço, parece que é dela, embora muitas vezes tenham pessoas que imitem o sotaque e tal, enfim...é como se fosse da outra pessoa, deixa de ser meu. Porque a pessoa coloca o seu olhar, a sua entonação, a forma como fala é totalmente diferente, porque eu sou muito de escrever em voz alta, eu sempre leio o que eu tô escrevendo em voz alta, então o segundo livro, que era uma poesia só, eu sempre voltava para o começo e lia em voz alta, então quando a pessoa fala, é totalmente diferente do meu jeito de falar, a pontuação, tudo e aí eu falo: não é mais meu. Não sou eu mais, é dela agora, é do outro.

Penso eu...eu acho bem triste assim. Muitas mulheres escondem as coisas. Eu acho bonito o que muitas mulheres escreveram desde sempre, mas se esconderam atrás de pseudônimos masculinos, mas eu acho que muitas mulheres escrevem e escondem para si. Então eu acho que a gente tem que ir pra rua, tem que falar, tem que escrever, tem que mostrar, tem que fazer, sabe? Tem que invadir mesmo. Pra qualquer jeito diferente de escrita, porque embora tenha uma coisa que é engraçada, porque quando você pega uma coletânea de poetas, você vê assim, 100 homens e cinco mulheres no meio. Não dá gente, não dá. Tem que mudar isso. Tem que ser pelo menos meio a meio, porque tem mulher escrevendo. A gente tá aqui, você reuniu quantas

mulheres? Vamos quebrar essas coisas. Vamos pelo menos meiar isso aí.

**- E qual a importância dos saraus para você como poeta?**

Eu frequento saraus desde muito tempo. O que eu acho legal é entrar em contato com a diversidade, coisa que você escuta e pensa: eu jamais escreveria assim. Que bacana. Que legal que essa pessoa pensa dessa maneira. Eu não conseguiria expor meu pensamento dessa forma. Então eu acho que o legal do sarau é a diversidade. Poder ouvir várias pessoas diferentes, que cresceram em locais diferentes, pensam coisas diferentes, isso que é o legal do sarau. Eu acho que é muito bonito e importante e está cada vez mais forte.

Aí a cultura de slam acabou vindo mais agora, em São Paulo, com o Zap, que também é uma coisa bacana, mas que leva mais para o lado da competição, que é uma coisa que eu não me encaixo muito, mas acho bacana, gosto também de ver, ouvir e acho que todo espaço é válido para expressão, ali as pessoas estão falando também o que são e o que querem dizer e eu acho que também é válido, assim.

**Algo a acrescentar?**

Como eu venho da rua, essa questão do feminino, a gente também passa por isso: mulher pintando na rua? Embora a abordagem da polícia seja diferente, mas dentro do grupo, muitas vezes é diferente, então acho que é isso, a gente tem que realmente se firmar.

**Anna Zêpa, atriz e poeta**

**- Trajetória?**

Meu nome é Anna Zêpa, eu sou de Natal (RN) e meu caminho pra poesia ele começou a se dar lá em Natal mesmo. Eu tinha vontade de escrever em alguns momentos, eu não sabia que era poesia, mas eu tinha essa relação com a escrita, né. Isso na adolescência se deu mais fortemente, embora quando eu era criança, na escola que eu estudava teve a inauguração da biblioteca e eu fui a aluna escolhida para recitar um poema de Auta de Souza,

que dava o nome da biblioteca e de alguma maneira isso pode também, não esse fato específico, mas eu podia ter uma relação com a escrita em sala de aula e tal.

E aí, Daniel Minchoni morava em Natal e ele tinha um projeto de um sarau chamado Poesia Sport Clube, e a gente se conheceu na universidade e tal e eu comecei a ir no sarau e eu via que eu ficava com vontade de falar e nanana e comecei a me relacionar de outra maneira com a poesia e num dado momento o próprio Daniel deu uma indicação, ele tinha um blog de poesia e disse: posso publicar uma coisa sua no blog? Pode. E você começa a olhar de uma forma diferente para isso.

E quando eu ainda não morava em São Paulo, mas vinha para cá a trabalho e isso aconteceu por uns dois anos, antes de eu me mudar pra cá, eu via que aqui eu tinha também vontade de escrever, ou nesse transito, eu escrevo muito em transito, viajando, em ônibus, metrô e aí, eu via que eu também gostava de escrever bastante. E morando aqui, você começa no movimento de saraus, eu tenho essa relação muito forte com Daniel e Sinhá e me inseri no Menor Slam do Mundo, sarau do burro, e vai indo e tenho uma relação forte com o Daniel e ele falou: que tal publicar o primeiro livro?

E foi o “Primeiro Corte”, que não tem nenhuma ideia original, ele era um apanhado de coisas que eu já tinha escrito e achava que tinha um link entre os poemas que estão publicados lá e ai vem uma coisa que você começa a olhar e dizer que você é poeta. Eu demorei a dizer que eu era. Hoje em dia eu digo: poeta. E o mesmo aconteceu com atriz, quando você tem a trajetória de formação, leva um tempo.

### **- E como é ser mulher e poeta? Como é essa relação?**

Eu acho que é forte pelo fato de eu ser mulher, mas não é uma coisa que me permeia tanto, como uma questão de ‘eu sou uma mulher que estou escrevendo’, mas é claro que dentro dessa discussão toda de transformação e reflexão que a gente vem passando, é óbvio que eu olho pra isso de um jeito diferente, que eu vou num lugar e vejo quantas mulheres estão participando de determinada coisa, pra mim se torna óbvio porque eu sou mulher, mas cê entende, não é alguma coisa que permeia o que eu escrevo, mas eu observo isso. E curiosamente eu tô ensaiando duas peças e nas duas

peças, as pessoas começaram a fazer referências a mim como feminista e eu nunca me coloquei conscientemente como feminista, sabe? Mas acho que meu posicionamento, pelas minhas ideias, pelo que me incomoda, eu acabo escrevendo sobre isso, mas não necessariamente como poesia, eu costumo dizer que eu quero que a poesia exista independente da forma. Vou até me contradizer: não deixa de ser. Eu já escrevi coisas sobre, que partiram de um incômodo, mas não de fato assim..querendo...não...queria, queria chamar a atenção para isso.

**- Isso acaba surgindo no meio do processo todo?**

É... tem uma coisa também... na minha poesia tem algo muito relacionado à ausência, ao desamor e não deixa de ser um abismo que existe muitas vezes, infelizmente, entre os gêneros, né. Enfim... mas eu até me peguei agora falando que nunca tinha escrito, mas escrevi já coisas que envolvem esse assunto, mas não tinham essa pretensão. Tem algumas ideias que acabam sendo colocadas, mas o fato da gente ser mulher, escrever e se colocar já é muito forte.

Porque você vai na livraria...isso está mudando muito, mas, sei lá, na Balada Literária, a gente estava na Livraria da Vila, e eu ia participar da Parada Poética que teve na balada e eu falei: eu só quero falar de poema de mulher... gosto de vários poemas de homens, homens poetas, mas eu queria, acho que também é uma forma de participar do movimento da maneira que eu acho que eu sou e eu fui olhar a prateleira de poesia e tem muito menos livro de mulher, muito menos livro. Eu peguei a Marina Colassanti, Ana Cristina César, alguém da nossa geração que tinha, peguei e fui.

**- E quanto às publicações, como você vê a importância disso?**

Eu acho que a gente só vai saber quando passar, mas no geral tem se publicado muito mais mulheres, em relação aos tempos idos, não tenho dúvida, e já é um dado muito diferente do que foi, mas a gente costuma saber... eu tenho essa visão, quando passa, assim. Mas acredito que tem outras gerações vindo, a Regina Azevedo, com 13 anos publicou um livro.

**- Você fez um trabalho primeiro na rua para depois ele se tornar um livro.**

**Foi um processo inverso? Como foi?**

Foi uma delícia. Lá vem Daniel de novo. Daniel edita os meus livros. E eu tive primeiro a ideia do título, sabe? “a convivência dos nossos rastros”, um livro que fala disso, desamor, perda, nanana, e eu tinha pensado alguma coisa mais de rastros mais suave, esses rastros que estão aqui, de repente você saiu e deixou alguma coisa aqui e como eu já tinha feito um stêncil de outro livro, que é o “não dá pra ser sem dor” e o Daniel falou: por que você não amplia a sua pesquisa e faz o livro todo na rua, porque são só 25 poemas.

E eu achei incrível, abracei total, como né, ninguém pensou nisso antes. E foi todo um processo de..porque não sou de graffiti de fato, já tinha essa coisa do outro poema, mas foi uma espécie de performance que foi feita pro livro, tanto que depois eu tô lá esporadicamente, não é algo que eu faço todos os dias, não é meu ofício.

E aí passei pelo processo, cortar todos os stêncil, vai pra rua, nanana e aí, como se trata de uma performance sobre a perda, ela acabou acontecendo num lugar específico, que é, coincidentemente, no bairro de Perdizes e depois foi pro livro e eu costumo dizer que esse livro teve algumas plataformas, que foi a rua, depois teve a plataforma digital, porque ele foi pra rede e depois foi impresso.

Mas foi muito legal e você vê como que as pessoas recebem isso na rua, tem algumas pessoas que acham muito bom você estar andando na rua e se depara com um poema. E aí posta isso, falando desse jeito.

Teve uma jornalista, que mora em Perdizes, ela achou um, de alguma maneira, ela soube que era meu, ela saiu mapeando, porque dava para fazer isso, só se alguém apagou um. E tem uma aceitação assim, dessa coisa da expansão do suporte, foi bom, e me abriu outras coisas assim também, as pessoas chamam para fazer alguma coisa ligada a isso. Até esses dias me chamaram para participar de um projeto de artes, aí eu propus outra coisa, como atriz, mas é isso, tem uma força essa ideia e marca.

**- Você vem da cena dos saraus. Como você vê a importância disso para você e para o momento?**

Eu vejo como um momento de comunhão, troca, escrita, estímulo. Porque muitas vezes eu não sei o que você está lendo, você vai lá e traz alguma

coisa, eu falo: nossa, que legal, e vou atrás assim. É muito bonito assim. Particularmente eu amo o formato do sarau do burro, porque eu gosto da liberdade assim, nossa, me deu vontade e você fala. Eu acho super importante, não estou falando que os outros não são, porque a gente tá aqui, estamos todos nos ouvindo, é um happening ali, você falou: não dá pra ser sem dor, eu falo: não me olha assim que eu te jogo o coração na cara. Eu acho muito importante que exista, pela troca, pelo conhecimento.

### **Lunna Rabetti, rapper e produtora cultural**

#### **- Trajetória?**

Eu iniciei no hip-hop com 14 anos através da dança, do break e logo eu conheci o rap e aí me chamou a atenção porque nos palcos não tinham grupos de rap feminino e nas falas, nos discursos, eu não me sentia representada e foi quando eu resolvi montar um grupo de rap feminino, eu e uma amiga, e aí eu cantava e ela era DJ, foi tocar, foi pras pick-ups, o grupo chamava Consciência Feminina e em 1998 nós conhecemos outras mulheres que também cantavam rap e resolvemos nos unir e formamos o grupo que chamava Justiça do Rap, que teve uma formação até 2002, em 2002 sai dessa formação e formei outro grupo, também de rap feminino, que se chamava Livre Ameaça e que existe até hoje, eu e a Dj Simone.

E aí nessa caminhada com hip-hop nós percebemos que a maior dificuldade era a visibilidade nos meios de comunicação, enfim, e começamos a buscar um meio de conseguir divulgar os nossos trabalhos e foi onde surgiu a ideia de fundar o portal [www.mulheresnohiphop.com.br](http://www.mulheresnohiphop.com.br), isso em 2004. Através do portal eu tive contato com várias mulheres de outros estados, de outros municípios e quando foi em 2010, nós, que tínhamos essa rede de contatos resolvemos fazer o primeiro fórum de mulheres no hip-hop que foi em Carapicuíba e esse fórum foi um marco muito importante, porque foi dentro dele que tinha 8 estados participando, em torno de 150 mulheres e teve a criação da Frente Nacional de Mulheres no Hip-Hop, porque nós percebemos

que as dificuldades que as mulheres enfrentavam, não importa a região onde ela morava, era muito semelhante. E aí resolvemos montar essa frente de mulheres e a Frente, a partir daí, começou a criar uma série de ideias, de projetos e dentre esse vários surgiu a ideia de criar um livro, que é o livro Perifeminas.

**- Me fala sobre o livro, a importância de ter essa publicação, de reunir essas mulheres num objeto físico, por meio de oficinas...enfim!**

O primeiro Perifeminas veio com a proposta de ser a “Nossa história” e conta um pouco sobre a história do movimento hip-hop desde o início sob a ótica da mulher, com a participação das mulheres, porque muito era questionado sobre o quanto as mulheres apareceram no movimento hip-hop, e na verdade elas sempre estiveram desde o início, então nesse livro a gente consegue resgatar essa história e trazer mulheres que estão desde o início no movimento, ne, como MC Regina, Sharylaine, Iêda Hills, que são mulheres que estavam há 30 anos, assim como a gente abre espaço para mulheres que vieram nessa caminhada até a atualidade.

Uma iniciativa que a gente teve foi não só abrir espaço para o elemento MC que é o que escreve, mas tem Dj participando, B.Girl participando, assim como não limitamos aos 4 elementos, DJ, graffiti, MC e o break e abrimos também ao que chamamos de quinto elemento, que jornalistas participaram, militantes, produtoras de eventos, enfim, todo mundo que é ligado ao movimento hip-hop de alguma forma e fizemos esse aqui, que tem 63 autoras e tivemos a preocupação de estar colocando sobre a foto da autora, porque a gente percebe que na literatura nunca aparece foto das personagens, mesmo na literatura comum, nunca teve. Também fizemos questão de por o nome inteiro da autora, porque também é uma grande falha da nossa literatura era sempre a esposa do fulano de tal, essas mulheres nunca tinham nomes. E colocamos um breve release de cada autora também, para saberem quem é essa pessoa e o contato dela direto, o e-mail, para não ter intermediários, enfim.

Ou seja, a ideia do livro é realmente mostrar que existem mulheres no movimento hip-hop, que existem mulheres nas comunidades que escrevem e dar toda essa visibilidade para elas. Depois que lançamos esse primeiro Perifeminas, teve um boom tão grande, que a gente começou a receber

vários e-mails, em torno de 150 mulheres entraram em contato com a gente, querendo saber o que era isso, que era uma novidade, e ao mesmo que é gratificante você estar realizando um projeto como esse, pela importância que ele tem, a gente também fica triste porque em 2013 ainda não tinham lançado algo assim contando a nossa história.

Outra coisa que foi engraçado foi que mulheres de outros países entraram em contato querendo saber como era esse livro e foi aí que a gente percebeu que não existia mesmo, em nível mundial, é o primeiro livro que conta mesmo. E aí lançamos o Perifeminas II, com 52 autoras e abrimos para 13 mulheres de outros países, são 11 países participando, mantivemos o idioma desses países, mas fizemos a tradução para o português, porque é um livro brasileiro, tem um em hebraico, que é o idioma da menina de Israel e fazemos a tradução, tem francês, enfim, vários idiomas e esse livro traz a história da mulher. Convidamos uma pesquisa que fez toda parte da história da mulher ligado à literatura, então é muito importante retratarmos isso. E ainda temos em torno de 80 mulheres que querem participar e vamos lançar o terceiro livro esse ano e vai ter o quarto, o quinto, enfim, vamos lançar quantos forem necessários enquanto tiverem as mulheres querendo se expressar, a gente vai correr atrás para realizar isso.

**- Quanto o livro foi lançado, muitas mulheres nunca tinham publicado, agora muitas tem publicado mais. Antes o hip-hop era restrito aos quatro elementos e agora tem essa conexão com os saraus, houve essa expansão. Como você vê isso? Como você entende a importância desses livros como impulsionadores.**

Eu acredito assim, que o livro é uma forma da mulher poder se expressar, ele é uma grande ferramenta, acaba eternizando momentos históricos, momentos únicos. O Perifeminas ele resgatou, na verdade ele tirou de dentro dessas mulheres, despertou de dentro delas, esse interesse de escrever. Quando a gente coloca uma Dj, que de repente, Dj só está nas pick-ups, pra escrever, pra elaborar um texto e tudo mais, está colaborando e incentivando para que ela busque outras forma de se expressar, então o livro contribuiu muito com isso.

E ele serviu também para tirar um pouco aquela história de que se você não

fizer um dos quatro elementos do hip-hop, você não é do hip-hop, então acho que o hip-hop pensou muito tempo durante essa maneira e isso fez com que a gente perdesse muitas pessoas importantes, que eram peças importantes pra manter a cultura viva. E sem um grande produtores, sem as pessoas que investem na cultura hip-hop, não teria como executar os quatro elementos, então o livro serviu para mostrar também que o hip-hop é muito mais amplo e vai muito além do que os quatro elementos.

**- Você está sempre em contato com várias mulheres de vários cantos do país, de outros países, ouve muito. Como é ser mulher nesse meio?**

Continua sendo difícil, porque a gente vive num mundo machista, a nossa cultura ela é baseada muito na cultura europeia, então assim, nós mulheres, homens, aprendemos e crescemos nesse mundo machista e a luta para desconstruir isso e fazer com que a pessoa que está do seu lado entenda que não é esse o caminho, que muitas coisas têm que mudar, a luta pela equidade de gêneros em todos os setores é constante, são todos os dias. A gente acaba pegando mesmo uma carga em cima disso, porque você acaba virando uma referência, então os problemas da sua amiga, da sua companheira, da sua parceira, acaba sendo o seu também. O pessoal costuma dizer que eu sou uma esponja, né, que eu acabo absorvente, e eu sou. Eu sou porque eu acho que você ter alguém para se apoiar te dá mais forças para que você possa se apoiar. E, buscar mesmo se fortalecer, buscar soluções, enfim, os problemas que eu enfrento, que você enfrenta, são os mesmos que a moça do nordeste enfrenta, que a moça de Moçambique enfrenta, é muito parecido, claro que tem lugares que são mais difíceis, né, e também as dificuldades vão aumentando conforme, por exemplo, eu sou uma mulher, eu tenho uma dificuldade, sou uma mulher negra, tenho outra dificuldade, sou uma mulher negra da periferia, sou uma mulher negra do hip-hop da periferia, do interior... então vai dificuldade, mas a luta é constante, diária, tem que continuar porque temos que desconstruir aos poucos.

**- O que você acha que falta para que a gente avance? Para que consigamos no mínimo uma equidade?**

Eu acho que a união é a base de tudo e trabalhar e ir para as cabeças. Tá na

hora de irmos para as cabeças, sabe? Chegar no governo, chamar para conversar, armar reuniões. Isso deu muito certo para a gente na Virada Cultural, a gente se organizou, pegamos os flyers de 10 anos atrás da Virada Cultural aqui em São Paulo, vimos em dados, quantas mulheres participaram? Foram 0,8% nesses 10 anos, isso tô falando em todos os gêneros, forró, samba, não só de hip-hop e participação feminina de hip-hop nesses 10 anos foi de 0,01%. Então juntamos esses dados, que dados não mentem, chamamos uma reunião com um dos organizadores, fomos em peso um monte de mulheres do hip-hop e conseguimos um palco para as mulheres, foi uma conquista. Então acho que a gente tem que abrir diálogo, acho que essa é uma solução, e ir para cabeças mesmo, e...é isso. Mas acho que estamos conseguindo bastante coisa por conta da união.

Porque eu chegar lá e falar: eu sou a Lunna. Tá. E aí? Mas eu chegar e falar: eu sou a Lunna, sou da Frente, na Frente tem tantas mulheres, estamos em tantos estados, acho que tudo isso fortalece, então a união faz abrir as portas.

### **Viviane de Paula, produtora cultural**

#### **Trajetória?**

Meu nome é Viviane de Paula, eu cheguei na Cooperifa através de um amigo meu que me apresentou ao Sérgio [Vaz], eu tinha me mudado para Taboão [da Serra], porque eu morava em Embu das Artes, né. Lá eu já tinha contato, porque eu sempre gostei de artesanato, meu pai, aquele mundo meio artístico, a gente vivia ali. E eu cheguei em Taboão e me senti sozinha e esse meu amigo me visitou um dia, chegou no meu quarto, viu minhas camisetas, que eu pintava umas camisetas, escrevia algumas coisas, fazia algumas artes, né, e ele falou: olha, preciso te apresentar uma pessoa e ele tá fazendo um negócio que é muito legal, você vai poder ir lá, apresentar suas coisas. E eu falei: tudo bem, então vamos.

E eu fui encontrar com o Sérgio, eu e esse meu amigo. Chegando lá era o Bar do Português, que era um bar que ficávamos muito depois disso, e ele estava lá dobrando panfleto sozinho para o evento da Cooperifa, só que ele tava sozinho e lá eu sentei, lá eu comecei a ajuda-lo e ai foi ...

Continuamos fazendo, fizemos a Fábrica, fizemos algumas outras sessões, porque antes a Cooperifa não era só o sarau, era fazer igual aconteceu na Fábrica, com várias atividades culturais acontecendo simultaneamente num espaço só. E foi um momento muito legal assim

Depois fiquei afastada um pouco, fui estudar, depois tive o Enzo, fiquei afastada e voltei há uns 8 anos, na segunda Mostra Cultural, voltei, fiquei, aprendi muito, foi muito legal, e dentro da Cooperifa eu não tinha essa gana por leitura, eu lia as coisas que eu gostava, que me interessavam, foi lá que eu comecei a ler, a expressar mais e melhor o que eu sentia, porque eu até escrevia e lembro muito, muito, que eu tinha uma escrita de antes e com o que eu escrevi depois e vi como a leitura nos ajuda a expressar melhor. Eu não me acho uma poeta... assim poeta, poeta ... que vivo da poesia. Eu não vivo da poesia, vivo de outras coisas. Mas acho que a poesia me levou para essas outras coisas, essas coisas que são...fazem parte do meu sonho.

**- E como é ser mulher dentro desse mundo que você habita, de arte, artesanato, poesia? Como é a questão do feminino?**

A questão do feminino sempre foi difícil...sempre foi difícil. Eu brinco assim que eu sempre fui feminista desde pequena... sempre! Sempre usei a roupa que eu quis, sempre briguei pelas coisas, sempre quis jogar futebol e jogava futebol, fui eu que implantei o primeiro time de futebol na minha escola, feminino que fosse, mas ai eu fazia aquela mistura

Mas assim, sempre é difícil, mas desde pequena, instintivamente, eu sempre tive isso de lutar por igualdade, não só da mulher, mas de outros gêneros, enfim, e é bem complicado, mas estamos passando por um momento em que assim, vai ter que respeitar, porque hoje a gente não engole, não é só hoje, mas eu brinco assim, que eu nunca engoli. Eu tenho uns amigos, meninos mesmo, porque a gente brigava mesmo, brigava mais com homens defendendo meninas, desde pequena e a gente sempre se fala, eu brinco que antes era muito difícil, porque já vínhamos de dentro de casa que a mulher tinha que ser assim, assado, tinha que respeitar isso, ela não podia usar saia, eu lembro de coisas que eu ia comprar uma roupa e me passar pela cabeça que eu não podia usar aquela roupa e eu sempre fui contra isso, contra isso, assim, de não me preocupar com o que as pessoas pensam, eu não me

preocupo, mas é difícil você ser mulher, falar a verdade, porque as pessoas gostam de bajulação, de que você entre naquele sistema e quando você sai, você às vezes não é legal, mas eu prefiro ser assim, enfrentar dessa forma, se for pra gente falar disso, vai demorar muito, mas eu estou pronta pra guerra, não tem nada que fala assim: parou! Chegou aqui, parou! Não tem.

**- E você acha que os saraus são empoderadores? Que as mulheres se sentem mais encorajadas quando veem outras?**

Eu gosto. Eu gosto muito. Eu acho que abriu uma oportunidade da gente também conversar sobre tudo, né. Não só sobre a poesia, mas sobre todos os problemas que a sociedade, o machismo, os preconceitos, todas essas doenças humanas que a gente vive, eu acho que esse ambiente está dando essa abertura e também dando essa chance pra gente se redescobrir, dar essa oportunidade para o homem se redescobrir, porque é cultural também, e uma mulher eu acho que ela tá chegando com tudo.

**- E quanto ao Ajoelhaço. Qual sua opinião?**

Assim. Não fui eu que criei, mas assim, eu acho que é símbolo. Quando foi criado, ele foi um ato simbólico, para realmente as pessoas pararem para pensar, refletir, como você faz um oração. É o que eu penso. Não que isso seja “ah, foi a melhor coisa”, porque não existe a melhor situação para você pedir perdão para a mulher, mas pode ser através de alguns atos, você começa a dar essa abertura, para se pensar, para pensar nisso. Porque não adianta você ir lá na Cooperifa, ajoelhar seu pezinho e continuar sendo uma pessoa ruim depois. Não tem lógica. Mas eu acho que é um símbolo mais para pensar, para você poder repensar, é uma oportunidade de você pensar, não existe glamour, existe uma forma de conscientização, como a gente cria algumas coisas para se conscientizar, eu acho que é mais um que foi feito para isso. Não tem outro, não existe outro fim. Foi feito para isso.

**- Algo a acrescentar?**

Eu acho que hoje, a mulher está muito mais livre para fazer o que ela quiser, para dirigir caminhão, assentar um piso, sabe? A única coisa que eu gostaria de falar é que eu acho que a gente tem que parar de sentir medo, até medo da verdade, porque assim, nossos amigos erram, nós erramos, e o erro de

uma pessoa que eu não gosto, não é diferente do erro do meu amigo e para a gente se ajudar, a gente tem que aprender a ver isso melhor e falar sobre isso.

## **LUIZA ROMÃO**

**Poeta e atriz**

**Me conta um pouco da sua trajetória?**

Eu sou a Luiza Romão, tenho 23 anos e comecei...vim para São Paulo em 2010 para estudar, vim fazer artes cênicas e me formei em quatro anos em direção lá na USP e tudo mais e eu brinco que foi a minha primeira aproximação com o tipo de arte, que eu brinco que é um tipo de arte, de certa maneira, mais engajada socialmente, é uma arte que reflete seu tempo, que tem essa necessidade de tanto dar conta das questões sociais e políticas do seu tempo, tanto que de alguma maneira criar fricção e possibilidade de fissura nesse tempo que a gente vive.

Então nessa época eu participei de um processo colaborativo, que a gente foi trabalhar na Fundação Casa, e a partir disso, eu me formando, eu acabo saindo desse grupo e tenho a necessidade de me voltar para essa arte cada vez mais assim, nisso eu começo a frequentar os saraus, primeiramente o sarau do burro, que é na vila Madalena, que me encanta muito pela forma como a poesia acontece, é uma poesia muito oral, tem um olhar para os poetas da década de 1960, 70, 80, que é Itamar (Assumpção), Alice, Leminski, que é um tipo de literatura que eu nunca tinha tido muito acesso, assim, eu sempre muito os clássicos, as pessoas que já tem um certo nome, sempre li muito desde pequena, meus pais sempre me incentivaram muito, mas eu lia Dostoiévski, Drummond, Bandeira, os cânones e a partir do momento que eu começo a frequentar os saraus eu começo a descobrir esse outro tipo de literatura, até que um dia eu vou pro Slam da Guilhermina e é um tipo de experiência que me arrebatou completamente, né. Eu saí de lá muito tocada pelo tipo de poesia, pelo contato com o público, comecei a escrever e aí acabei seguindo esse caminho, assim...

**- E você falou que é um tipo de arte que mexe com você, que é uma poesia mais engajada socialmente. É isso que mexe com você? Me fala um pouco sobre isso?**

Total. Eu tenho um texto até que eu brinco que poesia é mais do que denúncia, é revide. Pra mim, o lugar do artista tá muito nesse lugar assim. A gente...quando eu começo a escrever um texto não é só porque a realidade está me afetando, mas eu acredito que a arte é um tipo de mecanismo, de instrumento que a gente tem para reinventar esse tempo que a gente vive assim.

Então, muito das minhas produções dizem respeito a questões de direitos humanos, violência, sempre na perspectiva de construir outro mundo. Para mim, o artista é aquela pessoa que está inserido no seu tempo e é capaz de sonhar outro mundo para além desse que a gente vive, né.

**-Eu sempre tive para mim que o sarau é um momento, um lugar que tem uma libertação muito grande, que você encontra seus pares. Consegue amplificar tua própria voz. Como é para você esse momento?**

Para mim foi um lugar muito de encontro, principalmente. Pensando no teatro que é uma arte que se dava na esfera pública. Isso é muito importante pensar, porque o teatro era uma arte que a cidade se encontrava para discutir as questões da cidade, o sarau para mim e o slam tem esse caráter porque a gente vai para dialogar e refletir sobre a cidade. É o exercício máximo de cidadania.

E até pensando na história da poesia, a gente fala que hoje estamos reinventando a poesia oral, a poesia marginal está criando a oralidade, a poesia começa com Homero e as poesias eram cantadas, né? A questão da oralidade, da poesia que se dava no âmbito público está nas origens da literatura, né? Então a gente está fazendo o movimento inverso, porque quando chega Gutemberg, os romances ali do século XIX, a literatura se privatiza, você fica lendo o livro que é um objeto individual, é uma afeição individual, eu acho que o sarau e todo esse movimento da literatura marginal periférica que a gente está construindo é trazer de novo o âmbito público para a arte, então a poesia não se dá só em casa, no seu quarto, nas páginas do livro, se dá no encontro, na troca, se dá na atualização de temas que estão acontecendo, é isso.

**- Como é ser mulher nesse cenário da literatura marginal/periférica que vivemos hoje?**

Bom, eu acredito muito no que o Lacan fala da palavra como forma de elaboração do sujeito, eu acredito que muito do que é a Luiza mulher hoje passa pela escrita da Luiza mulher. Eu me construí sujeita, sujeito histórico mulher a partir da escrita, então você percebe a partir da própria elaboração dos meus textos. O primeiro texto que eu escrevo sobre uma ótica mais feminista, você percebe ali que está nascendo uma Luiza, nascendo um entendimento do que é ser mulher. Tanto que eu começo dizendo: esse texto não é um texto, é um parto e como toda parte tem a dor do que parte, a dor do que fica e a dor do que nasce.

Então eu nasci mulher a partir do nascer poeta, também. Isso para mim é muito forte, eu sou muito grata à poesia por ter me dado a oportunidade de me elaborar como mulher, feminista e militante dos direitos da mulher no Brasil e isso num caráter mais subjetivo.

Num caráter mais objetivo, você vê que a literatura, infelizmente, foi escrita e lida por homens. A própria entrada da mulher na universidade, o direito da mulher de se alfabetizar, se deram o que? A menos de 100 anos, o próprio direito ao voto... historicamente nos sempre fomos excluídas desse espaço de saber. E o que eu vejo hoje é um empoderamento das mulheres, né. Apesar de o sarau ser muito democrático, a gente tem uma cultura de que a mulher não é estimulada a pegar o microfone e falar. Então que a gente tem percebido aos poucos é o Slam das Minas, Sarau das Mulheres é a mulher entender subjetivamente que ela pode falar, ela deve falar e ela tem que ser ouvida, necessariamente, cada vez mais.

Eu percebo aí que nos últimos anos a gente tem tido muitas escritoras novas, que estão tendo seu reconhecimento, que estão escrevendo e principalmente debatendo essa questão na sua literatura e entender também, que é uma preocupação que eu tenho às vezes um pouco, do que é uma linguagem feminista? Como é escrever sobre feminismo? É preciso colocar o 'pau' na mesa e ter um tipo de texto que seja incisivo e tudo mais? Ou a gente pode falar com delicadeza?

A Tati [Nascimento], que é uma poeta que criou o Slam das Minas em Brasília (DF) fala muito isso. A performance, né. A contundência, tem um caráter mais masculino nisso. A gente fala: ah, você tem que endurecer para falar. E eu acredito que não. A gente tem que cavar espaços para ser terna, se quiser. Você não precisa ter uma normatividade para se portar nesses espaços.

**- E o que você acha que falta para a gente alcançar a equidade?**

Eu acho que é um pouco difícil diferenciar um avanço no campo dos saraus de um avanço na sociedade. Para mim a gente não vai ter essa equidade nos saraus, enquanto não tivermos essa equidade no social. Quando estamos lutando pela mesma quantidade de mulheres nos saraus, numa antologia, de convites, a gente também está lutando por essa igualdade na sociedade. A gente tem que combater o machismo nas duas frentes, a gente também avança na sociedade. Se a sociedade se torna mais igualitária, obviamente que os saraus também vão ter mais espaços. E além disso tem várias políticas afirmativas que estão rolando cada vez mais, os encontros que acontecem cada vez mais, essa solidariedade entre produções de meninas, então sempre procurar divulgar livros e a gente tá conseguindo aumentar essa produção nos últimos anos, com certeza.

**- E falar um pouco sobre a sua criação?**

Meu livro novo, o título provisório é "As margens também gritam", que a ideia de ser uma revisão da história do Brasil sob a ótica da mulher e serão 28 poemas, que simbolizam 28 dias do ciclo menstrual, né, e contando a história do país sob a ótica da mulher, porque é um país que se diz absurdamente patriarcal, é um país absurdamente heteromascuino, normativo, mas ao mesmo tempo é um país que a gente tem uma quantidade imensa de mães solteiras, de crianças que não tem nome do pai na certidão, um país que tem a vitrine, a fachada da família, no seu universo mil e uma questões, né. Então estou trabalhando com esses sentidos e principalmente pensar no processo de colonização e miscigenação como processo de estupro, porque para mim é uma leitura que é difícil a gente ter, mas infelizmente a formação dessa nação se deu à custa de muita mulher, principalmente muita mulher negra, estuprada, violada e que não teve nenhum tipo de direito reconhecido e que o reflexo disso se dá hoje quando você tem uma menina estuprada por 33 caras, uma mulher sendo estuprada por policias.

**- E o Coquetel Motolve?**

O Coquetel Motolve eu brinco que é uma molecagem, assim, né? Eu tinha acabado de começar a frequentar a cena, eu estava apaixonada assim, louca pela poesia, escrevendo para caramba, competindo muito slam, foi até a primeira vez que eu fui para o final do Slam BR, teve a Roberta obviamente

que foi representar a gente, mas...fiquei em segundo lugar, foi uma puta conquista das minas conseguirem chegar lá e o Coquetel Motolve surgiu desse bando de sentimento mistura e eu brinco que é uma coletânea de mim mesma. Eu peguei os textos que estavam pulsando para mim e acabei escrevendo esse livro, organizando em quatro capítulos e a ideia do Coquetel Motolove, que não é Molotov, é pensar que o afeto também é revolucionário, como diz naquele filme 'Edukators', 'todo coração é uma célula revolucionária'.

Eu só acredito numa revolução que possa ser dançada, que possa ter tesão e que as mulheres possam ter livre direito aos seus corpos e seus desejos. Não só as mulheres, mas acho que o ser humano em geral. A gente esta numa sociedade muito castradora, muito moralizante, o direito ao gozo, ao prazer, ao amor, ao afeto, é muito importante.

**- Você falou de ter chegado à final do slam em 2014. Como é a questão do slam?**

O Slam tem esse caráter que é muito instigante que é o da competição, né e eu acho que ele consegue criar o tipo de performatividade, um tipo de jogo e de troca com a plateia que faz tempo que eu não vejo nada que consiga criar o mesmo tipo de fascínio, porque é isso, é uma mistura de esporte, com jogo, com sarau, com poesia, com crítica social, com intervenção urbana e é muito mágica o tipo de experiência que ele proporciona, tanto para quem assiste né?

E a gente tem visto nos últimos anos o slam ganhando muito espaço, até 2/3 anos atrás a gente tinha 4 slams e deve ter mais de 10, 15 no Brasil.

Sinto falta de ver que a gente nunca teve, tirando a Roberta, claro, que foi para França, a gente teve aí muito mais homens do que mulheres, nos últimos anos, nenhuma mulher sequer chegou na última rodada, a gente sempre tem aí uma hegemonia masculina

Que talvez tenha um pouco a ver com as origens do slam, que é no hip-hop, não exatamente origem, mas tem um dialogo com o rap, com uma forma de competição que talvez, de certa forma, privilegie os homens e nesse caso a competição favorece muito a sociedade. É um machismo que não necessariamente está no circuito de poesia, mas na forma como compreendemos a competição assim.

**- E você falou do slam, que é uma experiência única tanto para quem assiste como para quem compete. Como é seu processo?**

É que a Luiza deixou de ser slammer. No primeiro ano eu era slam, slam, slam... Na época que eu estava fascinada em slam, eu pensava: o primeiro poema tem que ser o melhor, o da segunda pode ser mais tranquilo, e o terceiro tem que ir com as 10, com tudo no peito e ficava naquela noia, se você é o primeiro, os jurados ainda não estão quentes e tem toda uma estratégia, como boa sportista. Mas, ao mesmo tempo, também tem um caráter de acaso, assim, né, quem garante que o jurado não vai com a sua cara no primeiro poema, tem também uma questão e sorte, de jogo, às vezes

entra o time mais forte e perde de 3x0, mas tem o tesão de ser jogadora, de ser slammer, as vezes o poema que você faz num dia super funciona e no outro dia você ganha 7 e fala, mano...

E ao mesmo tempo tem tipo uma face mais autocrítica do slam, que é ele...ele acaba gerando muitas celebridades, né. A gente brinca que é o melhor slammer de todos os tempos da última semana, né. Que é também entender, ãh... que não necessariamente o slammer é poeta. O Emerson [Alcalde] por exemplo fala: eu sou slammer e poeta. Porque vocêalaria eu sou slammer e poeta? Uma coisa não pressupõe a outra? Mas entender também as particularidades, claro que se tem muito encontro entre as duas formas de arte, mas também tem suas idiosincrasias assim, sabe?

**- E hoje você está mais slammer que poeta?**

Sim, eu acho que eu dei uma afastada, assim. É, por uma questão de estudo mesmo, e tudo mais. Estou voltando, gosto muito de competir, é uma energia gostosa, mas eu acabei tendo que sair um pouco, inclusive porque nesse livro eu estou arriscando um outro tipo de linguagem, mais voltada para o eu lírico, um pouco mais pensando na palavra escrita, claro que sempre passa pela palavra falada, mas tendo mais atenção com a palavra escrita.

**- Como você vê a questão do eu lírico? Você consegue se separar?**

Nossa, para mim é complementante possível separar a Luíza da Luíza do eu lírico, assim. Isso eu acho que é interessante. Esse tipo de arte que a gente está fazendo é uma arte de se colocar em primeira pessoa. Ela é próxima do depoimento. É claro que a gente tem uma outra, uma outra textura, você não é você mesmo. Eu não sou a Luíza cotidiana, mas posso dizer que sou a Luíza extra-cotidiana, mas sou eu. Eu não tenho como colocar uma máscara e falar um discurso que eu não banque. Isso eu acho que é um lugar ético muito importante desse poeta marginal. Que é, se você tá falando de uma questão, você tem que ter uma coerência na sua prática, senão fica só no discurso. Então acho que cada vez mais tem esse lugar de falar de uma experiência real, de uma experiência de militância, ou de exercício, ou de compreensão e inserção na realidade. Então para mim, até que eu sou do teatro que é ao contrário, onde temos uma personagem, uma personagem que acaba mediando. Na literatura não, sou eu em carne, crença, desejo e utopia ali.

**- Teve um ponto que você tocou também que achei interessante, que é a questão da agressividade, não só nos slams.. mas e tem essa questão mais terna, de dizer o que tem que dizer de uma forma mais terna.**

Complemente, em geral, os saraus e slams tem esse caráter de uma arte mais engajada, então você acaba pegando textos para falar publicamente que tem esse caráter até público, que tem mais indignação, alguma, enfim...esses textos mais agressivos, digamos. Mas é fato, eu brinco que com poema de amor você nunca vai ganhar slam. Mas eu estou numa tentativa de pensar que tipo de pensar tem essa capacidade de chegar no seu público, mas sem ter que apelar para o grito, porque o grito é totalmente autoritário também,

né? Fazer uma poesia que só grita, em alguma medida você não está propondo diálogo. Bretch é interessante, porque ele não faz uma arte normativa, ele faz uma arte dialética. Ele mostra a contradição e você, como expectador escolhe um lado. E eu acho que os bons poetas são estes que conseguem encontrar a dialética. É claro que a gente está num momento histórico que está difícil. Eu tenho que falar: vai ter luta, mesmo com golpe vai ter luta. Eu tô assumindo uma posição. Eu acho importante, e o tempo pede isso. Mas ao mesmo tempo, como que dado esse tempo histórico a gente consegue ainda criar contradição e dialética na nossa arte, assim.

**- Você acha importante a arte ser política?**

Eu acho essencial, assim! Se eu não acreditasse que a arte tivesse esse poder de suscitar mudanças, de cavar uma nova sociedade, de criar fricção, eu já teria ido sei lá, fazer gastronomia, administração, qualquer outra coisa. Pra mim é isso, assim. A gente tem uma sociedade brasileira que está na mão de algumas grandes mídias e a comunicação está na mão desses castelos, e quando eu escrevo um poema, faço um vídeo, coloco na rede, eu brinco que a disputa é ideológica, eu quero criar trincheiras ideológicas, assim. Você está ouvindo o discurso da Globo 100%, todos os dias, 24 horas por dia, você vai ali ter três minutos que você vai ter uma visão que é completamente diferente. E o mágico para mim é o poder de fascínio que essa arte tem, por isso que eu acabei não virando jornalista, por isso que eu não vou para os textos dissertativos, né. Porque eu acho que a arte tem esse poder também de algo que às vezes é inexplicável, ela brinca com o intuitivo, racional, argumento e ao mesmo tempo com a acessibilidade, com a estética, que é provocadora, ela cria provocação.

**- Você acha que a partir disso a gente está conseguindo construir uma nova narrativa?**

Com certeza. Sendo bem Polyana. É uma questão prática. Você tem muito livro sendo publicado, saraus, um reconhecimento, inclusive ocupando lugares de reconhecimento oficial. Quando você vê os poetas da literatura marginal ocupando a Flip, espaços de saber, a imprensa oficial acabou de lançar um livro com 5 saraus de SP, aos poucos estamos conquistando espaços, que é o eterno desafio, que é conquistar espaços sem se deixar cooptar.

Essa trincheira. Eu recusei um convite para a Flip esse ano e a Globo tinha feito, tinha sido 10 dias depois do golpe. A globo convidou para ir à Flip, eu falei: não dá. Tudo bem ir para Cultura. Tem limites éticos.

Porque infelizmente o capitalismo é muito perverso, o Estado, a cultura de massa, tem historicamente um mecanismo que é, pega uma coisa nova, que tem um poder revolucionário, uma capacidade de crítica, esvazia isso e transforma isso em indústria cultural, em produto. E essa cooptação a gente vê em vários níveis. A galera usando camiseta do Che Guevara da Levis que custa R\$ 300, sabe? A cooptação é um mecanismo que está totalmente dentro do capitalismo e a minha questão é: como a gente consegue se manter com esse caráter questionador, de emancipação, de autonomia, dentro de um sistema? Vai muito de caso para caso. Às vezes é isso: você vai falar numa

grande emissora, com um poema o mais revolucionário, o modo de produção é completamente cooptado. Então assim, eu não tenho a resposta. Não sei qual é a resposta. Até mesmo porque eu entendo que tem momentos que precisamos alcançar outros públicos, é um grande desafio, é dialético, não dá para sermos tão intoleráveis à contradição.

**- E sobre o uso do audiovisual no seu trabalho?**

É uma forma de combater a mídia oficial. É criar outros modos de produção. O livro físico tem uma puta importância histórica, documental, de registro, de circulação, mas estamos num momento em que o poder da imagem é muito grande. Quando eu coloco um vídeo e um pessoal de Roraima fala: sei vídeo chegou aqui, eu falo: é isso. A gente tem que fazer a poesia, a informação circular. Para mim, está aí. Principalmente por conta de arte que eu faço. Eu sou uma poeta que sou da oralidade, sou da cena, da performance. E por mais que eu esteja nesse desafio de escrever e pensar na palavra escrita, a cena é onde me realizo e o vídeo acaba sendo uma forma de tornar isso mais acessível. É... pra além do público que está no sarau, das 100 pessoas que estão no slam, nas 200 que foram na Cooperifa, é fazer com que isso se dissemine e a gente crie fricção.

**- Vejo que você sempre faz poesias pontuais, como sobre golpe, estupro coletivo, redução da maioria? Como é esse processo?**

É muito, tipo, a poesia vem pra mim nessa urgência do tempo, sabe? Quando eu vejo, por exemplo, estupro coletivo, não dá para silenciar, senão você passa mal, senão você fica doente. Quando aconteceu a manobra que o Eduardo Cunha fez na câmara para no dia seguinte aprovar a lei de redução da maioria penal eu passei a madrugada em claro e surgiu o poema e no mesmo dia eu já gravei e já lancei. Então tem um tipo de urgência e eu acho que o momento histórico que a gente está nos afetando muito. Ou você faz isso virar melancolia, depressão, você fica doente, ou você faz isso virar arte, em revide. Eu tenho optado por essa segunda via, que é transformar isso em poesia, vídeo, rolê, vamos para sarau, vamos gritar. Vamos fazer da poesia nossa trincheira.

E para mim, essas questões todas que acontecem hoje elas não estão isoladas de uma construção histórica e isso é um ponto que eu tento trazer nos meus poemas, que não é só falar do sintoma, mas pensar como ele... não é um caso isolado, o que a gente tem de cultura do estupro, de violência policial, de genocídio da juventude periférica não é exceção, não é um acidente, não é uma tragédia, mano, não vamos falar de tragédia, a gente tem 500 anos de história que trouxe para essa 'tragédia', sabe? Então em todos meus textos eu tento mostrar essa perspectiva histórica, que minha visão, olha, se hoje temos a redução da maioria penal é porque isso começa no encarceramento dos povos africanos que vinham encarcerados e escravizados para o Brasil à força. Não dá para se desvincular esse momento sombrio do que a história recente e a história antiga escreveram, então tem essa tentativa de historicizar, porque eu acho importante para gente que está nesse meio compreender historicamente nosso país, Marx fala muito disso, de olhar para o passado e tentar escrever uma nova história, é aquele texto, a história volta como farsa, como força, como falsa e como forca. A gente tem que mudar essa história e quebrar esse ciclo de violência e autoritarismo.

**Roberta Estrela Dalva**  
**atriz-MC**

**- Me conta um pouco da sua trajetória?**

Bom, eu sou atriz de formação, né. E eu acho que tudo que eu faço, que eu escrevo, que eu pesquiso, vem daí. Mas, se hoje em dia estou apresentando um programa, apresento o Manos e Minas, eu falo que eu faço um papel de apresentadora, lá. Quando eu dou aula, faço um papel de professora, quando eu escrevo, faço papel de escritora ou pesquisadora, poesia e tudo, porque o teatro ensina muito isso da pesquisa. Eu fiz artes cênicas na ECA, na USP. Saí com 21/22 anos e falei: nossa, não tem nenhuma companhia. Falei: por que eu fiz artes cênicas, né? Na época não tinha nenhuma companhia que eu queria fazer parte, assim. Eu falava: putz, e agora? E a Dih estava começando o Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, que nem era núcleo e a Lua falou: ah, tem a Cláudia Shapira, o Dj Eugênio, o Julio Dotti que é graffiteiro, eles misturam teatro com hip-hop, eu desejei profundamente e aí fiz um teste, fiz a primeira peça e sou membro-fundadora do grupo e ainda bem, não teria...eu acho que eu num...num teria outro lugar para mim se não fosse um grupo que misturasse com hip-hop com teatro, sabe?

Porque o hip-hop, ele é muito interdisciplinar assim, né. Ele tem a linguagem da poesia falada, que é o Rap, ritmo e poesia, tem a linguagem da música, que é o rap e o dj, e a dança, que é o corpo, e a linguagem iconográfica, que é o graffiti e mais um monte de coisa de comportamento, de, o hip-hop é uma cultura, né. A gente fala cultura hip-hop, nem é um movimento, apesar de que tem um movimento agregado. Mas ele é uma cultura...a gente fala? Ele é reconhecido mundialmente como uma cultura porque ele é uma maneira de ver o mundo, se relacionar com ele, é o jeito que você vive e encara a vida é um jeito hip-hop. O jeito que eu escrevo, o jeito que eu me visto, o jeito que eu vejo teatro, o jeito que eu vejo tudo é muito por aí. E tem uma característica muito forte que é a escola da rua, embora eu tenha estudado na faculdade, feito artes cênicas, depois de 10 anos eu voltei para faculdade para comunicação e semiótica, porque eu queria escrever uma tese, é muito do faça você mesmo, é muito do autodidatismo, muito de se encontrar um jeito.

Acho que na tese mesmo, meu livro, eu fui atrás da Jerusa Pires Ferreira, que é minha orientadora, eu li um livro do Paul Zumthor, e eu falei: nossa, dá para fazer um livro teórico, esse cara tá falando do que a gente faz, só que de um jeito muito pessoal e poético, né? Ele fez exatamente o que eu queria fazer só que com a linguagem do Teatro Hip-Hop, aí eu fui atrás dela, ela é uma professora de 70 anos que diz: Roberta, o seu trabalho é o que você faz. Então eu fui atrás de uma pessoa na academia, não fui atrás de fazer mestrado, eu acho que nunca mais voltaria para academia, porque é muito chato ficar fazendo memorial, a coisa burocrática da academia é muito pesada, muito pesada, eu acho que até bloqueia, assim, ao invés de abrir caminho, ela põe obstáculos, por outro lado, ela dá ritmo para os estudos.

Então acho que o grande ganho que eu tive de voltar para a academia é, usar

o que eu aprendi no hip-hop, que é, já que, por que eu vou esperar alguém falar do que eu faço? Do hip-hop? Do slam? Vou fazer eu mesma um livro. Já tem 16 anos a pesquisa, eu acho que vale, né?

E dá ritmo para o estudo, se você está com a pessoa certa, dá as leituras certas, vai abrindo portas, assim, então, no mestrado você tem 2 anos, 2,5 anos, eu fiz o meu em 3. Para ler, dar ritmo ao estudo.

É... mas, muito sempre considerando a rua. Eu fui buscar a Jerusa e só deu certo eu fazer mestrado, escrever esse livro, porque ela falava muito: faz o que você acha que é. Seu trabalho é o que você faz, já.

Então, meu livro é um livro acadêmico, mas tem o microfone aberto no meio, eu uso umas válvulas de escape, eu já escrevi ele pensando que era um livro, então não precisei 'destesar', como se fala na academia. Quando se escreve uma tese às vezes você tem que tirar aquela cara de tese, eu tive essa professora que falou: vá, escreve, seja você e eu só fui por isso. Porque não tinha como não ser eu. E aí eu escrevi o livro, desse jeito.

**- Eu queria te perguntar sobre o hip-hop, por que você sempre fala sobre isso, como foi sua incursão no hip-hop. Como ele chegou para você?**

05:26 a 07:31

Ah, eu acho que tem o Racionais, né. Que é um fenômeno, que todo mundo...quando chega Racionais é uma pancada, é muito forte você ouvir pela primeira vez aquilo, eu acho que eu ouvia numa rádio Manchete, Fim de Semana no Parque, né. Hey Boy, na escola, teve um concurso de paródia que os moleques fingiram que escreveram Hey Boy, e ninguém conhecia e todo mundo amou assim, e não sei o que, e depois a gente descobriu que era Racionais e falou: nossa, esses caras estão escrevendo muito. E tinha o Fim de Semana no Parque, né. E o ...eu não lembro como chamava o programa na rádio, eu já gostava disso, das coisas que vinham de fora também e quando eu era mais jovem ia nas baladas Black, e me identificava com a roupa, com aquela aura que tem o hip-hop, né. E eu fiz um trabalho na faculdade também, que chamava "Acesso à rua", que era um trabalho de máscaras, que não tinha muito a vez, mas eu fazia um policial, um personagem que era um capitão, que na verdade era uma das máscaras, que era um policial, e eu ficava indo na Polícia Militar, ficava na porta, para entrevistar os policiais à princípio, por isso que eu falo que tudo é via teatro que chega para mim, mas aí eu via que o grande lance da polícia, mas quem eles prendem, com quem eles se relacionam, né. Você chega na polícia melhor vendo o outro lado. Então eu ia em bloqueio com a polícia e ficava vendo os moleques que eram levados lá e aí eu comecei a ouvir mais rap ainda e principalmente os que falavam da polícia assim, e aí quando entrei no Bartolomeu, tem aí 20 anos e no final dos anos 1990 eu ouvia coisas que vinha de fora, ia na balada, mas no Bartolomeu que entrou mesmo a pesquisa, de saber dos primórdios, da pesquisa mesmo.

**E como chegou o slam na sua vida? Como foi o primeiro contato?**

O Slam nem foi via Bartolomeu, o slam foi via Frente 3 de Fevereiro, que foi via Bartolomeu. Porque a Frente 3 de Fevereiro é uma frente que foi formada, que discute o racismo e as questões da negritude na sociedade brasileira, eu

participei da primeira reunião e não fui na segunda, aí eles me convocaram que iriam fazer um espetáculo, um audiovisual, que era a abertura do Vídeo Brasil, que é um grande festival que a gente tem aqui de vídeo e eles precisavam de alguém que era bem aquilo que eu fazia, que eu fazia o Segismundo no Núcleo Bartolomeu...ah, e no Bartolomeu teve essa peça que era a 'Acordei que Sonhava' que eu até uso no meu livro como estudo de caso que eu, nossa, aí fui mesmo que eu comecei a cantar rap mesmo, transformar texto de teatro em rap, né, me envolver, meu personagem era meio que um MC na peça e eles falaram: vai, meio isso que cê faz, mas não é um ator, mas também num é um rapper e nem um MC, é isso aqui: e colocaram as fitas pra eu ver, do Slam Nation, que é uma fita de um campeonato de poesia nos EUA que tem 90 times, é um campeonato de times, o Slam, que é com o Saul Williams e mais uns outros vídeos de spoken word no Youtube, assim, e eu falei: caralho, nossa, mas eu sei fazer isso, eu já faço! Que isso? Que isso?! Daí eu fiquei louca assim com esse universo, confisquei os vídeos e logo fizemos, era uma entrevista, era para transformar a entrevista em texto ritmo e fui eu quem fiz e depois eu fui para Nova York ver o slam de perto e essa cena assim, aí voltei e falei: ah, agora quero ir no Slam. Falei: vou chegar no Brasil, vou no primeiro slam que tiver. Aí cheguei aqui, procurei, não tinha slam. Aí falei: oh! Tá pra nós! Vamos fazer o primeiro slam. Isso foi em 2008, fizemos o ZAP [Zona Autônoma da Palavra] e aí começou e hoje em dia tem uma cena grande, tem 5 estados fazendo Slam e tem uns 30 assim, mais ou menos.

**- E como foi esse processo de criar o ZAP, de fazer o slam no Brasil? De ver esse crescimento nestes 8 anos?**

Meu, eu não sei! A gente deu sorte, porque a gente fez o primeiro slam e já tava lotado, o primeiro. E no primeiro slam já estava cheio de gente, até o Chacal tava no primeiro slam, e já saiu no jornal, uma matéria 'desse tamanho' na Folha, uma matéria 'desse tamanho' no Estadão e já, sempre tinha gente, nunca foi vazio. Ah, meu, as pessoas falavam: ah, você não tem medo, o negócio tá perdendo o controle?! Eu falei: mano, que controle? Na verdade a gente é um país que teve ditadura, um país que teve 300 anos de escravidão, é um país que tem pouca tradição de democracia, então esses espaços que são os saraus, os microfones abertos, quanto mais, melhor.

Porque o slam é totalmente copyleft, que tem o copyright, que é All Rights Reserved, e tem o copyleft, que é o All Rights Reversed, que são todos os direitos reversos, um negócio dos poetas que criaram o terrorismo poético, que é cópia livre, eles fazem livro e colocam o símbolo deles do copyleft, que você pode copiar, você deve copiar, é feito para reproduzir, né, é uma outra mentalidade, então o slam é isso, você ensina, um ensina o outro, todo mundo ensina a comunidade, esse é um dos motivos pelo que eu acho legal. Todos os lugares do mundo que eu fui é assim. Cada um com as suas características, tem uns que eu me identifico mais, outros menos. Tem uns às vezes que ficam...até o próprio ZAP, tem uma época que fica mais voltado à competição...mas, meu, também, é jogo, é competição...ninguém fala nada quanto tem...tem o interescolar na escola, mas falam: vai fazer criança fazer competição de poesia? Eles ensinam poesia, redação, gramática pra caramba

na França desse jeito. O Emerson Alcalde começou a fazer aqui, e ninguém fala nada no esporte, entendeu? Tem futebol, handball, e ninguém fala nada... Fora as escolas que tem artes, música, teatro, né, que a pessoa encontra um lugar ali para se expressar, então, acho que é meio hipócrita falar assim, acho que tem um instinto competitivo assim, em todo mundo, e que bom. Eu acho que realmente esse negócio que a poesia sempre sai ganhando e sai mesmo, porque pouca gente lembra quem ganhou o slam de 2008, eu não lembro que foi que ganhou o ZAP, mas lembro da poesia "Eu vou pra Palmares" do Duguetto, acho que foi até ele que ganhou, no fim, tem ali 13 caras e minas e competindo, mas quem ganha é todo mundo, porque são poesias ótimas, enfim, é uma discussão meio besta essa do...

Embora o meu filme, estou fazendo um filme agora, é o Valendo a Vida, há 5 anos que eu estou fazendo, cê entendeu? É isso que estou falando. É uma pesquisa, mas não é acadêmica. Isso vale ou não vale na academia? Entendeu? Eu encontrei uma pessoa que falou que vale. Isso daí vale. Porque eu tô pesquisando, eu não parei de pesquisar, só que às vezes não é fazendo memorial, fazendo as coisas. Muito embora eu esteja no doutorado agora. Porque eu sou meio nerd também, ao mesmo tempo.

Porque eu acho que é importante você ter um livro, né. Eu acho que é importante, por exemplo, o 'teatro hip-hop' é o primeiro livro da [editora] Perspectiva que tem hip-hop no título, na capa, eles aceitaram fazer com o graffiti lá do Bartolomeu. Eles, então... é uma besteira sair pela perspectiva? Não é, é um lastro. É um livro que, um monte de gente...acadêmico e que respeita as coleção...

Eu tiro onda, coloco meu livro assim, eu tiro a capa e coloco com o livro do Umberto Eco na minha prateleira, que é o 'aprender a fazer uma tese', que é o da Coleção Estudos, eu falo ó que da hora, porque no fim, é território, é espaço de imaginário que você está disputando. Aí eu falei: vou fazer doutorado, porque aí você organiza a pesquisa e sei lá, sai um segundo livro, de repente.

**- E Roberta, eu queria que você falasse um pouco dessa ligação entre hip-hop, poesia e slam?**

Ó, na verdade, o slam mesmo, ele, o histórico dele ele não vem do hip-hop. Ele vem, embora muitas pessoas do hip-hop participem, mas ele vem do Mark Smith em Chicago, que é um bairro de trabalhadores brancos, eles tinham uma noite de poesias, sobrou um tempo, eles falaram: o que vamos fazer? Vamos fazer uma competição de poesias? Começaram de brincadeira e virou. A apropriação, no bom sentido, se dá muito no hip-hop, porque o que é rap, rythm and poetry, ritmo e poesia, e os MCs tem essa facilidade de memorizar, essa facilidade de se expressar, e eles tomam o lugar

... então o ZAP tá lá aberto, e quando reclamavam assim: pô, só MC ganha, só MC vem no ZAP, o que deixou de ser verdade, é, depois, né...nesses últimos anos. E eu acho que tá aberto para todo mundo. Vá lá. É para quem...só que os MCs tomaram conta e se sentiram como um lugar legítimo.

**- E você acha que tem ligação com a história do hip-hop?**

Tem. Mas não é a mesma coisa. Eu acho o hip-hop maior. Muito maior do que

o slam, os saraus.

É como se fosse um braço, assim. É como se fosse um braço ...no hip-hop. Eu falo que a árvore da oralidade tivesse um galho que é o spoken word, um galho que é o sarau, e um galho que é o rap, mas tem uma outra árvore que é o hip-hop. O hip-hop é maior. Ele é revolucionário. É outro negócio, bem maior. E mais importante também. É tudo importante, né.

Os caras vão me matar por eu estar falando isso, mas eu acho. Historicamente, socialmente, politicamente. A importância assim. Se você vai em qualquer periferia do mundo e fala: poetry slam ou hip-hop. Não tem comparação.

Mas eu acho que eles se irmanam na busca de dar a voz, dar voz não, mas de mostrar a voz, porque esse negócio de dar a voz é mó furada, né. Você: ah, vou dar a voz. Estamos dando voz. Estamos... todo mundo já tem a voz, você está só escutando. Dar a voz, na verdade é uma expressão muito ruim porque você diz: nós estamos agora dando voz às mulheres ou dando voz à periferia, é sempre você o agente, né. Na verdade, deveria-se falar assim: agora estamos escutando a voz. Porque é passivo e você está lá escutando um negócio que sempre era dito e só você não escutava, né? É uma voz que eu ...então acho que esses saraus e slams eles tem irmanado com o hip-hop que eles dão visibilidade para os corpos e vozes e audição, escuta, para essas vozes que geralmente não são ouvidas. São espaços de manifestação para as pessoas. Eu já fui na Cooperifa, que tinha 400 pessoas. Pô, 400 pessoas num bairro de periferia que param para ouvir poesia, 400 pessoas que ouvem, né. É tão... é revolucionário nesse sentido, que você para, numa cidade que você não para, onde a gente fica sempre no Whatsapp, a gente vê as coisas por isso e não para a se ouvir, você para olhar uma outra pessoa a falar, volta aquela roda, mas aí é mais ancestral, porque assim, a novidade, é uma roda, é a fogueira, né, dos guerreiros, da tribo, é uma necessidade humana de juntar e trocar oralmente o que acontece, as dores, alegrias, né. Ah, se você for estudar o Zumthor mesmo, lá, os griots, a função social desses poetas que tinham nas tribos, nos vilarejos, que é a função de dar voz, formular poeticamente as dores, mazelas, paixões, das tribos para os vilarejos, ou de levar a notícia de um lado para o outro numa época em que não tinha internet, então tem uma função ali cultural e tal, mas tem uma função social mesmo, a Kate Tempest, que é uma das minhas ídolas no spoken word, ela é inglesa e ela esteve na Flip agora e eu tive a, po, a honra de ser entrevistada com ela e de fazer uma mesa com ela na Flup depois, no Rio de Janeiro, e ela falou um negócio assim que eu achei gênio, cara, que era o seguinte: os poetas, eles tem uma, eles nasceram com isso, com uma sensibilidade a mais para conseguir transformar isso em palavra e fazer, mas não é que eles são melhores, porque às vezes, é uma função mesmo, que às vezes um trabalhador não tem tempo, nem o jeito, nem o...o... sei lá, o canal para fazer isso, então o poeta faz, é uma função, ele faz pelo que não está tendo tempo ou tá tão massacrado, que está com o seu canal da sua sensibilidade obstruído por um sistema, por alguma coisa, então ela...é muito melhor do que eu tô falando, mas eu entendi o que ela tava falando, que é isso, é uma função de dar a voz também, né? A sociedade, ao grupo que

you live, the community, of condensing poetically a pain, a business, so much so that you go to the slam, in a sarau and the people stay: ééé, took the words from my mouth. The person gets there, because they have this channel, condense, and this is a curative for a lot of people, it's like an antidote for the poison of this misery that people live, of the material world, of salary, of capitalism, capitalism, that you have to work, employment, nanana, of this mass-produced life, TV, that is everything, so someone opens a door there that is a bit of an antidote, that is a bit of a remedy, poetry as a remedy, I believe a lot in that.

Poetry and music are like machines of time, they manage to open, to make people leave, to transcend this miserable world that is of matter, and to make people go beyond words, beyond poverty, beyond the vocabulary itself, beyond nerd, beyond, but it's a theorist who says that the alphabet imprisons, the word imprisons, you could be talking and making sounds, you see the deaf who make sounds, but then there's Bartz who says, literature subverts to say more. It subverts the meaning, to say, those things of Manoel de Barros, that you go to read and it's too much, that's what it is...it gives you a joy, because you talk, our world, is the world of the possibility of leaving a little of this time and space, of this way of space...of this...ah, well, travel.

**- Eu queria saber do seu trabalho poético. Sei que você tem o Slam Blues e que você leva isso, mas queria saber sobre isso?**

I think that my poems are for talking. O Minchoni always says: pô, you're not going to publish a book? I already put it like this...I got the "Vai te Catar!", because before the slam I did the "Vai te Catar!"